Gênesis

O princípio

1 No princípio Deus criou os céus e a
terra.[a]
2 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus
se movia sobre a face das águas.
3 Disse Deus: "Haja luz", e houve luz. 4 Deus
viu que a luz era boa, e separou a luz das
trevas. 5 Deus chamou à luz dia, e às trevas
chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.
6 Depois disse Deus: "Haja entre as águas
um firmamento que separe ...

dizendo: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham as águas dos mares! E multipliquem-se as aves na terra". 23 Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o quinto dia.
24 E disse Deus: "Produza a terra seres vivos de acordo com as suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie". E assim foi. 25 Deus fez os animais selvagens de acordo com as suas espécies, os rebanhos domésticos de acordo com as suas espécies, e os demais seres vivos da terra de acordo com as suas espécies.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

EXPOSIÇÃO E REFUTAÇÃO DE SUAS DOUTRINAS

ALDO MENEZES

... que se move ...
31 E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo
havia ficado muito bom. Passaram-se a tarde
e a manhã; esse foi o sexto dia.
2 Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há.
2 No sétimo dia Deus já havia concluído a
obra que realizara, e nesse dia descansou. 3 A-
bençoou Deus o sétimo dia e o santificou,
porque nele descansou de toda a obra que
realizara na criação.

A origem da humanidade

4 Esta é a história das origens[f] dos céus e
da terra, no tempo em que foram criados:
Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus,
5 ainda não tinha brotado nenhum arbusto
no campo, e nenhuma planta havia germina-

... *Quando Deus começou a criar os céus e a terra* ... *terra* ... *disse Deus:* ... [b] 1.26 Hebraico: *Domínem* ... Versão Siríaca diz *sobre todos os animais* ... *da terra.* [d] 1.27 Hebraico: *macho e fêmea.* [e] 1.30 Ou ... [f] 2.4 Hebraico: *história da des* ... A mesma expressão aparece em 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; ... 19.9 e 37.2.

Vida

Aldo Menezes

Digitalização Geral: jogois2006
Edição Geral: Escriba Digital

Testemunhas de Jeová

Exposição e refutação de suas doutrinas

2. edição revista, atualizada e ampliada

Publicado anteriormente com o título
Por que abandonei as Testemunhas de Jeová

Vida

Vida
Editora Vida
Rua Júlio de Castilhos, 280 Belenzinho
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7044
www.editoravida.com.br

©2001, 2009 de Aldo Menezes

Todos os direitos desta publicação reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Scripture quotations taken from *Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI* ®
Copyright © 1993, 2000 by International Bible Society ®. Used by permission IBS-STL U.S.
All rights reserved worldwide. Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Todos os grifos são do autor.

Editor responsável: Sônia Freire Lula Almeida
Editor-assistente: Gisele Romão da Cruz Santiago
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Aldo Menezes e Claudia Fatel Lino
Capa: Arte Peniel

1. edição: out. 2001
2. edição: dez. 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Menezes, Aldo
Testemunhas de Jeová: exposição e refutação de suas doutrinas / Aldo Menezes. — Prefácio de Paulo Romeiro. — 2. ed. rev., atual. e ampl. — São Paulo: Editora Vida, 2009.

Bibliografia.
ISBN 978-85-383-0142-4

1. Testemunhas de Jeová I. Título.

09-08588 CDD-289.92

Índice para catálogo sistemático:
1. Testemunhas de Jeová : Religião 289.92

Sumário

Abreviaturas de versões da Bíblia 7
Agradecimentos 9
Prefácio 11
Introdução 13
1. Os testemunhas de Jeová são uma seita? 19
2. Em busca da religião verdadeira 27
3. Deturpando a Palavra de Deus 79
4. Desnudando Jeová de seus atributos 129
5. Outro Jesus Cristo 157
6. Despersonalizando o Espírito Santo 219
7. As castas de Jeová: os 144 mil e as "outras ovelhas" 241
8. Aniquilando a alma e apagando as chamas do inferno 271
Apêndice 1: Tira-dúvidas 309
Apêndice 2: Os credos do cristianismo 349
Bibliografia e referências 355
Índice de textos mal interpretados 363
Ministério Edificar — Palestras que instruem e edificam 365

Abreviaturas de versões da Bíblia

A21	*Almeida Século 21* (Vida Nova)
ARA	*Almeida Revista e Atualizada* (2.ª ed.)
ARC	*Almeida Revista e Corrigida* (2.ª ed.)
AVR	*Almeida Versão Revisada, de acordo com os melhores textos* (IBB)
BJ	*A Bíblia de Jerusalém*
BP	*Bíblia do Peregrino*
BMD	*Bíblia Mensagem de Deus*
CH	*Cartas Para Hoje*, J. B. Phillips
CNBB	*Bíblia Sagrada* (tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)
DHH	*Dios Habla Hoy* (*La Biblia de Estudio Dios Habla Hoy*)
EP	*Edição Pastoral*
LR	*Monsenhor Lincoln Ramos* (*A Palavra do Senhor*, Novo Testamento)
LXX	*Septuaginta* (ou *Versão dos Setenta*)
MH	*Mateus Hoepers* (Novo Testamento)

MM *Monges de Maredsous* (Bélgica)

NBC *Nova Bíblia dos Capuchinhos*

NM *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas:* com referências

NTLH *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*

RV *Reina-Valera*

RVR *Reina-Valera Revisada*

TB *Tradução Brasileira*

TE *Tradução Ecumênica da Bíblia*

VF *Versão Fácil de Ler* (Novo Testamento)

VL *Vulgata Latina* (de Jerônimo)

Agradecimentos

Inicialmente, à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Sem sua ajuda, este livro não teria sido escrito.

À Editora Vida, por depositar confiança nesta segunda edição.

À minha esposa, Ana Cléia, pelas críticas e sugestões.

Ao dr. Paulo Romeiro, por atenciosamente prefaciar mais uma vez esta obra.

Ao Túlio César Costa Leite, amigo de longa data, pelas sugestões e críticas ao texto.

Prefácio

Foi com muito entusiasmo que me sentei diante do computador para prefaciar a primeira edição deste livro em 2001. E é com o mesmo prazer que volto a prefaciar a segunda edição oito anos depois, pela qual felicito o Aldo e a Editora Vida. Eu não pretendo inventar palavras novas. Direi dele e de seu livro o mesmo que disse em 2001.

Há vários anos, conheço o Aldo. Ele tem sido fiel companheiro de ministério na defesa e propagação da fé cristã. Não tenho dúvida de que o Senhor Deus fez um milagre em sua vida, pois foi somente por intermédio da intervenção divina que ele se libertou do grupo religioso Testemunhas de Jeová para entrar no Reino da luz do Deus Filho, Jesus Cristo.

A capacidade intelectual do autor será notada ao longo das páginas deste livro. Ele pensa de maneira clara e lógica, fruto de sua formação em Filosofia, e escreve sempre com equilíbrio, resultado de sua larga experiência como editor de livros. Juntos, durante o período em que ele trabalhou na Agência de Informações Religiosas (AGIR), produzimos textos, ministramos conferências e evangelizamos adeptos de grupos controvertidos. Tudo o que o Aldo produz desfruta de total escassez de hostilidade, criando uma ponte entre ele e seus leitores, mesmo os refutados. Quando fala a verdade, é com amor. Quando critica, o faz com justiça. Quando erra, volta atrás e pede perdão. Precisa-se de algo mais?

Meu entusiasmo aumenta ainda ao pensar no enorme benefício que este livro vai proporcionar à igreja do Senhor no Brasil e até — quem

sabe? — em outros países. Nunca uma geração de cristãos foi tão bombardeada com conceitos e valores antibíblicos como a da presente época. Nunca uma geração de cristãos precisou tanto de discernimento doutrinário como a geração atual. Preocupa-me sempre os milhões de almas vulneráveis ao bombardeio de informações e técnicas proselitistas de tantos movimentos, social e espiritualmente nocivos, que atuam sem descanso na mídia, nas ruas e de porta em porta, enganando e sendo enganados. Com certeza, o livro do Aldo vai ajudar muitos irmãos em Cristo a responder com mansidão e sem temor aos clamores alarmistas e anticristãos dos testemunhas de Jeová.

O autor não transmite o que ouviu falar, não relata fatos distantes, mas narra a própria trajetória, demonstrando que é possível, sim, sair de uma organização prepotente e manipuladora para viver na liberdade que há em Cristo, algo que antes não conhecia. Todos os que pesquisam as seitas sabem que a liderança dos testemunhas de Jeová já levou milhares de pessoas à morte, proibindo as transfusões de sangue em decorrência da interpretação errônea de certos textos bíblicos. Graças a Deus, o Aldo saiu a tempo!

Este não é o primeiro, nem será o último livro do autor. Aldo é portador de uma considerável bagagem de conhecimento bíblico, teologia sistemática, história da Igreja e religiões em geral. Por isso, estou certo de que ele vai produzir muito ainda no campo da literatura para que o Reino de Cristo se estenda cada vez mais na terra. Ao Senhor somente, toda a glória!

DR. PAULO ROMEIRO
Presidente da Agência de Informações Religiosas
Pastor da Igreja Cristã da Trindade
Professor da Universidade Mackenzie

Outono de 2009

Introdução

Não pense que este livro mudou só de título e de capa. Ele mudou muito por dentro também. Esta obra foi totalmente revista, corrigida e ampliada. E não estou falando apenas de ajustá-lo ao Novo Acordo Ortográfico, mas me refiro a uma alteração considerável no conteúdo, passando por muitas linhas de argumentação, além de novos dados e informações relevantes sobre a seita. Além do mais, oito anos depois, minha reflexão teológica foi sendo aprimorada, e esta nova edição reflete o avanço dos anos e da experiência, ouvindo e sendo ouvido. Muitas sugestões feitas à primeira edição estão presentes nesta segunda. Eu não me canso de cantar "a beleza de ser um eterno aprendiz". Continuo aberto não só a elogios, mas a críticas e sugestões. Todos são bem-vindos. Fique à vontade para me contatar: aldomenezes@gmail.com.

A seita Testemunhas de Jeová também passou por mudanças. Além de atualizar dados estatísticos, muitas doutrinas mudaram desde 2001; por exemplo, eles acreditavam que a chamada celestial havia sido concluída em 1935. Pois bem, uma nova revelação fez que reabrissem a chamada celestial. Assim, muitos testemunhas de Jeová têm demonstrado interesse de ir para o céu. Era um desejo reprimido de muitos, que agora, ao que tudo indica, vai se intensificar.

Este livro é uma exposição e refutação das principais doutrinas da seita Testemunhas de Jeová. O novo título vai direto ao assunto. A palavra "refutação" parece belicosa, mas não deve ser recebida nesse tom.

Quando amamos as verdades da Bíblia e a fé de uma vez por todas entregue ao santos (Judas 3), é natural que queiramos divulgar a verdade, e, para isso, também é preciso expor equívocos sobre a verdadeira fé, como é o caso dos testemunhas de Jeová que negam as bases da fé cristã e dizem não a praticamente tudo o que o cristianismo vem pregando ao longo desses vinte séculos. Ao refutá-las, procuro manter o mesmo espírito de amor e respeito, apesar da firmeza com que defendo certas convicções cristãs. Eu não sou adepto do "mito da imparcialidade" ou da "neutralidade". Fui testemunha de Jeová e hoje sou cristão. O que penso e escrevo é reflexo dessa vivência anterior e da minha atual e melhor condição, pela graça de Deus.

Faz tempo que recebi este conselho em tom irônico de um testemunha de Jeová: "Sugiro que ajude os evangélicos a firmar cada vez mais a fé nas próprias doutrinas. Não basta refutar a religião alheia para arrebanhar fiéis; deve-se cultivar a crença entre as ovelhas já convertidas para que permaneçam no aprisco". Na verdade, minha principal motivação ao escrever este livro é realmente auxiliar meus irmãos na fé em Jesus a conhecer melhor as doutrinas centrais do cristianismo; é uma singela contribuição de quem um dia perseguiu com sofismas a verdadeira fé.

Espero que este livro ajude meus irmãos no Senhor a responder com convicção, à luz da Bíblia e da razão, a qualquer testemunha de Jeová que lhes indagar a razão de sua fé nas doutrinas da Trindade, divindade de Jesus e sua igualdade com o Pai, pessoalidade e divindade do Espírito Santo, entre outros artigos de fé igualmente importantes. À medida que refuto o discurso dos testemunhas de Jeová, apresento as principais doutrinas da ortodoxia cristã, reafirmando com isso a verdadeira fé. Gasto mais tempo expondo as doutrinas do cristianismo que expondo o pensamento dos testemunhas de Jeová.

Inicio este livro respondendo à pergunta: O grupo Testemunhas de Jeová é uma seita? A palavra "seita" parece muito forte e ofensiva. Eu a usei muito ao me referir aos testemunhas de Jeová como grupo. Por quê? O que é uma seita? Explicarei isso no capítulo 1. E o leitor verá que não é uma questão de ofensa, mas de retratar e descrever o que um grupo

realmente é, tendo como parâmetro as Escrituras e o conjunto da fé cristã. Ademais, as próprias publicações da seita confirmarão as conclusões às quais cheguei quanto a essa questão tendo como ponto de partida a análise de sua profissão de fé. Para isso, apresento um "Credo dos testemunhas de Jeová", formulado com base em trechos extraídos de suas publicações. Essa exposição é uma preparação para os demais capítulos, nos quais os artigos de fé dos testemunhas de Jeová serão desmembrados, examinados e refutados um a um. Procurarei demonstrar à luz da Bíblia e da razão que o credo dessa seita não é fiel às Escrituras nem ao cristianismo, apesar de usarem hoje o adjetivo "cristãs" em um de seus nomes jurídicos: "Associação das Testemunhas *Cristãs* de Jeová".

Os testemunhas de Jeová consideram-se a única religião verdadeira, o único povo que serve ao Soberano universal, Jeová. Contudo, sua história está repleta de contradições e incoerências que desmentem sua alegação de ser o único povo de Deus, sobretudo sua incansável marcação e remarcação de datas para o início do reinado milenar de Cristo. Além do mais, a seita se considera a restauração do cristianismo primitivo, partindo do ponto de que este apostatou, desviando-se da fé dos apóstolos. Assim, procuraremos demonstrar no capítulo 2, "Em busca da religião verdadeira", o testemunho das Escrituras sobre a Igreja, com ênfase em sua indestrutibilidade e ininterrupção no decorrer dos séculos, a despeito de tantos problemas de diversas ordens pelos quais ela passou.

No capítulo 3, "Deturpando a Palavra de Deus", o leitor verá como os testemunhas de Jeová são hábeis em distorcer a Bíblia, a ponto de fabricar sua própria versão das Escrituras, a *Tradução do Novo Mundo*, considerada por eles a única isenta de filosofias mundanas e sectarismo. Veremos que a coisa não é bem assim. Muitas passagens da Bíblia foram realmente adulteradas para se conformar ao corpo doutrinário da seita, como é o caso clássico de João 1.1, que afirma ser Jesus "um deus". Veremos este e outros textos adulterados, seguidos de um discurso refutatório que demonstra a inconsistência dessa versão nada convencional.

Quando se pensa que já se ouviu de tudo sobre Deus, o leitor talvez se espante ao saber que os testemunhas de Jeová não poupam nem o Pai

celestial de suas distorções teológicas. Não deixe de ler o capítulo 4, "Desnudando Jeová de seus atributos". Por incrível que pareça, eles não creem que Deus possa estar em mais de um lugar ao mesmo tempo; ou seja, negam-lhe a onipresença. Jeová está confinado no céu, limitado ao seu corpo espiritual. Como se não bastasse, também lhe negam a onisciência, afirmando que o saber de Deus é seletivo. Vamos demonstrar à luz da Bíblia a falsidade dessas informações estranhas e descabidas sobre Deus.

O extenso capítulo 5 é uma defesa da divindade absoluta de Jesus. É terrível ler nas publicações dos testemunhas de Jeová que Jesus é "um deus assim como Satanás é chamado de deus". Jesus não merece essa comparação. É de lamentar que os testemunhas de Jeová não admitam que a divindade de Jesus é a mesma do Pai. O título do capítulo, "Outro Jesus Cristo", é para confirmar que o Jesus crido pelos testemunhas de Jeová não se parece com o Jesus da Bíblia e da fé cristã: de Criador, ele vira criatura; de Senhor, vira um "anjo", o arcanjo Miguel; em vez de morrer numa cruz, ele foi pregado numa "estaca de tortura"; morreu, mas não ressuscitou corporeamente, e sim em "espírito", e, para convencer os discípulos de que ressuscitou, foi trocando de corpo como alguém troca de roupa; chegou mesmo a usar um corpo com ferimentos para convencer Tomé de que era ele mesmo. Além disso, ele já veio em 1914, mas só testemunhas de Jeová puderam vê-lo com os "olhos da fé" ou do "entendimento". Trata-se realmente de um Jesus completamente estranho e desconhecido pelos apóstolos e pela Igreja de Cristo.

No capítulo 6, "Despersonalizando o Espírito Santo", veremos que os testemunhas de Jeová tratam o Espírito Santo como uma "coisa", "algo", não "alguém". Para começar, grafam "espírito santo", com letras minúsculas, pois para a seita ele não é um ser pessoal, mas a "força ativa" de Jeová; ele é o que Jeová não pode ser: onipresente. Veremos à luz das Escrituras que o Espírito Santo é Deus com o Pai e o Filho.

Se você achava que a divisão de castas era prerrogativa do hinduísmo, verá que entre os testemunhas de Jeová ela é menor, mas existe. No capítulo 7, "As castas de Jeová: os 144 mil e as 'outras ovelhas' ", você conhecerá a casta dos "ungidos", os que vão para o céu, que comem do pão e

bebem do vinho na santa ceia e que são filhos de Jeová; a casta inferior, as "outras ovelhas" que viverão na terra, que, na santa ceia, só olha o pão e o vinho passar, mas não pode comer e beber; seus membros têm de se contentar em ser "amigos" e "netos" de Jeová, pois ele será seu "Avô Celestial". Um absurdo! Seguiremos o caminho tortuoso trilhado pelos testemunhas de Jeová para tentar fundamentar essas coisas estranhas à fé cristã, e tentaremos na medida do possível colocá-las nos trilhos da ortodoxia.

Será também interessante conhecer o discurso antropológico dos testemunhas de Jeová. Eles negam que temos uma alma e que esta sobreviva à morte do corpo; negam também a existência de um local ou estado de tormento eterno; o "inferno" não passa da "sepultura comum da humanidade". Nesse campo, os testemunhas de Jeová costumam intimidar cristãos com perguntas do tipo: "Seria justo atormentar alguém *eternamente* porque fez algum mal na terra por uns *poucos anos*? Onde está a justiça divina?". Mas não se engane: eles são incoerentes com essa linha de argumentação aparentemente carregada de senso de justiça. No capítulo 8, "Aniquilando a alma e apagando as chamas do inferno", analisaremos a constituição humana à luz da Bíblia e nos defrontaremos com um Deus de amor e também de justiça.

Para concluir, há dois apêndices importantes. Na primeira edição, havia cinco. Na verdade, os demais foram enxertados no Apêndice 1, "Tira-dúvidas". Nessa parte, respondo a várias perguntas sobre os testemunhas de Jeová. É uma espécie de "Guia dos curiosos". Onde quer que eu fosse, essas perguntas eram feitas: "Por que os testemunhas de Jeová não oram quando são convidados a orar?", "Por que proibem transfusões de sangue?", "Por que não comemoram o Natal?", "Como alguém sabe que é dos 144 mil?" etc. Ah, a pergunta mais disputada: "Por que você saiu da seita Testemunhas de Jeová?". Esta é a última pergunta a que respondo. Conto minha trajetória na seita e como o Senhor me livrou desse cativeiro mental e espiritual, como você mesmo poderá constatar.

O último apêndice, "Os credos do cristianismo", traz as principais confissões de fé da Igreja de Cristo: os credos *apostólico*, *niceno-constantinopolitano*, *atanasiano* e o *calcedônio*. Poucos cristãos entre os evangélicos

aprenderam a valorizar esses documentos tão importantes para a vida da Igreja. Eles são excelentes resumos da fé evangélica, que devem ser conhecidos, pois ensinam, de forma didática, a conhecer e a guardar com mais facilidade o conteúdo da fé.

É meu desejo que este livro seja um instrumento para seu crescimento espiritual; ficarei feliz de poder contribuir, por menor que seja minha colaboração, para seu desenvolvimento na fé de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Este livro foi escrito, acima de tudo, para louvar a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Em seu amor, sua graça e misericórdia, libertou-me de uma seita que por muito tempo me privou da esperança de poder contemplar meu Deus face a face e me levou a dizer coisas terríveis contra a verdadeira fé. Apesar disso, o Deus trino me concedeu graça e misericórdia. A ele sejam a honra e a glória pelos séculos dos séculos.

1

Os testemunhas de Jeová são uma seita?

Os testemunhas de Jeová vivem se defendendo da acusação de que são uma "seita". Trata-se de uma palavra de variada carga semântica, geralmente aplicada de forma pejorativa. O livro *Raciocínios à base das Escrituras* quer nos convencer de que os testemunhas de Jeová não formam uma seita:

> Há os que definem seita como um grupo que se desagregou de uma religião estabelecida. Outros aplicam o termo a um grupo que segue determinado líder ou mestre humano. [...] *As Testemunhas de Jeová não são uma ramificação de alguma igreja*, mas entre elas há pessoas procedentes de todas as rodas da vida e de muitas formações religiosas. *Não consideram nenhum humano como seu líder*, mas unicamente Jesus Cristo.[1]

Vamos analisar primeiramente a defesa dos testemunhas de Jeová. Dentre as várias acepções de "seita", apenas duas foram apresentadas e negadas em relação ao grupo. Em primeiro lugar, afirmam que "não são uma ramificação de alguma igreja". Essa noção de "ramificação" pode, sim, ser aplicada aos testemunhas de Jeová. O apóstolo João menciona

[1] P. 386.

aqueles que "saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos" (1João 2.19). Essa saída pressupõe uma divisão ou ramificação. Tendo isso em vista, é bom lembrar que o fundador dos testemunhas de Jeová, Charles Taze Russell, foi da Igreja presbiteriana e da congregacional; o segundo líder, Rutherford, foi da Igreja batista; o terceiro, Knorr, foi membro da Igreja reformada; o quarto, Franz, da Igreja presbiteriana; o quinto, Henschel, já foi criado na seita; e o atual presidente da Watchtower (a entidade jurídica mundial), Don Adams, foi membro da Igreja episcopal. Ora, saíram do nosso meio, e o que é mais grave: são apóstatas, pois repudiaram a verdadeira fé, que inclui a crença na doutrina trinitária, na divindade de Jesus e do Espírito Santo, entre outros pontos capitais da fé cristã. Seu ataque sistemático ao cristianismo, do qual o grupo se desgarrou, não deixa dúvida de que nessa primeira acepção os testemunhas de Jeová são realmente uma "seita". Mas a ramificação é um aspecto secundário. O que conta realmente é que o grupo desgarrado apostatou e se voltou contra a verdadeira fé, como pode ser observado no capítulo 2.

Em segundo lugar, os testemunhas de Jeová afirmam que "não consideram nenhum humano como seu líder, mas unicamente Jesus Cristo". Quanto a isso, o grupo realmente não tem como se esconder. Eles são governados mundialmente por um grupo de quase dez homens, conhecidos como "Corpo Governante", que é porta-voz do "escravo fiel e discreto" (os 144 mil) e o "canal de comunicação de Jeová". O capítulo 3, em que tratamos desse Corpo Governante, traz citações que desmentem essa defesa dos testemunhas de Jeová. Apenas para citar dois exemplos:

> Não é provável que alguém, por apenas ler a Bíblia, sem se aproveitar das ajudas divinamente providas, consiga ver a luz. É por isso que Jeová Deus proveu "o escravo fiel e discreto", predito em Mateus 24.45-47. Atualmente, este escravo é representado pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.[2]

[2] **A Sentinela**, 1º/5/1992, p. 31.

> Mas, Jeová Deus proveu também sua organização visível, seu "escravo fiel e discreto", composto dos ungidos com o espírito, para ajudar os cristãos em todas as nações a entender e a aplicar corretamente a Bíblia na sua vida. A menos que estejamos em contato com este canal de comunicação usado por Deus, não avançaremos na estrada da vida, não importa quanto leiamos a Bíblia.[3]

Ora, se não seguem nenhum humano como líder, como explicar essas citações? O grau de dependência é bem visível: "A menos que estejamos em contato com este canal de comunicação, *não avançaremos na estrada da vida*, não importa quanto leiamos a Bíblia". Quando a vida de alguém entra em jogo e quem dá as cartas é o Corpo Governante (e até mesmo acima da Bíblia), a declaração de ser uma seita no sentido de seguir um líder ou líderes humanos é justificável.

Não há dúvida de que também nessa segunda acepção os testemunhas de Jeová constituem uma seita, e uma seita potencialmente nociva para os adeptos, tendo em vista que muitos morreram por recusar transfusão de sangue; e no passado a liderança já proibiu vacinas (1931-1952) e transplantes de órgãos (1968-1980). Se seguissem somente Jesus, não poriam a própria vida e a de seus entes queridos em risco.

Embora nas igrejas haja "pastores e ovelhas", não existe essa condição de dependência que inclui a própria vida da ovelha em relação ao pastor. Se isso ocorrer, será um caso isolado e fora do padrão das comunidades evangélicas sadias. No caso da seita Testemunhas de Jeová, essa liderança é mundial, com governo central e centralizador, que comanda um contingente de mais de 7 milhões de pessoas. E o discurso não deixa margem para dúvida no tocante ao domínio do Corpo Governante em relação aos membros: "Para apegar-se à chefia de Cristo, é portanto necessário *obedecer à organização* que ele dirige pessoalmente. Fazer o que a organização diz é fazer o que ele diz. *Resistir à organização é resistir a ele*".[4]

[3] **A Sentinela**, 1º/8/1982, p. 27.
[4] **A Sentinela**, 1º/11/1959, p. 653.

No âmbito do cristianismo, há outro sentido para o termo "seita", e está associado à dimensão doutrinária: um grupo que não pode ser considerado genuinamente cristão, pois sua profissão de fé, seu credo ou seu corpo de doutrinas afastou-se, e muito, da ortodoxia, isto é, da verdadeira doutrina ensinada nas Escrituras. Tal grupo não poderia ser considerado parte da Igreja de Cristo, mas uma facção dela, recebendo anatematização do cristianismo por ensinar "um evangelho diferente" (Gálatas 1.8), "um Jesus que não é aquele que pregamos" (2Coríntios 11.4). O que caracteriza esse grupo é seu repúdio das doutrinas essenciais da fé cristã. É essa dimensão doutrinária que vai determinar se estamos diante de uma seita ou de uma igreja genuína. Isso também nos conduz a outro ponto: a seita é promotora de "heresias" (doutrinas falsas e contrárias à ortodoxia). Assim, se algum grupo insiste em negar ou distorcer as principais doutrinas do cristianismo, ele é, de fato, uma seita. E se alguém que se diga cristão advoga e ensina "um evangelho diferente" ou "um Jesus que não é aquele que pregamos", esse é um herege.

Além do doutrinário, existem outros parâmetros para definir uma seita: o sociológico e o moral. Esse é o método empregado por GEISLER e RHODES (2000, p. 10-17). Na dimensão sociológica, seita é um grupo que pratica o autoritarismo, o exclusivismo, o dogmatismo etc. No âmbito da moral, predomina o legalismo, a intolerância para com outras pessoas ou religiões etc.

Embora eu reconheça o valor dessas outras dimensões, acredito que as características sociológicas e morais não são caminhos adequados e confiáveis para determinar se um grupo é seita ou verdadeiramente igreja, pois tais características também se encontram no âmbito do cristianismo. Infelizmente, há igrejas que praticam o exclusivismo, o autoritarismo, o legalismo, a intolerância, o dogmatismo e muito mais. Não deveriam, mas praticam. De modo que os aspectos sociológicos e morais não são critérios definitivos para identificar uma seita. O ponto nevrálgico recai sobre os aspectos doutrinários (cf. Mateus 23.1-3). Apenas para

não torna o grupo uma seita. O cristianismo com a doutrina da Trindade e tudo o que dela decorre exclui naturalmente as outras religiões, sobretudo no que diz respeito à salvação pela fé em Cristo. Isso é exclusivismo; e não está errado. Quando eu digo "Só Jesus salva", é um discurso exclusivista, pois reafirmo que só Cristo salva e excluo qualquer outro meio de salvação.

Então, o foco deve ser mudado: os testemunhas de Jeová não são uma seita porque dizem que são os únicos que têm a verdade (discurso exclusivista), *mas porque a verdade que eles afirmam possuir com exclusividade não é verdade coisíssima nenhuma*. Ora, se alguém me fala que existe um grupo que possui "a verdade", o bom senso diz que eu não devo recusar o grupo pelo discurso exclusivista. O que eu preciso é analisar se a "verdade" que o grupo afirma ter é realmente "a verdade", se essa verdade está realmente de acordo com a Palavra de Deus. Se não estiver, o grupo deve ser rejeitado como "anátema" (Gálatas 1.8).

Assim, para saber se os testemunhas de Jeová são uma seita ou não no sentido teológico do termo, convém analisar as seguintes questões: Qual é a profissão de fé do grupo? O grupo prega e ensina o que o cristianismo vem ensinando nesses quase dois mil anos de história? Os testemunhas de Jeová não passam nesse teste. Seu corpo doutrinário revela um credo cristão às avessas. A fim de facilitar nossa análise, veja a seguir *O credo dos testemunhas de Jeová*, formulado com base em suas publicações:

1. Cremos em Deus Pai onipotente, cujo nome é Jeová; ele não é onipresente (pois tem um corpo de forma específica, que requer um lugar para morar) nem onisciente (pode saber todas as coisas, mas não sabe). Cremos que a Trindade é uma invenção de Satanás.
2. Cremos em Jesus Cristo, seu Único Filho, nosso Senhor. Ele é o *primogênito* de toda a criação, porque foi o primeiro a ser criado por Jeová; portanto, não é eterno, de eternidade a eternidade, da mesma forma que o Pai; ele é o *unigênito*, pois foi o único criado diretamente pelas mãos de Jeová; ele é um deus, assim como Satanás é um deus;

ele é "Deus poderoso", mas não todo-poderoso; ele é, desde que foi criado, inferior ao Pai; ele é o arcanjo Miguel, que foi transferido para o ventre de Maria e se fez homem; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi pregado numa estaca de tortura (não numa cruz); desceu à sepultura, onde esteve inconsciente, em estado de inexistência, e ao terceiro dia ressuscitou espiritualmente (não fisicamente); subiu ao céu, está assentado à direita de Jeová e já voltou invisivelmente em 1914, esperando o momento para começar a batalha de Armagedom.

3. CREMOS que o espírito santo é a força ativa de Jeová; uma força impessoal que está em todos os lugares ao mesmo tempo, razão pela qual não pode ser uma pessoa.
4. CREMOS que o ser humano é uma alma; não possui alma imortal que sobreviva à morte do corpo; ao morrer, o ser humano entra em estado de inexistência; não existe consciência após a morte. Os que se recusarem a servir a Jeová serão destruídos eternamente, pois não existe o tão propalado tormento eterno.
5. CREMOS que a organização de Jeová é a única religião verdadeira; a restauração do cristianismo primitivo, que havia apostatado da fé, desviando-se para doutrinas demoníacas como a da Trindade, a da imortalidade da alma e a do tormento eterno; Jeová restaurou sua congregação na década de 1870 por meio de Charles Taze Russell.
6. CREMOS na comunhão apenas entre os adoradores de Jeová, que obedecem à sua organização; por isso, não nos juntamos à Babilônia, a grande, o império mundial da religião falsa, que tem a cristandade (os cristãos nominais) como seu principal representante.
7. CREMOS que Jesus morreu para abrir-nos o caminho para a vida eterna; agora, tudo dependerá apenas de cada adorador de Jeová, que precisará trabalhar a fim de obter a salvação.
8. CREMOS na ressurreição espiritual para quem é da classe dos 144 mil e na ressurreição física em outro corpo para os que viverão para sempre na terra.

9. Cremos na vida eterna para os fiéis adoradores de Jeová. Há uma só salvação, com duas esperanças: uma celestial e outra terrena. Para o céu irão 144 mil pessoas, que, assim como Jesus, terão o poder de purificar do pecado e da imperfeição as pessoas que viverão para sempre no paraíso na terra.
10. Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, conquanto interpretada pelo "escravo fiel e discreto" e seu Corpo Governante; se não estivermos em contato com esse canal de comunicação usado por Jeová para nos ensinar a entender a Bíblia, não avançaremos na estrada da vida, não importa quanto a leiamos. Cremos também que a *Tradução do Novo Mundo*, produzida por fiéis servos de Jeová, é a única confiável; as demais, usadas pela cristandade, estão repletas de sectarismo e filosofias mundanas.

Para quem conhece os credos do cristianismo — o *apostólico*, o *niceno-constantinopolitano*, o *atanasiano* e o *calcedônio* (v. Apêndice 2) —, fica evidente que os testemunhas de Jeová distanciaram-se, e muito, da verdadeira religião de Cristo. Algumas de suas crenças são estranhas à fé cristã; outras já são bem conhecidas, pois não passam da ressurreição de antigas heresias. A conclusão não poderia ser outra: os testemunhas de Jeová constituem uma seita, um grupo pseudocristão. Usando a linguagem joanina, "Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos" (1João 2.19).

Nos capítulos seguintes, vamos analisar esse credo da seita de modo crítico (sem seguir necessariamente a ordem anteriormente apresentada), comparando suas afirmações com as Escrituras.

2

Em busca da religião verdadeira

Cremos que a organização de Jeová é a única religião verdadeira, a restauração do cristianismo primitivo, que havia apostatado da fé, desviando-se para doutrinas demoníacas como a da Trindade, a da imortalidade da alma e a do tormento eterno. Jeová restaurou a verdade e sua congregação de fiéis seguidores na década de 1870 por meio de Charles Taze Russell.

A HISTÓRIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Charles Taze Russell

A seita religiosa "Testemunhas de Jeová" foi fundada pelo jovem americano Charles Taze Russell. Ele nasceu em Allegheny (agora parte de Pittsburgh), na Pensilvânia, EUA, em 16 de fevereiro de 1852. Seus pais, Joseph L. Russell e Ann E. B. Russell, eram presbiterianos. A sra. Russell morreu quando Charles tinha 9 anos. Com 15 anos, ele dirigia com o pai uma cadeia de lojas de roupas masculinas, com diversas filiais nos EUA.

Apesar da prosperidade financeira, a vida espiritual do jovem Russell era cercada por dúvidas e inquietações existenciais. Duas doutrinas em particular o incomodavam: "[...] ele se sentia confuso com os

ensinos como a predestinação e o tormento eterno no inferno de fogo".[1] Essas crenças faziam parte do corpo doutrinário da Igreja presbiteriana, em que Russell fora criado. Ele então decidiu frequentar a Igreja congregacional, onde ficou pouquíssimo tempo. Desiludido com a religião, tornou-se cético. Aos 17 anos, porém, um acontecimento o livraria do ceticismo. Ele conheceu a Igreja cristã do Advento, grupo oriundo do movimento millerita.[2] Após ouvir um discurso de Jonas Wendell, líder dessa igreja, Russell afirmou que isso foi o suficiente para que a sua fé na inspiração divina da Bíblia fosse restabelecida. Sua brevíssima carreira de cético chegara ao fim.

Russell, porém, continuava insatisfeito. Por fim, ele chegou à conclusão de que nenhuma igreja representava o verdadeiro cristianismo. Decidido, então, a restaurar a genuína religião cristã, Russell arregimentou em 1870, aos 18 anos, um grupo de seguidores para estudar a Bíblia, partindo da premissa de que todas as igrejas de seu tempo eram falsas, que haviam se corrompido doutrinariamente e não ensinavam a verdade bíblica. Depois da morte do último apóstolo e, sobretudo, na era do imperador Constantino I, o Grande (272[?]-337), o cristianismo teria cedido à apostasia, desviando-se da fé e corrompendo-se com doutrinas pagãs, como a imortalidade da alma, a existência do inferno como lugar de tormento eterno e a Trindade, entre outras.

[1] **O homem em busca de Deus**, p. 350.

[2] O movimento millerita deriva seu nome de William Miller (1782-1849), fazendeiro nova-iorquino e membro de uma igreja batista, que passou a difundir o retorno físico de Jesus Cristo à terra para 1843. Frustrada a primeira predição, remarcou a data para 1844. Essa expectativa da iminente volta de Cristo fez que muitos aderissem à pregação de Miller. Mesmo após sucessivos fracassos proféticos, muitos grupos mantiveram-se fiéis aos cálculos milleritas, fazendo apenas ligeiras modificações na aplicação profética desses cálculos. Além da Igreja cristã do Advento, muitos outros grupos saíram do movimento millerita, como a Associação Geral das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia, formada em 1866. Dito isso, deve-se corrigir a falsa informação de Russell ter sido adventista do sétimo dia. O máximo que pode ser dito é que foi influenciado pelo movimento millerita e pela Igreja cristã do Advento.

Foi então que surgiu, desse grupo de estudo, a seita "russellita", que só foi chamada de "Testemunhas de Jeová" em 1931, quinze anos após a morte de Russell, com veremos mais adiante. Seu surgimento no cenário mundial marcaria a restauração do verdadeiro cristianismo. Esse é o discurso apresentado no livro *Raciocínios à base das Escrituras*. Ao tratar do tempo de existência dessa seita, o livro declara: "Suas crenças e seus métodos não são novos, são antes uma restauração do cristianismo primitivo".[3]

Outra publicação que reafirma esse discurso é o livro *O homem em busca de Deus*.[4] Os diversos rumos percorridos pela humanidade em busca de Deus são descritos em seus 16 capítulos. Mostra-se a enorme diversidade de manifestações religiosas que se veem ao redor do mundo, como hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, xintoísmo, judaísmo etc. Ao tratar do cristianismo, no capítulo 10, busca-se mostrar que se trata de uma religião divinamente instituída. Todavia, o cristianismo instituído por Jesus não duraria muito tempo por duas razões: perseguição e apostasia. Essa última foi o maior mal que acometeu o cristianismo, tendo em vista as seguintes palavras proféticas do apóstolo Pedro:

> No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens, e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram. Há muito a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda (2Pedro 2.1-3).

Assim, em razão da apostasia, ou seja, do desvio da verdadeira fé, o cristianismo transigiu com as tendências religiosas correntes do mundo

[3] 1989, p. 388.

[4] 1990, p. 261-283; 344-354. Cf. tb. **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, 1993, cap. 5.

romano, saturado da filosofia e do pensamento gregos. Esse declínio da verdadeira fé teria começado com a morte de João, o último dos 12 apóstolos, culminando com a decisão de Constantino I, o Grande, em tornar o cristianismo a religião oficial do Império Romano em 321 d.C.

A apostasia teria posto fim ao cristianismo, surgindo em seu lugar a "cristandade", ou seja, "o âmbito de atividade sectária dominado por religiões que afirmam ser cristãs", ao passo que o cristianismo seria a "forma original de adoração e acesso a Deus ensinada por Jesus Cristo". Essa apostasia foi tão séria que o caminho a Deus foi completamente bloqueado (cap. 11). Nem mesmo o ímpeto da Reforma Protestante foi capaz de devolver ao cristianismo sua verdadeira identidade (cap. 13, parágrafo 43):

> Praticamente todas as igrejas protestantes endossam os mesmos credos — os credos de Niceia, Atanasiano e dos Apóstolos — e esses professam algumas das mesmíssimas doutrinas que o catolicismo tem ensinado há séculos, como a Trindade, a imortalidade da alma e o inferno de fogo. Tais ensinos antibíblicos deram ao povo um quadro distorcido a respeito de Deus e seu propósito. Em vez de ajudar as pessoas na sua busca do Deus verdadeiro, as numerosas seitas e denominações que surgiram em resultado do livre espírito da Reforma Protestante apenas as dirigiram a muitas diferentes direções. De fato, a diversidade e a confusão levaram muitos a questionar a própria existência de Deus. O resultado? No século 19 surgiu uma crescente onda de ateísmo e agnosticismo.

Apesar desse cenário espiritualmente caótico, nem tudo estaria perdido, pois Jeová achou por bem restaurar o verdadeiro cristianismo nesse turbilhão de crenças religiosas. No capítulo 15, intitulado "Retorno ao Deus verdadeiro", no subtítulo "Um jovem em busca de Deus", é relatada a saga do jovem Charles Taze Russell e de como Jeová o havia escolhido para fazer que as pessoas retornassem às verdades bíblicas que haviam sido ofuscadas pela apostasia.

A continuação dessa saga revela quanto os testemunhas de Jeová estão enganados em confundir seu fundador com o restaurador do verdadeiro cristianismo.

Na sua missão de "restaurador da verdade", Russell escreveu em 1873 o folheto *O objetivo e a maneira da volta do Senhor*,[5] no qual expunha que a volta de Jesus seria invisível, que ninguém o veria, embora a Bíblia dissesse o contrário (cf. Apocalipse 1.7). Mas ele descobriu em 1876 que não era o único a acreditar na "vinda invisível" de Jesus. Nelson H. Barbour, também egresso do movimento millerita, defendia o mesmo ponto de vista no periódico *The Herald of the Morning* [O arauto da manhã]. Os dois se uniram em prol dessa causa e publicaram em 1877 o livro *Three World, and the Harvest of This World* [Três mundos e a colheita deste mundo], no qual defendiam que Jesus "voltou" em 1874 (deram a esse acontecimento o nome de "presença invisível") e que, quarenta anos depois, ou seja, em 1914, as instituições políticas e religiosas seriam destruídas, os judeus seriam repatriados e Jeová e Jesus implantariam a era do julgamento final ou o Milênio.

Essa doutrina afetou também a vida profissional de Russell. Ainda em 1877, percebendo que era preciso dedicar tempo integral a essa mensagem, pois o fim estava se aproximando, Russell decidiu vender sua parte no próspero negócio de seu pai. Por causa dessa dedicação exclusiva, ele passou a ser conhecido como "pastor" Russell.

A união dos dois pregoeiros da "presença invisível" de Jesus entrou em declínio em 1878. Russell acreditava que Jesus morrera para resgatar da morte e da imperfeição tanto Adão como sua descendência. Barbour, em contrapartida, negava que Jesus tivesse morrido para que Adão também fosse salvo, e publicou esse ponto de vista no *Herald of the Morning*. (É interessante que hoje os testemunhas de Jeová defendem a posição de Barbour, e não de Russell!). Em resposta a isso, em maio de 1879, Russell

[5] O livro **Proclamadores do reino de Deus**, p. 718, afirma que Russell escreveu esse folheto em 1877, embora o **Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976**, p. 38, tenha informado 1873.

rompeu oficialmente com Barbour, retirou seu apoio ao *Herald* e lançou em julho daquele ano a revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence* [Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo], conhecida hoje como *A Sentinela — Anunciando o Reino de Jeová*. O nome original da revista ainda apontava para a crença da "presença invisível" de Jesus desde 1874, defendida por ele e Barbour. Russell vivia em razão dessa expectativa do retorno de Cristo em 1914 e do julgamento final.[6]

Em 1881, Russell organizou a Watch Tower Tract Society, mas só foi em 1884 que esta adquiriu caráter jurídico com o nome de Zion's Watch Tower Tract Society, conhecida hoje como Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania [Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia].

Charles Russell agora tinha em mãos uma entidade jurídica devidamente constituída e um poderoso canal de comunicação. Agora, restava continuar a divulgar sua mensagem até que 1914 chegasse e com ele o predito julgamento final. Contudo, 1914 chegou e passou. A profecia não se cumpriu. Em vez de reconhecer seu erro, Russell remarcou a data para 1918 (SILVA, v. 1, 1995, p. 326-327), mas não teve tempo de presenciar outro fracasso, pois morreu em 31 de outubro de 1916, em Pampa, no Texas, aos 64 anos.

Apesar desses fatos, os testemunhas de Jeová ainda louvam Russell como o restaurador do cristianismo primitivo:

> Este histórico [da vida de Russell] é de interesse especial para as Testemunhas de Jeová. Por quê? Porque o seu atual entendimento das verdades bíblicas e as suas atividades remontam à década de 1870 e à obra de C. T. Russell e de seus associados, e de lá à Bíblia e ao cristianismo primitivo.[7]

[6] **Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976**, p. 38s. Cf. tb. **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, cap. 5 e 10.

[7] **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, p. 42.

Na verdade, esse histórico de Russell deveria levar os testemunhas de Jeová a rever seu atual entendimento acerca de suas doutrinas contrárias ao cristianismo bíblico, pois seguir Russell é seguir um falso profeta, que não falou em nome de Jeová (Deuteronômio 18.20-22). O mesmo pode ser dito de seus sucessores, como veremos a seguir.

Joseph Franklin Rutherford

Em janeiro de 1917, quase três meses depois da morte de Charles Russell, uma assembleia anual da Watch Tower elegeu o advogado Joseph Franklin Rutherford como seu novo presidente.

Rutherford nasceu em 8 de novembro de 1869, no condado de Morgan, Missouri, EUA. Apesar de ter sido criado na Igreja batista, ele jamais conseguiu aceitar o ensino sobre o inferno como lugar de tormento eterno.

Era um jovem promissor, reputado como hábil e inteligente. Aos 22

> Baseado nos argumentos até aqui apresentados, isto é, que a ordem velha das cousas, o velho mundo está se findando e dasaparecendo, e que a nova ordem ou organização está se iniciando, e que 1925 será a data marcada para ressurreição dos anciões dignos e fieis, e o principio da reconstrucção, chega-se á conclusão razoavel de que milhões dos que vivem agora na terra, ainda estarão vivos no anno de 1925.

O ano de 1925 veio e passou sem que os "príncipes" ressuscitassem, e os "milhões" que então viviam e que jamais morreriam jazem no túmulo. Mesmo sem ocorrer a ressurreição, Rutherford mandou construir em 1929, em San Diego, Califórnia — durante a grande crise mundial em razão da queda da bolsa de Nova York —, uma mansão chamada *Bete-Sarim*, termo hebraico para "casa dos príncipes". Ele vivia na mansão enquanto os "príncipes" não ressuscitavam.[8]

Por último, antes de sua morte, em 1942, ele havia remarcado o Armagedom para 1941.[9] Outro fracasso. (O Armagedom, para Rutherford, era a guerra na qual Jeová demonstraria seu poder contra as nações que tentariam arruinar suas testemunhas; Russell, ao contrário, afirmava que se tratava de uma revolução social; a definição de Rutherford ainda prevalece.) Rutherford, assim como Russell, ingressou na galeria dos falsos profetas.

Inicialmente, os testemunhas de Jeová eram chamados "russellitas". Com a ascensão de Rutherford, passaram também a ser conhecidos como "rutherforditas". Sob o comando de Rutherford, os russellitas sofreram diversas cisões; isso porque o novo presidente criou muita controvérsia na organização, a começar pela afirmação de que Russell não poderia mais

[8] RUTHERFORD, Joseph. **Salvação**, p. 275-276. Embora se admita a construção de Bete-Sarim, a literatura dos testemunhas de Jeová afirma que ela servia de residência de inverno para Rutherford em razão do fato de ele ter contraído pneumonia aguda e, por ordem médica, ter se mudado para San Diego. Cf. **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, p. 76.

[9] **The Watchtower**, 15/9/1941, p. 288.

ser considerado o "escravo fiel e discreto" — supostamente predito por Jesus em Mateus 24.45-47 —, justamente o que próprio Russell afirmava ser. (V. mais detalhes sobre o "escravo fiel e discreto" no capítulo 3.) Todavia, em 1927, onze anos após a morte de Russell, Rutherford afirmou que o "escravo fiel e discreto" não era um indivíduo, mas uma classe, contrariando aquilo em que todos criam até então.

Ao desbancar Russell da posição de "escravo fiel e discreto", Rutherford poderia daí em diante mudar inúmeros ensinamentos do fundador, bem como reafirmar várias mudanças doutrinárias que ele mesmo efetuara alguns anos antes. Por exemplo, em 1922, Rutherford fixou a data da volta "invisível" de Cristo para 1914, contrariando Russell, que apontara 1874. Rutherford também passou a ensinar que os membros do grupo dos 144 mil que haviam morrido (como os apóstolos e outros depois de Cristo) ressuscitaram para a vida celestial em 1918; Russell havia dito que foi em 1878.

Assim, os que ficaram a favor das antigas doutrinas de Russell permaneceram com o nome de "russellitas", e os que apoiaram o "juiz" Rutherford, "rutherforditas". Em virtude desse cisma, Rutherford adotou, em 1931, o nome "Testemunhas de Jeová", distanciando-se de vez dos russellitas; mas afirmou que a mudança se deu por motivos bíblicos, recorrendo ao texto de Isaías 43.10, em que Jeová chama a nação de Israel de suas testemunhas. Ele simplesmente transferiu o texto bíblico para o seu grupo, como se Jeová o tivesse escolhido de fato. E o que aconteceu com os russellitas? Eles ainda resistem ao tempo; contudo, seu número é extremamente reduzido. Entre os vários grupos de russellitas, destaca-se a Associação dos Estudantes da Bíblia Aurora, com sede mundial em Nova Jersey, EUA. No Brasil, estão instalados na Região Sul, no estado do Paraná. Os "auroristas" fazem questão de frisar que Rutherford fundou a seita "Testemunhas de Jeová", e não o "pastor" Russell.[10]

[10] V. a *home page* <http://www.dawnbible.com/pt/index.html>. Acesso em: 11/9/2009. V. tb. <http://indicetj.com/aurora-pastorrussel.htm>. Acesso em: 11/9/2009.

Na sua gestão, foi criada a revista *The Golden Age* [A Idade de Ouro], em 1919, conhecida hoje como *Despertai!*. Foi dele a iniciativa de proibir a comemoração de aniversários natalícios, do Natal, a participação no serviço militar e o uso de vacinas, em 1931, todos vistos como atos de rebeldia contra Deus.[11] Destacou-se também por ensinar que Jesus Cristo não morrera numa cruz, mas numa "estaca de tortura" (v. o cap. 3, *Lucas 23.26*). Foi sua ideia também dividir, em 1935, os testemunhas de Jeová em dois grupos: os 144 mil ungidos, que irão para o céu, e a grande multidão, que viverá na terra (v. o cap. 7). Foi ele quem enviou os adeptos a trabalhar de casa em casa, intensificando a obra proselitista da seita. Ele também cunhou o termo "salão do reino" (local de reunião). Rutherford foi bastante prolífico. Entre os livros que escreveu, destacam-se *Criação* (1927), *Jeová* (1934), *Riquezas* (1936), *Inimigos* (1937), *Religião* (1940), *Filhos* (1941), além de centenas de livretes.[12]

Mesmo depois de um período conturbado para reafirmar seu poder e dos fracassos de suas falsas profecias, Rutherford contribuiu muito para o crescimento da seita, dando-lhe até mesmo o nome atual. Ele morreu em 8 de fevereiro de 1942, aos 72 anos, na mansão destinada aos "príncipes".

Nathan Homer Knorr

Com a morte de Rutherford, Nathan Homer Knorr assumiu a presidência da Watch Tower. Ele nasceu em Bethlehem, Pensilvânia, EUA, em 23 de abril de 1905. Aos 16 anos, associou-se a uma congregação dos russellitas/rutherforditas. Em 1922, dissociou-se da Igreja reformada, batizando-se na seita no ano seguinte em 4 de julho, aos 18 anos.

Até a era rutherfordita, os testemunhas de Jeová eram governados por uma única pessoa. Após a morte de Rutherford, contudo, o poder de um

[11] **The Golden Age**, de 4/2/1931, p. 293, apud Esequias Soares da SILVA, op. cit., p. 377. Sobre as outras proibições, v. o Apêndice 1: "Tira-dúvidas".

[12] Esses livros de Joseph Franklin Rutherford e muitos outros, incluindo o *Milhões que agora vivem jamais morrerão*, podem ser lidos e baixados na internet. Acesse o *site* <http://www.bibliotecatj.org/downloads.php>.

só homem deu lugar, aos poucos, a um corpo diretivo, conhecido como "Corpo Governante".[13] As publicações da organização traziam o nome do escritor, no caso Russell e Rutherford. Mas, sob o comando de Knorr, elas passaram a ser assinadas pela própria sociedade jurídica.

Knorr e seus associados preocuparam-se em aumentar em grande escala a produção de literatura do grupo e o alcance da obra missionária, criando em 1943 a Escola Bíblica de Gileade da Torre de Vigia (espécie de seminário). No campo da literatura, criou-se a *Tradução do Novo Mundo* (v. o cap. 3). Foram proibidas as transfusões de sangue, em 1945, e o uso de tabaco, em 1973. Em 1952, foi revogada a proibição das vacinas (imposta por Rutherford); mas em 1967 os transplantes de órgãos foram proibidos, vistos como canibalismo.[14]

Seguindo o mesmo curso de seus predecessores, Nathan Knorr também navegou e afundou nas águas das profecias. Dessa vez, o Armagedom e o início do reinado milenar de Cristo foram agendados para 1975. Por que essa data? Por duas razões.

Primeira: Os testemunhas de Jeová ainda acreditam que cada dia da Criação de Gênesis teria durado 7.000 anos. Depois da criação de Adão e, com isso, o fim do sexto "dia", começou a contagem regressiva do sétimo dia, que também teria a duração de 7.000 anos. A cronologia dos testemunhas de Jeová afirma que Adão foi criado no ano 4026 A.E.C.[15] Isso equivalia a dizer que a humanidade completaria 6.000 anos de existência em 1975; faltaria então mais 1.000 anos para o fim do sétimo dia. Esses 1.000 anos restantes seriam o Milênio ou o início do reinado de Cristo sobre a terra.[16]

[13] V. o capítulo 3 para mais informações sobre o Corpo Governante.

[14] **A Sentinela**, de 1º/6/1968, p. 349, e **Despertai!**, 8/12/1968, p. 22.

[15] Os testemunhas de Jeová não usam a sigla "a.C." (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo), mas A.E.C. (antes da era comum) e E.C. (era comum), respectivamente.

[16] **A Sentinela**, 1º/11/1968, p. 659-660; **A Sentinela**, 15/2/1969, p. 110, 115; **Despertai!**, 22/4/1969, p. 13-14; **A Sentinela**, 15/9/1979, p. 552; **Nosso ministério do reino**, julho de 1974, p. 3-4; **A Sentinela**, 1º/1/1989, p. 12.

Segunda: Eles acreditam que Jesus foi entronizado no céu em 1914; nesse mesmo ano, começaram os "últimos dias" deste mundo. E quanto tempo esses "últimos dias" durariam? O tempo exato de uma "geração" (Mateus 24.36). E quanto tempo duraria essa "geração"? No máximo, oitenta anos (Salmos 90.10). Mas não bastaria somar 1914 + 80, pois essa "geração" não seria composta pelos que *nasceram* em 1914, mas sim pelos que *viram* os acontecimentos daquele ano e poderiam discerni-los como o tempo do fim. Assim, a *Despertai!* de 22 de abril de 1969, p. 13-14, fixou uma data para determinar o início da geração de 1914: "Até se presumirmos que os *jovens de 15 anos* teriam suficiente percepção mental para discernir a importância do que aconteceu em 1914, isso ainda faria com que os mais jovens 'desta geração' tivessem quase 70 anos atualmente". Ora, isso levaria ao ano 1900 aproximadamente. Assim, somando 70 ou 80 anos além, a "geração" que veria o fim deste sistema de coisas e o início do Milênio só poderia viver entre 1970 e 1980. Agora, era só esperar.

Apesar das expectativas, 1975 veio e passou; nada de Armagedom nem do início do reino milenar de Cristo. Outro fiasco profético no currículo da seita que pretende ser a restauração do cristianismo primitivo. Contudo, atribui-se esse fracasso não a Knorr, mas a Frederick William Franz, seu vice-presidente, reputado como "eminente erudito bíblico" da organização.[17] (V. a explicação de Franz para esse malogro profético no subtítulo seguinte.)

Por falar em fracasso profético, Nathan Knorr, em 1950, num congresso internacional da seita, anulou o ensinamento de Rutherford de que "os príncipes" de Isaías 32.1,2 (entre os quais patriarcas e profetas do Antigo Testamento) ressuscitariam a qualquer momento a fim de governar a terra. E quanto à mansão (Bete-Sarim) construída para abrigar os "príncipes"? Foi vendida em 1947.

Nathan Knorr morreu em 8 de junho de 1977 por causa de um tumor cerebral.

[17] **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, p. 109.

Frederick William Franz

Morrendo Knorr, Frederick William Franz, o "eminente erudito bíblico", tornou-se o quarto presidente da Watch Tower em 22 de junho de 1977.

Franz nasceu em Covington, Kentuchy, EUA, em 12 de setembro de 1893. Membro da Igreja presbiteriana, decidiu tornar-se pastor. Entretanto, assim como Rutherford, leu os escritos de Russell, *Estudos das Escrituras*. Maravilhado com a "erudição" do pastor Russell, Franz desligou-se da sua igreja e se tornou um russellita.

Na sua gestão, ele aboliu a proibição dos transplantes de órgãos, que perdurou de 1967 a 1980, mantendo ainda a das transfusões de sangue, embora reconhecesse que, em essência, a transfusão de sangue fosse uma espécie de transplante de órgãos.[18]

Em 1980, a presidência de Franz foi grandemente abalada. Seu sobrinho, Raymond Franz, desligou-se do poderosíssimo Corpo Governante (v. o cap. 3), do qual fora membro desde 1971. Isso debilitou a seita, criando grande rebuliço. Raymond Franz militou sessenta anos como testemunha de Jeová. Alguns anos depois de romper com o grupo, escreveu o livro *Crise de consciência* (2002), por meio do qual o mundo tomou conhecimento dos bastidores dessa seita, pois Raymond revelou como os adeptos do grupo são manipulados. Os testemunhas de Jeová não foram mais os mesmos desde a publicação dessa obra.

Coube a Franz a tarefa de explicar à revista *Time*, de 11 de julho de 1977, o porquê do fracasso da pseudoprofecia de 1975. Franz declarou que os cálculos estavam corretos, havendo apenas um único equívoco: 1975 não marcaria os 6.000 anos da criação da humanidade, mas apenas de Adão; a humanidade começou de fato na criação de Eva. Afinal, Adão não poderia começar a humanidade sozinho! E quanto tempo depois Eva foi criada? Não se sabe. Estaríamos vivendo no intervalo em que

[18] **As Testemunhas de Jeová e a questão do sangue**, 1977, p. 42.

Adão esteve sozinho no paraíso terrestre. Tomando 2010 como ponto de partida, isso quer dizer que Adão esteve sozinho no paraíso por pelo menos trinta e cinco anos! Entretanto, essa explicação de Franz revelou-se uma mentira, pois na revista *A Sentinela*, de 1º de novembro de 1968, p. 659, afirmou o seguinte: "Visto que o propósito de Jeová para o homem também era que este se multiplicasse e enchesse a terra, é lógico que criara Eva *pouco depois* de Adão, talvez apenas algumas semanas ou meses mais tarde, no *mesmo ano*, *4026* A.E.C.". Essa informação é confirmada meses depois pela revista *Despertai!* de 22 de abril de 1969, p. 14: "Segundo fidedigna cronologia bíblica, *Adão e Eva foram criados em 4026 A.E.C.*". O resultado saiu pior que a encomenda!

Apesar do evidente malogro, Franz persistiu no erro dos que o precederam, remarcando outras datas e gerando entre os testemunhas de Jeová mais expectativas falsas. A diferença é que, depois de 1975, ele se mostrou mais astuto. De forma sutil, direcionou o Armagedom e o início do reinado milenar de Cristo para o início da década de 1980 e depois para 1994. Para isso, ele e os demais líderes mundiais da seita (o Corpo Governante) especularam mais uma vez sobre a palavra "geração" de Mateus 34.36. Acompanhe com paciência esse emaranhado.

Como vimos no subtítulo anterior, acreditava-se que a "geração" de 1914 era composta dos que *viram* e poderiam *discernir* os acontecimentos daquele ano. Até a edição de 22 de dezembro de 1986, a revista *Despertai!* trazia a seguinte nota informativa: "Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador sobre uma nova ordem pacífica e segura antes que a *geração que viu* os acontecimentos de 1914 E.C. desapareça".[19] Entretanto, a partir de janeiro de 1987 essa nota desapareceu da *Despertai!*, pois, afinal, a geração que só poderia durar oitenta anos já havia passado sete anos do tempo regulamentar. Mas, num gesto inesperado, essa nota voltou na edição

[19] Cf. tb. **A Sentinela**, 15/1/1979, p. 32; **A Sentinela**, 15/4/1981, p. 31; **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, 1983, p. 154.

de 8 de março de 1988 da *Despertai!*, reafirmando a "confiança na promessa do Criador sobre um novo mundo pacífico e seguro, antes que desapareça *a geração que viu os acontecimentos de 1914*". Por que reeditar a nota, se a geração que viu os acontecimentos já havia desaparecido? Após a reedição da nota, o Corpo Governante lançou na *Despertai!* de 8 de abril de 1988 seu mais novo conceito sobre a palavra "geração", ancorando-se nas obras *The New International Dictionary of New Testament Theology* e *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, que apresentam várias definições da palavra grega *genéa*. Eis a conclusão do Corpo Governante:

> Tais definições permitem abranger *todos aqueles que nasceram* por volta da época dum acontecimento histórico e *todos os que estavam vivos* na ocasião. [...] a maior parte da geração de 1914 já desapareceu. Todavia, há ainda milhões de pessoas na terra que *nasceram* naquele ano ou antes disso. [...] Esse é mais um motivo para se crer que o dia de Jeová, que virá como ladrão, *está iminente*".[20]

Com essa nova interpretação, que agora passa a abranger os que *nasceram* em 1914 ou *por volta dessa época*, basta fazer as contas: 1914 + 80 = 1994. Que esse evento era esperado para aquele ano ou poucos anos depois, pode ser deduzido de *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1989: "O apóstolo Paulo servia de ponta de lança na atividade missionária cristã. Ele também lançava o alicerce para uma obra que seria *terminada em nosso século 20*".[21] Ora, se a pregação dos testemunhas de Jeová seria concluída no "século XX", então o Armagedom e o Milênio se aproximavam rapidamente. Franz, porém, não viveu o suficiente para presenciar outro fracasso profético. Ele morreu em 22 de dezembro de 1992, aos 99 anos. Coube a seu sucessor sair desse emaranhado vaticinador. De que modo? Acompanhe.

[20] P. 14.
[21] P. 12.

Milton George Henschel

Após a morte de Frederick Franz, Milton Henschel, nascido em 9 de agosto de 1920, foi eleito o quinto presidente da Watch Tower.

A fim de resolver o fiasco profético envolvendo a "geração de 1914", Henschel e os demais membros do Corpo Governante decidiram não mais se arriscar. Sepultaram de vez suas especulações sobre a duração dessa geração, pois, afinal, não é de bom tom que "a restauração do cristianismo primitivo" tenha um currículo tão vasto de falsas profecias! Essa foi a saída para evitar novos cálculos proféticos infundados e, em consequência disso, mais constrangimentos. Mas antes de apresentar essa mudança radical, além de outras, o Corpo Governante preparou o espírito dos testemunhas de Jeová por meio de *A Sentinela* de 15 de maio de 1995, p. 10-26, sob o sugestivo título "Lampejos de luz". Assim, a revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 1995 descartou Salmos 90.10 como regra para estabelecer o tempo exato de uma geração. Veja:

> O povo de Jeová, ansioso de ver o fim deste sistema iníquo, às vezes tem especulado sobre quando irromperia a "grande tribulação", até mesmo relacionando isso com cálculos sobre a duração da vida duma geração desde 1914. No entanto, "introduzimos um coração de sabedoria", não por especular sobre quantos anos ou dias constituem uma geração, mas por refletir como "contamos os nossos dias" em dar alegre louvor a Jeová. [...] Em vez de estabelecer uma regra para a medição do tempo, *o termo "geração"*, conforme usado por Jesus, *refere-se principalmente a pessoas contemporâneas dum certo período histórico, com as características identificadoras delas*. [...] Será que adianta alguma coisa procurar datas ou especular sobre a duração literal da vida duma "geração"? Longe disso! [...] Portanto, hoje, no cumprimento final da profecia de Jesus, *"esta geração" parece referir-se aos povos da terra que veem o sinal da presença de Cristo, mas que não se corrigem.*[22]

[22] P. 17, 19-20, parágrafos 7-8 e 12.

Tendo em vista essa "nova luz" ou esse "novo entendimento", o Corpo Governante dos testemunhas de Jeová mexeu mais uma vez na nota informativa da revista *Despertai!* Até a edição de 22 de outubro de 1995, a redação era esta: "Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, *antes que passe a geração que viu os acontecimentos de 1914*". A partir da *Despertai!* de 8 de novembro de 1995, a redação passou a ser: "Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, *prestes a substituir o atual sistema de coisas perverso e anárquico*".

O leitor, porém, não se deve enganar e pensar que os testemunhas de Jeová abandonaram de vez sua fome de profecias e de se alimentar com a expectativa da proximidade do Armagedom e da instauração do reino de Deus na terra, pois a mesma *A Sentinela* de 1º de novembro de 1995, que havia apresentado o novo conceito sobre a geração de 1914, declarou:

> [...] Será que nosso ponto de vista mais preciso sobre "esta geração" significa que o Armagedom está ainda mais longe do que pensávamos? *De forma alguma!* Embora nunca soubéssemos "o dia e a hora", Jeová Deus sempre os soube, e ele não muda.[23]

Assim, a expectativa da iminência do Armagedom continua, e milhões de testemunhas de Jeová proclamam de casa em casa uma mensagem fadada mais uma vez ao fracasso. Bernard Shaw disse com precisão: "Errar é humano, mas, quando a borracha acaba antes do lápis, estamos passando um pouco dos limites".

Além dessa mudança doutrinária envolvendo a geração de 1914, outras mudanças foram efetuadas. Por exemplo, acreditava-se que Jesus, desde 1914 (e especialmente desde 1935), estaria julgando a humanidade, separando-as em "ovelhas" e "cabritos", em cumprimento de Mateus

[23] P. 20.

25.31-46. Essa separação era feita mediante o serviço de pregação dos adeptos da seita.[24] Contudo, *A Sentinela* de 15 de outubro de 1995 informa que houve um "refinamento" ou um "entendimento mais profundo da parábola", ou seja, Jesus não está mais separando as "ovelhas" dos "cabritos", pois "o julgamento das ovelhas e dos cabritos é futuro".[25]

No campo organizacional, foi inaugurado em maio de 1999 o Centro Educacional da Torre de Vigia em Patterson, Nova York; trata-se de um conjunto de 28 prédios. Além da Escola Bíblica de Gileade, há diversas outras escolas para atender às necessidades educacionais da seita, sem contar os diversos departamentos: de arte, informática etc., responsáveis pela produção de todo o material didático do grupo.

Henschel deixou a presidência em 7 de outubro de 2000, ano em que houve uma reorganização na liderança do grupo. Don A. Adams (1925-), ex-membro da Igreja episcopal, assumiu a presidência da Watch Tower. Até Henschel, somente um membro do Corpo Governante poderia assumir a presidência da entidade jurídica que comanda os negócios de toda a organização. A partir daquela data, o Corpo Governante só exerceria a liderança espiritual do grupo. É o fim da era de um presidente corporativo e espiritual. Henschel morreu em 22 de março de 2003.

Os testemunhas de Jeová no Brasil e no mundo

No Brasil, a história dos testemunhas de Jeová remonta à década de 1920, quando oito marinheiros trouxeram o que haviam aprendido no exterior. Logo em seguida, foram enviados missionários para dar continuidade às atividades em solo brasileiro.[26] Atualmente, estão presentes em todo o território nacional, com aproximadamente 700 mil adeptos.[27]

[24] Cf. **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, 1989, p. 183; **A Sentinela** 1º/9/1989, p. 19; **A Sentinela** 1º/8/1991, p. 11.

[25] Cf. p. 18-22.

[26] **Anuário das Testemunhas de Jeová de 1974**, p. 34.

[27] Disponível em <http://www.watchtower.org/e/statistics/worldwide_ report.htm>. Acesso em: 11/9/2009. Dados oficiais.

Há mais de 7 milhões de membros no mundo, distribuídos em mais de 230 países.[28] Por causa de seu intenso trabalho proselitista, em muitos lugares a seita possui razoável taxa de crescimento. Em seu principal evento anual, a Refeição Noturna do Senhor — na qual celebram a morte de Cristo —, a assistência mundial ultrapassa o dobro de seus seguidores, o que torna aqueles que visitam seus salões do reino (locais de reunião) adeptos em potencial (as estatísticas oficiais de agosto de 2008 indicam uma assistência de 17.790.631 pessoas; no Brasil, a cifra atingiu 1.646.123).[29]

Muitos testemunhas de Jeová são egressos de igrejas cristãs (a começar do fundador, Charles Russell, e seus sucessores), embora não seja possível indicar uma porcentagem segura por falta de estatísticas e de uma pesquisa séria focada nesse aspecto. Normalmente, os desertores são cristãos nominais, pouco conhecedores dos fundamentos da fé cristã. Não é de admirar que os testemunhas de Jeová consigam arrebanhar os incautos de agremiações cristãs, pois estes, por causa da mornidão espiritual e da falta de genuína conversão, cedem com facilidade ao proselitismo aguerrido dos testemunhas de Jeová e de sua habilidade de torcer as Escrituras (v. 1João 2.19).

A sede mundial da seita fica no Brooklyn, Nova York. De lá, o Corpo Governante — um colegiado de homens — comanda "espiritualmente" a organização, servindo-se das mais de 110 filiais e congêneres da Sociedade Torre de Vigia dos EUA espalhadas pelo mundo. A filial brasileira situa-se em Cesário Lange, no estado de São Paulo. No Brasil, a designação "Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados" era o nome da entidade jurídica mantida pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York Inc. Tendo em vista a reestruturação administrativa da gestão de Don Adams, algumas sociedades jurídicas usadas pela seita passaram por mudanças significativas, levando-se em conta as leis locais onde as

[28] Disponível em <http://www.jw-media.org/people/statistics.htm>. Acesso em: 11/9/2009. Dados oficiais.

[29] Disponíveis em <http://www.watchtower.org/e/statistics/worldwide_ report.htm> e em <http://www.jw-media.org/people/statistics.htm>. Acesso em: 11/9/2009.

filiais estão localizadas.[30] Aqui, foram criados os seguintes nomes de representação legal da mantenedora:

- Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados
- Associação das Testemunhas Cristãs de Jeová
- Associação Beneficente das Testemunhas de Jeová
- Associação Bíblica e Cultural das Testemunhas de Jeová

Apesar dessa alteração organizacional, em alguns lugares manteremos neste livro o nome "Sociedade Torre de Vigia" ou simplesmente "Torre de Vigia" tendo em vista a mantenedora americana e a familiaridade da expressão, sem contar o fato de que os livros aqui citados foram publicados com o antigo nome dessa entidade jurídica.

A *home page* oficial da seita é www.watchtower.org, e pode ser acessado em quase 400 idiomas.

O poderio editorial dos testemunhas de Jeová

Por meio da Torre de Vigia, os testemunhas de Jeová destacam-se no campo editorial religioso como grandes produtores de publicações. A sede mundial ocupa uma área de oito quarteirões. De sua gráfica, mais de 15 mil toneladas de publicações são despachadas anualmente para todo o mundo. Contando com mais de 110 filiais e congêneres espalhadas mundo afora, a Torre de Vigia imprime milhões de publicações, entre livros, revistas, folhetos, brochuras etc., em mais de 480 idiomas.

Sem dúvida, a página impressa tem ajudado os testemunhas de Jeová a difundir suas doutrinas antibíblicas. Quem nunca ouviu falar das revistas *A Sentinela* e *Despertai!*? A tiragem quinzenal de *A Sentinela* é de mais de 37 milhões de exemplares, distribuídos em mais de 170 idiomas; a partir de 2008, ela passou a ter uma edição para o público em geral e outra edição de estudo (exclusiva dos testemunhas de Jeová e de seus

[30] Cf. **A Sentinela**, 1º/11/2001, p. 28-29.

prosélitos). A *Despertai!* é publicada mensalmente, e sua tiragem ultrapassa 36 milhões de exemplares, em mais de 80 idiomas. Uma de suas publicações, *A verdade que conduz à vida eterna*, lançada em maio de 1968, figurou no *Guinness Book* (o livro dos recordes). Na edição de 1994 (p. 193), declara-se que esse livro já atingira a cifra dos 107.619.787 exemplares em 117 idiomas, sendo o livro de maior circulação mundial por canais não comerciais.

Até a segunda quinzena de 2008, quase 160 milhões de exemplares da *Tradução do Novo Mundo*, a versão tendenciosa da Bíblia dos testemunhas de Jeová (v. o cap. 3), foram produzidos para distribuição, inteira ou em parte, em mais de 70 idiomas. Essa versão, assim como outras publicações, também é oferecida em vários formatos, como braile, CD-ROM, DVD em Libra (Língua Brasileira de Sinais) e *on-line*, sem contar o investimento em música, em literatura para deficientes visuais etc. Desde 1990, a Torre de Vigia já produziu dezenas de vídeos, em mais de 40 idiomas, além de vídeos na linguagem de sinais para os deficientes auditivos. É possível também baixar da internet literatura em MP3 e outros formatos.

O PERIGO DE SEGUIR FALSOS PROFETAS

Antes da falsa profecia de 1975, que já analisamos, *A Sentinela* de 1º de outubro de 1972 perguntou o seguinte: "Portanto, tem Deus algum profeta para ajudá-las [as testemunhas de Jeová], para adverti-las dos perigos e para declarar-lhes coisas futuras?". A resposta foi:

> A estas perguntas pode-se responder na afirmativa. *Quem é este profeta?* [...] Este "profeta" não era um só homem, mas um grupo de homens e mulheres. Era o grupo pequeno dos seguidores das pisadas de Jesus Cristo, conhecidos naquele tempo como Estudantes Internacionais da Bíblia. *Hoje são conhecidos como testemunhas cristãs de Jeová.*[31]

[31] P. 581.

É mais do que evidente que os testemunhas de Jeová veem a si mesmos como verdadeiros profetas de Deus. Eles nunca negaram isso. Entretanto, o relato histórico de Charles Russell até os dias atuais revela que desde o início os testemunhas de Jeová foram dirigidos por falsos profetas. E uma organização religiosa dirigida por falsos profetas não pode ser levada a sério na sua afirmação de ser a restauração do cristianismo primitivo. Quem ousaria confiar sua vida eterna a uma seita instável doutrinariamente, que muda seus ensinamentos como quem troca de roupa? Nenhuma de suas profecias se cumpriu. O que era "verdade" ontem, não o é mais hoje. E o que é "verdade" hoje, talvez não o seja mais amanhã. Os quase cento e cinquenta anos de existência da seita podem ser definidos como *A era das incertezas e das intermináveis contradições.*

A fim de escapar da pecha de "falsos profetas", a seita recorre aos seguintes subterfúgios:

> As Testemunhas de Jeová *não professam ser profetas inspirados. Cometeram enganos.* Como no caso dos apóstolos de Jesus Cristo, *tiveram às vezes expectativas erradas.* — Luc. 19:11; Atos 1:6. [...] É verdade que as Testemunhas de Jeová *cometeram erros de entendimento*, sobre o que ocorreria no fim de certos períodos de tempo, mas não cometeram o erro de perder a fé ou de cessar de ficar vigilantes quanto ao cumprimento dos propósitos de Jeová. [...] Os assuntos em que foram necessárias correções de ponto de vista têm sido relativamente *mínimos* em comparação com as verdades bíblicas vitais que discerniram e publicaram.[32]

A tática é simples:

1. Reconhecem que são profetas, mas não "inspirados", ou seja, não falam em nome de Jeová.

[32] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 162.

2. Justificam seus "enganos" (as falsas profecias e as mudanças doutrinárias constantes) apelando às "expectativas erradas" dos apóstolos e, com isso, esforçam-se por minimizar a gravidade das suas falsas profecias, afirmando que o importante são as "verdades bíblicas vitais que discerniram e publicaram".

Vamos analisar essas conclusões.

1. Profetas, mas não "inspirados"

Os testemunhas de Jeová definem "falsos profetas" assim:

> Indivíduos e organizações que proclamam *mensagens que atribuem a uma fonte sobre-humana*, que, porém, não se originam do verdadeiro Deus e não estão em harmonia com a sua vontade revelada.[33]

O verdadeiro profeta e o falso atribuem suas mensagens a uma fonte *sobre-humana.* A diferença é que a mensagem de um profeta "inspirado" por Deus deveria se originar no verdadeiro Deus; o profeta verdadeiro fala em nome de Jeová, pois é usado por meio dele para revelar suas verdades e sua vontade, ao passo que a mensagem do falso profeta não vem de Deus. Como já vimos, a seita diz que Deus tem um profeta; esse profeta é um grupo; e esse grupo são as "testemunhas cristãs de Jeová". A questão é: Será verdade que não se veem como profetas "inspirados"? As evidências indicam que a seita está mentindo.

Os testemunhas de Jeová se consideram a "única religião verdadeira", por meio da qual a vontade de Deus e seus propósitos são conhecidos. Seus líderes mundiais, o Corpo Governante, são conhecidos como "canal de comunicação de Jeová" (v. o cap. 3). Ora, "canal" vem do latim *canális*, um veículo (tubo, cano) por meio do qual algo é transmitido. O termo não foi escolhido por acaso. *A Sentinela* de 15 de dezembro de 1964 afirma:

[33] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 158.

> Assim como Jeová *revelou suas verdades* por meio da congregação cristã do primeiro século, assim também ele o faz, atualmente, por meio da atual congregação cristã. Por meio desta agência, faz com que se cumpra o *profetizar* em escala intensificada e sem paralelo. Toda esta atividade não é feita por acaso. *Jeová é quem está por trás de toda ela.*[34]

Como alguém pode afirmar de forma categórica que Jeová lhe "revelou suas verdades" e que é ele quem está "por trás" de sua atividade de "profetizar" por meio de seu "canal de comunicação" e ao mesmo tempo sustentar que não é "inspirado" por Deus? Que sejam coerentes em suas palavras; aliás, elas não deixam margem para dúvidas quanto às suas pretensões de profetas "inspirados" por meio dos quais Deus "ainda está falando":

> Deus falou ao seu povo por intermédio de Moisés e de outros profetas. Depois, Jeová falou-lhe por meio do seu Filho, Jesus Cristo (Hebreus 1:1,2). Atualmente, nós temos a completa Palavra inspirada de Deus, a Bíblia Sagrada. *Temos também o "escravo fiel e discreto", designado por Jeová para fornecer o espiritual "alimento no tempo apropriado"* (Mateus 24:45-47). De modo que *Deus ainda está falando.*[35]

Ora, se "Deus ainda está *falando*", e se ele o faz por meio da seita Testemunhas de Jeová, que vê a si mesma como um profeta de Deus e seu "escravo fiel e discreto", cujo porta-voz é o Corpo Governante, então esse grupo vê a si mesmo como inspirado. A conclusão é óbvia! Não resta dúvida de que os maiores inimigos dos testemunhas de Jeová são suas próprias publicações.

2. "Expectativas erradas" dos apóstolos

Os testemunhas de Jeová comparam sua vasta lista de falsas profecias com o que chamam de "expectativas erradas" dos apóstolos. Algo

[34] P. 749.

[35] **A Sentinela**, 15/7/1998, p. 12.

do tipo: "Se aconteceu com eles, pode acontecer conosco, sem que, com isso, sejamos vistos como falsos profetas". Contudo, essa comparação é indevida, pois tudo o que os apóstolos e profetas previram cumpriu-se. Isso, aliás, concorda com o que dizem os testemunhas de Jeová: "[...] Ó que os profetas verdadeiros predizem *acontece*, mas podem não entender exatamente quando e como sucederá".[36] Já com os testemunhas de Jeová sempre se deu o contrário: o que profetizaram *nunca aconteceu*, e isso é inegável.

Para que não restem dúvidas acerca da gigantesca diferença entre a atividade profética dos testemunhas de Jeová com a dos profetas e dos apóstolos, vamos analisar e refutar as passagens bíblicas apontadas pela seita[37] a fim de justificar os "enganos" e "erros" que o grupo cometeu:

Daniel 12.8,9 (NM)

> Ora, quanto a mim, ouvi, mas não pude entender; de modo que eu disse: "Ó meu senhor, qual será a parte final destas coisas".

O caso de Daniel não é de falsa profecia, mas de ter recebido o suficiente para registrar, e nada mais que isso. Ele queria saber "a parte final" ou o resultado de tudo o que ouviu. O anjo lhe disse que somente no "tempo do fim" a visão seria revelada por aquele que é "Revelador de segredos" (Daniel 2.47, *NM*). Caberia a Daniel se contentar com o que recebeu, sem especular o desfecho dos acontecimentos e em que tempo ou época eles ocorreriam. A falta da informação solicitada não levou Daniel a publicar especulações e levar outros a "expectativas erradas".

1Pedro 1.10-12 (NM)

> Acerca desta mesma salvação, fizeram diligente indagação e cuidadosa pesquisa os profetas que profetizaram a respeito da benignidade imerecida que vos era destinada. Eles investigaram que época específica

[36] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 160.

[37] Ibid. Não será seguida a ordem empregada pelo livro.

> ou que sorte de [época] o espírito neles indicava a respeito de Cristo, quando de antemão dava testemunho dos sofrimentos por Cristo e das glórias que os seguiriam. Foi-lhes revelado que não era para eles, mas para vós, que ministravam as coisas que agora vos foram anunciadas por intermédio dos que vos declararam as boas novas com o espírito santo enviado desde o céu.

O apóstolo Pedro não declara que os profetas tiveram expectativas erradas. Simplesmente afirma que eles profetizaram acerca do Messias e da salvação que ele traria; eles estavam ministrando não para si, mas para os ouvintes de Pedro e seus contemporâneos. Os profetas previram a vinda de Jesus, mas não o viram pessoalmente. Pedro e os demais que viram o Senhor confirmaram as palavras dos profetas, continuaram a obra iniciada por eles, pregando e expandindo a *mesma mensagem imutável*: a salvação viria por meio do escolhido de Deus, o Messias. Esse quadro é muito diferente dos líderes dos testemunhas de Jeová, que viviam contradizendo seus predecessores.

Atos 1.6,7; Lucas 19.11 (NM)

> Tendo-se eles então reunido, perguntavam-lhe: "Senhor, é neste tempo que restabeleces o reino a Israel?" Disse-lhes ele: "Não vos cabe obter conhecimento dos tempos ou das épocas que o Pai tem colocado sob a sua própria jurisdição.
>
> [...] eles estavam imaginando que o reino de Deus ia apresentar-se instantaneamente.

Os apóstolos, assim como toda a nação judaica, tinham a expectativa de que a vinda do Messias restabeleceria o reino de Israel. Eles não criaram essa expectativa; ela fazia parte de seu contexto. Sendo parte do povo de Deus, aguardavam a mesma coisa que eles: o triunfo de Israel junto aos seus inimigos. Interessante é que Jesus não os censurou por essa expectativa. Ele não lhes disse que o que esperavam era errado. Simplesmente lhes

disse que o tempo de isso acontecer estava sob os cuidados do Pai. Ao que tudo indica, não houve da parte deles nenhuma expectativa errada. Nenhum dos apóstolos agiu como os líderes dos testemunhas de Jeová.

João 21.22,23 (NM)

> Concordemente, quando o avistou, Pedro disse a Jesus: "Senhor, este [homem fará] o quê? Jesus disse-lhe: "Se for a minha vontade que ele permaneça até eu vir, de que preocupação é isso para ti? Continua tu a seguir-me". Em consequência, difundia-se esta palavra entre os irmãos, que esse discípulo não ia morrer. No entanto, Jesus não lhes disse que não ia morrer, mas: "Se for a minha vontade que ele permaneça até eu vir, de que preocupação é isso para ti?".

Esse, sim, é um caso de "expectativa errada", mas não generalizada, pois o próprio apóstolo João esclarece as palavras de Jesus e desfaz o mal-entendido causado por suas palavras. Logo, esse apóstolo não partilhava dessa expectativa.

Eis o que aconteceu: Jesus chama Pedro e o convida para apascentar o seu rebanho (v. 15-17). Nos versículos 18 e 19, Jesus profetiza a morte de Pedro. Este, por sua vez, avistando João, perguntou o que aconteceria a ele. Jesus lhe diz que não é preciso se preocupar com isso: "Se for a minha vontade que ele permaneça *até eu vir*, de que preocupação é isso para ti?". Os discípulos interpretaram isso como se Jesus estivesse dizendo que João não morreria. Por quê? Simplesmente porque Jesus falou que se fosse da vontade dele era possível que João estivesse vivo até a sua segunda vinda, e os discípulos do século I viviam como se Jesus fosse voltar logo (Hebreus 10.37; Tiago 5.8; Filipenses 4.5; 1Tessalonicenses 4.15; 1Pedro 4.7; Apocalipse 3.11,20). O equívoco, porém, foi logo corrigido. O evangelista registrou o mal-entendido a fim de que o equívoco não se espalhasse. Mas isso não tem nada que ver com as falsas profecias dos testemunhas de Jeová. Seus líderes fabricaram profecias, anunciaram-nas e esperavam que todo o grupo recebesse tais palavras proféticas como vindas de Jeová.

João 16.12 (NM)

> Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não sois atualmente capazes de suportá-las.

Essa passagem não pode justificar falsas profecias e contradições doutrinárias. A única coisa que Jesus está dizendo é que os discípulos não estavam preparados para ouvir determinadas coisas naquele momento, mas que, com a vinda do Espírito Santo (João 14.17; 15.26), o amadurecimento necessário lhes permitiria alcançar a profundidade das revelações adicionais (João 16.13). Aos poucos, o Espírito Santo revelou aos discípulos coisas novas. Dois casos em especial merecem destaque:

1. *Judeus* versus *gentios*. Os judeus mantinham uma atitude inamistosa para com os gentios (não judeus), crendo que estes eram indignos de ser povo de Deus. No início, a comunidade cristã era formada por judeus e seus prosélitos. Essa mentalidade exclusivista ainda impregnava a mente dos primeiros discípulos. Contudo, a começar pelo apóstolo Pedro, o Espírito Santo foi preparando os discípulos judeus para formar com os gentios "um novo homem", uma nova comunidade: o Israel de Deus (leia Atos 10—11; v. Efésios 2.11-22).
2. *Circuncisão*. Deus havia firmado uma aliança com Abraão: ele e seus descendentes masculinos deveriam ser circuncidados. A incircuncisão era tratada com desprezo; os gentios eram chamados pejorativamente de "incircuncisos". Entre os primeiros cristãos — judeus que aceitaram Jesus como o Messias —, esperava-se que os gentios, que quisessem se submeter ao Messias, também fossem circuncidados e guardassem a Lei de Moisés; sem esse compromisso, eles não poderiam ser salvos. A questão tomou proporções gigantescas, e um concílio foi formado para tratar desse caso espinhoso, que poderia dividir a família de Deus em formação. Assim, o Espírito Santo entrou em ação e orientou a questão, deixando claro que os cristãos "incircuncisos" não precisariam ser circuncidados nem guardar todas as observâncias

da Lei de Moisés, pois a salvação de judeus e gentios viria pela fé em Jesus (v. Atos 15; Romanos 2.28,29).

O próprio Antigo Testamento já prefigurava a união entre judeus e gentios (Amós 9.11,12; v. Atos 15.14-18). A própria promessa de Deus a Abraão já vislumbrava essa bênção aos não judeus (Gênesis 12.3). O Espírito Santo apenas esclareceu o que os judeus demoraram a perceber nas Escrituras.

1Crônicas 17.1-4,15 (NM)

> E sucedeu que, assim que Davi começara a morar na sua própria casa, Davi passou a dizer a Natã, o profeta: "Eis que moro numa casa de cedros, mas a arca do pacto de Jeová está debaixo de panos de tenda." Então Natã disse a Davi: "Faze tudo o que estiver no teu coração, pois o [verdadeiro] Deus está contigo." E aconteceu, naquela noite, que a palavra de Deus veio a Natã, dizendo: "Vai, e tens de dizer a Davi, meu servo: 'Assim disse Jeová: Não serás tu quem me construirá uma casa para morar.'"

Os testemunhas de Jeová fazem parecer que Natã profetizou falsamente, mas que, ainda assim, continuou no agrado de Jeová. Contudo, esse não é o caso. Eis o que aconteceu: Davi expressou seu desejo de construir uma casa para a arca de Jeová. Era natural então que Natã o encorajasse a isso, pois a conversa era informal, e não profética. Ele não sabia qual era a vontade de Deus a esse respeito, pois a palavra de Jeová não havia vindo ao vidente; logo, Natã não profetizou. Então, quando Jeová revelou sua vontade a Natã, este, na qualidade de profeta, transmitiu o recado a Davi. Se as palavras da primeira conversa com Davi fossem inspiradas por Deus, certamente teriam se cumprido.

O erro dos testemunhas de Jeová consiste em confundir *profecia* com *declaração informal.* Quando seus líderes profetizaram a vinda do Armagedom e do reinado milenar de Cristo, o fizeram na qualidade de profetas de Jeová ou seu "canal de comunicação", e se revelaram "falsos profetas", pois todas as profecias fracassaram. Natã não merece ser comparado a eles.

Provérbios 4.18 (NM)

> Mas a vereda dos justos é como a luz clara que clareia mais e mais até o dia estar firmemente estabelecido.

Diante de tantas contradições de sua liderança, dificilmente os testemunhas de Jeová dirão que seus líderes ensinaram mentiras. Dirão que Jeová lançou uma "nova luz" ou "nova verdade"; a declaração anterior se torna então "luz velha" ou uma "verdade velha". Assim, em *A Sentinela* de 15 de maio de 1995, sob o título "Lampejos de luz", o Corpo Governante preparou os testemunhas de Jeová para várias mudanças doutrinárias que viriam pela frente. Essas alterações foram e ainda são recebidas como cumprimento de Provérbios 4.18.

O contexto dessa passagem, porém, não se presta a ensinar revelações progressivas de verdades divinas. O texto trata de duas veredas (caminhos): a dos justos e a dos injustos. O versículo 16 afirma que os iníquos não conseguem dormir, a menos que façam algum mal, e que eles têm insônia, a menos que façam alguém tropeçar. Desse modo, a vereda dos iníquos é como as trevas: eles "não souberam em que têm estado tropeçando" (*NM*). Em contraste, a vereda dos justos é como a luz: eles veem tudo o que pisam, seus passos não vacilam, possuem discernimento para evitar o mal. O caminho dos justos é como o amanhecer, em que as trevas vão se dissipando e ficando para trás. Assim, a vereda de Provérbios 4.18 refere-se ao proceder justo que caracteriza a vida dos que agradam a Deus. Nada tem que ver com os "lampejos de luz" do Corpo Governante, que não passam de falsas profecias e de intermináveis contradições doutrinárias.

Outra coisa a observar é que os testemunhas de Jeová não são coerentes com a sua interpretação de Provérbios 4.18. Quando há uma mudança doutrinária, é porque houve um novo "lampejo de luz"; espera-se então que a "nova verdade" subsista. Entretanto, o vaivém doutrinário sobre o *mesmo assunto* é contínuo, o que invalida a própria exegese que fazem desse texto bíblico. Por exemplo, à pergunta "Os habitantes de Sodoma serão ressuscitados?", foram dadas as seguintes respostas:

- Sim — de 1877 a 1952.[38]
- Não — de 1952 a 1965.[39]
- Sim — de 1965 a 1988.[40]
- Não — desde junho de 1988 (até quando?).[41]

Se a interpretação dos testemunhas de Jeová de Provérbios 4.18 estivesse correta, não seria possível esse quadro de contínuo vaivém. Se a vereda dos justos "clareia *mais e mais*", por que houve tantos retrocessos? Deste modo, essa variação doutrinária constante já é uma prova clara de que essa seita não pode ser a restauração do cristianismo primitivo, nem o Corpo Governante pode ser o "canal de comunicação de Jeová". Ademais, sua leitura de Provérbios 4.18 está completamente equivocada.

A última cartada da seita

Uma vez tendo suas justificativas desmanteladas, os testemunhas de Jeová apelarão finalmente para sua grande e última cartada: "Os assuntos em que foram necessárias correções de ponto de vista têm sido relativamente mínimos em comparação com *as verdades bíblicas vitais que discerniram e publicaram*".[42] Ainda que ninguém se convença de suas

[38] **The Object and Manner of Our Lord's Return**, 1877, p. 25; **Watchtower**, 7/1879, p. 7; **Studies in the Scriptures**, v. 1, "The Plan of the Ages", 1886, p. 11; **Watch Tower Reprints**, 15/11/1913, p. 5351; **His Vengeance**, 1934, p. 38. Fontes das notas 40-43: <http://logoshp.6te.net/tjsg.htm> e <http://observandoomundo.org/artigo.php?cod=41>. Acesso em: 16/9/2009.

[39] **Watchtower**, 1º/6/1952, p. 338; **Watchtower**, 1º/2/1954, p. 85; **Watchtower**, 1º/4/1955, p. 200; **Do paraíso perdido ao paraíso recuperado**, 1959, p. 236, parágrafo 6; **Watchtower**, 15/1/1960, p. 53.

[40] **A Sentinela**, 15/9/1965, p. 555, parágrafo 9; **A Sentinela**, 1º/5/1966, p. 286-287; **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, edição de 1983, p. 179, parágrafo 9; **A Sentinela** 15/2/1983, p. 26.

[41] **A Sentinela**, 1º/6/1988, p. 31; **Revelação — seu grandioso clímax está próximo**, 1988, p. 273; **Estudo perspicaz das Escrituras**, edição brasileira de 1992, v. 3, p. 619.

[42] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 162-163.

justificativas para os erros e os enganos cometidos no passado, o apelo final é para que se verifique seu corpo doutrinário, tido como "verdades bíblicas vitais". E esse apelo é o que mantém a mente de muitas pessoas aprisionadas a essa seita apocalíptica, mesmo depois de a abandonarem. É comum ouvir esse discurso de ex-testemunhas de Jeová: "Eu saí da organização porque estava sendo sufocado pelo sistema; mas não posso negar que tudo o que ela ensina é verdade". E quais são essas "verdades"? Eis algumas:

- A organização é a única religião verdadeira, a restauração do cristianismo primitivo.
- Jeová é o único Deus verdadeiro. A Trindade não é bíblica, mas uma doutrina pagã.
- Jesus é o Filho de Deus, o primeiro ser criado por Jeová; ele não faz parte de uma divindade trinitária.
- O "espírito santo" não é uma pessoa, mas a força ativa de Jeová.
- O homem não tem uma alma imortal; ele é a própria alma e é mortal.
- Não existe o inferno de fogo; quando morremos, entramos num estado de inexistência
- Apenas os 144 mil vão para o céu.

Lamentavelmente, há muitas pessoas que saem da seita Testemunhas de Jeová, mas *a seita não sai dessas pessoas*. Foram tão massificadas que não conseguem perceber que seu conjunto de crenças nada mais é que a negação do verdadeiro cristianismo. Assim, resta-nos então analisar o corpo doutrinário dessa seita para perceber que o que chamam de "verdade" não é realmente a verdade das Escrituras, mas um conjunto de interpretações errôneas sobre a Bíblia e a fé cristã.

Comecemos então analisando e refutando o discurso eclesiológico dos testemunhas de Jeová, segundo o qual a igreja da era pós-apostólica apostatou da fé, desaparecendo finalmente na era constantiniana e sendo restaurada por meio de Charles Russell.

REFUTAÇÃO DA ECLESIOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Apesar do histórico de falsas profecias e inúmeras mudanças doutrinárias, os testemunhas de Jeová acreditam que são a restauração do cristianismo primitivo. Assim, sua posição no cenário mundial depende da ideia fixa de que a igreja que Jesus fundou corrompeu-se com doutrinas pagãs e diabólicas. Essa seita, porém, não está sozinha nessa empreitada. Além dela, outros também afirmam ser a restauração da igreja primitiva, partindo do princípio de que esta apostatara, desviando-se dos ensinamentos de Cristo: Igreja adventista do sétimo dia, Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias (mórmons), A Família (Meninos de Deus), espiritismo (kardecismo), Igreja da unificação (reverendo Moon), entre outras.[43]

Partindo desse ponto, cumpre afirmar o seguinte: se ficar provado à luz da Bíblia que a igreja que Jesus fundou no século I subsiste até hoje, ou seja, não desapareceu da face da terra, nunca deixou de existir, não havendo uma apostasia geral que pudesse afastá-la de seu Fundador, cairá por terra a pretensão dos testemunhas de Jeová e desses outros grupos de serem a única igreja verdadeira. A questão é bem simples: se não houve a necessidade de restaurar a Igreja de Cristo, tampouco houve necessidade de restaurador humano que tenha recebido de Deus essa tarefa. Dessa forma, concluiremos que os que ensinam tal coisa mentem e tentam perverter as Escrituras, que atestam a indestrutibilidade da Igreja de Jesus Cristo, que é "una, santa, católica [isto é, universal] e apostólica", de acordo com os credos *apostólico* e *niceno*.

Abordaremos essa questão à luz da Bíblia sob cinco aspectos:

1. A indestrutibilidade da Igreja

Em primeiro lugar, várias passagens bíblicas podem ser citadas para mostrar a continuidade perpétua da igreja ("congregação" na terminologia dos testemunhas de Jeová) que Jesus fundou no século I. Vejamos.

[43] Para saber mais sobre esses grupos, v. o **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo**, de George MATHER e Larry NICHOLS.

Mateus 16.18

> Eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la.

A indestrutibilidade da Igreja foi garantida pelo próprio Jesus, seu fundador, que declarou ser ele mesmo o alicerce dela. Após a declaração de Pedro "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16.16b), Jesus fala de uma Igreja invencível, capaz até mesmo de vencer o "Hades" (ἅδης). Esta palavra grega é de difícil tradução. A carga semântica é vasta, e nem sempre é fácil determinar o sentido original. As traduções mais comuns são "morte" e "inferno". Seja qual for a identidade desse "Hades", o fato é que Jesus declarou que o tal não pode vencer sua Igreja. A indestrutibilidade é assegurada pelo construtor.

A leitura mais comum dessa passagem é que a Igreja é atacada pelo "Hades" e resiste à feroz investida (a posição é de defesa). Outra leitura possível é a que vê a Igreja executando uma ação ofensiva contra o "Hades". Nesse caso, o "Hades" é visto metaforicamente como tendo "portas", o que lembra uma cidade fortificada dos dias de Jesus. Se essa leitura estiver correta, a Igreja edificada por Jesus ataca o "Hades", e este, impotente diante da Igreja do Senhor, é vencido por ela.

Seja qual for a interpretação adotada (defesa ou ataque), a Igreja é e sempre será vitoriosa, pois o seu construtor é aquele que tem "as chaves da morte e do Hades" (Apocalipse 1.8). (V. tb. o item 2: "As credenciais do construtor da Igreja".)

Deduzimos então que Jesus Cristo perderia sua credibilidade se em algum momento da história da Igreja ela deixasse de existir. Das três, uma: ou ele se enganou, mentiu ou falou a verdade. O caráter de Jesus nos conduz à última opção, pois ele é "a verdade" (João 14.6).

Mateus 28.19,20

> Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.

Após ordenar aos seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações, Jesus lhes garantiu que estaria com eles "até o fim dos tempos" (afinal, ele é o nosso "Emanuel", "Deus conosco" — Mateus 1.23), o que evidencia que sua Igreja subsistiria intacta até esse período; logo, como o "fim dos tempos" ainda não ocorreu, a Igreja mantém a certeza de que Jesus Cristo, desde que fez tal promessa, continua a assisti-la de forma ininterrupta. Se estaria para "sempre", é porque sua Igreja também existiria para "sempre". Essa relação é indissolúvel.

Mateus 13.24-30,36-43

> Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: "O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: 'O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?' 'Um inimigo fez isso', respondeu ele. Os servos lhe perguntaram: 'O senhor quer que o tiremos?' Ele respondeu: 'Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderão arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até a colheita: Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro' ". [...] Então ele deixou a multidão e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se dele e pediram: " 'Explica-nos a parábola do joio no campo". Ele respondeu: "Aquele que semeou a boa semente é o Filho do homem. O campo é o mundo, e a boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Maligno, e o inimigo que o semeia é o Diabo. A colheita é o fim desta era, e os encarregados da colheita são anjos. Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim também acontecerá no fim desta era. O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles tirarão do seu Reino tudo o que faz tropeçar e todos os que praticam o mal. Eles os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos, ouça".

Essa parábola é uma das maiores provas escriturísticas de que a Igreja é indestrutível. Jesus disse que plantaria no mundo a boa semente, ou seja, os filhos do Reino, que representam a Igreja; o Diabo, por sua vez, plantaria o joio (os filhos do Maligno) no meio do trigo. Segundo Jesus, ambos deveriam crescer *juntos* até o fim dos tempos, que ainda não ocorreu. Logo, se sempre haveria joio, sempre haveria trigo. Portanto, se alguém disser que o trigo (os filhos do Reino) desviou-se da fé, caindo em apostasia, levando o verdadeiro cristianismo ao fim, mesmo que temporariamente, estará tornando Jesus mentiroso. Além do mais, ele disse que os anjos (os ceifeiros) fariam a separação do trigo e do joio, mas somente no fim da era; até lá, ambos cresceriam *juntos*. Assim, é impossível aceitar a posição assumida pelos testemunhas de Jeová e por outros grupos, que afirmam ser a restauração da igreja primitiva.

Alguns objetam o uso desse texto de Mateus, afirmando que Jesus não está falando da Igreja, mas do Reino de Deus. Dessa forma, Jesus não estaria falando sobre a indestrutibilidade da Igreja. Embora seja verdade que a parábola em questão trate nominalmente do Reino de Deus, isso, por si só, não serve de argumentação para deixar de aplicar a parábola à Igreja, pela seguinte razão: os "filhos do Reino", mencionados na parábola, formam a Igreja.

O Reino de Deus é tema bem desenvolvido em Mateus. O Reino tem um primeiro anunciador, João Batista (cap. 3); um estilo de vida que se espera dos que o abraçam (cap. 5—7); possui proclamadores devidamente autorizados, os apóstolos e outros (cap. 10); tem uma agência na terra, a Igreja, pois Jesus associa numa mesma frase tanto a Igreja como o Reino dos céus (16.18,19; 18.15-18); tem um rei, o próprio Jesus Cristo (16.28).

O problema visto por alguns talvez se explique pela tensão que há entre o presente e o futuro no discurso sobre o Reino de Deus.[44] O Reino está (presente) e virá (futuro), da mesma forma que afirmamos que Jesus

[44] Para uma consideração entre o "já" e o "ainda não" em relação ao Reino de Deus, v. a excelente exposição "O reino que veio e o que virá", feita por John STOTT em seu livro **Ouça o Espírito, ouça o mundo:** como ser um cristão contemporâneo, p. 421-427.

está (presente) em nosso meio — pois disse que estaria conosco todos os dias até o fim dos tempos (Mateus 28.20; cf. Mateus 18.20) —, bem como que virá (futuro) segunda vez (Mateus 25.31). A questão da presença de Cristo na Igreja não invalida a expectativa de sua segunda vida, assim como essa expectativa não deve fazer-nos pensar que ele não esteja no meio de nós. Assim é com o Reino de Deus. Está entre nós, somos filhos do Reino, fazemos parte dele. Mas o Reino é muito mais extenso em seu alcance do que imaginamos. Ainda aguardamos sua plena consumação, sem negar sua realidade presente. E a Igreja faz parte dessa realidade.

Convém frisar que, quando falamos em Reino de Deus, estamos falando de Jesus Cristo, que é o Rei desse Reino; quando falamos em Reino de Deus, estamos falando do Espírito Santo, pois o apóstolo Paulo disse que "[...] o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17); quando falamos em Reino de Deus, estamos falando de uma forma de existência que transcende os problemas da vida, razão pela qual Jesus afirma: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas [as necessidades básicas de subsistência] lhes serão acrescentadas" (Mateus 6.33). E, por último, quando falamos em Reino de Deus, estamos falando da Igreja que foi fundada sobre a Rocha, que é o próprio Jesus Cristo, a quem ele prometeu sua assistência contínua (Mateus 28.20). Para cuidar dessa Igreja, elemento importante no Reino de Deus, o apóstolo Paulo declarou aos líderes da igreja de Éfeso:

> Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos. Por isso, vigiem! (Atos 20.28-31a).

Tais palavras mantêm certa afinidade com o que o Senhor Jesus disse na parábola do joio e do trigo (leia também o cap. 2 de 2Pedro).

Por mais que alguns queiram negar, as palavras de Jesus em Mateus 13.24-30,36-43 oferecem, de maneira inequívoca, garantia absoluta da indestrutibilidade da Igreja, peça-chave do Reino dos céus.

Hebreus 12.28

> Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor.

O cristão recebeu um Reino que não pode ser abalado, e a Igreja faz parte desse Reino. Isso confirma as palavras de Jesus em Mateus 16.18. Devemos ser agradecidos a Deus pelo fato de ele preservar sua Igreja. Isso nos deve levar a adorá-lo com reverência e temor.

Efésios 3.21

> A ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!

O apóstolo Paulo disse que Deus é glorificado na Igreja por meio de Jesus em *todas as gerações*. A crença de que a Igreja caiu por séculos em apostasia faz que essa passagem perca sua força, pois haveria gerações que não puderam glorificá-lo.

2. As credenciais do construtor da Igreja

Em segundo lugar, há outro pormenor a ser observado: se determinarmos as credenciais e o caráter daquele que é o alicerce da Igreja, saberemos então se ela é ou não indestrutível. Assim, quais as credenciais de Jesus, o construtor da Igreja? Ele é:

- Deus (João 1.1)
- Deus Forte (Isaías 9.6)
- Deus todo-poderoso (Apocalipse 1.8)
- Rei dos reis e Senhor dos senhores (Apocalipse 19.6)

- Sustentador de todas as coisas pela palavra de seu poder (Hebreus 1.3)
- Detentor de todo o poder no céu e na terra (Mateus 28.18)

Medite nestas perguntas:

1. Com essas credenciais, quem ousaria derrubar a Igreja, que tem como construtor o próprio Cristo (Romanos 8.31-39)?
2. Seria Cristo péssimo construtor? Se a Bíblia diz em 1João 3.8 que ele veio para "destruir as obras do Diabo", como poderia o Diabo destruir a Igreja, obra-prima de Jesus Cristo?
3. Se a Igreja é o Corpo de Cristo (1Coríntios 12.12-20; Efésios 5.23), como poderia o Diabo, por meio de uma apostasia, separar Cristo de seu corpo durante séculos? O verdadeiro Jesus jamais passaria por essa derrota!

A Bíblia não deixa dúvida quanto ao fato de Jesus e os seus seguidores fiéis serem vitoriosos contra as hostes do mal: "Guerrearão [os agentes de Satã] contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; e vencerão com ele os seus chamados, escolhidos e fiéis [a Igreja]" (Apocalipse 17.14). Quando essa passagem foi escrita, a Igreja passava por momentos difíceis diante de uma severa perseguição. Assim, esse texto não tem apenas um caráter escatológico, mas uma aplicação imediata aos que poderiam pensar que o inimigo seria mais poderoso e até mesmo invencível. Longe disso! O Cordeiro, o Emanuel (Deus conosco), vence qualquer hoste satânica, e ele não está sozinho; seus fiéis eleitos vencem porque o Senhor é com eles.

3. Apostasia na Igreja

Quando afirmamos que a Igreja é indestrutível, não queremos negar que ela não tenha enfrentado sérios problemas doutrinários ao longo de sua jornada. Todavia, a mesma Igreja imbatível, capaz de enfrentar a própria morte e os poderes infernais, também poderia resistir ao ataque de

falsas doutrinas, pois Jesus prometeu sua assistência contínua (Mateus 28.20). Com isso, afirmamos que houve (e ainda há), de fato, apostasia no seio da Igreja; negamos, contudo, que essa apostasia tenha sido geral, pois todos os textos apresentados como prova escriturística sobre a apostasia no meio da Igreja fazem referência a uma apostasia parcial. Acompanhe.

2Tessalonicenses 2.1-3 (cf. os v. 4-17)

> Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a *apostasia* e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição.

Os tessalonicenses estavam sendo bombardeados com notícias alarmantes de que o "dia do Senhor" havia chegado. Isso gerou expectativas e dúvidas naquela comunidade cristã. A fim de não caírem nas garras dos falsos pregoeiros, o apóstolo Paulo lhes fornece uma orientação quanto à vinda do Senhor Jesus: "Antes daquele dia virá a *apostasia*", e com esta seria revelado "o homem do pecado, o filho da perdição". A apostasia, portanto, é uma realidade que antecederá a vinda do Senhor Jesus. No entanto, até aqui não existe nenhum indício de que essa apostasia teria o poder e o alcance pretendido pelas seitas, chegando até mesmo a solapar a Igreja de Cristo. Em vez disso, o restante da passagem (v. 4-17) revela justamente o contrário. Preste atenção sobre quem a influência da apostasia recairá:

> A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça *para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar*. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, e sejam condenados *todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça* (1Tessalonicenses 2.9-12).

Portanto, quando o poder do mal se manisfestar, atrairá certamente "os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar"; eles "não creram na verdade" e "tiveram prazer na injustiça". Esses, sim, serão os enganados por Satanás com todo o engano de injustiça. O mistério da iniquidade foi ao encontro deles, pois havia afinidade entre eles. Usando as palavras de João: "Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos" (1João 2.19).

Paulo, entretanto, menciona outro grupo: os "irmãos amados pelo Senhor", que foram "escolhidos" por Deus desde o princípio "para serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade". A certeza de que perseverariam está no fato de que Deus "os chamou para isso", a "fim de tomarem posse da glória de nosso Senhor Jesus Cristo". O mistério da iniquidade não teria poder sobre os eleitos de Deus, a Igreja, pois não há mais afinidade entre a luz e as trevas (Efésios 5.8).

A apostasia é, portanto, parcial, limitada e direcionada. Os que são genuinamente de Jesus Cristo permanecem firmes, perpetuando sua mensagem e exaltando seu nome por todas as gerações.

1Timóteo 4.1

> O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios.

Esse texto é um predileto das seitas para afirmar a apostasia geral da Igreja da era pós-apostólica. Todavia, a própria passagem já traz em si a refutação à crença na apostasia geral, pois afirma expressamente que "alguns" (e não todos) "abandonarão a fé", ou seja, apostatarão. Uma simples palavra ("alguns") anula toda a mentira de que a Igreja inteira se desviou.

2Pedro 2.1,2

> No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente

> heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade.

A presença de falsos profetas entre o povo de Deus não é novidade. Como também não é de estranhar que eles sempre encontrem seguidores de suas heresias de perdição. A novidade seria se eles tivessem o poder de seduzir *todo* o povo de Deus. E o apóstolo Pedro afasta essa possibilidade. Ele não afirma que "*todos* seguirão os caminhos vergonhosos desses homens", o que seria o caso se a apostasia fosse geral e da magnitude pretendida pelas seitas. Ao contrário, Pedro empregou "muitos". Mesmo que aponte para uma grande quantidade, "muitos" ainda indica uma quantidade indefinida.

Outro detalhe que chama a atenção é o fato de Pedro afirmar que o caminho da verdade seria "difamado", mas não diz nada de ser destruído ou interrompido por séculos. Alguém pode ser difamado, vilipendiado, pode-se pôr em dúvida a honra de alguém, mas isso é bem diferente de fazê-lo desaparecer.

Aliás, o contexto apresenta três exemplos interessantes que reforçam a tese de que não está em jogo nenhuma apostasia geral da Igreja de Cristo. São três casos de real desvio contrastados com os remanescentes, os que permaneceram fiéis.

1. *Anjos rebeldes:* "Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em abismos tenebrosos a fim de serem reservados para o juízo" (2Pedro 2.4). Houve rebeldia no céu, mas este não foi despovoado; miríades de miríades de anjos permaneceram fiéis ao Todo-poderoso (v. Apocalipse 12.7-9).
2. *Contemporâneos de Noé:* "Ele não poupou o mundo antigo quando trouxe o Dilúvio sobre aquele povo ímpio, *mas preservou Noé*, pregador da justiça, e mais sete pessoas" (2Pedro 2.5).
3. *Ló:* "Também condenou as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, tornando-as exemplo do que acontecerá aos

> ímpios; *mas livrou Ló*, homem justo, que se afligia com o procedimento libertino dos que não tinham princípios morais (pois, vivendo entre eles, todos os dias aquele justo se atormentava em sua alma justa por causa das maldades que via e ouvia)" (2Pedro 2.6-8).

Diante desses exemplos, sobretudo os dois últimos, Pedro arremata: "Vemos, portanto, que *o Senhor sabe livrar os piedosos da provação* e manter em castigo os ímpios para o dia do juízo" (2Pedro 2.9). Assim, apesar de sucessivas ondas de apostasia do povo de Deus do Antigo e do Novo Testamentos, bem como da era pós-apostólica até os diais atuais, Deus sempre manteve e preservou seu remanescente.

Judas 3,4 (cf. os v. 17-25)

> Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos. Pois certos homens, cuja condenação já estava sentenciada há muito tempo, infiltraram-se dissimuladamente no meio de vocês. Estes são ímpios, e transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor.

Essas passagens devem ser interpretadas à luz de 2Tessalonicenses 2.1-3 e de 2Pedro 2.1,2, que já analisamos.

Judas menciona dois grupos. O primeiro é composto de "dissimuladores" e "ímpios" (v. 4), "zombadores que seguem seus próprios desejos ímpios" (v. 18), "causam divisões" e "seguem a tendência da sua própria alma e não têm o Espírito" (v. 19). Mas estes não são maioria na Igreja. Eles são capazes de fazer estragos na comunidade cristã e difamar o caminho da verdade (2Pedro 2.2), mas não podem destruir a Igreja ou interromper sua existência, pois sempre haverá o segundo grupo: os que são "guardados por Jesus" (v. 1), têm o Espírito e estão edificados "na santíssima fé [...], orando no Espírito Santo" (v. 20). Judas glorifica a Deus por eles, pois o

Senhor é poderoso para "impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria" (v. 24).

Mais uma vez, o testemunho da Bíblia é contundente: Deus preserva na santíssima fé os seus, para que possam propagar sua vontade num mundo contrário aos valores divinos. Que venha Satanás com seus sinais e prodígios, que venham seus demônios, que venham os ímpios, que venham os falsos cristãos, que venham as seitas, que venha a apostasia... Nenhum deles será capaz de impedir o avanço da Igreja no mundo e o domínio de Cristo. As portas do "Hades" não podem prevalecer contra a Igreja (Mateus 16.18).

4. A igreja primitiva tinha seus problemas

Em quarto lugar, os grupos que dizem ser a restauração da igreja primitiva normalmente apontam as falhas das igrejas de nossos dias, afirmando que se afastaram do cristianismo, pois andam confusas, sem moral, sem um estilo de vida distintamente cristão, sem amor ao próximo, sem vontade de evangelizar etc. Dizem que as seguintes características da igreja verdadeira, conforme Atos 2.42-47, estão presentes apenas no seu meio:

- Perseverança na doutrina dos apóstolos
- Comunhão, amizades genuínas, sem acepção de pessoas
- Partilhar ajuda com os necessitados
- Crescimento numérico espantoso
- Intensa atividade de casa em casa

Uma viagem pela Bíblia, porém, nos levará a encarar uma dura realidade: a Igreja é composta de pessoas imperfeitas, que revelam suas imperfeições no trato com Deus e com o próximo. Nenhuma igreja de Cristo, no tempo e no espaço, foi exemplo fiel em todas as áreas da vida cristã. O capítulo 2 de Atos trata do início da história da Igreja, não da concretização dessa história. Tudo começou ali, mas a história continua até hoje. Mesmo em relação à igreja primitiva, era visível que nem tudo encontrado em Atos 2 era de fato praticado por todas as igrejas da época. Vejamos.

Apostasia

Alguns se afastaram da "doutrina dos apóstolos", ensinando as seguintes aberrações doutrinárias:

a) Não havia ressurreição dos mortos (1Coríntios 15.12-19).
b) A segunda vinda de Jesus já ocorrera (2Tessalonicenses 2.2,3).
c) A justificação vem pelas obras da lei, e não pela fé em Cristo (Atos 15.1; Gálatas 1.6-9; 3.1-5).

Inimizades

Por vezes, os membros das igrejas eram advertidos das contendas e facções que havia entre eles. Infelizmente, a comunhão esteve por momentos comprometida, houve acepção de pessoas e amizades corrompedoras (v. 1Coríntios 1.10-12; 3.1-4; Tiago 4.11,12; 3João 9,10).

Acepção de pessoas e falta de ajuda aos necessitados

A falta de solidariedade por parte de muitos cristãos era tanta que chegou a irritar profundamente Tiago. Além disso, os ricos eram preferidos aos pobres (Tiago 2.1-9,14-17).

Crescimento

Os testemunhas de Jeová fazem questão de apresentar seus relatórios mundiais de trabalho, mostrando que seu crescimento numérico é sinal de que a organização é abençoada por Jeová; com isso, creem estar cumprindo — ao tirar o texto de seu contexto — uma suposta profecia, a de Isaías 60.22, que diz: "O próprio pequeno tornar-se-á mil e o menor, uma nação forte" (*NM*). Qualquer outra seita, como o mormonismo, também poderia reivindicar o cumprimento de Isaías 60.22, sem que isso fosse verdade. Assim, o alto índice de crescimento não é sinal de que a igreja seja verdadeira, pois, segundo Jesus, o joio cresceria com o trigo, em proporção igual ou maior (Mateus 13.24-30). Em 2Pedro 2.1,2, os falsos profetas seriam seguidos por "muitos". Assim, o crescimento diário *desejável* diz respeito à qualidade, não à quantidade (2Pedro 3.18).

Intensa atividade de casa em casa

Os testemunhas de Jeová creem que sua intensa atividade proselitista de casa em casa é sinal visível de que sua religião é a única verdadeira, pois nenhum outro grupo religioso estaria obedecendo a essa ordem de Cristo. Esquecem-se, contudo, de que, ao mandar seus discípulos ao mundo, Jesus apenas falou da extensão de sua obra — o mundo —, sem explicitar o método (Mateus 28.19,20; Atos 1.8; v. tb. Mateus 13.38). O trabalho de casa em casa seria um dentre vários modelos, mas não o único. Jesus não viu na pregação de casa em casa o único método para alcançar as pessoas. Deduz-se isso de seus longos sermões. Se ele fosse de casa em casa visitar cada pessoa, certamente teria levado muito tempo, ultrapassando, em muito, seus três anos e meio de ministério. A pregação ao ar livre era um método rápido e eficaz. O apóstolo Paulo fez o mesmo, indo às feiras livres e a outros lugares públicos, como o Areópago, além das sinagogas (Atos 17.17-19). O mesmo exemplo foi seguido pelo apóstolo Pedro (Atos 2.14). Hoje existem outros recursos: a tradicional página impressa, o rádio, a TV, a internet etc. O evangelismo pode ser pessoal ou em massa, desde que cumpramos eficazmente a vontade do Mestre.

Outros problemas

Vale a pena a leitura das cartas de Apocalipse destinadas às sete igrejas, que retratam a fragilidade da parte humana da Igreja de Cristo (2—3). Das sete, somente duas igrejas — Esmirna e Filadélfia — deixaram de receber repreensão. A igreja de Éfeso foi repreendida por ter deixado o primeiro amor (2.4). A de Pérgamo, por tolerar heresias em seu meio, como a dos nicolaítas, que tinham livre acesso às suas dependências, além de outros problemas, como mesquinhez espiritual, falta de amor e falta de firmeza doutrinária (2.14,15). Tiatira foi censurada por dar ouvidos aos falsos mestres, que conduziam a igreja à apostasia e à imoralidade (2.20). A pobre Sardes, apesar de considerar-se viva, não percebia que, na verdade, estava morta (3.1). Laodiceia foi advertida severamente por causa de sua mornidão espiritual, e por isso ouviu de Jesus estas duras palavras: "Estou a ponto de vomitá-l[a] da minha boca" (3.16).

Todavia, apesar das reprimendas, algumas dessas igrejas, ainda assim, foram elogiadas, com exceção de Sardes e Laodiceia, que apenas ouviram severas críticas. A igreja de Éfeso, por exemplo, foi elogiada por suas obras, seu sofrimento, sua perseverança e sua luta pela fé, pois, ao contrário da igreja de Pérgamo, rechaçou os nicolaítas (2.3-6). Pérgamo, apesar de sua tolerância para com os nicolaítas, foi elogiada por conservar o nome de Jesus e não negar a fé no Salvador e Senhor da Igreja, contando até mesmo com um mártir nos anais de sua história (2.13). Tiatira recebeu louvores por suas obras, seu amor, sua fé, seu serviço e sua perseverança, bem como seu crescimento constante em boas obras (2.19).

Como se vê, a Bíblia não nega que haja sérios problemas na Igreja. Trata-se de uma exposição realista, que não tenta mascarar o que é demonstrado pelos fatos. Contudo, apesar de todos os problemas — falta de amor, apostasia, tolerância indevida, imoralidade, tibieza etc. —, a Bíblia afirma que Jesus estava "no meio dos candelabros", ou seja, das "igrejas", sim, *daquelas* igrejas (Apocalipse 1.12,13,20) com seus encantos e desencantos.

Cabe dizer que os problemas expostos não é nem de longe justificativa para tentar minimizar o modo de vida que caracteriza muitos cristãos nos dias atuais. Pelo contrário, Apocalipse 2—3 serve de alerta a todas as igrejas. Elas não se podem esquecer de que Jesus continua no comando, no controle da situação. Ele conhece cada igreja: seus erros e acertos, seus defeitos e suas virtudes. E há de julgá-las segundo a obra de cada uma. Isso deve conduzir muitas igrejas ao arrependimento. Por isso, não cabe aos testemunhas de Jeová, aos mórmons e a outros mais julgar as igrejas cristãs pelos problemas nelas observados. Essa é uma tarefa que compete única e exclusivamente ao Senhor da Igreja. Sob o comando dele, será separado o joio do trigo, e essa tarefa será dada aos anjos no fim deste velho sistema de coisas (Mateus 13.36-43).

Outro ponto igualmente importante é o fato de os testemunhas de Jeová afirmarem que no cristianismo atual muitos não têm alto padrão de vida cristã, pois o que reina em nosso meio é a hipocrisia religiosa. É bom lembrar que, de um lado, a atitude de rebeldia ou de desobediência de alguns cristãos não invalida o cristianismo. De outro lado, o fato de muitas

pessoas possuírem padrão elevadíssimo de moral não determina que seu sistema religioso seja o correto. Mesmo que os testemunhas de Jeová alardeiem possuir alto padrão de moral cristã e que procuram viver de acordo com a moral e a ética bíblicas, condenando o sexo desenfreado, a jogatina, o adultério, o roubo, a mentira etc., nem por isso se pode dizer que sua religião é a única verdadeira, pois esse padrão ético também é observado no islamismo, no budismo e em outras religiões. Esses comportamentos fazem parte do modo de viver de várias sociedades civilizadas. Cumpri-los ou não cumpri-los não tornará minha igreja falsa ou verdadeira; apenas fará do não cumpridor de seus deveres alguém em débito com suas obrigações éticas.

Outra coisa a considerar: a vida de alguns cristãos não é nem de longe recomendável; contudo, o que dizem ou pregam pode estar de acordo com a Palavra de Deus, mesmo que não a cumpram. Isso nos remete a Mateus 23.1-3. Após afirmar que os escribas e fariseus (a quem Jesus reputou por hipócritas) se assentam na cadeira de Moisés, ele disse às multidões e aos seus discípulos: "Obedeçam-lhes e façam o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam".

Assim, os critérios para verificar se uma igreja é verdadeira ou falsa vão muito além das obras nela praticadas. É claro que a vida cristã é importante. Importantíssima! Contudo, ser fiel à sã doutrina também é determinante. Que adianta alguém se portar como cristão e ensinar doutrinas falsas acerca da Igreja, pondo em xeque a credibilidade de Jesus? Assim, não resta dúvida de que a falsa doutrina da apostasia geral e da interrupção milenar da Igreja na História forja uma caricatura de Jesus, uma reprodução deformada do verdadeiro Cristo. Negar a indestrutibilidade da Igreja é um ataque diretamente à pessoa, à natureza e ao caráter de Cristo; é desmenti-lo acintosamente; é pôr em dúvida sua capacidade de manter o controle e a soberania sobre seu Corpo. Enfim, a manutenção dessa heresia cristológica e eclesiológica põe o falso doutrinador na condição de maldito. Como frisou com muita veemência o apóstolo Paulo: "Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja *amaldiçoado*!" (Gálatas 1.8; v. 2Coríntios 11.3,4).

5. A verdadeira igreja

Em quinto lugar, diante de tudo o que foi explanado surge a pergunta inevitável: "Se a verdadeira igreja de Jesus Cristo não desapareceu — mesmo com tantos problemas de ordem moral e doutrinária —, qual das igrejas existentes hoje é a verdadeira igreja de Cristo?". Levando-se em conta que a Igreja é de Cristo e que existe continuamente desde a sua fundação, afirmamos que a verdadeira igreja é a "comunhão dos santos", como declaram os credos *apostólico* e *niceno*, seguidos pelas confissões de fé reformada. Ela é o conjunto de todos os cristãos de todos os tempos e de todas as épocas, os "filhos do Reino" espalhados pelo mundo em todas as confissões cristãs que conhecem Deus verdadeiramente (João 17.3), o adoram da forma correta (João 4.24) e o servem em Jesus Cristo, o Salvador, pela palavra do Espírito Santo, com o qual são selados (Efésios 1).

Espera-se que haja entre esses cristãos amor, cooperação, disposição para o serviço a Deus etc. Mas não se pode pedir uniformidade, como se todos devessem pensar em todos os aspectos de maneira igual (os testemunhas de Jeová orgulham-se pelo fato de serem iguais em todo o mundo, de terem o mesmo modo de pensar). Jesus, porém, nunca fundou uma "Igreja McDonald's", isto é, praticamente igual em todas as partes do mundo. Na igreja primitiva, nem todos estavam de acordo em relação a certas questões, mas de modo nenhum deixavam de pertencer a Cristo por isso. Para alguns, o vegetarianismo devia ser a dieta ideal para os cristãos; para outros, não (Romanos 14). Alguns comiam carne sacrificada aos ídolos; outros achavam isso absurdo (1Coríntios 8). Embora o apóstolo Paulo tivesse opinião formada sobre os assuntos em questão, nunca desejou que todos pensassem como ele; antes, pediu que cada qual respeitasse o modo de ver alheio.

Quando advertiu aos coríntios (1Coríntios 1.10) que não houvesse divisões entre eles, mas fossem unidos num só pensamento e num só propósito, tencionava acabar com as divisões do tipo "Eu sou de Paulo", "Eu sou de Pedro" etc. Essas brigas faziam que perdessem de vista o fato de todos pertencerem a Cristo, pois não foi Paulo nem Pedro que morreram crucificados por eles, mas o próprio Jesus Cristo. Por

conseguinte, a unidade deve girar em torno de Cristo, não de assuntos como a quantidade de água para ministrar o batismo (se por aspersão ou imersão) ou a forma de governo (se episcopal ou congregacional). Deve ser primordial o fato de Cristo ser o nosso Rei e Senhor, sendo seu domínio, o teocrático, o que de fato deve prevalecer, mediante a operação do Espírito Santo na vida da Igreja.

De acordo com os credos *apostólico* e *niceno*, a Igreja é "una, santa, católica [universal] e apostólica". A esse respeito, James Packer (1998, p. 1988), ministro anglicano, faz um comentário oportuno:

> É comum caracterizar a igreja na terra como "una" (porque assim ela é em Cristo, como mostra Ef 4.3-6, a despeito do grande número de igrejas locais e agremiações denominacionais), "santa" (porque é consagrada a Deus corporativamente, como o é cada cristão individualmente, Ef 2.21), "católica" (porque é universal em extensão e procura deter a plenitude da fé), e "apostólica" (porque foi fundada sobre o ensino dos apóstolos, Ef 2.20). Todas as quatro qualidades estão ilustradas em Efésios 2.19-22.

É importante que se faça outro comentário sobre a unidade. Cabe lembrar que a Igreja é o Corpo de Cristo e, como afirma o apóstolo Paulo, esse Corpo é composto por muitos membros (1Coríntios 12.12-27). A unidade existe, apesar da diversidade. Mas em que consiste essa unidade? No fato de a Igreja ter um único fundador: Jesus Cristo (Mateus 16.18). Foi ele quem reconciliou, na cruz, tanto judeus quanto gentios, fazendo de ambos um só povo, um só corpo (Efésios 2.11-16).

Certamente, os dois elementos mais intrigantes dessa formulação "una, santa, católica e apostólica" são as duas primeiras expressões. Alguns ficam intrigados em querer saber como uma Igreja pode ser "una", quando muitas disputam umas com as outras; como pode ser "santa" com tanto pecado vindo à tona, com tantos escândalos promovidos por líderes religiosos, sobre os quais se poderia dizer que estavam "acima de qualquer suspeita", esbanjando espiritualidade e respeitabilidade.

Para responder a essa inquietação, é importante distinguir entre "igreja visível" e "igreja invisível". James Packer esclarece (ibid.):

> Há uma distinção que deve ser estabelecida entre a igreja como nós, humanos, a vemos e como somente Deus a vê. É a distinção histórica entre a "igreja visível" e a "igreja invisível". Invisível significa não que não possamos ver o sinal de sua presença, mas que não podemos saber (como Deus, que lê os corações, sabe, 2Tm 2.19) quais dos que são batizados, membros professos da igreja como instituição organizada, são interiormente regenerados e, assim, pertencem à igreja como comunidade espiritual de pecadores que amam seu Salvador. Jesus ensinou que na igreja organizada haveria sempre pessoas que pensariam ser cristãos e passariam por cristãos, alguns certamente tornando-se ministros, mas que não foram renovados no coração e, portanto, seriam expostos e rejeitados no Juízo (Mt 7.15-27; 13.24-30,36-43,47-50; 25.1-46). A distinção "visível-invisível" é traçada para que se tenha isto em consideração. Não porque haja duas igrejas, mas porque a comunidade visível comumente contém falsos cristãos, que Deus sabe não serem reais (e que podem saber isso por si mesmos, se o quiserem, 2Co 13.5).

CONCLUSÃO

Após traçarem uma concisa história da Igreja desde os primórdios até o final do século XX, os escritores George Mather e Larry Nichols (2000, p. 126) concluíram:

> Já experimentamos quase dois mil anos de história da Igreja. Reinos, impérios e governos levantaram-se e caíram, enquanto ela segue triunfante. A despeito das perseguições, da lassidão moral, das heresias internas e externas, a Igreja de Cristo prevalece, em cumprimento das palavras de Jesus: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16.18). A Igreja tem experimentado momentos tenebrosos, mas, assim como as trevas da Sexta-feira da Paixão deram passagem ao brilho e ao esplendor do Domingo da Ressurreição — do túmulo vazio —,

> também a Igreja desfruta de uma história gloriosa com um futuro que será ainda mais radiante, quando Jesus e a Igreja — ou seja, o Noivo e a Noiva — estiverem unidos para sempre.

Crendo firmemente nisso, continuaremos a proclamar a continuidade e a indestrutibilidade da Igreja de Jesus Cristo, seguindo o proceder da *Segunda confissão helvética* (1566; BEEKE; FERGUSON, p. 184):

> Visto que Deus, desde o princípio, desejou salvar os homens e levá-los ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4), é preciso que a igreja sempre tenha existido, exista nos nossos dias, e continue a existir até o fim do mundo.

Proclamar a continuidade da Igreja através das eras e sua consequente indestrutibilidade é ser fiel às Escrituras Sagradas. Compete aos chamados, eleitos e fiéis zelar pela sã doutrina e pela Igreja de Deus. "A ele seja a glória, na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!" (Efésios 3.21).

3

Deturpando a Palavra de Deus

> Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, conquanto interpretada pelo "escravo fiel e discreto" e seu Corpo Governante; se não estivermos em contato com esse canal de comunicação de Jeová para nos ensinar a interpretá-la, não avançaremos na estrada da vida, não importa quanto a leiamos. Cremos também que a *Tradução do Novo Mundo* (*NM*), produzida por fiéis servos de Jeová, é a única confiável; as demais estão repletas de sectarismo e filosofias mundanas.

A Bíblia *versus* o Corpo Governante

Baseando-se em Mateus 24.45-47, os testemunhas de Jeová ensinam que Jesus profetizou a existência de uma classe chamada "escravo fiel e discreto" (*NM*). Essa classe teria como porta-voz um colegiado conhecido como Corpo Governante, que se encontra na sede mundial da organização, no Brooklyn, Nova York, EUA. Composto por nove homens (setembro de 2009), a tarefa desse grupo seleto é interpretar a Bíblia para os testemunhas de Jeová, os quais não podem contrariar suas interpretações. Tudo o que o Corpo Governante ensinar deve ser recebido como vontade de Jeová para a seita. As publicações dos testemunhas de Jeová não deixam dúvidas sobre o poder espiritual absoluto do Corpo Governante sobre a seita:

Os interesses do Reino na terra foram confiados ao "escravo fiel e discreto", representado pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. O Corpo Governante preocupa-se primariamente com o fornecimento de instruções espirituais e de orientação à congregação cristã.[1]

Conforme predito em Mateus 24.3,45-47, o Amo, Jesus Cristo, designou o "escravo fiel e discreto", composto de cristãos ungidos, para cuidar de todos os seus pertences na terra durante este dia de sua presença. Este escravo fiel e discreto é representado hoje pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. [...] Mui apropriadamente, o escravo fiel e discreto tem sido chamado de canal de comunicação de Deus.[2]

Os homens desse Corpo Governante, como os apóstolos e anciãos em Jerusalém, têm muitos anos de experiência no serviço de Deus. Mas não confiam na sabedoria humana ao fazerem decisões. Não, sendo governados teocraticamente, seguem o exemplo do primitivo corpo governante em Jerusalém, cujas decisões baseavam-se na Palavra de Deus e eram feitas sob a direção do espírito santo.[3]

Assim como os profetas bíblicos apontavam para o Messias, eles também nos encaminham ao unido corpo de cristãos ungidos, das Testemunhas de Jeová, que serve atualmente qual escravo fiel e discreto. Este nos ajuda a entender a Palavra de Deus. Todos os que desejam entender a Bíblia devem reconhecer que a "grandemente diversificada sabedoria de Deus" só pode ser conhecida através do canal de comunicação de Jeová, o escravo fiel e discreto. — João 6:68.[4]

As Testemunhas de Jeová destacam-se em nítido contraste com os cegados por Satanás. [...] Quão gratas são por terem saído da escuridão

[1] **A Sentinela**, 15/12/2000, p. 21.
[2] **A Sentinela**, 1º/9/1991, p. 18-19.
[3] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 195.
[4] **A Sentinela**, 1º/10/1994, p. 8.

para a maravilhosa luz de Deus! Esta é uma luz espiritual, a verdade da Palavra de Deus que ilumina a mente, de modo que até mesmo os próprios cegos podem enxergar a verdade.

Naturalmente, é necessário ter ajuda. Não é provável que alguém, por apenas ler a Bíblia, sem se aproveitar das ajudas divinamente providas, consiga ver a luz. É por isso que Jeová Deus proveu "o escravo fiel e discreto", predito em Mateus 24.45-47. Atualmente, este escravo é representado pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.[5]

Mas, Jeová Deus proveu também sua organização visível, seu "escravo fiel e discreto", composto dos ungidos com o espírito, para ajudar os cristãos em todas as nações a entender e a aplicar corretamente a Bíblia na sua vida. A menos que estejamos em contato com este canal de comunicação usado por Deus, não avançaremos na estrada da vida, não importa quanto leiamos a Bíblia.[6]

Para apegar-se à chefia de Cristo, é portanto necessário obedecer à organização que ele dirige pessoalmente. Fazer o que a organização diz é fazer o que ele diz. Resistir à organização é resistir a ele.[7]

Diante dessas citações, surgem perguntas cujas respostas são inevitáveis. Entre os testemunhas de Jeová...

- Quem se atreveria a questionar alguém que afirma ser o responsável pelos "interesses de Deus na terra"?
- Quem ousaria duvidar de homens que, "como os apóstolos", baseiam suas decisões na Bíblia e "sob a direção do "espírito santo"?
- Quem teria a coragem de rebater o "canal de comunicação de Jeová"?

[5] **A Sentinela**, 1º/5/1992, p. 31.
[6] **A Sentinela**, 1º/8/1982, p. 27.
[7] **A Sentinela**, 1º/11/1959, p. 653.

- Quem correria o risco de ser como os "cegados por Satanás" e dispensaria a intepretação da Bíblia feita pelo "escravo fiel e discreto"?
- Quem, querendo avançar na "estrada da vida", não permaneceria em contato com Corpo Governante?
- Quem se atreveria em sã consciência a desobedecer e resistir a uma organização que se diz dirigida "pessoalmente" por Cristo, sabendo que, ao fazer isso, estará enfrentando o próprio Jesus?

Os testemunhas de Jeová, portanto, veem-se numa situação da qual, para eles, não têm para onde escapar. Qualquer pensamento contrário à seita deve ser sufocado e suprimido. Isso é dito de forma contundente no artigo intitulado "Lute contra ideias independentes".

> Mas, há alguns que salientam que a organização já antes teve de fazer ajustes, e por isso argumentam: "Isto mostra que temos de decidir por nós mesmos o que devemos crer". Estas são *ideias independentes.* Por que são tão perigosas?
>
> Tais ideias dão evidência de orgulho. [...] Se chegamos a pensar que sabemos *mais* que a organização, devemos perguntar-nos: "Onde é que aprendemos a verdade da Bíblia? Conheceríamos o caminho da verdade se não tivesse havido a ajuda da organização? *Podemos realmente passar sem a orientação da organização de Deus?" Não, não podemos!*[8]

Esse discurso mantém os testemunhas de Jeová no cabresto e sob rédea curta. A fim de não perder o controle absoluto dos adeptos, o Corpo Governante sempre os alerta de não darem ouvidos a críticas contra a organização, sobretudo vindas de "apóstatas", termo que se aplica geralmente aos que saíram da seita e rejeitaram a liderança do "escravo fiel e discreto". Sob o tema "Não tenha tratos com apóstatas", o Corpo Governante persuade:

[8] **A Sentinela**, 15/7/1983, p. 27.

> Ora, o que fará então quando se vir confrontado com ensinos apóstatas — raciocínios sutis — afirmando que aquilo que você crê como Testemunha de Jeová não é a verdade? Por exemplo, o que fará se receber uma carta ou alguma literatura, e, abrindo-a, vê logo que procede dum apóstata? Será induzido pela sua curiosidade a lê-la, só para ver o que ele tem a dizer?[9]

Para os testemunhas de Jeová que se consideram imunes aos apóstatas, o Corpo Governante adverte:

> Talvez você até mesmo raciocine: "Isso não me vai afetar; sou forte demais na verdade. E, além disso, tendo a verdade, não temos nada a temer. A verdade suportará a prova." Argumentando assim, alguns nutriram a mente com raciocínios apóstatas e caíram vítimas de sérias perguntas e dúvidas. [...] Com a ajuda amorosa de irmãos solícitos, alguns daqueles em quem os apóstatas tinham lançado dúvidas restabeleceram-se depois de um período de perplexidade e trauma espirituais. Mas esta dor poderia ter sido evitada.[10]

O recado é claro: os testemunhas de Jeová são os mocinhos; os apóstatas são os bandidos, e os testemunhas de Jeová incautos são as vítimas. Assim, para evitar o trauma e a dor, basta evitar os "apóstatas" e ficar ao lado da organização do "escravo fiel e discreto". Mas evitar não é o bastante; é preciso *odiá-los*. Sob o título "Ódio à religião falsa e à apostasia", O Corpo Governante profere com veemência:

> A obrigação de odiar o que é contra a lei aplica-se também a todas as atividades dos apóstatas. Nossa atitude para com os apóstatas deve ser a de Davi, que declarou: "Acaso não odeio os que te odeiam intensamente, ó Jeová, e não tenho aversão aos que se revoltam contra ti?

[9] **A Sentinela**, 15/3/1986, p. 12.
[10] Ibid.

> Odeio-os com ódio consumado. Tornaram-se para mim verdadeiros inimigos." [...] Nós, como leais Testemunhas de Jeová, portanto, não temos nada em comum com eles.[11]

Todo esse cuidado é para evitar que os testemunhas de Jeová abandonem a seita. Eles são levados a crer que não existe vida fora da sua religião. Abandoná-la é abandonar o próprio Jeová. A consequência disso é imediata: fora da organização, não há salvação. Os testemunhas de Jeová creem que não terão a vida eterna se não confiarem a própria vida à "organização teocrática de Jeová", pois ela é o "caminho" ou a "estrada" que conduzirá à vida eterna:

> Não conclua que existem várias estradas ou caminhos, que poderá utilizar para ganhar a vida no novo sistema de Deus. *Existe apenas uma.* Foi apenas aquela única arca que sobreviveu ao Dilúvio e não um sem-número de embarcações. E haverá apenas uma organização — a organização visível de Deus — que sobreviverá à "grande tribulação" que rapidamente se aproxima. [...] *Você precisa pertencer à organização de Jeová* e fazer a vontade de Deus, *a fim de receber Sua bênção de vida eterna.*[12]

Enquanto as Escrituras esclarecem que a salvação está em uma pessoa, Jesus (2Timóteo 3.15), os testemunhas de Jeová, embora falem em "Jesus", apontam também um "lugar". Sob o subtítulo "Não há outro lugar", o Corpo Governante declara:

> Sentir-nos-emos impelidos a servir a Jeová com lealdade junto com sua organização se nos lembrarmos de que *não há outro lugar onde se possa obter a vida eterna.* [...] *Não há outro lugar onde se possa obter o favor divino e a vida eterna.* [...] Nosso coração deve impelir-nos a

[11] **A Sentinela**, 15/7/1992, p. 12.
[12] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 255.

> cooperar com a organização de Jeová, porque sabemos que só ela é dirigida pelo Seu espírito e divulga Seu nome e Seus propósitos.[13]

Não é à toa que os testemunhas de Jeová se recusam a dar ouvidos às opiniões contrárias às do Corpo Governante. Na mente deles, há muita coisa em jogo: o favor de Jeová e a vida eterna. O medo de sair e perder a vida eterna leva-os a essa dependência mental e espiritual. Incentivam as pessoas de outras religiões a terem "mente aberta" e a examinar a própria religião sem nenhum temor,[14] mas eles mesmos não podem seguir o próprio conselho, pois correm o risco de serem destruídos por Deus; esse será o preço para os desertores e os que ousaram questionar a "organização teocrática de Jeová" e seu "canal de comunicação".

Apesar dessa realidade mais que evidente, os testemunhas de Jeová dizem de si mesmos: "Não consideram *nenhum humano como seu líder*, mas unicamente Jesus Cristo".[15] No entanto, a própria literatura da seita e a prática mostram justamente o contrário e desmentem essa declaração do livro *Raciocínios à base das Escrituras*.

Fabricando testemunhas de Jeová

O que faz de alguém um testemunha de Jeová não é realmente a leitura da Bíblia, mas é o estudo da literatura produzida pelo Corpo Governante. Essas publicações — *A Sentinela*, *Despertai!*, *Raciocínios à base das Escrituras* etc. — são vistas como o "alimento espiritual". De um lado, os testemunhas de Jeová dizem que essas publicações não podem substituir a Bíblia; de outro, creem que a Bíblia não pode substituí-las:

> As Testemunhas de Jeová apreciam muito as ajudas que têm para o estudo da Bíblia, inclusive *A Sentinela*, e fazem uso regular delas. Mas,

[13] **A Sentinela**, 15/11/1992, p. 10, parágrafos 12, 14-15.

[14] **Despertai!**, 22/3/1985; **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 32-33; **A verdade que conduz à vida eterna**, p. 13.

[15] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 387.

> sabem que nenhuma delas substitui a própria Bíblia. [...] Naturalmente, *a leitura da Bíblia não deve substituir seu uso da excelente matéria de estudo providenciada por meio do "escravo fiel e discreto"*. Esta também faz parte das provisões de Jeová, uma provisão muito preciosa.[16]

Assim, a literatura da seita é posta em pé de igualdade com a Bíblia, pois "meramente ter a Palavra de Deus e lê-la não basta para adquirir o conhecimento exato que coloca a pessoa no caminho da vida".[17] Para os testemunhas de Jeová, a Bíblia é como um grande poço de água da verdade; contudo, não será possível extrair a água do poço sem o balde fornecido pelo Corpo Governante (as publicações da organização).

O estudo dessas publicações é contínuo. Tudo começa quando a pessoa se torna um "estudante" (pessoa que recebe um estudo domiciliar da seita). Esse estudo consiste teoricamente na análise expositiva da Bíblia por meio de uma literatura do Corpo Governante. Entretanto, na prática, o estudante lê e estuda a publicação da seita muito mais do que a própria Bíblia. Esta é usada apenas como um guia de consulta para se verificar argumentos previamente estabelecidos. Em seguida, a pessoa será incentivada a frequentar uma das seguintes reuniões semanais:

- *Reunião Pública*. Consiste num sermão, cujo esboço é fornecido pela seita.
- *Estudo da Revista* A Sentinela. Essa revista é publicada em duas edições: uma para o público geral, e outra especialmente para os testemunhas de Jeová, chamada de "edição de estudo", com perguntas e respostas; é essa edição que é estudada nessa reunião.
- *Estudo Bíblico de Congregação*. Estuda-se uma publicação por meio de perguntas e respostas.
- *Escola do Ministério Teocrático*. Voltada especialmente para os "publicadores" (o adepto, batizado ou não, que trabalha de casa em

[16] **A Sentinela**, 1º/5/1995, p. 13 e 19.
[17] **A Sentinela**, 1º/12/1991, p. 19.

casa); essa reunião oferece treinamento em oratória pública e na arte de ensino.

- *Reunião de Serviço.* Estuda-se o periódico *Nosso ministério do reino*, com instruções práticas sobre a atividade de pregação da seita.

O estudo domiciliar e essas reuniões mantêm os testemunhas de Jeová cativos ao Corpo Governante. Sabendo disso, a liderança alerta os adeptos de não lerem a Bíblia em particular, pois isso pode conduzi-los a algo muito "estranho":

> De vez em quando têm surgido nas fileiras do povo de Jeová alguns que, iguais ao Satanás original, adotaram uma atitude de independência e crítica. [...] *Dizem que basta ler exclusivamente a Bíblia*, quer em particular, quer em pequenos grupos em casa. Mas, *o que é estranho é que por meio de tal "leitura da Bíblia" voltaram novamente para trás, para as doutrinas apóstatas que os comentários dos clérigos da cristandade* estavam ensinando há 100 anos.[18]

Esse alerta é realmente revelador. Se alguém deixar de se alimentar do alimento espiritual do "escravo fiel e discreto" e passar a ler somente a Bíblia, deixa de crer no corpo doutrinário da seita. Isso nos leva ao que foi dito no início deste subtítulo: não é a leitura da Bíblia que faz de alguém um testemunha de Jeová, mas é a literatura do Corpo Governante.

A fim de minimizar que a leitura exclusiva da Bíblia conduza alguém para fora do rebanho, os testemunhas de Jeová têm sua própria versão da Bíblia: a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*. O Corpo Governante adequou as Escrituras ao seu sistema doutrinário, em vez de se ajustar às Escrituras divinamente inspiradas. Os testemunhas de Jeová acreditam ser esta a única tradução confiável das Escrituras.

Vamos agora analisar e refutar esse discurso equivocado da seita sobre a suficiência da Bíblia e sua interpretação.

[18] **A Sentinela**, 1º/6/1982, p. 28.

REFUTAÇÃO DA BIBLIOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

A suficiência das Escrituras

A teologia reformada e sua ênfase na "sola Scriptura" (somente a Bíblia) é um excelente guia para nossa compreensão da suficiência das Escrituras. Cremos e confessamos conforme a *Segunda confissão helvética* (1566), segundo a qual "as Escrituras Canônicas [...] têm suficiente autoridade por si mesmas. [...] E nestas Escrituras Sagradas a igreja universal de Cristo tem uma completa exposição de tudo o que se refere à fé salvadora e ao padrão de uma vida aceitável a Deus" (cap. 1, § 1; in: BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 10). Essa declaração concorda plenamente com o que o apóstolo Paulo disse a Timóteo:

> Porque desde criança você conhece as sagradas letras, *que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Jesus Cristo.* Toda a Escritura é inspirada por Deus e *útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça,* para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2Timóteo 3.15-17).

Disso se deduz o que é muito comum ouvir nos círculos evangélicos e que se acha no *Catecismo maior de Westminster* (1648): "As Escrituras Sagradas do Antigo e do Novo Testamento são a Palavra de Deus, a única regra de *fé* e *prática*" (pergunta 3; in: ibid., p. 11).

Esse reconhecimento da suficiência das Escrituras, entretanto, não quer dizer que não surjam dúvidas ou discordâncias sobre assuntos secundários da fé, como a forma de governo da igreja (episcopal, congregacional, presbiteriano etc.), o modo de administrar o batismo (imersão ou aspersão), quem pode receber o batismo (somente adultos ou também crianças), a identidade do "fruto da videira" usado na ceia do Senhor (vinho ou suco de uva; Mateus 26.29), aspectos escatológicos (se Jesus vem antes ou depois da "grande tribulação", ou se haverá essa "tribulação"; se o "Milênio" é literal ou simbólico) etc. Entretanto, podemos seguramente dizer que jamais

haverá dúvidas sobre como as pessoas poderão ser salvas. A salvação em Cristo nunca é posta em questionamento pela Bíblia. Ao contrário, seu objetivo precípuo é conduzir a humanidade a Jesus, o tema principal das Escrituras, como atestam as seguintes passagens bíblicas: Lucas 24.27,44; João 1.45; 5.39,46; Atos 10.43; 2Timóteo 3.15 etc.

O Antigo Testamento relata a história da criação do primeiro homem e de sua mulher, registrando o momento em que pecaram contra o Criador. Contudo, longe de desampará-los, esse Deus de justiça e de amor faz uma promessa: enviar um Salvador a fim de resgatar eles e seus filhos (Gênesis 3.15). Assim, o Antigo Testamento apresenta uma promessa: o Salvador virá; e o Novo Testamento aponta o cumprimento: o Salvador chegou, morreu como nosso substituto, ressuscitou em glória, ascendeu ao céu e virá segunda vez para levar seus servos e servas para o céu (Deuteronômio 18.15,18 [cf. João 1.45; Atos 3.22; 7.37]; Gênesis 3.15; 12.3,7 [cf. Gálatas 3.8,16]; Atos 2.22-36).

Desse modo, ao ler a Bíblia, nenhuma pessoa, uma vez iluminada pelo Espírito Santo, o Autor das Escrituras, buscará em outras divindades, como Brama, do hinduísmo, ou seja lá em quem for, a "fórmula" da vida eterna; ela até mesmo descobrirá que suas boas obras não poderão salvá-la, por mais meritórias que sejam do ponto de vista humano. A Bíblia é absoluta e verdadeira ao destacar que a salvação do homem ocorre exclusivamente por intermédio da graça de Deus mediante a fé em Jesus (Atos 4.12; 10.43; 16.30,31; Efésios 2.8,9; Romanos 10.9,10). Fora de Jesus Cristo, não há salvação. Essa é a mensagem inequívoca da Bíblia.

Mesmo o incrédulo poderá tomar ciência da mensagem salvífica da Bíblia. Não quer dizer que crerá automaticamente nessa mensagem. Certamente, por não ser espiritual (não ter nascido do Espírito nem ser iluminado interiormente por ele), mas carnal, poderá caçoar das Escrituras, ou mesmo menosprezar o que ela diz (1Coríntios 2.6-16); talvez fique chocado com o exclusivismo radical da Bíblia em relação à pessoa de Jesus, segundo ela o único meio possível para alguém se salvar; mas jamais poderá afirmar que a Bíblia não foi clara em relação a essa mensagem que traz vida aos que nela creem, pela atuação do Espírito Santo (João 16.8-11), e

condenação aos que a rejeitam (2Coríntios 2.14-16). A *Confissão de fé de Westminster* (1647, cap. 1, § 6-7; in: BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 13, 15) atesta esta verdade:

> Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a sua própria glória e para a salvação, a fé e a vida do homem, ou está expressamente declarado nas Escrituras ou pode ser lógica e claramente deduzido delas. [...] Nas Escrituras, não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser conhecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro lugar das Escrituras são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os incautos, com o devido uso dos meios comuns, podem alcançar um entendimento suficiente delas.

Toda essa mensagem contraria o que diz o Corpo Governante dos testemunhas de Jeová, quando afirma que a Bíblia, inspirada pelo Espírito Santo, não é suficientemente capaz de conduzir a humanidade a Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14.6). Mesmo sem saber, o Corpo Governante tenta inutilmente fazer as vezes do Espírito Santo, porque ninguém pode dizer "Jesus é Senhor", a não ser pelo Espírito Santo (1Coríntios 12.3); e também as vezes do Pai, pois Jesus disse que ninguém viria até ele, a menos que o Pai o atraísse (João 6.35,44,45). Essa atitude do Corpo Governante é extremamente perigosa, pois beira a blasfêmia.

A interpretação das Escrituras

Como já vimos, nem todas as coisas nas Escrituras possuem a mesma clareza nem são compreendidas do mesmo modo. Os cristãos do século I não tinham dúvida de que só Jesus salva, mas isso não quer dizer que não houvesse dúvidas com relação às Escrituras ou dificuldades de interpretá-la. O apóstolo Pedro reconhece que Paulo escrevia com "a sabedoria que Deus lhe deu [...] em todas as suas cartas". Entretanto, ele afirmou: "Suas cartas contêm *algumas coisas difíceis de entender*, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais

Escrituras, para a própria destruição deles" (2Pedro 3.16). O reconhecimento de que há "algumas coisas difíceis de entender" nas cartas de Paulo (e, por extensão, nas Escrituras) deve levar o intérprete a uma atitude de humildade e reverência diante do texto bíblico. Deve-se a todo custo evitar torcer a Bíblia, ajustando-a ao que pensamos ser o certo, em vez de nos ajustarmos ao que ela realmente declara. O Corpo Governante optou, "para a própria destruição", por distorcer as Escrituras e até mesmo fabricar sua própria versão adulterada da Palavra de Deus, negando a Trindade, a divindade de Jesus e sua igualdade com o Pai, a pessoalidade e divindade do Espírito Santo, entre outras doutrinas vitais.

Para fugir desses extremos destrutivos, um excelente princípio de interpretação das Escrituras foi exposto pela *Segunda confissão helvética* (cap. 2, § 1; in: Beeke; Ferguson, 2006, p. 14):

> [...] reconhecemos como ortodoxa e genuína apenas a interpretação das Escrituras que é retirada das próprias Escrituras (ou seja, do significado da língua em que foram escritas, segundo as circunstâncias em que foram registradas, pela comparação de passagens semelhantes, das diferentes e também das mais claras) que concorda com a regra de fé e amor e que contribui notavelmente para a glória de Deus e a salvação dos homens.

Toda boa ajuda na interpretação da Bíblia é bem-vinda. Muitos servos de Deus do passado labutaram no trabalho de interpretá-la; há um acervo fabuloso à nossa disposição, desse a patrística, passando pela Reforma, até os dias atuais. Apesar da autoridade desses intérpretes, o que disseram deve passar pelo exame meticuloso das Escrituras. Ao falar das "profecias", o apóstolo Paulo estabeleceu um princípio ainda válido: "ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1Tessalonicenses 5.21). Esse princípio foi levado a sério pela *Segunda confissão helvética* (cap. 2, § 4; in: ibid., p. 14):

> Portanto, não desprezamos as interpretações dos santos padres gregos e latinos, nem rejeitamos as suas discussões e os seus tratados,

> contanto que eles estejam em conformidade com as Escrituras, mas respeitosamente divergimos delas quando nelas encontramos coisas estranhas ou contrárias às Escrituras. Tampouco cremos que estamos lhes fazendo qualquer injustiça a respeito dessa questão, visto que todos eles, unanimemente, não procuraram equiparar os seus escritos com as Escrituras Canônicas, mas nos mandam verificar até que ponto concordam com elas ou delas discordam, aceitando o que está de acordo com elas e rejeitando o que está em desacordo. E nessa mesma ordem, colocamos também os decretos e os cânones dos concílios. [...] Portanto, acerca das questões de fé e religião, não admitimos outro juiz que não seja o próprio Deus, que, por intermédio das Escrituras Sagradas, anuncia o que é verdadeiro, o que é falso, o que deve ser seguido e o que deve ser evitado.

Essa é a atitude que deve conduzir o cristão ao usar recursos para interpretar as Escrituras. Uma mente treinada à luz da Bíblia estará preparada para concordar com as opiniões dos intérpretes ou discordar delas, e esses intérpretes devem ser humildes para reconhecer suas limitações. É uma pena que os testemunhas de Jeová desconheçam esses princípios e não tenham essa liberdade.

A seguir, vamos analisar os textos bíblicos distorcidos pelo Corpo Governante a fim de fundamentar sua pretensão de "canal de comunicação de Jeová" e de único intérprete fiel das Escrituras.

Textos mal interpretados

Mateus 24.45-47 (NM)

> Quem é, realmente, o escravo fiel e discreto a quem o seu amo designou sobre os seus domésticos, para dar-lhes o seu alimento no tempo apropriado? Feliz aquele escravo, se o seu amo, ao chegar, o achar fazendo assim! Deveras, eu vos digo: Ele o designará sobre todos os seus bens.

Contrariando a liderança máxima dos testemunhas de Jeová, o texto de Mateus 24.45-47 em nenhum momento ensina que Jesus predisse a

existência de uma classe conhecida como "escravo fiel e discreto" (*NM*), nem muito menos seu porta-voz, o Corpo Governante, que teria como função alimentar espiritualmente seus seguidores. Não se trata de uma profecia, mas tão somente de uma parábola, cujo objetivo é levar os cristãos a estar vigilantes, aguardando a volta de Jesus, pois ninguém sabe em que dia e hora virá o Mestre.

Mateus 24.36 é o ponto-chave dessa questão: "Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai". Os exemplos que vão de Mateus 24.37 a 25.1-13 estão relacionados a esse versículo e servem de advertência e alerta. O objetivo é levar os cristãos à vigilância. Para isso, Jesus usou o Dilúvio e mais três parábolas: a do dono de casa, a das dez virgens e a do "escravo fiel e discreto". Contrário ao que faz parecer o Corpo Governante, a parábola do escravo não termina no versículo 47, mas no 51. Segundo o versículo 48, o escravo, perdendo de vista a necessidade de vigilância, diz: "Meu amo demora". Então, Jesus arremata: "O amo daquele escravo virá num dia em que não espera e numa hora que não sabe, e o punirá" (v. 50,51). Então, quem é o "escravo fiel e discreto"? É todo cristão que, desconhecendo o dia e a hora da volta de Jesus, está vigiando e aguardando sua vinda. Mas não está ocioso, pois, nesse ínterim, como todo bom servo, trabalha na obra do Amo.

Atos 8.27-36

> Então Filipe correu para a carruagem, ouviu o homem lendo o profeta Isaías e lhe perguntou: "O senhor entende o que está lendo?" Ele respondeu: "Como posso entender se alguém não me explicar?"

Valendo-se da declaração do eunuco etíope, que se mostrou incapaz de entender o que estava lendo, a menos que alguém o explicasse (v. 31), o Corpo Governante põe-se na condição de Filipe, o expositor das Escrituras para o eunuco, que, nesse caso, representaria os que ignoram a Bíblia.

O contexto, porém, revela que a dúvida do eunuco limitava-se a uma parte das Escrituras: Isaías 53.7-8 (v. Atos 8.28,32,33). Lendo a profecia, ele entendeu que alguém sofreria, seria julgado injustamente e,

por fim, morreria. Ele só queria saber a quem o profeta se referia nessa passagem: se falava de si mesmo ou de outra pessoa. Ora, se o eunuco tivesse toda a Bíblia (e não tinha pelo fato de o Novo Testamento ainda não ter sido escrito), bastaria ler 1Pedro 2.21-25, que aplica essa passagem de Isaías a Jesus. Assim, o problema do eunuco era ter apenas uma fração das Escrituras. Como ensina a *Confissão de fé de Westminster* (cap. 1, § 9; in: ibid., p. 15):

> A regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto das Escrituras (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto deve ser estudado e examinado por outros textos que falem mais claramente.

Atos 15.22,23a,28,29

> Então os apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, dois líderes entre os irmãos. Com eles enviaram a seguinte carta: [...] "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem".

Esse texto não revela a existência de um corpo governante da igreja primitiva em Jerusalém. Quando o cristianismo foi fundado, era composto primeiramente por judeus. Depois, pessoas de outras raças começaram a entrar. Eram os gentios.[19] Isso gerou tremendo choque de culturas e costumes. Assim, segundo o início de Atos 15, alguns judeus saíram

[19] Essa era a designação usual que os judeus davam aos que não pertenciam à sua raça. Os testemunhas de Jeová usam o termo "pessoas das nações" (*NM*).

de Jerusalém e foram até a cidade de Antioquia, onde estavam Paulo e Barnabé, e começaram a ensinar que os novos convertidos não seriam salvos se não fossem circuncidados segundo o costume de Moisés. A briga estava formada.

A questão é: Por que Paulo e Barnabé não resolveram o problema sozinhos? Por que tiveram de ir até Jerusalém buscar auxílio dos apóstolos? A resposta é a seguinte: Paulo e Barnabé pertenciam à igreja de Antioquia (Atos 13.1). Os judeus que foram até lá ensinar a necessidade de guardar a Lei de Moisés saíram da igreja de Jerusalém (v. 24). Assim, nada mais justo que o problema fosse resolvido em Jerusalém, de onde os debatedores haviam saído. Se eles consideravam os apóstolos daquela igreja como autoridade constituída por Deus, certamente acatariam sua decisão. Isso nada tem que ver com o fato de existir um "corpo governante" em Jerusalém que controlasse todas as demais igrejas no mundo inteiro. Esse poder centralizador não fazia parte da igreja primitiva.

Eis outro fato que deve ser observado: a decisão conciliar não foi tomada apenas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém. A multidão dos irmãos também estava presente e participou do debate. Ou seja, a decisão não foi tomada arbitrariamente pela liderança e repassada aos liderados. Esse não é o primeiro relato em que toda a igreja participa de uma decisão importante para o grupo dos cristãos. Por exemplo, na escolha dos diáconos,[20] vemos os apóstolos pedindo à multidão que escolhesse os que cuidariam da distribuição de alimentos na igreja (Atos 6.1-6). Uma vez escolhidos, a multidão dos discípulos levou-os até os apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles, confirmando a escolha.

Não nos podemos esquecer, porém, do fato de existirem pessoas a quem Deus delegou a tarefa de cuidar da igreja (Atos 20.28; Efésios 4.11,12; Hebreus 13.17; IPedro 5.2). Se cada pessoa, isoladamente, tivesse poder de decisão, a anarquia dominaria a Igreja. Mas, seja como for, nada se

[20] "Servos ministeriais" na nomenclatura dos testemunhas de Jeová.

assemelha no cristianismo primitivo à forma de chefia praticada pelo Corpo Governante dos testemunhas de Jeová.

Efésios 4.11,12

> Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado.

O Corpo Governante apresenta esse texto da seguinte forma: "Que é necessário mais do que meramente ler a Bíblia em particular, pode-se ver de Efésios 4:11-13". Depois disso, pergunta: "Como podemos saber quem são os que Jeová Deus e Jesus Cristo estão usando para *ajudar pessoas que desejam ser cristãos* a alcançarem a condição de homem plenamente desenvolvido?".[21] Esse comentário contradiz o texto bíblico, pois *A Sentinela* declara que Jeová e Jesus deram à igreja homens para ajudar quem desejasse ser cristão, quando o texto diz que foram dados "com o fim de preparar os santos para a obra do ministério". Se são chamados "santos", é porque já são cristãos.

Para que alguém se tornasse cristão, Deus providenciara a obra do Espírito Santo, que faria o indivíduo perceber sua condição pecaminosa, levando-o ao arrependimento de seus pecados e ao reconhecimento de que sem Jesus Cristo não há meio de obter a salvação. Ao ingressar então na igreja, ele, como "santo", isto é, separado por Deus, receberia ajuda dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para desempenhar sua "obra do ministério" e progredir até atingir a plena estatura da medida de Cristo.

Assim, essas funções foram estabelecidas por Deus com o objetivo de nos levar ao crescimento espiritual, ao amadurecimento cristão. Nunca para nos conduzir à vida, como afirmou o Corpo Governante.[22] Quão diferentes são as palavras do apóstolo Paulo dirigidas aos coríntios: "Não

[21] **A Sentinela**, 1º/12/1991, p. 19.
[22] **A Sentinela**, 1º/8/1982, p. 27.

que tenhamos domínio sobre a sua fé, mas cooperamos com vocês para que tenham alegria, porque é pela fé que vocês permanecem firmes" (2Coríntios 1.24). Esse texto tem dois elementos importantes:

1. Os "santos" permaneciam firmes por causa da fé que tinham (pois a receberam do Espírito Santo), não pela obediência cega a preceitos de homens.
2. Havendo na comunidade cristã pessoas capacitadas para instruir, ainda assim a atuação delas seria limitada. Deveriam ser cooperadoras, jamais donas ou manipuladoras da fé alheia. O objetivo delas é levar os "santos" a desempenhar melhor seu ministério cristão. E a principal tarefa de cada cristão é, sem dúvida alguma, a pregação das boas-novas: Cristo Jesus, Senhor do mundo e de nossa vida.

A *TRADUÇÃO DO NOVO MUNDO* (*NM*)

Na década de 1950, o terceiro presidente da Torre de Vigia, Nathan Knorr, desejou uma tradução que fosse fiel às Escrituras, pois julgava que as existentes estavam repletas de "filosofias mundanas, sectarismo" etc.[23] Teve início então a produção da *Tradução do Novo Mundo*, que não passa de uma versão fabricada com a intenção de confirmar as doutrinas antibíblicas da seita, uma vez que as demais traduções classificadas de "sectárias" e "mundanas" não as respaldavam. Em português, a tradução contendo o Antigo e o Novo Testamentos[24] foi lançada em 1967.

Eis alguns dos exemplos de deliberada distorção do texto bíblico:

Lucas 23.26 (e outros) — *cruz* versus *estaca de tortura*

> Então, quando o levaram embora, pegaram Simão, certo nativo de Cirene, que vinha do campo, e puseram nele a *estaca de tortura* para a levar atrás de Jesus.

[23] **Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa**, 1966, p. 315, §16.

[24] Os testemunhas de Jeová designam o Antigo Testamento como "Escrituras Hebraicas", e o Novo Testamento, "Escrituras Gregas Cristãs".

Até 1936, os testemunhas de Jeová criam que Jesus morrera numa cruz. No entanto, Rutherford, no livro *Riquezas* (p. 26), mudou esse ensinamento e afirmou que Jesus não morrera numa cruz de duas vigas, mas num *madeiro* ou *estaca de tortura*.[25] Em razão disso, com o lançamento da *Tradução do Novo Mundo*, a palavra "cruz" foi substituída por "estaca de tortura", embora nenhuma outra versão bíblica abonasse essa substituição.[26]

A fim de desacreditar as modernas traduções da Bíblia que usam o termo "cruz", os testemunhas de Jeová recorrem a uma falácia linguística: "A palavra grega traduzida por 'cruz' em muitas versões modernas da Bíblia [...] é *stau.rós*. No grego clássico, esta palavra significa meramente uma estaca reta, ou poste". [...] Assim, o peso da evidência indica que Jesus morreu numa estaca reta e não na cruz tradicional".[27]

Essa objeção não leva em conta que as palavras, com o passar do tempo, podem perder o significado original ou tê-lo ampliado, o que não invalida a conotação que se dá hoje. O fato de *staurós* no grego clássico (séculos VIII-IV a.C.) significar "estaca reta", um "poste", não significa que tinha esse sentido absoluto no século I, pois o grego desse período é o coinê (comum) ou helenístico (c. 300 a.C.-300 d.C.). As publicações consultadas pelo Corpo Governante para fundamentar esse argumento linguístico, como o *The Imperial Bible Dictionary*, não trazem a designação "*de tortura*", pois *staurós* aponta simplesmente para uma estaca, um poste reto ou um pedaço de ripa, sem precisar o formato e a finalidade. Aliás, mesmo sem querer, o livro *Raciocínios à base das Escrituras* favorece o ponto de vista da extensão do significado dessa palavra: "Mais tarde, [*staurós*] veio também a ser usada para uma estaca de execução com uma peça transversal".[28] Esse "mais tarde" pode se referir ao período greco-romano. Sobre isso, veja o que disse Estêvão BETTENCOURT (1994, p. 101):

[25] V. tb. **A Sentinela**, 15/5/1995, p. 20.

[26] O **Novo Testamento Judaico** (São Paulo: Vida, 2007) também aboliu o termo "cruz", substituindo-o por "estaca de execução", considerado "terminologia neutra".

[27] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 99-100.

[28] P. 99.

> Ora, a crucificação era usual entre os romanos, adotada já por povos mais antigos. Com efeito, os persas, nos séculos V/IV a.C. a aplicavam; o costume passou para o Império de Alexandre Magno, que em 331 venceu os persas, dando origem à cultura helenística. Os cartaginenses puniam os reis nacionais e estrangeiros com a cruz. Parece que foram eles que transmitiram o costume aos romanos; estes, por sua vez, o fizeram chegar à Palestina, nos tempos de Alexandre Janeu (67 a.C.), rei de Judá, impregnado de cultura helenística. Os romanos aplicavam o suplício da cruz aos piratas, bandidos e rebeldes; era dito **supplicium servile**, porque destinado originariamente aos escravos; aplicavam-no, porém, ocasionalmente, aos cidadãos romanos, apesar dos protestos de Cícero.

O *The Imperial Bible Dictionary*, usado pelo Corpo Governante fora de contexto no livro *Raciocínios à base das Escrituras*, reconhece a cruz como instrumento de execução nos dias de Jesus; o que o dicionário comenta é a dificuldade de determinar a "forma" da cruz em que Jesus sofreu. Ele apresenta três modelos: T (*crux commissa*), ✕ (*crux decussata*, também chamada de Cruz de Santo André) e † (*crux immissa*, também chamada de *latina* ou *capitata*). Essa última é apontada pela "voz geral da tradição" como a cruz do Senhor (FAIRBAIRN, p. 376-377).[29]

Assim, à luz das evidências históricas, arqueológicas e linguísticas, o uso que fazemos da palavra "cruz" é legítimo. Negar isso é atentar contra a História, que assegura ter sido a cruz o instrumento de execução utilizado pelos romanos nos dias de Jesus. Ele foi julgado num tribunal romano e executado segundo o padrão romano de condenação: a crucificação (BETTENCOURT, 1994, p. 98-106).

Na *Tradução do Novo Mundo: com referências*, os testemunhas de Jeová também se valem de uma ilustração da obra *De cruce libri tres* [A cruz, terceiro livro], de Justo Lípsio (1547-1606), na qual ele retrata uma "crux

[29] V. tb. BETTENCOURT, 1994, p. 101. O **The Imperial Bible Dictionary** está disponível neste endereço: <http://www.archive.org/details/theimperialbible01unknuoft>. Acesso em: 19/9/2009.

simplex" (uma estaca sem peça transversal).[30] A ideia é convencer o leitor de que a cruz utilizada por Jesus tinha esse formato. O que o Corpo Governante não revelou é que em seu *De cruce liber secundus* [A cruz, segundo livro], o mesmo Justo Lípsio ilustra e descreve a cruz na qual Jesus fora pendurado, a *crux immissa*: "Na cruz do Senhor havia quatro partes de madeira: a viga vertical, a viga horizontal, um tronco de árvore (pedaço de madeira) colocado na parte de baixo e o título (inscrição) colocado acima" (apud GRIESHABER, s.d., p. 103).

Outra obra, a *The Non-Christian Cross*, de John Denham Parsons, é usada para afirmar que o formato do *staurós* nos tempos apostólicos não corresponde à cruz usada na cristandade. Eis parte da citação:

> Não existe uma única sentença em qualquer dos inúmeros escritos que formam o Novo Testamento que, no grego original, forneça sequer evidência indireta no sentido de que o *stauros* usado no caso de Jesus fosse diferente do *stauros* comum; muito menos no sentido de que consistisse, não em um só pedaço de madeira, mas em dois pedaços pregados juntos em forma de uma cruz.[31]

Ao contrário do que afirmou Parsons, existem, sim, evidências internas nos textos bíblicos que evidenciam o formato da cruz de Cristo. Elas podem não ser conclusivas, mas são altamente prováveis.

João 20.25 (NM)

> Consequentemente, os outros discípulos diziam-lhe: "Temos visto o Senhor!" Mas, ele lhes disse: "A menos que eu veja nas suas mãos o sinal *dos pregos* e ponha o meu dedo no sinal *dos pregos*, e ponha a minha mão no seu lado, certamente não acreditarei".

[30] P. 1518.

[31] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 99-100. O **The Non-Christian Cross** está disponível em <http://www.gutenberg.org/dirs/etext05/cross10h.htm#CH1>. Acesso em: 19/11/2009.

O plural "pregos" é revelador. A literatura dos testemunhas de Jeová retrata Jesus com as duas mãos unidas para cima e transpassadas por *um só prego*. Isso porque os pregos usados na crucificação tinham de ser grandes, e dois pregos logicamente rasgariam as mãos de Jesus. Do pedido de Tomé para ver o sinal *dos pregos* (plural), deduz-se evidentemente que havia mais de um. Se o formato do *staurós* usado para pregar Jesus consistia num pedaço vertical e outro horizontal, então cada uma das mãos de Jesus recebeu um prego, daí o plural "pregos".

A isso, os testemunhas de Jeová objetam que o uso que Tomé faz do plural não indica necessariamente que Jesus Cristo foi pregado com um prego em cada mão, pois Lucas 24.39 diz: "Vede minhas mãos e *meus pés*". Isso sugere que os pés dele também foram pregados; assim, o plural "pregos" em João 20.25 é geral e poderia incluir os "pés" do Senhor.

A princípio, o argumento pode fazer sentido, mas preste atenção às palavras de Tomé: "A menos que eu veja *nas mãos* o sinal dos pregos". A referência não é geral, mas *específica* ("nas mãos", e nelas somente). Para ser geral e incluir as mãos e os pés, a frase deveria rezar: "A menos que eu veja o sinal dos pregos".

Mateus 27.27 (NM)

> Também puseram *por cima de sua cabeça* a acusação contra ele, por escrito: "Este é Jesus, o Rei dos Judeus".

Como os testemunhas de Jeová creem que Jesus morreu com as duas mãos estendidas e sobrepostas, eles retratam a inscrição de Pilatos por cima *das mãos* de Jesus. Entretanto, o texto é muito específico: a inscrição foi posta "por cima de sua cabeça". Assim, tomando-se como certo que Jesus morreu numa *crux immissa* (†) e de braços abertos, onde visualizaríamos a inscrição? Os fatos falam por si: em cima das mãos, claro.

Mesmo diante das evidências, a objeção dos testemunhas de Jeová é que, mesmo em cima das mãos, conforme suas ilustrações, a posição ainda é "por cima de sua cabeça", o que nega a especificidade do evangelista.

Para resolver essa questão, convém recorrer aos outros evangelistas e ver como cada um lidou com essa informação. Veja.

- Marcos — "E a inscrição de acusação estava escrita *mais acima* [...]" (15.26, *NM*).
- Lucas — "Havia também uma inscrição *por cima dele*" (23.38, *NM*).
- João — "Pilatos escreveu também um título e o pôs *na estaca* de tortura" (19.19, *NM*).

O argumento dos testemunhas de Jeová só se sustentaria à luz de Marcos, Lucas e João, que escreveram de forma genérica; Mateus, porém, foi mais detalhista e específico: "por cima de sua cabeça".

Dessa forma, ao contrário do que afirmou *The Non-Christian Cross*, há, sim, evidências que confirmam o formato da estaca de execução de Jesus: a cruz, tal como a conhecemos. Só não devemos pensar, influenciados pela arte sacra, que ele carregou a cruz completa. Não era o costume dos romanos. BETTENCOURT (1994, p. 101) informa o seguinte:

> O braço vertical era chamado **stipes** ou **staticulum**; ficava plantado na terra no lugar determinado para as execuções, pelo menos nas cidades do Império que tinham tribunal. [...] O braço horizontal era chamado p**atibulum**, nome que indicava a tranca ou a barra de madeira que fechava a porta da casa por dentro; [...] No caso de crucificação, o **cruciarius** ou o condenado à cruz, partindo do tribunal ou da prisão, carregava seu **patibulum** posto sobre os seus ombros (horizontalmente, atrás da nuca); as mãos passadas por cima do madeiro eram amarradas à barra com cordas; as pontas das cordas eram seguradas por um soldado, que ia à frente do condenado [...]".

Cruz: maldição e bênção

Para os que gostam de usar a cruz como símbolo de vitória (é o meu caso), expondo-a num broche ou mesmo num cordão, ou para as igrejas que expõem a cruz em sua fachada, os testemunhas de Jeová lançam a

seguinte argumentação: "Como se sentiria se um amigo seu muito prezado fosse executado à base de acusações falsas? Faria uma réplica do instrumento de execução? Será que o prezaria, ou, antes, o evitaria?".[32] A resposta é simples.

Nas Escrituras, há um exemplo interessante de um símbolo de maldição que foi transformado em bênção. Durante a peregrinação no deserto, os israelitas rebelaram-se contra Jeová, queixando-se do maná que ele lhes provera miraculosamente. Por conseguinte, Jeová os puniu enviando serpentes venenosas, e muitos morreram. Por fim, o povo mostrou-se arrependido. Jeová então ordenou a Moisés que fizesse uma imagem de bronze em forma de serpente e a pusesse num poste, a fim de que todo aquele que fosse picado pudesse olhar para ela e então recebesse a cura (Números 21.4-9). Não há dúvida de que a serpente foi o instrumento de maldição e de execução da parte de Deus para punir os queixosos, mas também foi o instrumento de cura e de bênção para os arrependidos. Podemos devolver aos testemunhas de Jeová a pergunta: "Seria sábio que os israelitas evitassem aquele instrumento, ou deveriam prezá-lo?".

É verdade que, séculos depois, os israelitas transformaram a serpente de bronze num ídolo, um objeto de devoção com *status* de divindade, ocupando na vida deles o lugar que cabia exclusivamente ao Senhor Deus. Por isso, o rei Ezequias, de Judá, mandou destruí-la (2Reis 18.4). Isso nos ensina algo útil: a cruz pode ser prezada, mas não adorada. Caso ela se converta num ídolo, deve ser eliminada como tal. Contudo, se ao contemplar a cruz nos lembramos do grande amor de Jesus ao entregar-se voluntariamente por nós, não há como negar que ela é um verdadeiro símbolo de amor e de vitória sobre a morte e o pecado.

João 1.1

> No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com o Deus e *a Palavra era [um] deus.*

[32] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 102.

O Corpo Governante acrescentou o artigo indefinido "um" antes da palavra "Deus", sendo a própria palavra grafada com inicial minúscula, a fim de diferenciar Jesus, "um deus", de Jeová, "o Deus". (V. no cap. 5 uma resposta cristã a essa tradução equivocada e politeísta.)

João 8.58

> Jesus disse-lhes: "Digo-vos em toda a verdade: *Antes de Abraão vir à existência, eu tenho sido*".

Esse é um dos raros textos do Novo Testamento em que o próprio Jesus declara abertamente sua divindade. Mas a *Tradução do Novo Mundo*, na tentativa de eliminar qualquer resquício da divindade de Jesus, modificou o texto de tal maneira que a referência a esse fato simplesmente desaparecesse.

No lugar da expressão final "eu tenho sido", a correta tradução deveria ser "eu sou", pois é exatamente assim que está no texto grego: ἐγὼ εἰμι (*ego eimi* = eu sou). Assim traduzem praticamente todas as versões da Bíblia (protestantes e católicas). Mas por que isso é tão importante? Porque a expressão *ego eimi*, utilizada por Jesus, equivale à mesma expressão empregada pelo Todo-poderoso no Antigo Testamento (Êxodo 3.14). Dessa forma, Jesus estaria afirmando abertamente sua divindade, ao identificar-se com o "Eu Sou" do Antigo Testamento. Assim, a expressão "eu sou" é a única admissível. "Eu tenho sido" não é possível em João 8.58, nem gramatical (v. MARTIN, 1992, p. 106-109) nem contextualmente. Acompanhe o raciocínio.

A assistência de Jesus era composta por judeus. Quando Jesus afirmou que Abraão havia visto o seu dia, os judeus simplesmente caçoaram de Jesus: "[...] Você ainda não tem cinquenta anos, e viu Abraão?" (8.57). Ao que Jesus respondeu: "[...] Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!". Ora, ao dizer isso, a reação daqueles judeus foi imediata: "Então eles apanharam pedras para apedrejá-lo [...]" (8.59). Por que o apedrejamento? Os judeus recorriam a essa prática por pelo menos cinco razões, como alista Walter MARTIN (1992, p. 106-107): "1. Invocação dos mortos

(Lv 20.17); 2. Blasfêmia (Lv 24.10-23); 3. Falsos profetas levando o povo à idolatria (Dt 13.5-10); 4. Filhos rebeldes (Dt 21.8-21); e 5. Adultério e estupro (Dt 22.21-24; Lv 20.10)". Em seguida, Martin conclui (p. 107): "Quem estuda a Bíblia honestamente tem de concordar que, dentre os motivos citados, o único que os judeus poderiam alegar como base legal para apedrejar Cristo era o segundo, a blasfêmia (na verdade não tinham nenhum)".

É evidente que os judeus entenderam claramente a expressão proferida por Jesus, pois falavam o mesmo idioma dele. É interessante observar que os judeus de Alexandria, que traduziram o Antigo Testamento para o grego — a versão *Septuaginta* —, verteram a expressão hebraica *'Ehyeh 'asher 'ehyeh* (Eu sou o que sou), de Êxodo 3.14, por *Ego eimi ho on* (Eu sou o que sou), e não por "eu tenho sido". Jesus usou exatamente a mesma expressão de Êxodo 3.14: *'Ehyeh* (Eu sou).[33]

Os testemunhas de Jeová contra-argumentam afirmando o seguinte:

> Na tentativa adicional de identificar Jesus com Jeová, alguns procuram usar Êx 3:14 (LXX [*Septuaginta*]), que reza: Ἐγώ εἰηι [sic.] ὁ ὤν (*E·gó ei·mi ho on*), que significa "Eu sou o ser" ou "Eu sou o existente". Esta tentativa não pode ser sustentada, porque a expressão em Êx 3:14 é diferente da em Jo 8:58.[34]

A única forma de a seita negar que João 8.58 não ensina a divindade de Jesus foi mudar o que ele realmente disse e então afirmar que a expressão de Êxodo 3.14 não é a mesma de João 8.58. Contudo, não apresentou nenhuma prova para essa afirmação. A única coisa que move os testemunhas de Jeová a desvincular Êxodo 3.14 de João 8.58 é sua incredulidade em relação à igualdade de Jesus com o Pai.

[33] Jerônimo, que traduziu o Antigo Testamento do hebraico para o latim (a versão *Vulgata*), verteu *'Ehyeh 'asher 'ehyeh* por *Ego sum qui sum* (Eu sou o que sou). "Eu tenho sido" é uma tradução estranha à arte de traduzir as Escrituras.

[34] **Tradução do Novo Mundo:** com referências, 1986, apêndice 6F, p. 1523.

Outra objeção apresentada é a seguinte:

> Alguns, na tentativa de identificar Jesus com Jeová, dizem que ἐγὼ εἰμι (*e·gó ei·mi*) equivale à expressão hebraica *'aní hu'*, "sou eu [eu o sou]", usada por Deus. Todavia, deve-se notar que esta expressão hebraica é também usada pelo homem. — 1Cr 21:17 n.[35]

A linha de argumentação é esta: mesmo que Jesus tivesse usado a mesma expressão que o Pai empregou, isso não o identificaria como Deus, pois Davi, um simples homem, usou em 1Crônicas 21.17 a expressão *'anî hû'* (lit. "eu sou" ou "eu [o] sou"), a mesma usada por Deus em Deuteronômio 32.39; Isaías 41.4; 43.10,13; 46.4; 48.12; 52.6.

O argumento tem consistência lógica, mas não é verdadeiro pela seguinte razão: o xis da questão não está simplesmente no uso da expressão *'anî hû'*, mas *no contexto em que foi empregada*. Quando Davi usou *'anî hû'*, estava dizendo tão somente que foi ele quem mandou fazer o recenseamento do povo; assim, se Deus tivesse de punir alguém, que o punisse, mas que deixasse o povo livre disso. Davi jamais seria acusado de blasfêmia por usar a expressão nesse contexto; ele em nenhum momento alegou ser o Todo-poderoso ao usar *'anî hû'*. Mas, quando Deus usa *'anî hû'*, está em pauta sua autorrevelação. Sobre isso, o comentário de J. Ramsey MICHAELS é oportuno (1994, p. 164):

> Tal formulação [*'anî hû'*] aparece de modo especial em Isaías 40—55, onde Deus a utiliza a fim de proclamar sua singularidade como o Deus da aliança com Israel, fiel à suas promessas, forte para livrar e restaurar seu povo (ver Isaías 41:4; 43:10-13,25; 45:18-19; 48:12; 52:6; cf. Deuteronômio 32:39). O emprego dessa expressão implica um monoteísmo radical, não qualificado: "antes de mim Deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá" (Isaías 43:10b); "Eu sou o

[35] **Tradução do Novo Mundo:** com referências, 1986, apêndice 6F, p. 1523.

Senhor, e não há outro" (Isaías 45:18); "Eu sou, Eu somente, e não há outro Deus além de mim" (Deuteronômio 32:39). Quem utilizasse essa formulação, fosse quem fosse, da maneira como Cristo a utilizou, cometeria blasfêmia (Isaías 47:8; Sofonias 2:15). Aqui, pela primeira vez, as implicações da utilização dessa formulação por Jesus chegaram até seus ouvintes; a reação deles foi: pegaram em pedras para atirar nele (v. 59). Não há dúvida de que acabaram entendendo que Jesus falava com a voz de Deus, como se ele próprio fosse "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" (cf. Êxodo 3:6).

O que a Bíblia diz sobre Jesus, nenhum humano ou anjo pode contradizer ou anular; suas afirmações sobre si mesmo são comparáveis somente ao que as Escrituras dizem acerca da natureza do Deus todo-poderoso:

O que Jesus disse de si mesmo

- Eu sou a luz do mundo (João 8.12; cf. Salmos 27.1; 36.9; 1João 1.5).
- Eu sou o bom Pastor (João 10.11,12,14; Hebreus 13.20; cf. Salmos 23.1; 80.1; Isaías 40.10,11).
- Eu sou o Mestre (João 13.13; cf. Jó 36.22; Salmos 25.4; 27.11).
- Eu sou o Senhor (João 13.13; Mateus 24.42; Atos 9.17; 10.36; Romanos 10.12 [Senhor de todos]; 1Coríntios 8.6; Efésios 4.5; Judas 4; cf. Josué 11.12,13; Neemias 8.10; 10.29).
- Eu sou aquele que sonda mentes e corações (Apocalipse 2.23; cf. Salmos 7.9; Jeremias 11.20; 17.10; 20.12).
- Eu sou aquele que retribui a cada um de acordo com as suas obras (Apocalipse 2.23; 22.12,13; Mateus 16.27; 2Coríntios 5.10; cf. 62.12; Jó 34.11; Provérbios 24.12; Ezequiel 33.20; 1Samuel 16.7; Jeremias 32.19; Romanos 2.3-11; 2Timóteo 4.14; 1Pedro 1.17).
- Eu sou o caminho (João 14.6; cf. Salmos 18.30; 25.8,9; 32.8).
- Eu sou a verdade (João 14.6; cf. Salmos 31.5; 86.15; 119.160).
- Eu sou a vida (João 11.25; 14.6; cf. Salmos 36.9; Jeremias 2.13; Atos 17.28).

- Eu sou a ressurreição (João 11.25; Filipenses 3.20,21; cf. Mateus 22.31; Atos 2.32; João 2.19-21; 1Coríntios 6.14).
- Eu sou o Alfa e o Ômega (Apocalipse 1.8; 21.6; 22.13). (V. o cap. 5, subtítulo "Jesus é verdadeiramente Deus".)
- Eu sou o Princípio e o Fim (Apocalipse 21.6; 22.12,13). (V. o cap. 5, subtítulo "Jesus é verdadeiramente Deus".)
- Eu sou o Primeiro e o Último (Apocalipse 1.17; cf. Isaías 41.4; 44.6; 48.12). (V. o cap. 5, subtítulo "Jesus é verdadeiramente Deus".)
- Eu sou o que é, o que era e que há de vir (Apocalipse 1.8; Hebreus 13.8; cf. Apocalipse 4.8; 11.17). (V. o cap. 5, subtítulo "Jesus é verdadeiramente Deus".)
- Eu sou o Todo-poderoso (Apocalipse 1.8; cf. Mateus 28.18; Filipenses 3.21; Hebreus 1.3). (V. o cap. 5, subtítulo "Jesus é verdadeiramente Deus".)
- Creiam em Deus; creiam também em mim (João 14.1).
- Honrem a mim, como honram o Pai (João 5.23).

O que seguidores de Jesus disseram sobre ele

- Ele é o Criador de tudo o que existe (Colossenses 1.16, 17; João 1.3; 1Coríntios 8.6; cf. Efésios 3.9; Hebreus 3.4; Isaías 40.28; 44.24; 45.12).
- Ele sustenta todas as coisas por sua palavra poderosa (Hebreus 1.3; Filipenses 3.21; cf. Êxodo 6.3).
- Ele tem o poder de colocar todas as coisas debaixo do seu domínio (Filipenses 3.21; cf. Efésios 3.20,21).
- Ele é tudo e está em todos (Colossenses 3.11; Filipenses 3.21; cf. 1Coríntios 15.28).
- Ele preenche todas as coisas (Efésios 1.23; cf. Jeremias 23.24).
- Ele é o Senhor de mortos e de vivos (Romanos 14.7,8; cf. Lucas 20.37,38).
- Ele é Senhor dos senhores (Apocalipse 17.14; 19.16; cf. Deuteronômio 10.17; Salmos 136.6).

- Ele é a vida eterna (1João 5.20; cf. João 17.3).
- Ele é o verdadeiro Deus (1João 5.20; cf. João 17.3).
- Ele é Deus (João 1.1; cf. Isaías 43.10; 44.8).
- Ele é Deus Poderoso (Isaías 9.6; cf. Isaías 10.21; Deuteronômio 10.17; Neemias 9.32).
- Ele é eterno (Miqueias 5.2; cf. Salmos 90.2; 93.2).
- Todo joelho no céu e na terra se dobrará diante dele (Filipenses 2.10; cf. Isaías 45.23; Romanos 14.11).
- Toda língua o confessará como Senhor (Filipenses 2.11).
- Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Colossenses 2.9).
- Ele é invocado por todos e em toda parte (1Coríntios 1.2; Atos 7.59; cf. Salmos 145.18; 31.5).

O que o Pai disse de Jesus

- "Todos os anjos de Deus o adorem" (Hebreus 1.8; cf. Apocalipse 22.9; Deuteronômio 4.24). (Cf. Hebreus 1.6, adiante.)
- "O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre" (Hebreus 1.8; cf. Isaías 9.7; Apocalipse 5.13). (Cf. Hebreus 1.8, adiante.)
- "No princípio, Senhor, firmaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos" (Hebreus 1.10; cf. Salmos 102.24,25). (Cf. Hebreus 1.8, adiante.)
- "Tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim" (Hebreus 1.12; cf. Salmos 102.27; Jó 36.26; Malaquias 3.6; Tiago 1.17). (Cf. Hebreus 1.8, adiante.)

É preciso fazer outro esclarecimento sobre João 8.58. A troca de "eu sou" por "eu tenho sido", por quem fez a *Tradução do Novo Mundo*, foi propositada, a fim de tentar inutilmente ocultar o que as Escrituras de fato dizem sobre a divindade de Jesus Cristo. Esse engodo bem planejado pode ser observado em *The Kingdom Interlinear Translation of the Greek Scriptures* [Tradução Interlinear do Reino das Escrituras Gregas], um texto

interlinear publicado pela Torre de Vigia dos Estados Unidos da seguinte maneira: em primeiro plano, aparece o texto grego; abaixo dele, aparece a tradução para o inglês palavra por palavra; numa coluna lateral, aparece o texto da *Tradução do Novo Mundo* (também em inglês).

Pois bem, se tomarmos João 8.12,18, 24, 28, 58, teremos uma surpresa na versão interlinear. Em todos esses versículos, aparece a expressão ἐγώ εἰμι [*ego eimi*]. Mas veja o que foi feito:

João	**8.12**	**8.18**	**8.24**	**8.28**	**8.58**
Texto grego	ἐγώ εἰμι	ἐγώ εἰμι	ἐγώ εἰμι	ἐγώ εἰμι	ἐγώ εἰμι
Tradução literal	I am	I am	I am	I am	I am
***NM* (inglês)**	I am	I am	I am	I am	I have been

Como pode ser observado, a expressão grega ἐγώ εἰμι (*ego eimi*) aparece cinco vezes em João 8. A tradução palavra por palavra da *Interlinear* verteu-a por *I am* (eu sou); mas, na tradução definitiva, que é o texto da *Tradução do Novo Mundo*, em inglês, o versículo 58 sofreu uma mudança radical, pois ἐγώ εἰμι, traduzido sempre por *I am*, transformou-se, num passe de mágica, em *I have been* (eu tenho sido). Essa é uma prova documental de que os tradutores dos testemunhas de Jeová criaram para si uma armadilha, que os pega em flagrante delito textual. Tudo porque se recusam obstinadamente a aceitar a divindade absoluta de Jesus Cristo. E para isso não medem esforços, mesmo que seja preciso adulterar a Palavra de Deus. O Corpo Governante revela não ter o menor escrúpulo linguístico e teológico em tentar moldar as Escrituras a seu bel-prazer.

Cabe aqui uma última palavra. Não raro, os testemunhas de Jeová, mesmo diante dos manuais de teologia sistemática que explicam a formulação da doutrina trinitária, teimam em acusar os cristãos de algo para eles indevido: afirmar que Jesus e Jeová são a mesma *pessoa* (essa é uma heresia chamada "sabelianismo", "modalismo" ou "patripassianismo").

A *Tradução do Novo Mundo: com referências* declara: "Em todas as Escrituras Gregas Cristãs não é possível identificar Jesus com Jeová, como *a mesma pessoa*".[36] Por essa declaração infundada, percebe-se que o Corpo Governante não é honesto em expor a verdadeira formulação da doutrina da Trindade, conforme crida e ensinada pelos cristãos ao longo dos séculos. Basta uma consulta ao *Credo atanasiano* e aos manuais de teologia para ver isso. Os cristãos não acreditam que o Pai e o Filho sejam a mesma pessoa, mas o mesmo Deus, junto com o Espírito Santo. Três pessoas em um só Deus. (V. o cap. 4, que apresenta uma defesa bíblica da doutrina da Trindade.)

Colossenses 1.16,17

> Porque mediante ele foram criadas todas as [outras] coisas nos céus e na terra, as coisas visíveis e as invisíveis, quer sejam tronos, quer senhorios, quer governos, quer autoridades. Todas as [outras] coisas foram criadas por intermédio dele e para ele. Também, ele é antes de todas as [outras] coisas e todas as [outras] coisas vieram a existir por meio dele.

O Corpo Governante adicionou a palavra "outras" entre colchetes para não parecer que Jesus tenha criado todas as coisas, uma vez que segundo Hebreus 3.4 "quem construiu todas as coisas é Deus" (NM). Fizeram isso para desacreditar a divindade de Jesus, pois os testemunhas de Jeová creem que Jeová criou Jesus (sua primeira criação), e este criou "todas as [outras] coisas". Jesus seria, portanto, um mestre de obras, pois o texto usa a expressão "por intermédio dele" ou "por meio dele".

Sobre isso, dois breves comentários são oportunos:

1. Argumenta-se na *Tradução do Novo Mundo* que os colchetes contêm palavras acrescentadas para completar o sentido do texto em português. Ora, se esse fosse o caso, por que deixaram de fazer o

[36] 1986, apêndice 6F, p. 1523.

acréscimo em João 1.3? Será que o intuito era realmente dar sentido ao texto em português? Ou a intenção era desacreditar a divindade de Jesus Cristo como Criador de todas as coisas? O que Jesus passaria a ser sem a existência da expressão "outras": Criador ou criatura? Quando os colossenses receberam a carta paulina, o que leram: que Jesus criou "todas as [outras] coisas" ou "todas as coisas"?

2. A expressão *por intermédio* ou *por meio dele* não "denota qualquer inferioridade, como se Deus tão somente tivesse se utilizado de Cristo para criar as coisas, como se ele mesmo não fosse o criador real, pois a mesma coisa é dita a respeito de Deus Pai, em Hebreus 2.10" (CHAMPLIN, p. 96). A expressão, portanto, "refere-se ao fato de que a criação veio à existência através do poder e da agência de Cristo" (ibid). Como diz Hebreus 1.3, Jesus "sustenta todas as coisas por sua palavra poderosa". Ora, o mesmo que sustenta todas as coisas tem de ser necessariamente o seu Criador.

Filipenses 2.6

> O qual, embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a uma usurpação, a saber, que devesse ser igual a Deus.

Embora esse texto seja uma forte evidência da divindade de Cristo, o Corpo Governante torceu-o para dar a seguinte ideia: Jesus jamais quereria ser igual a Deus, pois consideraria isso usurpação, ou seja, tomar para si o que não lhe era devido. Além disso, afirma que essa é a melhor tradução em vista do contexto:

> O contexto dos versículos circundantes (3-5, 7, 8, Dy) esclarece como o versículo 6 deve ser entendido. Instou-se aos filipenses: "Em humildade, que cada um considere os outros melhores do que a si mesmo." Daí, Paulo usa Cristo como notável exemplo dessa atitude: "Exista em vós esta mente, que também existia em Cristo Jesus." Que "mente"? "Achar não ser roubo ser igual a Deus"? Não, isso seria exatamente o contrário do argumento que estava sendo apresentado! Ao contrário, Jesus, que

> "reputava a Deus como sendo melhor do que ele", jamais "se apossaria da igualdade com Deus", mas, em vez disso, "humilhou-se, tornando-se obediente até a morte".[37]

Apesar dessa construção argumentativa, afirmamos que o modo de a *Tradução do Novo Mundo* verter o texto de Filipenses 2.6 é inadequado, e que a justificativa exegética do Corpo Governante é que, na verdade, diz o contrário do que realmente Jesus afirma.

Citamos a seguir o modo em que diversas versões em português traduzem a passagem bíblica em apreço:

> O qual, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se (*NVI*).

> Pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus (*ARA*).

> Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus (*NTLH*).

> Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente (*BJ*).

> Embora ele fosse Deus na sua natureza real, ele não pensou que ser igual a Deus era algo para utilizar para seu próprio benefício (*VF*).

> Ele, apesar de sua condição divina, não fez alarde de ser igual a Deus (*BP*).

> Ele, que é de condição divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus (*TE*).

[37] **Deve-se crer na Trindade?**, p. 25-26.

> Pois ele, que por sua natureza sempre foi Deus, não se apegou a seus privilégios como alguém igual a Deus (*CH*).

> Ele, existindo na condição divina, não ambicionou o ser igual a Deus (*CNBB*).

De acordo com essas traduções, Jesus não consideraria ser usurpação igualar-se a Deus, pois, sendo "em forma de Deus", "subsistindo em forma de Deus", "sendo Deus" ou sendo "de condição divina", certamente tinha tal direito. E em muitos casos fez uso disso: ao afirmar que ele e o Pai são um (João 10.30); que, assim como o Pai trabalha, ele também o faz (João 5.17) etc. Ele tem os mesmos títulos do Pai, além de ter criado tudo, assim como o Pai (cp. João 1.1 com Efésios 4.6; João 1.3 com Atos 14.15; Jeremias 17.10 com Apocalipse 2.23; Isaías 9.6 com 10.21).

Ademais, aceitando-se a verdade de que Jesus é Deus, o contexto torna-se claro e riquíssimo pela seguinte razão: Paulo insta aos filipenses que sejam humildes, considerando os outros superiores a si mesmos, não visando a interesses próprios, mas aos dos outros. Daí, ele fala de Jesus, o exemplo supremo, pois ele, mesmo sendo Deus, tornou-se servo. Por isso, não faria sentido que os cristãos, homens e iguais entre si, se considerassem superiores uns aos outros. Jesus, que poderia manifestar entre as pessoas seus poderes, sua divindade, optou por assumir a forma de servo; servindo, em vez de ser servido (v. Lucas 22.26, 27 e João 13.3-17). O argumento de Paulo pode ser resumido assim: se Deus se humilhou, por que deveríamos nos exaltar? Ora, Jesus poderia ter se exaltado, engrandecendo-se diante de todos, mas não o fez; alguns, entretanto, sendo meros mortais, atrevem-se a se exaltar, achando-se superiores aos demais. O exemplo de Cristo, que "sendo [Deus] rico, se fez pobre [servo] por amor de nós" (2Coríntios 8.9), põe fim a essa atitude soberba.

Tito 2.13

> Ao passo que aguardamos a feliz esperança e a gloriosa manifestação do grande Deus e [do] Salvador de nós, Cristo Jesus.

Este caso é semelhante a Colossenses 1.16,17 (já citado). Acrescentou--se a preposição "do" entre o "Grande Deus e Salvador", a fim de dar a entender que Jesus é somente Salvador, mas não o "grande Deus" (o mesmo fizeram com 2Pedro 1.1). A pergunta é: "Quem seria Jesus sem a adição da preposição 'do'?".

Além do mais, o apóstolo Paulo usa as expressões "nosso Salvador, Deus" e "Jesus Cristo, nosso Salvador" como expressões intercambiáveis, dando a entender que aquele a quem ele chamou de "grande Deus" era o mesmo Salvador, ou seja, Jesus Cristo. Veja na própria *Tradução do Novo Mundo*:

1.3	1.4	2.10	3.4	3.6
Nosso Salvador Deus	Cristo Jesus, nosso Salvador	Nosso Salvador, Deus	Nosso Salvador, Deus	Jesus Cristo, nosso Salvador

O quadro comparativo deixa bem claro que os termos "Salvador" e "Deus" são aplicados também a Jesus Cristo. O que temos em Tito 2.13 é uma reiteração disso: "aguardamos a feliz esperança e a gloriosa manifestação do grande Deus e Salvador de nós, Cristo Jesus".

Essa forma de verter assim Tito 2.13 é confirmada por especialistas em grego. No texto grego, os termos "Deus" (*theós*) e "Salvador" (*sotéros*) são ligados pelo artigo *kai* ("e"), referidos à mesma pessoa, ou seja, Jesus Cristo. Por exemplo, o dr. William Carey TAYLOR (1986, p. 203-204) afirmou: "Um só artigo com vários substantivos indica certa conexão entre estes como formando um objeto de pensamento"; depois disso, ele dá vários exemplos, dentre os quais citamos livremente:

- Efésios 2.20: "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas" — uma só base, os órgãos de revelação da Era Cristã.
- Colossenses 2.22: "os mandamentos e ensinos dos homens" — um sistema.

- Tito 2.13: "a bem-aventurada esperança e manifestação (idênticas) da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" — uma só pessoa é Deus e Salvador.

O mesmo afirmam sobre Tito 2.13 H. E. DANA e Julius R. MANTEY (1963, p. 147): "Tito 2:13 [...] assevera que Jesus é o grande Deus e Salvador". Eles afirmam que essa mesma construção encontra-se em 2Pedro 2.20 (ibid.), que reza, segundo a *Tradução do Novo Mundo*:

> Certamente, se eles, depois de terem escapado dos aviltamentos do mundo pelo conhecimento exato do *Senhor e Salvador Jesus Cristo*, ficam novamente envolvidos nestas mesmas coisas e são vencidos, as condições derradeiras tornaram-se piores para eles do que as primeiras.

Observe que a construção de 2Pedro 2.20 é a mesma de Tito 2.13. Entretanto, a *Tradução do Novo Mundo* não verteu em 2Pedro 2.20: "do Senhor e [do] Salvador Jesus Cristo", pois, para os testemunhas de Jeová, Jesus pode ser "Senhor" e "Salvador", mas não pode ser "Deus" e "Salvador", como afirma Tito 2.13. Assim, na tentativa de desacreditar tal construção, o Corpo Governante afirma:

> Neste lugar encontramos dois substantivos ligados por καὶ (*kai*, "e"), sendo o primeiro substantivo precedido pelo artigo definido τοῦ (*tou*, "do") e o segundo substantivo sem o artigo definido. Uma construção similar é encontrada em 2Pedro 1:1,2, onde, no v. 2, se faz uma nítida distinção entre Deus e Jesus. [...] Isto indica que, quando duas pessoas diferentes são ligadas por καὶ, se a primeira pessoa for precedida pelo artigo definido, não é necessário repetir o artigo definido antes da segunda pessoa.[38]

[38] **Tradução do Novo Mundo:** com referências, ap. 6E, p. 1521.

O argumento apresentado anteriormente não encontra sentido pelo seguinte motivo: Tito 2.13 não está falando sobre *duas* pessoas diferentes, mas apenas sobre uma, Jesus Cristo. O texto trata da segunda vinda de Cristo, que é aguardada com muita expectativa (Hebreus 9.28).

Assim, por tudo o que já foi citado, fica evidente que Jesus Cristo é, sem dúvida, nosso "grande Deus e Salvador".

Vale a pena também destacar o discurso de Deus no Antigo Testamento. Em Isaías 43.10, ele declara: "Antes de mim, não foi formado nenhum Deus e depois de mim continuou a não haver nenhum". E, no versículo 11, o mesmo Deus afirma: "Eu é que sou Jeová, e além de mim não há salvador" (*NM*). Entretanto, Jesus é chamado "Deus" e "Salvador" (cf. 1Timóteo 2.3), o que garante sua igualdade de essência com o Pai.

2Pedro 1.1

> Simão Pedro, escravo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que obtiveram uma fé, tida por igual privilégio como a nossa, pela justiça e nosso Deus e [do] Salvador Jesus Cristo.

Este caso é análogo ao anterior. Para o apóstolo Pedro, Jesus não é somente "Senhor e Salvador", mas também "Deus e Salvador". A adição da preposição "do" não tem, portanto, cabimento. Comparando esse texto com 2Pedro 2.20 e Tito 2.13, DANA e MANTEY (1963, p. 147) afirmam: "Também em 2Pe 1: τοῦ θεοῦ ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ significa que Jesus é nosso Deus e Salvador".

Os testemunhas de Jeová, evidentemente, não se conformam com isso, e apelam para 2Pedro 1.2, pois todas as Bíblias em português fazem distinção entre "Deus" e "Jesus Cristo":

> Graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo pleno conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, o nosso Senhor. (*NVI*)

> Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor. (*ARA*)

Essas traduções concordam com a *Tradução do Novo Mundo*: "Benignidade imerecida e paz vos sejam aumentadas pelo conhecimento exato de Deus e de Jesus Cristo, nosso Senhor". O Corpo Governante comenta:

> Neste lugar [Tt 2.13] encontramos dois substantivos ligados por καὶ (*kai*, "e"), sendo o primeiro substantivo precedido pelo artigo definido τοῦ (*tou*, "do") e o segundo substantivo sem o artigo definido. Uma construção similar é encontrada em 2Pe 1:1, 2, onde, no v. 2, se faz uma nítida distinção entre Deus e Jesus.[39]

Todas as versões diferenciam "Deus" e "Jesus" em 2Pedro 1.2 porque "Deus", o Pai, e Jesus são duas pessoas distintas (é o que ensina a doutrina da Trindade). O contexto não deixa dúvida: "Deus" e "Jesus" são as expressões ligadas por καὶ ("e"), a exemplo de "Paulo καὶ Barnabé" (Atos 13.50). Mas a construção em 2Pedro 1.1 não é a mesma, pois Pedro fala da "justiça de nosso Deus καὶ Salvador Jesus Cristo" (apenas uma pessoa está sendo referida, não duas, como no caso do versículo 2).

Hebreus 1.6

> Mas, ao trazer novamente o seu Primogênito à terra habitada, ele diz: "E todos os anjos de Deus lhe prestem homenagem".

Até a revisão de 1977, a *Tradução do Novo Mundo* traduzia a segunda parte desse texto assim: "E todos os anjos de Deus o adorem". Todavia, a partir daquele ano, percebendo a incoerência de estarem adorando a Jesus, visto como uma criatura, um deus, o arcanjo Miguel, os testemunhas de Jeová se viram forçados a revisar a tradução, substituindo "o adorem" por "lhe prestem homenagem", pois somente Deus (Jeová) deve ser adorado. A seita diz também que, se Jesus merece algum tipo de adoração, esta deverá ser "relativa", jamais absoluta.

[39] **Tradução do Novo Mundo:** com referências, ap. 6E, p. 1521.

A propósito disso, esclarecemos:

1. Jesus Cristo não poderia receber adoração relativa por duas razões. Primeira: em Deuteronômio 4.24, Jeová exige "adoração exclusiva" (*NM*) e em Isaías 42.8 ele declara que não dividirá sua glória com mais ninguém; portanto, a adoração prestada a Cristo também deve ser absoluta, pois, sendo Deus, ele merece e deve ser adorado, assim como o Pai (João 5.23). Além disso, as publicações dos testemunhas de Jeová afirmam: "*Não existe um único caso* nas Escrituras em que fiéis servos de Jeová [...] tenham se empenhado numa forma de adoração relativa".[40]
2. É verdade que o verbo grego *proskynéo* (προσκυνέω) pode ser também traduzido por "prestar homenagem" ou "reverenciar"; mas, no caso de Hebreus 1.6, o testemunho das Escrituras pede obrigatoriamente a tradução "o adorem". As credenciais de Jesus determinarão se ele merece simples homenagem ou adoração. Ele...

- É Deus Poderoso (Isaías 9.6).
- É Rei dos reis e Senhor dos senhores (Apocalipse 17.4).
- É o herdeiro de todas as coisas (Hebreus 1.2).
- Sustenta todas as coisas por sua palavra poderosa (Hebreus 1.3).
- Tem toda a autoridade no céu e na terra (Mateus 28.18).
- Tem em si todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Colossenses 2.3).
- É o caminho, a verdade e a vida (João 14.6).
- Criou todas as coisas (Colossenses 1.16,17).
- Tem anjos, autoridades e poderes sujeitos a ele (1Pedro 2.22).
- Terá todo joelho no céu e na terra se dobrando diante dele (Filipenses 2.10).
- Será confessado como Senhor por toda língua (Filipenses 2.11).

[40] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, p. 364.

Com essas credenciais, quem ousaria render a Jesus uma simples homenagem? Assim, segundo o testemunho esmagador das Escrituras, Jesus Cristo, como o Pai, é digno de receber glória, honra, poder, riqueza, sabedoria, força e louvor, além de receber a adoração de todas as criaturas do Universo (Apocalipse 4.11; 5.12-14; cf. João 5.23).

Hebreus 1.8

> Mas, com referência ao Filho: "Deus é o teu trono para todo o sempre, e [o] cetro do teu reino é o cetro da retidão".

Diferentemente da *Tradução do Novo Mundo*, as versões em português rezam: "Mas a respeito do Filho, diz: 'O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu Reino' ". Neste modo de verter o texto bíblico, Jesus é chamado Deus, que reina para todo o sempre. Na *Tradução do Novo Mundo*, diz-se que Deus (Jeová) é fonte e Sustentador da realeza de Cristo, não lhe cabendo a designação de Deus.

Que tradução está correta? O problema dessa passagem é o seguinte: Hebreus 1.8 é citação de Salmos 45.6. Esse salmo, escrito originariamente em língua hebraica, dirigia-se a princípio a um rei de Israel, provavelmente Salomão. O texto hebraico reza: "Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente!".[41] Por conseguinte, de acordo com o texto hebraico, o termo "Deus" não é aplicado ao rei; Deus é aí a fonte de sua realeza, de seu reinado. Contudo, os cristãos do século I costumavam usar a *Septuaginta* ou *LXX* (tradução do século III a.C. das Escrituras hebraicas para o grego). Ao verter o texto para o grego, os tradutores da *LXX* traduziram "Teu trono é de Deus" por "Teu trono, ó Deus". Citando o especialista B. F. Westcott, que reconhece que essa é uma tradução possível, pois assim os tradutores da *Septuaginta* o entenderam, o Corpo Governante defende, fiando-se em Westcott, que a melhor tradução é "Teu trono é de Deus".[42]

[41] **A Bíblia de Jerusalém**, 7. impr., São Paulo, Paulus. Nessa versão, o texto encontra-se em Salmos 46.7.

[42] **Raciocínios à base das Escrituras**, 1989, p. 414.

Todavia, o que interessa nesse caso não é a preferência dos testemunhas de Jeová ou de Westcott, mas a do autor sagrado que escreveu a carta aos Hebreus. Qualquer texto grego demonstra que ele optou pela tradução grega da *Septuaginta*, ou seja, "Teu trono, ó Deus". E é exatamente assim que está no texto grego das Escrituras do Novo Testamento. Portanto, não há nada para ser contestado. Se os testemunhas de Jeová tiverem de reclamar, que reclamem com o autor sagrado; o que seus líderes não devem fazer é alterar o texto grego. É assim que está escrito, e ponto final. Veja:

πρὸς	δέ	τὸν	υἱόν	ὁ	θρόνος	σου
com respeito	mas	[a]o	filho	o	trono	teu

ὁ	θεός	εἰς	τὸν	αἰῶνα	τοῦ	αἰῶνος
ó	Deus	para	o	século	do	século

Essa forma de verter o texto enquadra-se perfeitamente no contexto do capítulo 1 da carta aos Hebreus, cujo objetivo é mostrar que Jesus não é anjo, mas está acima de todos eles. Ele é o Filho, que fez e sustenta todas as coisas pela palavra de seu poder (isso não poderia ser dito a respeito de um anjo, um ser criado — v. 2,3). Jesus é aqui apresentado como aquele que, vindo na condição de servo, humilhando-se (Filipenses 2.5-11), vence o pecado e a morte em sua humanidade e, na condição de servo pela obediência, é exaltado, assentando-se à direita da majestade nas alturas (v. 3). Ele havia sido feito "por um pouco, menor do que os anjos" (Hebreus 2.9). Tendo concluído sua missão como homem, é exaltado, tornando-se o herdeiro de todas as coisas (v. 2). Está em questão, portanto, Jesus Cristo encarnado, ressurreto e vitorioso; ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem; venceu como verdadeiro homem, e é exaltado pelo Pai. Se antes, como homem, era menor que os anjos, após ter feito a purificação de nossos pecados "torn[ou]-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles" (v. 4). Por essa razão, deve ser adorado pelos anjos, que devem sua existência a ele (v. 6). Desse ponto em diante, o autor

dessa carta demonstra que Cristo é superior aos anjos. E quem vai demonstrar isso é o próprio Deus Pai. Ele mesmo é quem dirá, por duas vezes, que o Filho é Deus, no versículo 8 e nos versículos 10-12, sendo essa última passagem uma citação de Salmos 102.25-27, que no texto hebraico é dirigida ao Pai, aplicada pelo mesmo Pai ao Filho.

Em objeção a isso, os testemunhas de Jeová citam o versículo 9, no qual aparece a expressão dirigida ao Filho — "Deus, o teu Deus, te ungiu" —, parecendo indicar que o Filho é uma criatura, um dos adoradores desse Deus. Desde já, essa hipótese deve ser descartada, pois o Filho é apresentado como Criador de todas as coisas, não como criatura. Todavia, não é incorreto dizer que o Pai é o Deus do Filho. O próprio Jesus repetidas vezes falou de "meu Deus", ao dirigir-se ao Pai (v. João 20.19; Apocalipse 3.12). Embora não encontremos o Pai chamando o Filho de "meu Deus", vemos, contudo, que ele chama o Filho de "Deus" (Hebreus 1.8) e de "Senhor" (Hebreus 1.10-12). Tudo isso apenas confirma o que Jesus dissera: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30; v. o cap. 5). O Pai glorifica ao Filho, que, por sua vez, glorifica ao Pai (João 17.1).

Apesar de toda essa evidência em contrário, que demonstra que a *Tradução do Novo Mundo* omite e acrescenta ideias a seu bel-prazer, a fim de ajustar o conteúdo bíblico às suas ideias teológicas, o Corpo Governante declara o seguinte:

> Em primeiro lugar, é uma tradução precisa, bastante literal, dos idiomas originais. Não se trata de livre paráfrase, em que os tradutores omitem pormenores que consideram não importantes e acrescentam ideias que creem ser úteis.[43]

É evidente que se trata de uma informação inverídica, pois os exemplos anteriores mostram justamente o inverso disso. Omissões, adições e distorções são comuns na *Tradução do Novo Mundo*.

[43] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 395.

Outros textos adulterados

Os textos a seguir, assim como alguns dos anteriores, conferem ao Filho sua igualdade com o Pai. Estes também foram alterados para negar essa verdade. Essa atitude contradiz, antes de tudo, as Escrituras, e as confissões de fé do cristianismo histórico, como o *Credo atanasiano*, que afirma: "Uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo; igual a glória, coeterna a majestade".

Romanos 10.13

Pois todo aquele que invocar o nome de Jeová será salvo.

Todos os textos gregos trazem, no lugar de "Jeová", a palavra Κύριος (*Kýrios*), que significa "Senhor". Portanto, o texto deve ser lido: "Pois todo aquele que invocar o nome do *Senhor* será salvo". No original grego, não havia o nome "Jeová". Mas, segundo os testemunhas de Jeová, o nome havia sido omitido, e caberia a eles, como suas "testemunhas", restaurar o Nome Divino ao texto bíblico. Essa conclusão baseia-se no seguinte argumento: o texto de Romanos 10.13 é uma citação de Joel 2.32, em cujo texto hebraico aparece o tetragrama sagrado YHWH (יהוה"),[44] vertido por Jeová na *Tradução do Novo Mundo.* Assim, a substituição se tornaria necessária, para não dizer obrigatória.

Acerca disso, afirmamos o seguinte:

Em primeiro lugar, o apóstolo Paulo, autor de Romanos, era profundo conhecedor das Escrituras Sagradas. Sua religião de berço era o judaísmo. Segundo seu próprio depoimento: "[Eu] era extremamente zeloso das tradições dos meus antepassados" (Gálatas 1.13,14). Aos filipenses, escreveu a respeito de si mesmo: "Circuncidado ao oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à

[44] O tetragrama יהוה" compõe-se de quatro consoantes hebraicas [YHWH — yôd, hê', waw, hê'] que formam o Nome Divino, pelo qual Deus se dá a conhecer por toda a extensão do Antigo Testamento. É comumente vertido em português por "Jeová" ou "Javé" (Yahweh, Iahweh).

justiça que há na Lei, irrepreensível" (Filipenses 3.5,6). Com todo esse vasto currículo religioso, só podemos esperar de alguém assim um profundo conhecimento do Antigo Testamento. E o apóstolo Paulo revelou deter amplo conhecimento dos escritos sagrados judaicos. Suas cartas fazem com frequência referências ao Antigo Testamento. Ao citar Joel 2.32, em que aparece o tetragrama sagrado, o apóstolo não hesitou em usar o termo *Kýrios* no lugar do tetragrama, tomando um pelo outro, indistintamente. Com isso, esse piedoso judeu convertido ao cristianismo identificou Jesus com o יהוה (YHWH) da tradição de seus pais. Paulo demonstrou que encarava Jesus como alguém que é muito mais do que simples arcanjo. Assim, ele se distancia, e muito, da seita dos testemunhas de Jeová, que identifica Jesus com o arcanjo Miguel (v. o cap. 5, que refuta essa posição antibíblica).

Afirmamos então que não houve omissão do tetragrama em Romanos 10.13, mas tão somente a identificação desse com o termo *Kýrios*. Esse não é o único caso em que textos do Antigo Testamento, portando o Nome Divino, são citados no Novo Testamento e aplicados diretamente a Jesus Cristo. Compare estes exemplos: Filipenses 2.10,11; Romanos 14.10,11 com Isaías 45.23; Apocalipse 2.18,23 com Jeremias 17.10; João 12.37-40 com Isaías 6.1-5; Efésios 4.7,8 com Salmos 68.18, entre outros.

Em segundo lugar, o contexto não deixa dúvidas a respeito daquele a quem o termo hebraico יהוה e seu equivalente grego *Kýrios* se referem. Acompanhe o raciocínio: o apóstolo Paulo está falando de seus compatriotas israelitas que não se sujeitaram à justiça de Deus (v. 1). No versículo 4, diz que é preciso "exercer fé" (*NM*) em Cristo para ser justificado. E isso, diz Paulo, está bem perto de nós; está ao alcance da boca e do coração (v. 8). Com a boca se declara que Jesus é o Senhor (*Kýrios*) e com o coração se exerce fé (v. 9,10). No versículo 11, Paulo diz, citando o Antigo Testamento, que quem crer em Jesus não será decepcionado. No versículo 12, afirma que Jesus é o Senhor de todos os que o invocam, tanto judeus quanto gregos. Em todo o texto, está claro que Paulo está falando de Jesus Cristo. E, no versículo 13, chega ao ponto máximo aplicando Joel 2.32 a Jesus: "Todo aquele que invocar o nome do *Senhor* será salvo"

(cf. ICoríntios 1.2, Gálatas 3.28 e Efésios 2.11-18). Percebe-se, portanto, que o autor sagrado não considerou sacrilégio aplicar o texto de Joel 2.32 à pessoa de Jesus Cristo, pois reconhecia sua divindade absoluta. Como afirmou a Igreja no *Credo niceno*, ele é "Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus".

Ainda sobre essa questão, a *Tradução do Novo Mundo: com referências* contém algo muito interessante. Na verdade, é uma armadilha que, mesmo sem saber, os testemunhas de Jeová armaram para si mesmos. Como já dissemos, o texto de Romanos 10.9-13 é dirigido a Jesus Cristo. Em Romanos 10.9 (*NM*), o apóstolo Paulo afirma: "Pois, se declarares publicamente essa 'palavra na tua própria boca', que Jesus é Senhor,* [...] serás salvo". Pois bem, na *Tradução do Novo Mundo: com referências*, o nome "Senhor" vem acompanhado de um asterisco (*), remetendo o leitor para a seguinte nota de rodapé: "9* Gr.: *ký·ri·os;* J[12-14,16-18,22] (hebr.): *ha·'a·dhóhn*, 'o Senhor'. Não 'Jeová' ".

Observe que a *Tradução do Novo Mundo: com referências* afirma que a expressão "o Senhor" é originária do hebraico *ha·'a·dhóhn* ou *ha'adôn*. Acontece que no apêndice 1H da referida tradução aparece a seguinte explicação:

> **"O [verdadeiro] Senhor": Hebr.:** ***ha·'A·dhóhn.*** O título *'A·dhóhn*, "Senhor; Amo", quando precedido pelo artigo definido *ha*, "o", forma a expressão *ha·'A·dhóhn*, "o [verdadeiro] Senhor". No M [texto Massorético], o uso do artigo definido *ha* antes do título *'A·dhóhn* limita a aplicação deste título exclusivamente a Jeová Deus.

Ora, se a palavra "Senhor" de Romanos 10.9, aplicada a Jesus Cristo, deriva-se do hebraico *ha 'adôn*, então a conclusão deveria ser óbvia: Jesus é o *ha 'adôn*, ou seja, "o [verdadeiro] Senhor". Para compelir o leitor a fugir dessa conclusão, que é inevitável, o Corpo Governante faz questão de frisar: "Não 'Jeová' ". Mesmo sem querer, a *Tradução do Novo Mundo com referências* acaba fazendo de Jesus Cristo "o [verdadeiro] Senhor", pondo-o em pé de igualdade com Jeová, pois no apêndice seguinte ("1J"),

intitulado "Títulos e termos descritivos aplicados a Jeová", aparece justamente aquele que é aplicado também a Jesus Cristo: *ha 'adôn*, o [verdadeiro] Senhor.

Romanos 14.7,8

> Nenhum de nós, de fato, vive somente para si mesmo, e ninguém morre somente para si mesmo; pois, quer vivamos, vivemos para Jeová, quer morramos, morremos para Jeová. Portanto, quer vivamos quer morramos, pertencemos a Jeová.

No texto grego, aparece somente o termo "Senhor", não Jeová. O autor sagrado está falando de Jesus Cristo. Vê-se isso claramente no versículo 9, em que o apóstolo Paulo diz: "Por esta razão Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor de vivos e de mortos". Esse versículo é continuação da ideia anterior. Paulo fala de Jesus como Senhor de vivos e de mortos; por isso, podia dizer acerca de Jesus (v. 7,8): "Pois nenhum de nós vive apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si. Se vivemos, vivemos para o *Senhor*; e, se morremos, morremos para o *Senhor*. Assim, quer vivamos, quer morramos, somos do *Senhor*". E no versículo 9: "Por esta razão Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor de vivos e de mortos" (cf. Gálatas 2.20). A *Tradução do Novo Mundo* mostra-se totalmente incoerente e tendenciosa, pois o termo "Senhor" aparece nesses versículos quatro vezes; em três das citações, a *Tradução do Novo Mundo* traduz por "Jeová", mas, na última, por Senhor. Caso mantivessem a coerência na tradução, seriam obrigados a dizer "para este mesmo fim morreu Cristo e passou a viver novamente, para que fosse *Jeová* tanto sobre mortos como [sobre] viventes". Como isso chocaria toda a organização, foi mais cômodo ser incoerente com Cristo, aquele que é a vida (João 14.6) e tem a chave da morte e do *Hades* (Apocalipse 1.18).

1João 5.7,8 — um caso especial

Em conversa com os testemunhas de Jeová sobre a doutrina da Santíssima Trindade, é comum a citação de 1João 5.7,8, que diz, segundo

algumas traduções: "Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num" (*ARC*).

De imediato, os testemunhas de Jeová afirmam que as palavras "no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra" não fazem parte dos melhores manuscritos. Para isso — no caso dos católicos —, remetem o leitor para uma nota ao pé da página de *A Bíblia de Jerusalém*, que afirma que essa passagem está ausente dos manuscritos gregos mais antigos, nas antigas versões e nos melhores manuscritos da *Vulgata*. Para alguns evangélicos, citam a obra *A Bíblia explicada*, de S. E. McNair, publicada em 1985 pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (p. 489), que afirma que a passagem bíblica em apreço deve ser omitida por não se encontrar nos melhores manuscritos.[45]

Os testemunhas de Jeová, ensinados pelo Corpo Governante, afirmam que esses versículos "foram acrescentados por alguém que estava tentando dar apoio ao ensino da Trindade"; consequentemente, "essas palavras não fazem realmente parte da Palavra de Deus".[46]

Tem havido muita controvérsia com respeito ao fato de essas palavras fazerem ou não parte dos manuscritos originais da Bíblia. A maioria dos estudiosos afirma que não fazem. Contudo, há outros que dizem o contrário. Este livro não tem a intenção de entrar nessa contenda. Nossa intenção é mostrar que, neste caso, os testemunhas de Jeová são incoerentes. Acompanhe o raciocínio.

Em sua *Tradução do Novo Mundo: com referências*, o Corpo Governante, ao comentar 1João 5.7, indica os manuscritos antigos da Bíblia que omitem as palavras "no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra". São os seguintes:

[45] **Raciocínios à base das Escrituras**, 1989, p. 415.

[46] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, ed. de 1983, p. 53.

Álefe (ℵ)	*Códice sinaítico* (século IV d.C.)
A	*Códice alexandrino* (século V d.C.)
B	*Manuscrito vaticano* 1209 (século IV d.C.)
Vg	*Vulgata latina*, de S. Jerônimo (século V d.C.)
Sy^h	*Versão siríaca filoxeniana-harcleana* (séculos VI e VII d.C.)
Sy^p	*Peshita siríaca* (século V d.C.)

Vale ressaltar que os mais antigos são Álefe (ℵ) e B. Mas em que consiste a incoerência dos testemunhas de Jeová? Para rejeitar a fórmula trinitária de 1João 5.7,8, a seita recorre aos manuscritos mais antigos, principalmente Álefe (ℵ) e B. Contudo, esses mesmos manuscritos também omitem as passagens de Marcos 16.9-20 e João 7.53—8.11, que constam na *Tradução do Novo Mundo*. Ora, os mesmos manuscritos, reputados como mais antigos, que não trazem 1João 5.7,8, omitem também Marcos 16.9-20 e João 7.53—8.11. Se os testemunhas de Jeová fossem coerentes, deveriam de igual maneira omitir essas duas últimas passagens bíblicas da *Tradução do Novo Mundo*. Por que o Corpo Governante não fez isso? Porque o conteúdo dessas passagens não contraria o sistema doutrinário da seita; o que não se dá, certamente, com 1João 5.7,8, que ensina a doutrina da Trindade (negada pelos testemunhas de Jeová). Trata-se, portanto, de mera conveniência, não de fidelidade aos manuscritos mais antigos.

Diante de tudo o que foi exposto, fica evidente que a *Tradução do Novo Mundo* não se sustenta como digna de confiança, nem ela nem seus idealizadores e promotores.

Finalizamos este capítulo com a seguinte exortação da *Segunda confissão helvética* (cap. 1, § 3; in: BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 10):

> Julgamos, portanto, que destas Escrituras devem derivar-se a verdadeira sabedoria e a piedade, a reforma e o governo das igrejas, também a instrução acerca de todos os deveres da piedade; enfim, a confirmação das doutrinas e a refutação de todos os erros [...].

4

Desnudando Jeová de seus atributos

> Cremos em Deus Pai onipotente, cujo nome é Jeová, não sendo ele, porém, onipresente (pois tem um corpo de forma específica, que requer um lugar para morar) nem onisciente (pode saber todas as coisas, mas não sabe). Cremos que a Trindade é uma invenção de Satanás.

Um Deus estranho e limitado

Os tesmunhas de Jeová reconhecem a existência de um Ser supremo. Seu teísmo, porém, é bem diferente daquele defendido pelo cristianismo. Em primeiro lugar, eles negam a doutrina bíblica da Trindade. Esse ódio mortal pela doutrina trinitária foi herdado de Charles Taze Russell, o fundador da seita, que alegou tratar-se de uma doutrina de origem pagã, satânica, e que maculava a unicidade do Deus verdadeiro.

No entanto, as diferenças não se limitam à negação da doutrina da Trindade. O próprio Jeová é desnudado de alguns de seus atributos. Embora os testemunhas afirmem que Jeová seja onipotente, negam que seja *onipresente*. Assim, Jeová, o todo-poderoso, não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. O raciocínio é este: Deus é uma pessoa; sendo um ser pessoal, ele possui um corpo de forma específica, o qual precisa de um lugar específico para morar, e esse lugar é o céu, onde está confinado. Veja:

> Na realidade, por ensinar que Deus é *onipresente*, a cristandade confundiu a questão e tornou mais difícil para Deus ser encarado como real por seus adoradores. Como é que Deus pode estar presente em todo lugar ao mesmo tempo? Deus é uma Pessoa espiritual, o que significa que não tem um corpo material, mas sim um espiritual. Será que um espírito tem corpo? Sim, pois lemos: "Se há corpo físico, há também um espiritual" (1Coríntios 15:44; João 4:24). Deus como indivíduo, como Pessoa com um corpo espiritual, tem um lugar de residência, e assim não poderia estar em qualquer outro lugar ao mesmo tempo.[1]

Essa visão limitada de Deus levou a seita a outra heresia. Possuindo corpo e lugar para morar, como Deus poderia ver e controlar tudo e em toda parte? Para resolver essa questão, passou-se a negar a personalidade e a divindade do Espírito Santo, pois as Escrituras o apresentam em todos os lugares ao mesmo tempo; por isso, ele não poderia ser pessoal, mas poderia ser impessoal, a "força ativa" de Jeová. A fim de acentuar a impessoalidade do Espírito Santo, grafam-no com iniciais minúsculas: "espírito santo".[2] Este seria, portanto, o poder impessoal de um Deus corpóreo e pessoal, por meio do qual ele controlaria o Universo. Por força da argumentação, o "espírito santo" seria ilimitado, e Jeová, limitado, embora os testemunhas de Jeová neguem, teoricamente, essa limitação.[3]

Como se não bastasse, os testemunhas de Jeová também negam outro atributo indispensável a Deus: sua onisciência real e absoluta. Isso não quer dizer que a seita deixe de usar o termo "onisciência". A revista *A Sentinela* declara: "Jeová tem conhecimento de tudo, é todo-sábio — onisciente. *Ele pode prever tudo o que deseja prever*".[4] Apesar de afirmarem

[1] **A Sentinela**, 15/8/1981, p. 6.

[2] V. o capítulo 6 quanto a uma resposta bíblica acerca dessa concepção errônea sobre o Espírito Santo.

[3] Ibid., p. 6. V. tb. **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, 1983, p. 37.

[4] 15/5/1986, p. 4.

teoricamente que Jeová é onisciente, essa palavra para os testemunhas de Jeová não tem o mesmo significado que tem para o cristianismo. Para este, a onisciência de Deus é total e absoluta, isto é, ele sabe tudo num único e mesmo instante; não há para Deus passado, presente e futuro. Para os testemunhas de Jeová, a onisciência de Deus é seletiva, ou seja, Jeová não sabe o futuro de todas as coisas, *a menos que queira saber*. Como afirmou a referida *A Sentinela*, ele "pode prever tudo que deseja prever". Assim, o conhecimento de Deus está entre o "poder" e o "desejar"; enquanto ele não "desejar saber", ele desconhece. Os testemunhas de Jeová propõem a seguinte ilustração:

> Uma pessoa que tem um rádio pode ouvir as notícias mundiais. Mas o fato de que *pode* ouvir certa estação não significa que realmente *faça* isto. Ela precisa primeiro ligar o rádio e daí selecionar a estação. Da mesma forma, Jeová tem a capacidade de predizer eventos, mas a Bíblia mostra que ele faz uso *seletivo* e com *discrição* dessa capacidade que tem, com a devida consideração pelo livre-arbítrio com que dotou suas criaturas humanas.[5]

Dessa forma, se Jeová quiser saber se alguém será fiel a ele ou não, deverá "sintonizar" a "estação" dessa pessoa; caso contrário, não terá como saber. Essa seria a razão pela qual Jeová não sabia que Adão e Eva pecariam.[6] Pela mesma razão, fazem distinção entre imortalidade e vida eterna. Jeová concederá aos "ungidos" — como são designados os 144 mil — a imortalidade, ou seja, eles se tornarão indestrutíveis, imunes à morte, pois Jeová sabe, por ter "sintonizado" a "estação" de cada um, que serão fiéis por toda a eternidade. No entanto, concederá aos que viverão na terra apenas a vida eterna, ou seja, viverão infinitamente enquanto forem fiéis, mas não serão indestrutíveis, pois Jeová não sabe, no caso dos que

[5] **Raciocínios à base das Escrituras**, 1989, p. 116.
[6] Ibid., p. 117.

viverão na terra, quem será fiel até o fim.[7] (Saiba mais sobre os 144 mil e a classe terrestre, as "outras ovelhas", no cap. 7.)

Outra vez, a seita mostra-se incoerente em seus conceitos. Veja:

> Ele [Jeová] é também onipotente. Não somente conhece o final desde o princípio, o futuro sendo para ele um livro aberto, mas nele também reside todo conhecimento e sabedoria, como indicam as suas maravilhosas obras de criação.[8]

> Além disso, Jeová tem conhecimento de tudo, é todo-sábio — onisciente. Ele pode prever tudo o que deseja prever. Sobre ele se diz: "Não há criação que não esteja manifesta à sua vida, mas todas as coisas estão nuas e abertamente expostas aos olhos daquele com quem temos uma prestação de contas" — Hebreus 4:13.[9]

As incoerências podem ser resumidas assim:

1. Na primeira citação, afirma-se que para Jeová "o futuro é um livro aberto". Ora, se o futuro é uma história que ainda há de acontecer e se a onisciência de Jeová é seletiva, então o futuro seria *um livro aberto com algumas páginas em branco*. Admitir que o futuro é para

[7] **A Sentinela**, 1º/10/1984, p. 30-31. V. tb. **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, verbete "imortalidade"; v. 3, verbetes "incorrupção" e "vida". Embora a seita deixe transparecer que "imortalidade" e "incorrupção" se apliquem a uma espécie de qualidade de vida, na qual não há necessidade de alimentação e outros cuidados, e a "vida eterna" implica cuidar do corpo para que este não venha a se corromper, a questão central, de fato, não está na distinção entre corpo corruptível e incorruptível, mas na onisciência seletiva de Jeová, pois a referida *A Sentinela* afirma: "Jeová Deus é o Juiz perfeito que recompensa os ungidos com a imortalidade. Quando ele, em sua ilimitada sabedoria e perspicácia, determina que tais foram cabalmente provados e estão inquestionavelmente habilitados para a imortalidade, podemos confiar que serão fiéis para sempre".

[8] **A Sentinela**, 15/3/1988, p. 11.

[9] **A Sentinela**, 15/5/1986, p. 4.

Jeová um livro aberto e ao mesmo tempo dizer que sua onisciência é seletiva é cair no descrédito e na contradição.

2. Na segunda citação, o texto de Hebreus é, na verdade, diametralmente oposto ao que os testemunhas de Jeová afirmam. Ora, se a onisciência de Jeová for seletiva, então algumas coisas estão encobertas para ele, não nuas, como diz o Texto Sagrado. Se ele só vê o que quer, então há coisas que ele ainda não viu, de modo que nem todas as coisas estão abertamente expostas aos seus olhos.

Nos dois casos, o argumento segue mais ou menos assim: Jeová pode saber tudo potencialmente, mas na prática não sabe; não porque não possa, mas porque não quer. Já que não quer, não faz sentido afirmar que o futuro é um livro aberto; nesse caso, deveria ser dito que é um livro que *pode* ser aberto. Do mesmo modo, não faz sentido dizer que "não há criação que não esteja manifesta à sua vida", pois dizem que há coisas que seus olhos ainda não podem ver; por conseguinte, nem tudo está, de fato, nu e abertamente exposto aos olhos de Deus.

REFUTAÇÃO DA TEOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

A concepção dos testemunhas de Jeová a respeito de Deus tem como referencial o ser humano. Assim, se o homem, como pessoa, não pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, Deus tampouco poderia, e assim segue o raciocínio. Trata-se de extremado antropomorfismo.

A fim de desfazer esses conceitos errôneos, abordaremos a seguir o que a Bíblia tem para dizer sobre a onipresença e onisciência de Deus. Em seguida, faremos um estudo conciso sobre a doutrina da Trindade.

Onipresença

A Bíblia apresenta Deus como ser ilimitado, não sujeito às limitações de um corpo físico ou espiritual. Ele tampouco precisa de lugar para morar, pois a Bíblia diz que ele enche os "céus e a terra" (Jeremias 23.24), de modo que eles não o podem conter (1Reis 8.27). Ora, se nem mesmo o céu pode contê-lo, como este poderia ser sua morada fixa? Ademais, diz a Bíblia

que Deus criou o céu (Gênesis 1.1; Isaías 45.18); logo, houve tempo em que o céu não existia. Deus, ao contrário, é de eternidade a eternidade (Salmos 90.2). Portanto, se é anterior ao céu, não necessitou, não necessita nem necessitará dele como morada eterna.

A onipresença de Deus é revelada no salmo 139, principalmente nos versículos 7 e 8. O salmista reconhece que não há para onde fugir de Deus: "Para onde poderia fugir da tua presença?" (v. 7b). Em qualquer canto do Universo, lá estará Deus. Isso é demonstração convincente de que ele é onipresente. (V. tb. Provérbios 15.3; Jeremias 23.23,24.)

Falta-nos agora esclarecer dois pontos:

1. *Por que 1Reis 8.43 diz que o céu é o lugar estabelecido de morada de Deus?* Os antigos não conheciam a palavra moderna "transcendência", que traz a ideia de que Deus está além de nós e ultrapassa nossas expectativas, ou seja, transcende sua criação. A melhor expressão que tinham ao alcance era a palavra "céu". Visto da terra, o céu é lugar longínquo, bem distante. Portanto, dizer que Deus *habita no céu* é o mesmo que afirmar a sua transcendência. Não está em jogo, portanto, nenhum sentido espacial ou geográfico (embora os antigos tenham recorrido a isso a fim de nos transmitir o que hoje definimos como transcendental) (ERICKSON, p. 29, 33).
2. *E como entender a declaração bíblica de que há corpos físicos e espirituais?* Os testemunhas de Jeová afirmam que Deus tem corpo espiritual em razão da junção de duas passagens bíblicas: João 4.24 e 1Coríntios 15.44. A primeira afirma que "Deus é Espírito", e a segunda diz que, se há corpo físico (ou natural, ou psíquico), há também corpo espiritual. Entretanto, essa correlação de textos é indevida. João 4.24 trata da adoração que se deve prestar ao Pai, "em espírito e em verdade", pois "Deus é Espírito". A samaritana se considerava adoradora de Deus; ela falou da importância do "poço de Jacó" (4.12), de seus "antepassados" e do "monte" Gerizim (4.20). Para ela, a adoração estava relacionada a coisas visíveis e concretas. Jesus então afasta essa possibilidade ao dizer que Deus não

necessita nem do Gerizim nem de Jerusalém. O Pai procura verdadeiros adoradores que o adorem "em espírito" (não pela vista ou por meio de coisas palpáveis) e "em verdade" (de acordo com o modo que ele deseja ser adorado). Portanto, a frase "Deus é Espírito" torna inútil o uso de coisas materiais para agradar-lhe e servi-lo (cp. com Atos 17.22-31).

Já em 1Coríntios 15.44, Paulo não está discursando sobre o ser de Deus, mas sobre a ressurreição dos mortos. A partir de 15.38, ele tentará responder à pergunta "Como hão de ser levantados os mortos?". Ele não está tentando demonstrar que Deus tem corpo, mas que os ressuscitados hão de se levantar cada um com o seu corpo. O corpo ressurreto sofrerá certas transformações, as quais o identificarão com o anterior, mas ao mesmo tempo o diferenciarão daquele em alguns aspectos: "Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se em corrupção, é levantado em incorrupção. Semeia-se em desonra, é levantado em glória. Semeia-se em fraqueza, é levantado em poder. Semeia-se corpo físico [psíquico, natural], é levantado corpo espiritual. Se há corpo físico, há também um espiritual" (1Coríntios 15.42-44, *NM*). O apóstolo versa, portanto, sobre a natureza do corpo dos que ressuscitarão. Não existe nada no texto que sugira que ele esteja tratando de Deus e seu suposto corpo. De modo que não se pode usar essa passagem bíblica, nem nenhuma outra, para afirmar que Deus é corpóreo. Ademais, em nenhum lugar da Bíblia se diz que Deus tem corpo, pois a própria ideia de corpo é indício de limitação; Deus, ao contrário, é imensurável.

Onisciência

Afirmamos categoricamente que a onisciência de Deus não é seletiva, mas total e absoluta, "pois, visto que a onipotência abarca todo o poder, por igual modo a onisciência abarca todo o conhecimento" (DAGG, 1989, p. 54). Deus tem "perfeito conhecimento" (Jó 37.16; v. tb. Salmos 147.5; Isaías 40.28; 46.9,10; Atos 1.24; Hebreus 4.13; 1João 3.20). Essa crença da onisciência seletiva de Deus é estranha ao cristianismo. Tomás de AQUINO

declarou: "Deus tem todas as perfeições no seu próprio ser" (1995, V, 64). Isso inclui, evidentemente, conhecer perfeitamente todas as coisas. Outro importante pensador afirmou: "Em Deus, tudo é infinito. Devemos admitir, então, que Deus é uma inteligência infinita e possui uma *ciência infinita*, a saber, não apenas a ciência de tudo o que foi, é ou será, mas ainda de tudo o que é possível" (JOLIVET, 1957, p. 337).

O problema dos testemunhas de Jeová em relação à onisciência absoluta de Deus é não ter resposta para a seguinte pergunta: "Por que Deus criou Adão e Eva sabendo que pecariam?". Eles acreditam que, se Jeová soubesse o resultado e ainda assim criasse o primeiro casal humano, ele seria o verdadeiro responsável pelo mal que há no mundo. Temendo acusar Jeová de crimes que não poderia jamais cometer, eles decidiram então sacrificar a onisciência absoluta de Deus:

> Se Deus predestinou e previu o pecado de Adão e tudo o que resultaria disso, significa que, ao criar Adão, Deus deliberadamente desencadeou toda a iniquidade cometida na história humana. Ele seria a Fonte de todas as guerras, do crime, da imoralidade, da opressão, da mentira, da hipocrisia, das doenças.[10]

Para início de conversa, convém destacar o seguinte: Deus não predestinou o pecado de Adão e o de Eva. Saber o que aconteceria não o torna moralmente culpado pelo evento, pois o pecado foi de Adão e de Eva, não de Deus. Eles eram livres para escolher entre o bem e o mal; foram criados retos e perfeitos, à imagem de Deus, mas havia neles a potencialidade de cair (de outro modo, como poderiam ser realmente livres?). Pelo relato de Gênesis, está claro que Deus estabeleceu com eles um pacto, o das obras: se fossem obedientes, viveriam; se desobedecessem, morreriam. A decisão final coube a eles; foram eles que, por seu livre-arbítrio, decidiram pecar. O fato de Deus conhecer de antemão esse acontecimento não significou

[10] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 117.

que ele planejou e executou o mal. Nenhuma confissão de fé reformada, que crê na doutrina da predestinação e na providência divina, sequer chegou a supor a sandice de que Deus é o responsável pelo mal.

Na verdade, o problema para a mente humana é tentar conciliar a origem do mal com a onisciência divina. Trata-se de uma questão espinhosa tanto para a teologia quanto para a filosofia. Acerca da origem do mal, os epicureus[11] raciocinavam (ABBAGNANO, 1998, "teodiceia"):

> Deus não quer, ou não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode eliminar o mal. Se quer e não pode, é impotente: o que Deus não pode ser. Se pode e não quer, é invejoso, o que igualmente é contrário a Deus. Se não quer nem pode, é invejoso e impotente, portanto não é Deus. Se quer e pode — a única coisa que convém a Deus —, qual a origem da existência do mal e por que não o elimina?

Essa é uma dúvida bem antiga! Mas perscrutar o ser de Deus, tentando entender sua mente e o porquê de determinadas coisas, é impossível para a mente humana finita. Diante desse abismo intransponível, alguns, como os testemunhas de Jeová, sacrificam a onisciência absoluta de Deus por não acharem uma resposta racional à seguinte pergunta: "Por que ele criou Adão e Eva sabendo que pecariam?". A *Confissão belga* (artigo 13; in: BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 10), de 1561, aponta um excelente caminho para quem busca uma resposta a essa pergunta:

> Cremos que o bom Deus, depois de ter criado todas as coisas, não as abandonou, nem as entregou ao acaso ou à sorte, mas as orienta e governa conforme a sua santa vontade, de tal maneira que neste mundo nada acontece sem a sua determinação. Contudo, Deus não é o autor, nem pode ser acusado dos pecados que são cometidos, pois o seu poder e a sua

[11] Escola filosófica fundada em Atenas no ano 306 a.C. por Epicuro de Samos.

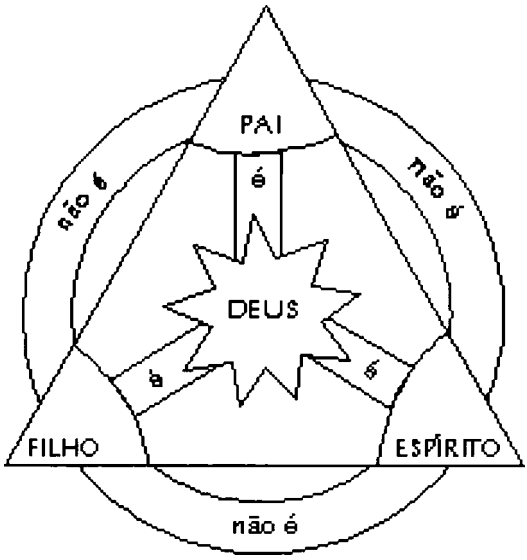
> bondade são tão grandes e incompreensíveis que ele ordena e faz a sua obra perfeitamente e com justiça, mesmo que os demônios e os ímpios ajam injustamente. E não queremos investigar curiosamente as obras dele (que ultrapassam o entendimento humano) além da nossa capacidade de entender. Porém, adoramos humilde e piedosamente a Deus em seus justos julgamentos, que nos estão escondidos, contentando-
> -nos em ser discípulos de Cristo, para aprender somente o que ele nos revelou na sua Palavra, sem ultrapassar esses limites.

Assim, em vez de sacrificar a onisciência absoluta de Deus, o melhor caminho a seguir é reconhecer que toda e qualquer ação de Deus é justa (como criar Adão e Eva mesmo sabendo que pecariam e o que decorreria desse ato), resignar-nos diante do fato de que nem todos os detalhes nos foram revelados e aceitar de vez que há coisas além da nossa compreensão. Não temos todas as informações, mas o que temos é suficiente e necessário. Mais do que ninguém, Deus sabe por que agiu daquela forma, e não de outra. Em vez de perguntar a Deus por que ele criou Adão e Eva sabendo que pecariam, o melhor é agradecer a ele por ter enviado seu Filho amado, Jesus, "para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16). Como lembra o filósofo Walter BRUGGER, "a ciência divina não é passiva" (1962, "onisciência"). Ele não somente sempre soube o que aconteceria, mas também determinou o resgate para libertar do poder do pecado e da morte aqueles a quem amou "antes da criação do mundo" (Efésios 1.4). Em tudo, Deus deve ser glorificado, pois "Ele é a Rocha, as suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é" (Deuteronômio 32.4).

A doutrina da Santíssima Trindade

Convém definir antes de tudo em que consiste a doutrina da Trindade, pois até mesmo muitos cristãos se perdem nessa questão. Com "Trindade", não queremos dizer que cremos em três deuses, pois para nós há somente um Deus único e verdadeiro (Deuteronômio 6.4; Isaías 43.10) que subsiste

em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mesmo sendo paradoxal, o ensino não é contraditório; Deus é três e um simultaneamente. Precisamos diferenciar os termos "pessoa" e "natureza". As pessoas em Deus são três, mas uma só é sua natureza, que consiste em onipotência, onisciência, onipresença etc. Várias ilustrações foram apresentadas para exemplificar essa doutrina; contudo, a do triângulo equilátero é uma das que mais se aproximam desse conceito, ainda que imperfeitamente, pois nada que conhecemos pode perscrutar com perfeição o ser de Deus. Acompanhe o seguinte diagrama (HOUSE, 1999, p. 53):



O triângulo é indivisível, assim como Deus (simbolizado por toda a figura). No entanto, embora cada lado seja distinto dos outros, todos formam a mesma figura, que só existe com os três lados iguais; assim, por analogia, o Pai não é o Filho, o Filho não é o Espírito Santo e vice-versa; mas eles constituem o mesmo Deus. A individualidade pessoal é mantida, bem como a unidade das três pessoas divinas. Assim, Deus não é somente o Pai, nem somente o Filho, tampouco somente o Espírito Santo. Deus é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Uma definição clara dessa doutrina foi exposta no *Credo atanasiano*:

E a fé católica [universal] consiste em venerar um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a substância.

Pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade.

Qual o Pai, tal o Filho, tal também o Espírito Santo.

Incriado é o Pai, incriado é o Filho, incriado é o Espírito Santo.

Imenso é o Pai, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo.

Eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; contudo, não são três eternos, mas um único eterno; como não há três incriados, nem três imensos, porém um só incriado e um só imenso.

Da mesma forma, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito Santo é onipotente; contudo, não há três onipotentes, mas um só onipotente.

Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; e todavia não há três Deuses, porém um único Deus.

Como o Pai é Senhor, assim o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor; entretanto, não são três Senhores, porém um só Senhor.

Porque, assim como pela verdade cristã somos obrigados a confessar que cada pessoa, tomada em separado, é Deus e Senhor, assim também estamos proibidos pela religião católica de dizer que são três Deuses ou três Senhores.

Nesta Trindade nada é anterior ou posterior, nada maior ou menor; porém todas as três pessoas são coeternas e iguais entre si.

A Trindade no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não expõe a doutrina da Santíssima Trindade com a mesma clareza que a encontramos no Novo Testamento (embora isso não signifique que não esteja lá). Isso se dá porque a revelação de Deus sobre si mesmo foi sendo fornecida aos poucos, com o passar dos anos, assim como se deu com a identificação do "descendente" prometido, em Gênesis 3.15.

Após o pecado de Adão e Eva, Deus prometeu enviar um descendente que esmagaria a cabeça da serpente. Ora, tomado isoladamente, o texto não revela quem seja o descendente (a própria Eva pensou que fosse Caim — Gênesis 4.1). Sua identidade ficaria oculta por séculos. Com o desenrolar dos acontecimentos históricos, Deus foi preparando passo a passo o caminho para a chegada desse descendente. Como num grande quebra-cabeça, as peças foram se encaixando. Tanto é assim que até mesmo os principais sacerdotes e escribas de Jerusalém puderam dizer a Herodes o local do nascimento desse descendente: Belém da Judeia (Mateus 2.3-6).

Jesus de Nazaré foi identificado com aquele descendente (Gálatas 3.16). Mas esse descendente aos poucos começou a revelar por ações e palavras uma identidade até então desconhecida. Ele afirmava fazer coisas que somente o Pai poderia fazer. Chegou a ponto de dizer: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30). Abria-se assim o caminho para contemplar a pluralidade na Deidade. Após sua ressurreição, ainda precisou explicar as Escrituras para mostrar a seus discípulos que toda a Lei e os Profetas falaram dele. A partir de então, os discípulos passariam a ler a Lei e os Profetas (o Antigo Testamento) com outros olhos: os olhos da revelação que lhes foi dada por Cristo. Nessa nova leitura, o Antigo Testamento não seria mais o mesmo. Jesus seria visto em toda parte. Ele era realmente o descendente prometido (Gênesis 3.15); por meio dele, todas as nações da terra seriam abençoadas (Gênesis 22.18); seria um profeta semelhante a Moisés, a quem todos deveriam ouvir e obedecer (Deuteronômio 18.15); seria o Ungido de Deus Pai (Salmos 2); nasceria de uma virgem (Isaías 7.14); seu nome: Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz (Isaías 9.6).

Após sua ressurreição, um dos discípulos o chamou de "Senhor" e "Deus" (João 20.28). Outro disse que ele era o "Deus conosco" (Mateus 1.23), e ele confirmou ao dizer aos discípulos: "E eu estarei com vocês todos os dias, até o fim dos tempos" (Mateus 28.20; v. tb. 18.20). Ainda outro discípulo declarou: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era *Deus*. [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito" (João 1.1,3).

As novas gerações de discípulos sabiam que Jesus não era apenas um homem, mas era Deus, que se tornou "carne e viveu entre nós" (João 1.14). Um fanático religioso, ardoroso defensor do judaísmo, que perseguia ferozmente os discípulos de Jesus, subitamente recebe a visita do próprio Cristo. A partir daquele encontro, tornou-se um dos mais ardorosos defensores do evangelho. Surpreendentemente, ele chamou Jesus de "grande Deus e Salvador" (Tito 2.13). À medida que lia o Antigo Testamento e falava de Cristo, sua certeza se intensificava a ponto de lhe atribuir o tetragrama sagrado יהוה (YHWH), por meio de seu equivalente grego, o termo Κύριος (*Kýrios*), ou seja, Senhor (cp. Romanos 10.13 com Joel 2.32).

Tudo isso lhes foi revelado também pelo Espírito Santo, enviado pelo Filho e pelo Pai para conduzir os discípulos a "toda a verdade". Segundo Jesus, o Espírito Santo viria para glorificá-lo (João 16.14). A esse Espírito Santo, o anjo Gabriel atribui também a vinda do Filho (Mateus 1.20). Ele acompanhou Jesus ao deserto, quando foi tentando pelo Diabo (Mateus 4.1). No batismo de Jesus, lá estava ele, junto com o Pai (Mateus 3.16,17). Jesus fazia milagres também por intermédio do Espírito Santo (Mateus 12.28). Após a ascensão de Jesus, o Espírito Santo passou a guiar a Igreja infante, fazendo que a mensagem acerca de Jesus fosse espalhada por todos os cantos da terra (Atos). Assim como Jesus, ele seria "outro Conselheiro" (cp. João 14.16 com 1João 2.1); também intercederia, assim como Cristo, a favor dos eleitos de Deus (cp. Romanos 8.26,27 com 8.34 e Hebreus 7.25).

O quebra-cabeça sobre quem é Deus vai sendo completado de revelação em revelação. Os discípulos começam a ver que existe uma unidade entre as três pessoas distintas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. São inseparáveis, a ponto de ser dito: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês" (2Coríntios 13.13 [v. 14 na *NM*]). Aos efésios, foi mencionado que o Pai os escolheu, o Filho os resgatou com seu sangue e o Espírito Santo os selou (Efésios 1.3-14). Judas, outro discípulo fiel, ao falar da "santíssima fé", incluiu a oração no Espírito Santo, a conservação no amor de Deus, o Pai,

e solicitou que seus conservos esperassem a misericórdia de Jesus Cristo (Judas 20,21). O livro da Revelação, Apocalipse, convida Jesus a voltar, mas o convite é feito pelo Espírito Santo, junto com a Igreja, e o Pai está atento para que ninguém adultere o que foi escrito desde o princípio (Apocalipse 22.17-21).

Com tudo isso em mente, não seria de espantar que os discípulos lessem o Antigo Testamento e encontrassem ali presentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O principal texto seria Gênesis 1.26,27, que Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Se alguém nutre alguma dúvida de que nesse "façamos" há uma pluralidade na Deidade, basta ler Deuteronômio 6.4, que revela um fato curioso: a palavra usada para dizer que Deus é "um" (*'ehad*) revela na verdade uma unidade composta. Acompanhe a exposição desses dois textos e você verá.

Gênesis 1.26,27

> Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Chegando o momento de criar o homem, Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". O verbo "fazer", nesse caso, aponta para um ato criativo, e somente Deus pode criar. Assim, ao ser criado, o homem não poderia ter a imagem de um anjo ou de alguma outra criatura, mas a imagem de Deus, a imagem de seu Criador. No versículo 27, lemos: "Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou".

O interessante, porém, é que segundo a própria Bíblia Jesus Cristo também criou todas as coisas, as visíveis e as invisíveis (João 1.1,3; Colossenses 1.16,17; Hebreus 1.10), o que inclui necessariamente o homem. Desse modo, concluímos, à luz da Bíblia, que o homem tem Jesus como Criador;

logo, o homem carrega a imagem de Jesus, pois Jesus é Deus, uma vez que "à imagem de Deus" o homem foi criado. Já em Jó 33.4, Eliú declara: "O Espírito de Deus me fez".

Afinal de contas, quem fez o homem? A Bíblia diz: "*Criou Deus* o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou". E quem é esse Deus? Resposta: Pai, Filho e Espírito Santo.

É digno de nota haver outros textos em que Deus fala no plural: Gênesis 3.22; 11.7-9; Isaías 6.8. Alguns dizem tratar-se de plural majestático, ou seja, forma de expressão em que o indivíduo usa o plural sem necessariamente querer indicar uma pluralidade participativa. Todavia, isso não funciona em Gênesis 1.26,27, pois outros textos bíblicos deixam claro que o Pai, o Filho e o Espírito Santo criaram o homem; logo, não está em jogo nenhum plural majestático, mas um ato criativo de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Os demais textos, portanto, devem ser interpretados seguindo-se essa mesma linha de raciocínio.

Deuteronômio 6.4

> Escuta, ó Israel: Jeová, nosso Deus, é um só Jeová (*NM*).

Os testemunhas de Jeová usam essa passagem para desacreditar a doutrina da Trindade; mas, ao contrário disso, é o texto que prova que na unidade de Deus existe uma pluralidade, dando abertura para a concepção trinitária. Como assim?

O Antigo Testamento, na língua original, apresenta assim esse versículo (aqui transliterado): *shᵉma' yisra'el YHWH 'elohênû YHWH 'eḥad*. Na língua hebraica, existem duas palavras para expressar unidade, a saber, *'eḥad* e *yaḥîd*. A primeira designa uma unidade composta ou plural. Por exemplo: Gênesis 2.24 diz que o homem e a mulher seriam uma (*'eḥad*) só carne, ou seja, *dois em um*. A segunda palavra é usada para expressar unidade absoluta, ou seja, aquela que não permite pluralidade. Por exemplo: Juízes 11.34 diz que Jefté tinha uma única (*yaḥîd*) filha. Qual dessas palavras é empregada em Deuteronômio 6.4? A palavra *'eḥad*, o que indica que na unidade da divindade há uma pluralidade.

Tomando por base esse eixo, rompe-se o véu acerca da doutrina da Trindade no Antigo Testamento. Buscá-la no Antigo sem as lentes do Novo, seria desprezar a revelação progressiva que Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) fez de si mesmo.

O elo trinitário entre o Antigo e o Novo Testamentos

Outro texto bíblico que mostra o elo entre o Antigo e o Novo Testamentos acerca da doutrina da Trindade é Isaías 6.1-10, lido paralelamente com João 12.37-41 e Atos 28.25-37.

Comecemos pela leitura do evangelho de João 12.37-41 (segundo a *Tradução do Novo Mundo*). Neste bloco, o apóstolo João expõe o motivo pelo qual os judeus mostravam-se incrédulos em relação a Jesus Cristo:

> E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele [isto é, em Jesus], para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: "Jeová, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço de Jeová?"
>
> Por isso, não podiam crer, pois Isaías disse ainda: "Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados".
>
> Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito.

João é claro ao afirmar que a incredulidade dos judeus para com Jesus cumpria uma profecia de Isaías. Em 12.41, ele declara que Isaías "*viu a glória de Jesus* e falou a seu respeito". A passagem bíblica citada por João remete a Isaías 6. Neste capítulo, segundo João, Isaías estaria falando de Jesus, além de o ter visto. Ora, a leitura de Isaías 6, levando-se em conta o que disse João, é reveladora. Isaías afirmou categoricamente: "No ano da morte do rei Uzias, *eu vi Jeová* assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo" (v. 1, *NM*). E, no versículo 5: "[...] e os meus olhos viram o próprio Rei, *Jeová dos Exércitos*" (*NM*).

Ora, Isaías disse que viu Jeová, e João afirma que o profeta viu Jesus e falou a respeito dele. Quem Isaías viu de fato: Jeová ou Jesus? Estaríamos

diante de uma contradição nas Escrituras? É claro que não! Aceitando-se prontamente o que outras passagens da Bíblia dizem sobre a doutrina da Trindade, desfaz-se a aparente contradição. Trata-se evidentemente do mesmo Deus. Jesus e o Pai são um, como ele mesmo afirmou (João 10.30).

No original hebraico, Isaías disse ter visto יהוה (YHWH). Essas quatro letras designam o nome de Deus no Antigo Testamento. No texto grego do Novo Testamento, o tetragrama é equivalente ao termo grego Κύριος (*Kýrios*), que significa "Senhor". E é assim que Jesus é reconhecido e designado no Novo Testamento (v. mais detalhes no cap. 5). Encontramos, assim, mais um exemplo em que os autores do Novo Testamento aplicaram a Jesus Cristo o tetragrama sagrado, reconhecendo desse modo sua divindade e igualdade com o Pai. Para um judeu piedoso como o apóstolo João, isso é uma proclamação de fé, de que Jesus é Deus, o grande יהוה. Isso fica evidente em João 1.1: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era *Deus*".

Para finalizar esse subtítulo, falta-nos comprovar que em Isaías há uma referência também ao Espírito Santo. Encontramo-la em Atos 28.25-27. Nessa passagem bíblica (assim como em João 12.37-41), deparamos com a incredulidade de alguns judeus diante da pregação do apóstolo Paulo acerca de Jesus Cristo (v. 24). Sobre os incrédulos, disse o apóstolo:

> [...] Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías: "Vá a este povo e diga: Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria".

Não há dúvida: foi o Espírito Santo quem disse a Isaías: "Vá a este povo e diga: Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão". Todavia, ao lermos a referência bíblica, somos levados a Isaías 6.8-10 (*NM*), que diz:

> Depois disto, ouvi a voz de Jeová, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. Então, disse ele [Jeová]: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.

Ora, Isaías disse que ouviu a voz de Jeová, e o apóstolo Paulo afirmou que o profeta ouviu o Espírito Santo. A quem Isaías ouviu de fato: Jeová ou o Espírito Santo? Quem realmente falou aquelas palavras a Isaías? Estaríamos diante de uma contradição nas Escrituras Sagradas? É claro que não! Aceitando-se a doutrina da Trindade, desfaz-se a aparente contradição. Trata-se evidentemente do mesmo Deus, pois o Espírito Santo também é chamado *Deus* na Bíblia (Atos 5.3,4), assim como o Pai e o Filho (v. o cap. 6 sobre a divindade e a personalidade do Espírito Santo).

Seguindo a mesma linha de raciocínio empregada em João 12.37-41, afirmamos o seguinte: no original hebraico, Isaías disse ter ouvido a voz de יהוה. E o apóstolo Paulo identificou-o com o Espírito Santo. Portanto, encontramos um caso claríssimo em que um autor sagrado do Novo Testamento aplicou ao Espírito Santo o tetragrama sagrado, reconhecendo desse modo sua divindade e igualdade com o Pai. Para um judeu piedoso como o apóstolo Paulo, isso é uma proclamação de fé, de que o Espírito Santo é Deus, o grande יהוה.

É diante dessa exposição trinitária que podemos ler e entender com mais clareza a pergunta feita por יהוה em Isaías 6.8: "Então ouvi a voz de יהוה, conclamando: 'Quem enviarei? Quem irá por nós?' ". A quem se aplica esse "nós"? A resposta é simples: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

A Trindade no Novo Testamento

Valendo-se de tudo o que já foi mencionado anteriormente, torna-se evidente que a revelação da trindade e unidade de Deus perpassa toda a Bíblia, e no Novo Testamento isso é ainda mais inquestionável. Os textos

bíblicos alistados a seguir (respeitando-se os devidos contextos) mostram sempre juntos o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Levando-se em conta que Deus é único (Isaías 43.10) e não partilha sua glória com ninguém (Isaías 42.8; 48.11), é interessante notar como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são postos em pé de igualdade, coisa que nenhuma criatura, por melhor que fosse, poderia atingir, muito menos uma "força ativa".

Mateus 28.19

> Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A ordem de Jesus é que se batizasse em "nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Ora, se Jesus fosse uma criatura e o Espírito Santo uma "força ativa", seria estranho que as pessoas fossem batizadas em nome do Criador (que não divide sua glória com ninguém), de um anjo e de uma "força ativa"; aliás, que necessidade há em batizar alguém em nome de uma "força"? Tudo isso só faz sentido se Jesus e o Espírito Santo forem Deus, assim como o Pai.

Lucas 3.22

> O Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba. Então veio do céu uma voz: "Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado".

No batismo do Filho, estão presentes e atuantes o Espírito Santo e o Pai; como sempre, inseparáveis. Essa é uma das razões pelas quais o batismo cristão deve ser ministrado em nome das três pessoas.

João 14.26

> Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse.

Jesus fala do Espírito Santo, que será enviado pelo Pai, em seu próprio nome, isto é, de Cristo. A comunhão trinitária é evidente.

2Coríntios 13.13 (v. 14, *NM*)

> A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês.

Outra fórmula trinitária, na qual aparece o Filho, em primeiro lugar, com sua graça ou benignidade imerecida; depois o Pai, com seu amor, e por fim o Espírito Santo, com a comunhão ou participação que dele procede (v. RIENECKER; ROGERS, 1988, p. 369).

1Pedro 1.1,2

> Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus, [...] escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue [...].

Pedro se dirige aos escolhidos, que foram eleitos segundo a presciência do Pai, santificados pelo Espírito e aspergidos com o sangue de Jesus Cristo. A Trindade está envolvida em todos os aspectos da vida cristã.

Outros versículos

Os versículos a seguir também servem de apoio para mostrar que a doutrina da Trindade não é alheia ao Novo Testamento. Na verdade, eles reforçam a doutrina, pois revelam as três pessoas agindo sempre em comunhão e harmonia: Romanos 8.14-17; 15.16,30; 1Coríntios 2.10-16; 6.1-20; 12.4-6; 2Coríntios 1.21,22; Efésios 1.3-14; 4.4-6; 2Tessalonicenses 2.13,14; Tito 3.4-6; Judas 20,21; Apocalipse 1.4,5[12] etc.

É digno de nota que, se o Filho fosse uma criatura e o Espírito Santo uma "força ativa", os dois não poderiam assumir o primeiro lugar em

[12] Para alguns comentaristas, Apocalipse 1.4,5 refere-se ao Espírito Santo, pois o número *sete* nas Escrituras simboliza "plenitude" (não nos esqueçamos do caráter simbólico de Apocalipse). Outro ponto importante é que o apóstolo João deseja aos leitores "graça e paz" da parte "daquele que é, que era, e que vem"; da parte dos "sete Espíritos" e da parte de "Jesus Cristo". Assim, trata-se evidentemente do Pai, do Espírito Santo e do Filho, pois a estrutura do versículo é semelhante à das fórmulas trinitárias.

algumas das passagens bíblicas anteriormente citadas. Aliás, o que uma "força ativa" estaria fazendo no meio de duas pessoas, fazendo o que somente uma pessoa seria capaz de realizar?

Os testemunhas de Jeová objetam dizendo que mencionar as três pessoas juntas não indica que sejam a mesma coisa, pois Abraão, Isaque e Jacó (Mateus 22.32) e Pedro, Tiago e João (Mateus 17.1) são citados sempre juntos, mas isso não os torna um. O que os testemunhas de Jeová não perceberam foi o seguinte: Abraão, Isaque e Jacó tinham algo em comum: o *patriarcado*; Pedro, Tiago e João tinham em comum o *apostolado*. E o que o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm em comum? A natureza divina: a onipotência, a onisciência e a onipresença (BOWMAN JR., 1995, p. 118).

Análise e refutação de algumas objeções

Alistamos e refutamos a seguir as quatro principais objeções que os testemunhas de Jeová lançam contra a doutrina da Trindade.

A palavra "Trindade" não aparece na Bíblia

A doutrina da Trindade está fortemente enraizada nas Escrituras. A palavra "trindade" é termo extrabíblico utilizado para designar algo revelado na Bíblia; embora a *palavra* não apareça, a *ideia* está explícita.

Outro fator que torna sem fundamento essa objeção é o fato de os testemunhas de Jeová utilizarem termos que são importantes para a seita, mas que não aparecem na Bíblia. Eles afirmam que Jeová tem um "canal de comunicação" e que esse canal atende pelo nome extrabíblico de "corpo governante". Como se vê, a seita usa dois pesos e duas medidas, ou seja, em circunstâncias iguais ou análogas, ela toma decisões de modos diferentes. A conveniência teológica dita sua exegese.

A Trindade e o paganismo

A objeção de que a doutrina da Trindade é de origem pagã, pois os pagãos cultuavam tríades de deuses, também não faz sentido, pois a concepção dos pagãos em nada se assemelha à doutrina trinitária. Não basta apenas a semelhança; é preciso haver correspondência de ideias, e essa

correspondência inexiste entre a doutrina bíblica da Trindade e a noção dos pagãos. O abismo é imenso. Enquanto os pagãos são *politeístas*, ou seja, creem na existência de vários deuses, sendo sua "trindade" mais um conjunto de deuses em seu panteão, os cristãos, por sua vez, são *monoteístas*, pois creem que há um só Deus (Deuteronômio 6.4; Isaías 43.10). Entretanto, mesmo advogando a existência de um só Deus, crê-se, à luz das Escrituras, que esse Deus subsiste em três "pessoas": Pai, Filho e Espírito Santo (a "Trindade", ou seja, três pessoas numa só e única Divindade). Não são uma "tríade" (um agrupamento de três deuses), visto que só há um Deus; por isso, o cristianismo nega peremptoriamente o triteísmo, ponto de vista segundo o qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três deuses distintos (ponto de vista defendido pelo mormonismo).

A diferenciação entre "trindade" e "tríade" parece oportuna: "A tríade, pois, seria o resultado de processos de organização de um panteão politeísta, ao passo que a trindade surtiria de processos de diversificação dentro de concepções monistas ou monoteístas da divindade" (DICIONÁRIO TEOLÓGICO, p. 874). Mas essa noção de "trindade" é muito abrangente, pois poderia incluir o hinduísmo, como faz a obra citada. Entretanto, a concepção dita trinitária do hinduísmo está mais próxima do *modalismo*[13] (resguardando-se as devidas distinções) do que da doutrina cristã da Trindade. Os hindus creem numa infinidade de deuses; destes, há uma *trimurti* ("três formas"): Brama, Xiva e Vixnu. Ainda assim, essa tríade e os demais deuses seriam apenas *manifestações* de Brama (o Absoluto, tido às vezes como pessoal ou impessoal). Brama é a luz; os demais deuses não passam de uma sombra projetada dessa luz. Ora, isso em nada se parece com a doutrina cristã da Trindade, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são "modos" ou "formas" de Deus se manifestar, muito menos uma sombra projetada pela Divindade.

[13] Corrente de pensamento teológico defendido por Sabélio, heresiarca do século III d.C., segundo a qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo são *manifestações* de uma única pessoa divina. Assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo não seriam três pessoas, mas haveria uma só pessoa, com três *modos* ou *formas* de se manifestar ao mundo.

Não há dúvida: a concepção cristã da doutrina da Trindade é singular, como bem destacaram BOETTNER e WARFIELD (s.d., p. 8):

> As religiões pagãs, assim como as especulações filosóficas, baseiam-se na religião natural e não podem, portanto, alcançar um conceito mais elevado do que o da unidade de Deus. Em alguns sistemas, encontramos um monoteísmo com a sua crença num único Deus. Noutras, encontramos um politeísmo, com a sua crença em muitos deuses, separados entre si. Porém, nenhuma das religiões pagãs, nem qualquer dos sistemas de filosofia especulativa, chegaram jamais a uma concepção *trinitária* de Deus. A verdade é que, fora da revelação sobrenatural, não há nada na consciência ou na experiência humanas que possa fornecer ao homem a mais pequena indicação do Deus distinto da fé cristã, o Deus Triúno, Encarnado, Remidor e Santificador. [...] Nenhum destes sistemas possui algo em comum com a doutrina cristã da Trindade, excepto na noção da qualidade dum "trino".

Outro ponto mais que fundamental foi apresentado pelo grande bispo de Hipona, Agostinho, em sua obra *A Trindade* (p. 271):

> Acaso, amamos qualquer trindade ou somente a Trindade que é Deus? Eis o que amamos na Trindade: é ela ser Deus. Ora, jamais vimos ou conhecemos nenhum outro Deus, porque ele é um só e único Deus, o qual ainda não vimos, mas a quem amamos pela fé.

A Trindade e a razão humana

A acusação de que a doutrina da Santíssima Trindade não se conforma com a lógica ou a razão também é descabida. É preciso reconhecer que é inútil esperar que a mente humana apreenda tudo sobre Deus, pois é impossível que o relativo entenda com precisão o Ser absoluto, que o finito atinja o Infinito, que a criatura desvende todos os mistérios e segredos do Criador. Isso é pedir demais para míseros mortais. (Leia Romanos 11.33; I Coríntios 2.11; Jó 11.7; Isaías 40.28.)

Os testemunhas de Jeová também reconhecem essa limitação. O livro *Raciocínios à base das Escrituras* faz a seguinte pergunta: "Será que Deus teve começo?" (p. 123). Daí, cita Salmos 90.2: "Antes de nascerem os próprios montes ou de teres passado a produzir como que com dores de parto a terra e o solo produtivo, sim, de tempo indefinido a tempo indefinido, tu és Deus" (*NM*). Ora, Deus é Deus de "eternidade a eternidade"; ele sempre foi, é e será eternamente Deus. Diante desse mistério, o livro lança o desafio: "Há lógica nisso? *Nossa mente não pode compreender isso plenamente. Mas não é uma razão sólida para o rejeitar*" (ibid.).

Aplicando o mesmo princípio à doutrina da Trindade, podemos perguntar: "Será que Deus é uma Trindade? Há lógica nisso?". Já temos uma excelente resposta: "Nossa mente não pode compreender isso plenamente. Mas não é razão sólida para o rejeitar".

A Trindade e a matemática

Outra objeção é que a doutrina da Trindade contraria a matemática, pois, se 1 + 1 + 1 = 3, então Deus Pai + Deus Filho + Deus Espírito Santo não podem ser um, mas três deuses. Ora, outro argumento desprovido de bom senso, pois Deus não pode ser somado, diminuído, dividido ou multiplicado. Mas, se fazem tanta questão da matemática, podemos afirmar que, dependendo da operação matemática escolhida, três podem ser um. Por exemplo: 1 x 1 x 1 = 1. Assim, a matemática estaria longe de desacreditar a doutrina da Santíssima Trindade.

Reconhecendo nossa limitação

Por mais que seja difícil nossa mente finita entender o Ser infinito, não podemos querer mudar o que a Bíblia diz sobre o Criador a fim de torná-lo mais acessível e compreensível. A própria ideia de sua existência já nos causa perplexidade, quanto mais ainda sua *triunidade*, onipresença e onisciência. Certamente ficamos perplexos diante de Deus. Tudo isso nos espanta, mas jamais nos deve conduzir ao erro de querer negar o que ele é em sua essência. Sobre isso, Robert BOWMAN JR. (1995, p. 132) disse com muita propriedade:

> Existe a escolha, portanto, entre crer no Deus verdadeiro conforme ele se revelou, com mistérios e tudo, ou crer num Deus que é relativamente fácil de ser compreendido, mas que tem pouca semelhança com o Deus verdadeiro. Os trinitários estão dispostos a conviver com um Deus a quem não conseguem compreender plenamente.[14]

Portanto, reconhecendo nossa finitude e limitação diante da grandiosidade do Soberano universal, Deus Pai, Filho e Espírito Santo, devemos nos prostrar diante dele, exclamando, assim como o apóstolo Paulo: "Ó profundidade das riquezas, e da sabedoria, e do conhecimento de Deus! Quão inescrutáveis [são] os seus julgamentos e além de pesquisa [são] os seus caminhos!" (Romanos 11.33, *NM*).

Oração à Trindade

Lembro-me de certo dia em que, numa igreja, ajoelhei-me para orar. A igreja estava praticamente vazia, como vazio estava o meu coração. Eu queria crer na Trindade, mas minha mente, ainda presa aos raciocínios capciosos dos testemunhas de Jeová, não me permitia aquilo no momento. Fiz então uma oração: "Jeová, se és um Deus trino, mostra-me isso em tua Palavra, e perdoa-me pela dúvida; mas, se não és uma Trindade divina, por favor, perdoa-me por estar aqui pondo isso em dúvida". Naquele dia, havia dúvida em minha mente e no meu coração. Hoje, dissipada qualquer dúvida sobre a Trindade bendita, posso orar com confiança, assim como Agostinho de Hipona (*A Trindade*, p. 555-557, grifos da obra):

> Senhor nosso Deus, nós cremos em ti, Pai, Filho e Espírito Santo. Pois a Verdade não teria dito: *Ide, batizai a todos os povos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28,19), se não fosses Trindade. Nem nos ordenarias que fôssemos batizados, ó Senhor nosso Deus, em nome de alguém que não é o Senhor Deus. Nem a voz divina diria: *Ouve, ó Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus* (Dt 6,4), se não fosses Trindade e, ao mesmo tempo, o único Senhor Deus. E se tu, Deus Pai, fosses Pai e ao mesmo tempo fosses Filho, teu Verbo, Jesus Cristo; e fosses o mesmo

Dom, que é o Espírito Santo, não leríamos nas Escrituras da Verdade: *enviou Deus o seu Filho* (Gl 4,4 e Jo 3,7). Nem tu, ó Filho Unigênito, dirias do Espírito Santo: *aquele que o Pai enviará em meu nome* (Jo 14,26), e: *aquele que eu vos enviarei da parte do Pai* (Jo 14,26).

[...] Um sábio, falando de ti em seu livro, conhecido pelo nome de "Eclesiástico", diz: *Por muito que digamos, muito ficará por dizer, mas o resumo de tudo o que se pode dizer é: que o mesmo Deus é tudo* (Eclo 43,29).

Portanto, quando chegarmos à tua presença, cessará o muito que dissemos, mas muito nos ficará por dizer e tu permanecerás só, tudo em todos (1Cor 15,28), e então eternamente cantaremos um só cântico, louvando-te em um só movimento, em ti estreitamente unidos.

5

Outro Jesus Cristo

Cremos em Jesus Cristo. Ele é o primogênito (o primeiro a ser criado) e o unigênito (o único criado diretamente pelas mãos de Jeová). Ele é um deus, assim como Satanás; é "Deus poderoso", mas não todo-poderoso, sendo inferior ao Pai. É o arcanjo Miguel, que foi transferido para o ventre de Maria e se fez homem; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi pregado numa estaca de tortura; desceu ao *hades*, onde esteve inconsciente, e ao terceiro dia ressuscitou espiritualmente; subiu ao céu, está assentado à direita de Jeová e já voltou invisivelmente em 1914, esperando o momento para começar a batalha de Armagedom e instaurar o paraíso terrestre.

Distorção cristológica

O maior homem que já viveu. Esse é o título de um livro publicado pelos testemunhas de Jeová. O grupo faz questão de afirmar sua crença em Jesus Cristo. Um dos objetivos de *A Sentinela* é incentivar "a fé em Jesus Cristo, que morreu para que nós pudéssemos ter vida eterna e que agora reina como Rei do Reino de Deus".[1] Outra publicação assegura: "Temos fé muito forte em Jesus Cristo".[2]

[1] Declaração encontrada na segunda página de qualquer revista *A Sentinela* a respeito do objetivo da revista.

[2] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 220.

Entretanto, a concepção dos testemunhas de Jeová sobre Jesus em nada se assemelha à do cristianismo. O Jesus deles é um anjo, que recebeu o nome de Miguel e o título de arcanjo (chefe dos anjos). É "um deus", assim como Satanás, no sentido de ser poderoso. Pode até mesmo ser considerado um "Deus Poderoso" (Isaías 9.6), mas nunca "Deus todo-poderoso", como Jeová. Morreu numa "estaca" (não numa cruz). Ressuscitou em espírito (não fisicamente). "Voltou" invisivelmente em 1914, mas somente os testemunhas de Jeová o teriam visto com os "olhos do entendimento", ou seja, discerniram sua "presença invisível". Valendo-se do Corpo Governante, porta-voz do "escravo fiel e discreto", ele exerce sua chefia sobre a seita (v. o cap. 3 sobre o "escravo fiel e discreto" e o Corpo Governante).

No campo semântico, os testemunhas de Jeová dão novo sentido aos títulos que Jesus recebe nas Escrituras. Assim, por *Primogênito* interpretam que Jesus foi a primeira criação de Jeová; *Unigênito* indicaria ter sido o único criado diretamente por Deus. Sendo "Filho de Deus", é submisso e inferior ao Pai, pois, segundo nossa experiência humana, um filho não pode ter a mesma autoridade que seu pai, nem ser igual a ele.

Vê-se, assim, que o "Jesus" crido e proclamado pelos testemunhas de Jeová nada tem que ver com aquele crido e proclamado pelos apóstolos. Trata-se, de fato, de "um Jesus que não é aquele que pregamos" (2Coríntios 11.4) ou "um Jesus diferente" (*NM*). E o perigo de crer num Jesus diferente daquele anunciado pelas Escrituras foi apresentado corretamente pelo dr. Paulo ROMEIRO: "Quando alguém crê num Jesus errado, embarca numa salvação errada e desembarca num céu errado" (1999, p. 58).

REFUTAÇÃO DA CRISTOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Jesus não foi criado

A cristologia dos testemunhas de Jeová é uma ressurreição do *arianismo*, que deriva seu nome do apóstata e heresiarca Ário (256-336), sacerdote do século IV, da cidade de Alexandria, no Egito. Ário afirmou até o último dia de vida que Jesus era uma criatura, isto é, havia sido criado por Deus como todas as outras coisas.

O que levou Ário a essa conclusão? Dentre as várias especulações filosóficas e teológicas, podemos destacar a tradução para o grego da palavra hebraica קנה (*qanah*, "possuir", "adquirir" ou "criar"), empregada em Provérbios 8.22. A *Septuaginta*, a versão grega do Antigo Testamento corrente nos dias de Ário, verteu essa passagem deste modo:

Κύριος ἔκτιαέν με ἀρχὴν ὁδῶν αὐτοῦ εἰς ἔργα αὐτοῦ
Kýrios ektisén me archén hodón autou eis erga autou

"O Senhor *me criou* como o princípio de suas obras,
antes de suas obras mais antigas"

O contexto mostra que quem está falando é a Sabedoria de Deus. Ário ligou Provérbios 8.22 com 1Coríntios 1.24, em que se afirma que Jesus é a Sabedoria de Deus. Assim, concluiu Ário, se Jesus é a Sabedoria de Deus e se ela afirma que fora criada, então Jesus foi criado. (A *Tradução do Novo Mundo* diz: "O próprio Jeová *me produziu* como princípio de seu caminho, a mais antiga das suas realizações de há muito".)

Ário estaria correto em sua conclusão? Se dependesse da *Septuaginta*, sim, pois *qanah* foi traduzido pelo grego *ektiso*, "criar". Isso significa que traduzir *qanah* por "criar" está errado? Do ponto de vista tradutológico, não; é uma acepção possível. Por exemplo, Jerônimo (c. 347-420 d.C.), tradutor da *Vulgata* (a primeira tradução do Antigo Testamento para o latim), traduziu *qanah* por "possuir" [*possedit me*] em Provérbios 8.22; mas, em Gênesis 14.19, ele traduziu *qanah* por *creavit* (criar), assim como a *Septuaginta*. Isso confirma que *qanah* abarca essas acepções.

Contudo, além de "criar", *qanah* tem outros sentidos, como "adquirir" ou "possuir", sendo "possuir" o sentido mais usual da palavra (HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1351, n. 2039). Em sua explanação sobre *qanah*, Derek KIDNER informa (1980, p. 76):

> Das suas 84 ocorrências no Antigo Testamento, só seis ou sete delas permitiriam o sentido de "criar" (Gn 14:19, 22; Êx 15:16; Dt 32:6;

Sl 74:2; 139:13; 8:22), e mesmo estas não exigem esta tradução. Os substantivos derivados ressaltam mais fortemente a possessão.

Seguindo a *Septuaginta*, Ário optou por "criar", a fim de afirmar que Jesus foi criado. Diante disso, a pergunta que se levanta é: Qual é a melhor tradução de *qanah* em Provérbios 8.22: *criar* ou *possuir*? A resposta a essa pergunta determina a questão levantada por Ário, pois, se a tradução correta for "criar", então Jesus é criatura; mas, se for "possuir", então não é possível afirmar que ele foi criado, mas que é de eternidade a eternidade. Basta um pouco de raciocínio para perceber que "possuir" é a tradução mais correta. Acompanhe o raciocínio.

Deus é eterno, isto é, "existe" de eternidade a eternidade (Salmos 90.2). Como é imutável, o que ele é hoje, sempre foi e sempre será. Assim, não há variação em Deus (Tiago 1.17). Então, se é poderoso, é poderoso de eternidade a eternidade. Nunca houve um momento em que não tenha tido poder. Ele não poderia ter criado seu poder, pois isso significaria que um dia não o teve. Ora, a mesma linha argumentativa se aplica à sabedoria de Deus. Se Deus é sábio, ele é sábio de eternidade a eternidade. Nunca houve um momento em que não tivesse sabedoria. Se dissermos que Deus criou sua sabedoria, chegaremos à conclusão absurda de que um dia Deus não teve sabedoria (KIDNER, 1980, p. 77).

Caso aceitássemos essa conclusão ilógica, viria a pergunta: "Com que grau de inteligência Deus percebeu que não tinha sabedoria e precisaria criá-la?". Assim, diante dessa conclusão sem lógica, afirmamos à luz da Bíblia e da razão: Deus é sábio de eternidade a eternidade, pois Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente. Sua sabedoria, portanto, não pode ter sido criada; antes, ele a detém desde a eternidade. Logo, se Jesus é a Sabedoria de Deus, ele é, assim como o Pai, de eternidade a eternidade; nunca foi criado e jamais terá fim. Hebreus 13.8 afirma sobre Jesus: "Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre".

No Concílio de Niceia, em 325 d.C., centenas de bispos trataram dessa polêmica cristológica, e o pensamento de Ário foi confrontado com esse argumento, como afirmou Agostinho, bispo de Hipona:

> Nas discussões que os nossos escritores mantiveram contra os que asseveravam que "houve um tempo em que não existia o Filho", alguns aduziram o seguinte raciocínio: "Se o Filho de Deus é o poder e sabedoria de Deus, e Deus nunca existiu sem poder e sabedoria, logo o Filho é coeterno a Deus Pai", pois diz o Apóstolo: Cristo, poder e sabedoria de Deus. E como dizer que Deus não possuiu alguma vez poder e sabedoria seria loucura, concluíram que não houve tempo algum em que o Filho não existiu.[3]

Diante da força dessa argumentação, afirmamos, sem medo de errar, que a leitura correta de Provérbios 8.22 deve ser: "O SENHOR *me possuía* no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas" (*ARA*), ou seja, antes de tudo ser criado, o Filho já existia, sendo o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hebreus 13.8). Ele é, junto com o Pai e com o Espírito Santo, o Criador de todas as coisas (João 1.1-3; Colossenses 1.16,17; cp. Hebreus 1.10 com 3.4). (V. o cap. 4 sobre a doutrina da Trindade.)

Para concluir, é preciso dizer que não se pode afirmar categoricamente que o texto de Provérbios 8.22 faça referência a Jesus Cristo (KIDNER, 1980, p. 74). O texto simplesmente apresenta a sabedoria de Deus em estilo poético, e, em poesia, tudo pode acontecer: a sabedoria grita, ama, trabalha etc. Seja como for, Provérbios 8.22 não pode ser usado para afirmar que Jesus é uma criatura.

Jesus não é o arcanjo Miguel

Os testemunhas de Jeová afirmam que Jesus é "o anjo mais importante, tanto em poder como em autoridade, é o arcanjo [...], também chamado Miguel".[4] Mas, ao contrário do que os testemunhas de Jeová asseveram, Jesus não é o arcanjo Miguel. A afirmação de que Jesus e Miguel são a mesma pessoa não se sustenta à luz das Escrituras pelas seguintes razões:

[3] **A Trindade**, livro VI, cap. 2, iii.
[4] **A Sentinela**, 1º/11/1995, p. 8.

Primeira razão: não há nenhuma passagem nas Escrituras que identifique Miguel com Jesus. Os testemunhas de Jeová chegam à conclusão de que Miguel e Jesus são a mesma pessoa pela associação indevida de duas passagens bíblicas: 1Tessalonicenses 4.16 e Judas 9. A primeira afirma que Jesus descerá do céu "com voz de arcanjo" (*NM*); a segunda diz que Miguel é um arcanjo. Então, raciocinam, Jesus é o arcanjo Miguel, pois a expressão "arcanjo" só é encontrada no singular na Bíblia, dando a entender que existe somente um.[5]

O primeiro erro é a associação indevida de textos. Seria o mesmo que associar Mateus 10.16 ("Sejam astutos como as *serpentes* e sem malícia como as *pombas*") com Gênesis 3.1 ("a *serpente* era o mais astuto de todos os animais que o SENHOR Deus tinha feito"), Apocalipse 12.9 ("Ele é a antiga *serpente* chamada Diabo ou Satanás) e Mateus 3.16 ("ele viu o Espírito de Deus descendo como *pomba*"), para depois afirmar o seguinte: "Jesus disse: 'Sejam astutos como Satanás e sem malícia como o Espírito Santo' ". Isso não tem cabimento.

O segundo erro é o da associação de ideias. O texto de 1Tessalonicenses 4.16 diz o seguinte: "Porque o próprio Senhor descerá do céu com uma chamada dominante, *com voz de arcanjo* e com a trombeta de Deus" (*NM*). Para os testemunhas de Jeová, a frase "descer com voz de arcanjo" faz de Jesus o próprio arcanjo. Ora, se os testemunhas de Jeová forem coerentes com essa linha de raciocínio, terão também de afirmar que Jesus é a "chamada dominante" e a "trombeta de Deus". Acompanhe o esquema:

1. Jesus desce "com voz de arcanjo"; portanto, é o arcanjo.
2. Jesus desce "com uma chamada dominante"; portanto, é a chamada dominante.
3. Jesus desce "com a trombeta de Deus"; portanto, é a trombeta de Deus.

[5] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 219.

Evidentemente, os testemunhas de Jeová recusam as conclusões dos itens 2 e 3. Mas essas serão as conclusões inevitáveis, caso seu raciocínio seja adotado. Como os itens 2 e 3 não trazem conclusões verdadeiras, tampouco o item 1. Jesus, portanto, não pode ser identificado com o arcanjo Miguel à luz de 1Tessalonicenses 4.16.

A questão levantada de que a expressão "arcanjo" não aparece pluralizada nas Escrituras, dando a entender que há apenas um arcanjo, não encontra apoio na Bíblia. Esta deixa bem claro que há mais de um arcanjo. Basta a leitura de Daniel 10.13, em que Miguel é chamado "um dos mais destacados príncipes" (*NM*). Ora, se ele é "um dos mais", então há outros em pé de igualdade com Miguel; consequentemente, não pode haver um único arcanjo. Já em relação a Jesus, ele é chamado "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apocalipse 17.14; 19.16), ou seja, é o Soberano, o que sustenta todas as coisas por sua palavra poderosa (Hebreus 1.3).

Segunda razão: enquanto em Daniel 10.13 Miguel é chamado "um dos mais destacados príncipes" (*NM*) — o que nos leva a concluir que não é o principal, o primaz —, em Colossenses 1.18 lemos que Jesus tem a primazia. Assim, se Jesus tem a primazia, e Miguel não, então os dois não podem ser a mesma pessoa.

Terceira razão: Mateus 4.10,11 e Marcos 1.25-27 mostram Jesus repreendendo Satanás; mas, em Judas 9, Miguel não se atreveu a censurá-lo; em vez disso, entregou a Deus tal responsabilidade. Jesus tem, portanto, diferente de Miguel, autoridade absoluta sobre Satã e seus demônios. Certa ocasião, eles imploraram a Jesus que lhes permitisse entrar numa manada de porcos; só quando Jesus lhes deu permissão é que puderam agir (Mateus 8.28-32). Isso nos leva a outro raciocínio. Devemos nos lembrar da afirmação bíblica de que os anjos, em relação à raça humana, são "maiores em força e poder" (2Pedro 2.11). Além disso, de acordo com Hebreus 2.9, Jesus foi feito por um pouco de tempo "menor do que os anjos", pois se fez "carne e habitou entre nós" (João 1.14), assumindo a forma de servo (Filipenses 2.7,8). Assim, se Jesus fosse o arcanjo Miguel, seríamos forçados a dizer que Miguel foi feito "menor do que os anjos". Ora, se Miguel, na condição de arcanjo, não censurou Satã, como poderia tê-lo feito na

condição de homem? Se Miguel fosse realmente Jesus, faria o mesmo que este fez com Satanás. Desse modo, evidencia-se que Jesus e Miguel não podem ser a mesma pessoa, pois Jesus tem poder sobre as forças das trevas, e Miguel entrega o julgamento a quem de direito, a Deus, que detém o poder sobre as trevas.

Jesus não é "um deus"

Os testemunhas de Jeová afirmam crer na "divindade" de Jesus. Sua concepção dessa divindade, porém, não corresponde à crença milenar do cristianismo expressa no *Credo niceno:* "Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, consubstancial com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas". Para os testemunhas de Jeová, ao contrário, Jesus é apenas um ser divino, um deus. Isso é confirmado pelo modo de o texto de João 1.1 ser vertido na *Tradução do Novo Mundo*: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com o Deus, e a Palavra era [um] deus". Em outras publicações da organização, isso também fica claro:

> "Mas não é Jesus chamado de *deus* na Bíblia?", poderá perguntar alguém. Isto é verdade. Contudo, *Satanás também é chamado de deus.* (2Coríntios 4:4).[6]

> Será que dizer que Jesus Cristo é "um deus" conflita com o ensino bíblico de que existe um único Deus? Não, pois às vezes a Bíblia emprega esse termo para referir-se a criaturas poderosas. O Salmo 8:5 diz: "Também passaste a fazê-lo [o homem] um pouco menor que os semelhantes a Deus [hebraico: *'elohím*]", isto é, anjos. Na defesa de Jesus contra a acusação dos judeus, de que ele afirmava ser Deus, ele notou que a Lei "chama de deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida", isto é, a juízes humanos. (João 10:34, 35, *BJ;* Salmo 82:1-6) Até mesmo Satanás é chamado de "o deus deste sistema de coisas", em 2Coríntios 4:4.

[6] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 40.

> Jesus tem uma posição bem superior à de anjos, homens imperfeitos, ou Satanás. Visto que estes são chamados de "deuses", poderosos, certamente Jesus pode ser e é "um deus". Por causa de sua posição ímpar em relação a Jeová, Jesus é um "Deus Poderoso". — João 1:1; Isaías 9:6.[7]

Os testemunhas de Jeová não têm escrúpulos em dizer que Jesus é um "deus" assim como Satanás, no sentido de ser poderoso. O que eles não podem aceitar é que Jesus seja Deus tal como o Pai. Eles não veem objeção em se dirigir a Jesus como "um deus" porque os anjos (Salmos 8.5) e os juízes de Israel (Salmos 82.1-6) também foram supostamente chamados de "deuses" (do hebraico *'elohîm*).

Para resolver essa questão, convém analisar cada texto por vez. Antes, porém, é importante mostrar a incoerência dos testemunhas de Jeová na última citação mencionada. Afirma-se em primeiro lugar que Jesus "tem uma posição *bem superior* à de anjos, homens imperfeitos ou Satanás", mas que, ao mesmo tempo, se estes são "deuses", Jesus "pode ser e é um deus" assim como eles. Perguntamos então onde está essa proclamada superioridade? Se Jesus é um deus como Satã, no sentido de ser poderoso, decorre-se que não há superioridade real. Jesus só poderia ser superior de fato e de direito se fosse Deus num sentido em que Satanás, anjos e humanos não pudessem ser.

As questões que temos diante de nós para resolver são: Em que sentido Jesus é Deus? Por que Satanás é chamado "deus"? Por que os anjos foram chamados "deuses"? Por que os juízes de Israel foram chamados "deuses"? Será que o termo "deus" tem o mesmo sentido em todos os casos? Apresentadas as questões, procedamos à análise delas.

1. *Em que sentido Satanás é chamado "deus"?*

Quando Paulo afirma que Satanás é o "deus desta era" (2Coríntios 4.4), não está dizendo que seja deus por natureza. Os que não servem ao Deus

[7] **Deve-se crer na Trindade?**, p. 28-29.

verdadeiro entregam-se à idolatria, servindo a deuses falsos. O apóstolo afirma: "Antes, quando não conheciam a Deus, eram escravos daqueles que, *por natureza*, não são deuses" (Gálatas 4.8). "Deuses" (afora o único Deus) só existem na imaginação de seus cegos adoradores, que lhes atribuem algo que não detêm: a natureza divina, isto é, eternidade, onisciência, onipotência, onipresença etc. Em 1Coríntios 8.4,5, o apóstolo diz que os ídolos são chamados deuses sem o serem de fato, pois Deus só há um. Esta é a essência do monoteísmo: há um só Deus; o que passa disso é falsa deidade. Assim, o Diabo é considerado o "deus" desta era, não porque o seja *por natureza*, mas porque é assim considerado por seus escravos, que não conhecem o único e verdadeiro Deus. Satã é o deus dos incrédulos, dos perdidos (2Coríntios 4.3,4).

Confirma-se, desse modo, o absoluto descabimento de afirmar que Jesus é um deus da mesma forma que Satanás é chamado deus. A analogia não procede e é de índole blasfematória.

2. *Em que sentido os anjos são chamados "deuses"?*

Para início de conversa, Salmos 8.5 (8.6 nas versões católicas romanas) não afirma que os anjos são "deuses". A própria *Tradução do Novo Mundo* verte o texto desta forma: "Também passaste a fazê-lo um pouco menor que os *semelhantes a Deus*". Ora, uma coisa é ser "semelhante a Deus", outra é ser "um deus" (o homem foi feito "à imagem e semelhança de Deus", mas não é "um deus"; é homem). Ademais, o texto hebraico não traz esse "semelhante a" (trata-se de uma paráfrase feita pela *NM*).

A tradução literal de Salmos 8.5 seria esta: "Fizeste-o pouco menor do que *deuses*". Na verdade, o grande problema está na tradução da palavra *'elohîm* (lit. "deuses"). Apesar de estar no plural, *'elohîm* pode ser traduzida por "Deus" (singular) quando o verbo, adjetivos e pronomes que a acompanham estão no singular, como em Gênesis 1.1, que diz: "No princípio criou *'elohîm* [lit. "deuses"] os céus e a terra". A correta tradução é "No princípio criou *Deus* [no singular] os céus e a terra", já que o verbo que acompanha *'elohîm* está no singular — trata-se, nesse caso específico, de um legítimo plural majestático, ou de intensidade, ou ainda de

potencialidade (Harris; Archer Jr.; Waltke, 1998, p. 72). Desse modo, a frase "deuses criaram" é um atentado à teologia judaica e ao monoteísmo bíblico. Ora, um povo que ainda crê na existência de um só Deus não facilitaria de forma tão banal a vida de seus oponentes religiosos. Essa é uma particularidade da língua hebraica: um plural de caráter singular que objetiva exaltar a sumidade do Criador. Cada língua reflete o modo próprio e peculiar de falar de um povo. Isso deve ser respeitado e entendido a fim de evitar equívocos de tradução e interpretação.

Diante disso, podemos afirmar que é possível que esse mesmo plural majestático esteja presente em Salmos 8.5. É assim que algumas versões da Bíblia traduzem essa passagem:

- "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que *Deus*" (*ARA*).
- "Pois o fizeste pouco abaixo de *Deus*" (*TB*).
- "Fizeste o ser humano inferior somente *a ti mesmo*" (*NTLH*).

O salmo está tratando do homem; ele recebeu poderes sobre o restante da criação de Deus (Gênesis 1.28), mas, apesar de tanto poder e responsabilidade, ele não é Deus ou "um deus"; é só um homem com grandes poderes e responsabilidade delegados pelo Criador. Por isso, o homem foi feito "menor do que Deus". Essa parece ser a melhor tradução.

Outros tradutores optaram por "um deus". Veja:

- "E o fizeste pouco menos do que *um deus*" (8.6, *BJ*).
- "Tu o fizeste pouco menos do que *um deus*" (8.6, *BP*).
- "*Quase um deus* o fizeste" (8.6, *TEB*).
- "Tu o fizeste pouco menos do que *um deus*" (8.6, *EP*).
- "No entanto o fizeste só um pouco menor que *um deus*" (*CNBB*).

A tradução "quase um deus" (*TEB*) ainda lembra Gênesis 1.28, mas é um texto estranho ao monoteísmo das Escrituras. Se *'elohîm* é plural, teria sido melhor optar pelo plural majestático. Se o autor sagrado usou *'elohîm* é porque sabia o que estava fazendo, sem incorrer em politeísmo.

Outras traduções amenizam o peso negativo de "um deus":

- "Tu o fizeste um pouco inferior a *um ser divino*" (8.6, *BPão*).
- "Quase fizeste dele *um ser divino*" (8.6, *NBC*).
- "Fizeste-o pouco menor que *um ser celeste*" (8.6, *MD*).
- "Tu o fizeste um pouco menor do que *os seres celestiais*" (*NVI*).

Outras traduções seguem a *Septuaginta*, que traduziu *'elohîm* por *ángeloi* ("anjos").

- "Pois pouco menor o fizeste do que *os anjos*" (*ACF*).
- "Tu o fizeste um pouco menor que *os anjos*" (*A21*).
- "Entretanto, vós o fizestes quase igual *aos anjos*" (*MM*).
- "Contudo, pouco menor o fizeste do que *os anjos*" (*RC*).

É interessante observar que no texto grego de Hebreus 2.7, que cita Salmos 8.5 diretamente da *Septuaginta* (ou 8.6), aparece "anjos": "Tu o fizeste um a pouco menor do que *os anjos* e o coroaste de glória e de honra". Isso significa que *'elohîm* e *ángeloi* são termos intercambiáveis? É possível. Outra possibilidade é que *'elohîm* esteja associado a domínio e designe seres com poder e autoridade, como os anjos e os juízes de Israel. Nesses casos, não estaria em questão nenhum *status* de divindade, pois "só o SENHOR é Deus [...]; nenhum outro há" (Deuteronômio 4.39). Mas esse poder é derivado; logo, é limitado e sujeito à vontade do Senhor.

Assim, entre as opções de usar o plural majestático ou de fazer referência a seres com poder e autoridade, o autor de Hebreus, valendo-se da *Septuaginta*, optou pela segunda acepção. Tudo isso aponta para o fato de que o campo semântico de *'elohîm* é vasto, e os autores bíblicos tiveram liberdade para usar as variáveis legítimas de acordo com seus objetivos. Portanto, quando os tradutores da *Septuaginta* optaram por traduzir *'elohîm* por "anjos", não cometeram nenhum equívoco tradutológico nem teológico. O erro, na verdade, é dos testemunhas de Jeová, que usam Salmos 8.5 para justificar que Jesus é "um deus" porque os anjos

seriam chamados "deuses" ou "seres poderosos". O próprio livro de Hebreus põe essa perspectiva bem distante. Ali, o autor compara o Filho aos anjos. O que ele fala do Filho jamais poderia ser dito de qualquer anjo. E o mais impressionante ainda é que as palavras são do próprio Pai:

- O Filho deve ser adorado pelos anjos (Hebreus 1.6), mas nenhum anjo pode ser adorado (Apocalipse 22.9).
- O Filho, que é Deus, é rei e tem um trono (Hebreus 1.8,9), mas os anjos são "servidores públicos" (Hebreus 1.7, *NM*) ou simplesmente "servos".
- O Filho é o "Senhor" e o criador da terra e dos céus (Hebreus 1.10), mas os anjos são criaturas ("E ele faz os seus anjos espíritos [...]).
- O Filho está à destra do Pai e tem domínio sobre as nações (Hebreus 1.13), mas os anjos estão sempre a serviço, até mesmo a favor dos que hão de herdar a salvação (Hebreus 1.14).

Diante disso, não faz o menor sentido afirmar que Jesus é "um deus" ou um "ser poderoso" assim como os anjos. O grande erro é comparar a divindade de Jesus com a condição dos anjos.[8]

3. *Em que sentido os juízes foram chamados "deuses"?*

O uso de *'elohîm* deve ser analisado sempre à luz dos contextos específicos. Os juízes de Israel tinham poder de julgar causas e proferir sentenças. Eles exerciam sua função em nome de Deus (Deuteronômio 17.9,12; 19.17; Salmos 58.1). O exercício desse poder lhes conferia autoridade. Já dissemos que *'elohîm* também está associado a domínio e pode designar seres com poder e autoridade, mas sem que esteja em jogo alguma natureza divina real. Assim, a frase "vocês são *deuses*"

[8] Para mais informações sobre a divindade de Jesus, v. o capítulo 3, especialmente os comentários a Hebreus 1.6 e 1.8.

(Salmos 82.6) não significa que são "deuses" por *natureza* (Gálatas 4.8), mas por *analogia*. No caso de Jesus, ele é Deus por *natureza* (v. os subtítulos seguintes).

Os juízes deviam se comportar à altura daquele a quem representavam ao julgar. Entretanto, eles eram injustos e arrogantes, e não estavam representando corretamente Deus, que julgava no meio deles. O salmo 82 é, na verdade, uma severa crítica e exortação a esses juízes, que talvez estivessem levando ao pé da letra o título *'elohîm*. O Juiz Supremo então os ironiza: "Vocês são *deuses*. [...] Mas vocês morrerão como simples homens; cairão como qualquer outro governante" (v. 6). Assim, aqueles juízes, embora exercessem a função de *'elohîm* ou *governantes*, não passavam de meros "homens", que são, por natureza, mortais. Portanto, deve-se descartar qualquer ideia de que, além do verdadeiro Deus, existam realmente outros deuses por natureza.

Tendo em vista esse contexto, podemos analisar o uso que Jesus fez das palavras "Vocês são deuses" (João 10.34). Ele proferiu tais palavras logo após a acusação que sofreu por parte dos líderes religiosos judaicos de ser blasfemo, pois dissera "Eu e o Pai somos um", fazendo-se, dessa maneira, igual a Deus. A fim de anular a acusação de blasfêmia, Jesus reporta os líderes judaicos ao contexto do salmo 82. Ele compara o seu caráter ao daqueles juízes. Eles eram injustos e não agiam de acordo com a vontade de Deus; mesmo assim, foram chamados na Lei de "deuses" (*'elohîm*) ou de "filhos do Altíssimo". Assim, nem sempre o uso de *'elohîm* é de caráter blasfemo. Jesus então prepara o caminho para afirmar que a expressão "Filho de Deus" não é blasfema e que ele tem legitimidade para reivindicar essa condição. Diferentemente daqueles juízes, Jesus é "santificado" e "enviado" pelo Pai; ele realiza as obras do Pai, e por isso o Pai está nele, e ele, no Pai (João 10.37,38). Portanto, ele é santo como o Pai é santo; ele é um representante legítimo enviado pelo Pai, mas um representante que, ao contrário dos juízes injustos, faz a vontade do Pai, ou seja, pratica a justiça. Ora, se os "deuses" (juízes) injustos poderiam ser representantes do Altíssimo, "filhos do Altíssimo", por qual razão ele, santificado e enviado pelo Pai, não poderia dizer-se Filho de Deus? Assim,

não há nenhuma razão para o acusarem de blasfêmia. O que está em questão é a defesa de sua divindade, santidade e filiação divina com o respaldo daquilo que os judeus mais prezavam: a Lei.

Assim, os diversos usos da palavra "deus" ou "deuses" devem ser analisados e interpretados dentro de seus respectivos contextos. A divindade de Jesus só pode se assemelhar à do Pai. Somente Jesus pode ser chamado Deus Poderoso (Isaías 9.6), Caminho, Verdade e Vida (João 14.6). Somente ele poderia dizer: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30); "Creiam em Deus; creiam também em mim" (João 14.1). Enfim, somente ele poderia dizer-se igual a Deus, o Pai, porque na verdade ele é Deus, razão pela qual é verdadeiramente superior a tudo e a todos. Por isso, negamos que Jesus possa ser "um deus", como querem os testemunhas de Jeová. Ele é "Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus", como professam os credos à luz das Escrituras. É o que veremos a seguir.

Jesus é verdadeiramente Deus

Eis duas razões para afirmar que Jesus não pode ser "um deus", mas o Deus verdadeiro, assim como o Pai e o Espírito Santo.

Primeira: Em Isaías 43.10, o Todo-poderoso diz: "[...] Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim". Em Isaías 44.8, Deus pergunta: "[...] Há outro Deus além de mim? Não, não existe nenhuma outra Rocha; não conheço nenhuma". Já que Deus disse que *antes* dele deus nenhum se formou e *depois* dele deus nenhum haverá, fica evidente que existe somente um Deus. Tudo o que for além disso é falsa deidade. Por isso, por tudo o que Jesus disse de si mesmo e o que os seus discípulos disseram dele, ele não poderia ser um deus à parte (v. os comentários sobre João 8.58 no cap. 3).

Além do mais, se Jeová fosse Deus e Jesus "um deus" (João 1.1, *NM*), então teríamos dois deuses: um maior (Jeová) e o outro menor (Jesus). Ora, a crença em mais de um Deus consiste em politeísmo, o que é grave pecado contra Deus. O cúmulo da incoerência é que são esses mesmos testemunhas de Jeová que acusam os cristãos de serem politeístas por acreditarem na doutrina da Trindade! Quem são os politeístas? Seu

sistema assemelha-se ao dos gregos, que falavam de um deus maior, Zeus, e seus deuses subordinados. Ao afirmarem que Jesus e Satanás são deuses, voltam-se contra o monoteísmo, além de rebaixar Jesus a um tipo de divindade semelhante à do Diabo. Definitivamente, isso não é cristianismo.

Segunda: A Bíblia afirma que Jesus é Deus. Ele é "Deus Forte" (Isaías 9.6, *ARC*) ou "Poderoso" (*NM*). Esse termo não é aplicado somente ao Filho, mas também ao Pai: "Um mero restante retornará, o restante de Jacó, ao *Deus Poderoso*" (Isaías 10.21, *NM*). Assim, se o Filho é *Deus Poderoso* e o Pai é *Deus Poderoso* e se só existe um único Deus, então Jesus e o Pai são o mesmo Deus (não a mesma pessoa, mas de uma só e mesma essência).

Os testemunhas de Jeová objetam afirmando que, embora Jesus seja "Deus Poderoso", somente Jeová é chamado Todo-poderoso. Entretanto, o termo "todo-poderoso" também é aplicado ao Filho, como se lê em Apocalipse 1.8: " 'Eu sou o Alfa e o Ômega', diz o Senhor Deus, 'o que é, o que era o que há de vir, o Todo-poderoso' ". Entretanto, na *Tradução do Novo Mundo* lê-se: "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz Jeová Deus". Com isso, a versão dos testemunhas de Jeová afasta qualquer possibilidade de que o termo "todo-poderoso" seja atribuído a Jesus Cristo. No original, contudo, não aparece o nome Jeová, mas a palavra Κύριος [*Kýrios*], isto é, Senhor. Trata-se aqui de Jesus Cristo, pelas seguintes observações:

1. Em Apocalipse 1.7, o apóstolo João afirma: "Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele. Assim será! Amém". À luz de Mateus 24.30, que mantém semelhança redacional com Apocalipse 1.7, afirmamos que a personagem aqui em questão é Jesus.
2. Sobre aquele que virá, Apocalipse 1.8 afirma: "Aquele que é [presente], e que era [passado], e que vem [futuro]" (*NM*). A expressão é análoga a Hebreus 13.8, que diz: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem [passado], hoje [presente] e para sempre [futuro]".
3. A carta aos Hebreus afirma que Jesus virá segunda vez (9.28). Essa era e ainda é a esperança dos cristãos, a segunda vinda de Jesus

> Cristo. E o texto de Apocalipse reflete essa esperança, ao afirmar que ele vem e que todo olho o verá. Aliás, no final de Apocalipse lemos: "Aquele que dá testemunho dessas coisas diz: 'Sim; venho depressa'. Amém! Vem, Senhor Jesus" (22.20, *NM*). Como o texto diz que o Todo-poderoso é "Aquele que é, e que era, e que vem", não há como negar que Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, o Todo-poderoso. Logo, como não pode haver dois todo-poderosos, mas somente um, Jesus tem de ser, necessariamente, da mesma essência que o Pai. Assim, se o Pai é todo-poderoso, o Filho também o é; e, se o Pai é Deus Poderoso (Isaías 10.21), o Filho também o é (Isaías 9.6).

Jesus é o verdadeiro Deus e a vida eterna

Outro texto que mostra ser Jesus o Deus verdadeiro é 1João 5.20:

> Sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro. E nós estamos naquele que é o Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. *Este* é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

Parece-nos não haver motivos para dúvidas: "Este [Jesus] é o verdadeiro Deus e a vida eterna". Mas o Corpo Governante dos testemunhas de Jeová verteu assim o texto:

> Mas, sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu capacidade intelectual para podermos obter conhecimento do verdadeiro. E nós estamos em união com o verdadeiro, por meio do seu Filho Jesus Cristo. *Esse* [o verdadeiro, o Pai] é o verdadeiro Deus e a vida eterna (*NM*, colchetes nossos).

Ao usar o pronome demonstrativo "esse" e não "este", os testemunhas de Jeová desviam as designações "verdadeiro Deus e a vida eterna" para o Pai.

Como resolver esse impasse? Será que o grego pode nos ajudar a fechar definitivamente a questão? Em princípio, não. Isso porque, de acordo com

W. C. TAYLOR (1986, p. 56, n. 160; 293-294, n. 9 e 10), o pronome οὗτός (*houtós*), normalmente traduzido por "este" (pronome demonstrativo que se refere, usualmente, ao que está próximo ou ao que foi mencionado por último) também pode ser traduzido por "esse" (pronome demonstrativo que se refere, geralmente, ao que está remoto ou ausente). Neste caso, οὗτός equivaleria a ἐκεῖνος (*ekeinos*), habitualmente traduzido por "esse", mas que também pode significar "este". Em razão desse uso ambivalente, é difícil resolver a questão, de modo definitivo, com base na gramática grega. Taylor afirma, entretanto: "Temos de nos despir da lembrança de nosso idioma e deixar o grego falar segundo seu gênio, orientando-nos pelo contexto a cada vez. Contudo, em geral, οὗτός é próximo, e ἐκεῖνος, remoto" (ibid., p. 294, n. 10).

À luz do que disse Taylor, vamos tentar resolver a questão recorrendo ao contexto, que não deixa dúvida de que "este" é o pronome adequado, levando-nos à inevitável conclusão de que Jesus é o referido pela expressão "verdadeiro Deus e vida eterna". Para chegar a essa conclusão, precisamos nos deslocar para 1João 1. Acompanhe o raciocínio.

Os versículos iniciais (1.1-3) lembram o prólogo do evangelho de João, no qual o protagonista é o próprio Jesus, a quem João chama de "Palavra" ou "Verbo". Lemos em 1João 1.1,2 (*NM*):

> Aquilo que era desde [o] princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos observado atentamente e as nossas mãos têm apalpado, com respeito à *Palavra da vida*, (sim, a *vida* foi manifestada, e nós temos visto, e estamos dando testemunho, e relatamos a vós a *vida eterna* que estava com o Pai e nos foi manifestada)[...].

Está claro que João está falando de Jesus Cristo, o Verbo de Deus, a quem ele também chama *vida eterna*. João, em sua primeira carta, começa falando dele e termina da mesma maneira. O mesmo ele faz no seu evangelho. Em João 1.1, ele começa a falar de Jesus; no versículo 4, diz que em Jesus está a *vida*. Em 19.31, ele diz que tudo escreveu em seu evangelho para que se creia em Jesus e, crendo, se tenha *vida* em seu nome.

É perceptível que, quase todas as vezes que fala de Jesus, João, tanto no evangelho quanto na primeira carta, associa-o à *vida eterna*. Não é de espantar que, ao final de sua primeira carta, o discípulo a quem Jesus amava tenha dito de Jesus Cristo: "Este é o verdadeiro Deus e a *vida eterna*". Assim, não há dúvida, aquele que é chamado *a vida eterna*, também é chamado *verdadeiro Deus*.

Com isso, torna-se evidente que a *Tradução do Novo Mundo* não se manteve fiel ao contexto da carta joanina, vertendo indevidamente: "*Esse* é o verdadeiro Deus e a vida eterna", quando o correto é, sem sombra de dúvida: "*Este* é o verdadeiro Deus e a vida eterna".

A terminologia equivocada dos testemunhas de Jeová

Os testemunhas de Jeová se perdem na terminologia das Escrituras, dando significados errôneos a certos termos aplicados a Jesus, como "primogênito", "unigênito", "princípio da criação" e "Filho de Deus". Tal equívoco se dá em virtude do desconhecimento das regras de boa interpretação bíblica, e assim afastam esses termos de seu contexto imediato e geral, bem como histórico e gramatical, e querem que signifiquem o que originariamente não significavam no texto bíblico. Eis alguns exemplos:

Primogênito (Colossenses 1.15)

> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação.

Longe de significar nesse texto "o primeiro criado" ou "o primeiro de uma série", o termo "primogênito", do grego πρωτότοκος (*protótokos*), é um título que indica preeminência ou primazia, apontando assim para a soberania de Cristo sobre a criação, pois, segundo os versículos seguintes, ele criou todas as coisas. Isso corrobora a assertiva segundo a qual Jesus não pode ser uma criatura.

Outro ponto importante é que essa passagem é uma aplicação de Salmos 89.27, que é messiânico. Originariamente, foi aplicado ao rei Davi, o caçula de sua família (Salmos 89.20). Segundo esse salmo, Deus o colocaria como "primogênito" e explica por quê: "[...] o mais exaltado dos reis

da terra", que equivale ao título "Rei dos reis" (Apocalipse 17.14). Que a ideia de soberania está implícita, basta conferir 1Samuel 10.1, em que Samuel diz a Davi que Deus o ungiu para ser o líder ou chefe de Israel. Assim, o termo "primogênito" trata da posição soberana de Cristo sobre tudo e todos, e não de ele ser o primeiro de uma série.

Unigênito (João 3.16)

> Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

Assim como ocorre com "primogênito", o termo "unigênito" (do grego μονογενής [*monogenḗs*]) também é um título aplicado a Jesus Cristo. Esse título aponta para a singularidade de Jesus, o eterno Filho de Deus. Ele é único, não há ninguém semelhante a ele. Como afirma Walter MARTIN (1992, p. 148), essa palavra é composta por *mono* ("único") + *genes* ("tipo", "espécie"). O ponto saliente, segundo Martin, está na primeira parte da palavra, isto é, em *mono*, "único", o que implica a ideia de singularidade. Em Judas 4, por exemplo, Jesus é chamado "nosso único [μόνον — *mónon*] Soberano e Senhor". Seguindo essa linha de raciocínio, "unigênito" e "único" teriam o mesmo sentido semântico.

Além disso, Hebreus 11.17 leva a crer que o termo "unigênito" não deve ser tomado na acepção usual de nossa cultura, ou seja, do filho único (ibid.). Nesse texto, Isaque é chamado *unigênito* de Abraão. Mas a Bíblia informa que Isaque não era o *único* filho de Abraão. Ismael, por ordem de nascimento, era o primogênito. Isso mostra que o termo "unigênito" abarca outros significados, além do que normalmente conhecemos, a saber, o único filho de fato e de direito. Nesse caso, o adjetivo "unigênito" aponta para a ideia de predileção. Em que sentido, então, Isaque era o unigênito? No sentido de que ele era o único e singular filho de Abraão. A ideia de um relacionamento íntimo e diferencial entre pai e filho está implícita na passagem; logo, não está em questão a ordem de nascimento de Isaque, mas sua posição diante do pai, sua singularidade. O mesmo se dá com Cristo em relação ao Pai. Isso fica evidente em dois momentos especiais,

nos quais o Pai dirigiu-se a Jesus com as seguintes palavras: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado" (Mateus 3.17; 17.5). Entremeando as ideias, tudo aponta para a direção de que as expressões "Filho amado" e "Filho único" (unigênito) parecem ter o mesmo sentido.

Cabe salientar que nas Escrituras fica evidente ser a filiação de Jesus algo totalmente especial, diferente de outras filiações. A expressão "filho de Deus" é de fato aplicada aos anjos (Jó 1.6), ao povo de Israel (Êxodo 4.22; Deuteronômio 14.1), aos reis e juízes de Israel (2Samuel 7.14; Salmos 82.6), a Adão (Lucas 3.38) etc. No entanto, esse tipo de filiação aponta meramente para uma relação de intimidade entre Deus e suas criaturas. Trata-se de uma filiação adotiva, nada tendo que ver com o tipo de filiação usufruída por Jesus, o "Filho amado". O próprio Jesus sublinhou essa distinção, ao dizer: "Estou voltando para *meu Pai* e Pai de vocês, para *meu Deus* e Deus de vocês" (João 20.17). Jesus nunca disse "nosso Pai". E quanto à Oração Dominical, o Pai-nosso? Ele estava simplesmente ensinando seus discípulos a orar: "Vocês, orem assim: 'Pai nosso, que estás nos céus!'". O "nosso" era para ser usado por seus discípulos, não por ele.

Jesus designou-se "Filho Unigênito" (João 3.16), pois somente ele, e mais ninguém, nem anjos, nem homens, jamais poderia dizer: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30). (Para mais detalhes sobre o que está contido neste "somos um", v. os comentários sobre João 8.58 no cap. 3.)

Princípio da criação (Apocalipse 3.14, *NM*)

> Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.

A palavra grega ἀρχὴ (*arché*), vertida por "princípio" em muitas traduções da Bíblia, também significa "governador", "soberano", "origem". Assim, já que diversas passagens bíblicas atestam a eternidade de Cristo, visto ser ele o Criador e Sustentador de todas as coisas (Colossenses 1.16,17; Hebreus 1.3), fica evidente que entender *arché* como o "primeiro de uma série", nesse caso em particular, seria pedir demais. Se ele criou todas as coisas e as sustenta, o termo "origem" cai como uma luva no

contexto imediato e mais amplo. É assim que se deve entender o termo "princípio" em Apocalipse 3.14. Felizmente, existem algumas versões em português que afastam a ambiguidade do termo "princípio", mantendo fidelidade ao sentido original de *arché* empregado pelo autor sagrado em relação a Jesus Cristo. Na *Nova Versão Internacional*, lemos: "O soberano da criação de Deus". A *Versão Fácil* (Novo Testamento) diz: "Aquele que tem autoridade sobre toda a criação de Deus".

É bom também lembrar que na *Tradução do Novo Mundo* a expressão *arché* é usada em relação a Jeová (Apocalipse 22.13), sendo entendida como "fonte", "origem", "começo", embora seja evidente, pelo contexto, que a referência é a Jesus, pois ele também é designado dessa forma em Colossenses 1.18. De qualquer maneira, nenhum dos termos supracitados pode ser usado para defender a ideia de que Jesus seja um ser criado.

Filho de Deus (Marcos 1.1)

> Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Esse termo é usado frequentemente para indicar a inferioridade do Filho em relação ao Pai, pois um filho não pode ser igual ou maior que seu pai. No entanto, isso não tem o menor sentido, pois Jesus é chamado "filho de Maria" (Marcos 6.3), "Filho de Davi" (Marcos 10.48) e "Filho do homem" (Mateus 25.31); nem por isso, poderia ser considerado inferior a Maria, a Davi ou ao homem (humanidade). O termo "filho", portanto, não implica necessariamente inferioridade. O escritor SHELTON JR. (s.d., p. 9) esclarece sobre o uso dos termos "Pai" e "Filho":

> Na linguagem bíblica, os termos "Pai" e "Filho" transmitem, não nossas ideias [ocidentais] da origem da existência, nem de superioridade e subordinação e dependência, mas, sim, a ideia semítica e oriental de *semelhança ou identidade de natureza e de igualdade do ser*. Ora, é a consciência semítica que está por trás da fraseologia das Escrituras, e, sempre quando as Escrituras chamam Cristo de "Filho de Deus", asseveram sua divindade genuína e apropriada.

Expandindo a declaração anterior, Boettner (s.d., p. 65) diz o seguinte:

> Durante o seu ministério público, os judeus, de acordo com o uso hebraico da palavra [Filho], tiveram razão ao compreenderem que a pretensão de Jesus de ser o "Filho de Deus" era equivalente a afirmar que era "igual a Deus" ou, simplesmente, "Deus" (João 5:18; 10:33).

Em seguida, Boettner (ibid., p. 65-57) cita as palavras de Benjamin B. Warfield, extraídas da obra *Bible Doctrines* (p. 163):

> O que fica por detrás da concepção de filiação em linguagem bíblica é simplesmente "semelhança"; tudo quanto o Pai é o Filho o é igualmente. A aplicação enfática do termo "Filho" a uma das Pessoas Trinitárias, por isso, afirma antes a sua igualdade com o Pai do que a sua subordinação ao Pai; e, se houver qualquer implicação de derivação nele, essa parece estar muito distante. [...] Em João 5:18, lemos: "Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus". O ponto principal aqui reside, evidentemente, no adjetivo "próprio". Compreenderam, e bem, que Jesus chamava a Deus "seu próprio Pai", isto é, usou os termos "Pai" e "Filho" não meramente num sentido figurativo, como quando Israel foi chamado filho de Deus, mas no verdadeiro sentido. E compreenderam que isto queria dizer que Jesus pretendia ser tudo quanto Deus é. Ser Filho de Deus em qualquer sentido é ser semelhante a Deus nesse sentido; e ser o *próprio* Filho de Deus significava ser precisamente parecido com ele em tudo, isto é, ser "igual a Deus".

Outro estudioso da Bíblia, E. Lund (2006, p. 143), afirmou:

> Entre os hebreus era costume chamar uma pessoa de filho fazendo referência àquilo que a caracterizava de modo especial, tanto assim que o pacífico e bem-disposto era chamado filho da paz (Lc 10.6, *AEC*); o iluminado e entendido, filho da luz (Ef 5.8); os desobedientes, filhos da desobediência (Ef 2.2).

Seguindo esse raciocínio, fica mais fácil entender por que Jesus é chamado Filho de Deus. Ele é, assim como o Pai, de eternidade a eternidade (Isaías 9.6; Hebreus 13.8; cf. Salmos 90.2); ele é a vida (Salmos 36.9), assim como o Pai é a fonte ou o manancial da vida (João 14.6) etc. Dessa forma, Jesus demonstrou ter os atributos que apenas Deus poderia demonstrar. Nada mais justo que a designação "Filho de Deus". O mesmo se dá com "Filho do homem". Ao encarnar-se, Jesus tornou-se verdadeiro homem. Não havia como negar que aquele que veio do céu tornou-se realmente Filho do homem, pois comeu, bebeu, sentiu cansaço, chorou, compadeceu-se do semelhante etc. São características de sua plena humanidade.

O problema dos testemunhas de Jeová é atribuir ao termo "filho" um sentido único, relacionado à nossa experiência, segundo a qual, por ser Filho, ele não poderia ser igualado ao Pai. Mas o termo "filho" possui diversas acepções:

- Filho de Maria — o sentido habitual do termo: biológico.
- Filho de Davi — descendente ou participante da linhagem real.
- Filho do homem — humano ou participante da natureza humana.
- Filho de Deus — participante da natureza divina do Pai ou "Deus" como o Pai. Aqui cabe o velho ditado "Tal pai, tal filho", elevado, é claro, a um sentido mais absoluto do que o costumeiro.

TEXTOS MAL INTERPRETADOS PELOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Os textos e os raciocínios apresentados a seguir são os mais usados pelos testemunhas de Jeová para provar que Jesus Cristo não era Deus.

1. *João 14.28* — "Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois *o Pai é maior do que eu*" — Se Jesus fosse Deus, seria igual ao Pai; se ele reconheceu que o Pai é "maior", então não pode ser onipotente.
2. *Marcos 13.32* — "Quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, *nem o Filho*, senão somente o Pai" — Se Jesus fosse Deus, seria onisciente; como ele disse desconhecer o dia e a hora, isso só pode significar que ele não é onisciente; logo, não é Deus.

3. *João 17.1* — "Depois de dizer isso, *Jesus* olhou para o céu e *orou*: 'Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique' " — Se Jesus fosse Deus, não precisaria orar; ademais, por que ele oraria a si mesmo? Isso prova que ele não é o Pai.
4. *1Coríntios 11.3* — "Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e *o cabeça de Cristo é Deus*" — Se Jesus fosse Deus, ele não teria ninguém como seu cabeça (líder, superior); ele seria o cabeça. Isso mostra que existe alguém superior a Jesus, a quem ele é subordinado.
5. *1Coríntios 15.28* — "Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então, *o próprio Filho também se sujeitará* àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos" — Se Jesus fosse Deus como o Pai, jamais se sujeitaria a outro ser; e essa sujeição será eterna, mesmo depois de ele entregar o Reino ao Pai. Isso prova que em nenhum momento ele foi, é ou será como o Pai.

Apesar da aparente estrutura lógica dessas argumentações, os testemunhas de Jeová estão equivocados em suas conclusões. Esses equívocos decorrem do fato de desacreditarem de outra grande e "insondável riqueza de Cristo" (Efésios 3.8), ou seja, a sua encarnação, doutrina segundo a qual o Verbo, que era Deus, "tornou-se carne e viveu entre nós" (João 1.14).[9] Essa doutrina é, certamente, a chave para entender esses textos mal interpretados. Para esclarecer as passagens bíblicas pós-ressurreição (1Coríntios 11.3 e 15.28), precisamos analisar outra doutrina igualmente elucidativa: a ressurreição corpórea de Jesus, também negada pelos testemunhas de Jeová.

A encarnação de Cristo

É bom esclarecer desde o início que a doutrina da encarnação é tão complexa quanto a da Trindade. Vale ressaltar novamente: por mais que

[9] A título de esclarecimento, a doutrina da "encarnação" não tem nenhuma relação com a doutrina espírita da reencarnação.

tentemos, o ser finito jamais poderá compreender com perfeição o Ser infinito, mesmo quando este assume nossa finitude. Mais uma vez, vamos recorrer ao princípio estabelecido pelo livro *Raciocínios à base das Escrituras* (p. 123, mencionado no cap. 4): "Há lógica nisso? *Nossa mente não pode compreender isso plenamente. Mas não é uma razão sólida para o rejeitar*".

Os credos e as confissões de fé do cristianismo explanam de modo adequado essa rica doutrina.

Credo atanasiano

> Mas para a salvação eterna também é necessário crer fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé verdadeira, por conseguinte, é crermos e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus, gerado da substância do Pai antes dos séculos, e é homem, nascido, no mundo, da substância da mãe. Deus perfeito, homem perfeito, subsistindo de alma racional e carne humana. Igual ao Pai segundo a divindade, menor que o Pai segundo a humanidade. Ainda que é Deus e homem, todavia não há dois, porém um só Cristo. Um só, entretanto, não por conversão da divindade em carne, mas pela assunção da humanidade em Deus. De todo um só, não por confusão de substância, mas por unidade de pessoa. Pois assim como a alma racional e a carne são um só homem, assim Deus e homem são um só Cristo.

Credo de Calcedônia

> Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o Credo dos Pais nos transmitiu.

Confissão de fé de Westminster (1647)

O Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a ele, quando chegou a plenitude do tempo, tomou sobre si a natureza humana, com todas as suas propriedades essenciais e as fraquezas comuns, contudo sem pecado, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria, e da substância dela. As duas naturezas, intactas, perfeitas e distintas — a Divindade e a Humanidade — foram inseparavelmente unidas numa só pessoa, sem conversão, composição ou confusão; essa pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém um só Cristo, o único mediador entre Deus e o homem (VIII, § 2; in: Beeke; Ferguson, 2006, p. 65).

Os trinta e nove artigos de religião

O Filho, que é o Verbo do Pai, gerado da eternidade do Pai, verdadeiro e sempiterno Deus, e consubstancial com o Pai, tomou a natureza humana no ventre da bendita virgem e da Sua substância; de sorte que as duas inteiras e perfeitas Naturezas, isto é, Divina e Humana, se uniram em uma Pessoa, para nunca mais se separarem, das quais resultou Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem; que verdadeiramente padeceu, foi crucificado, morto e sepultado, para reconciliar Seu Pai conosco, e ser vítima, não só pela culpa original, mas também pelos atuais pecados dos homens. [...] Cristo verdadeiramente ressuscitou dos mortos e tomou de novo o Seu corpo, com carne, ossos e tudo o mais pertencente à perfeição da natureza humana; com o que subiu ao Céu, e lá está assentado, até que volte a julgar todos os homens, no último dia.

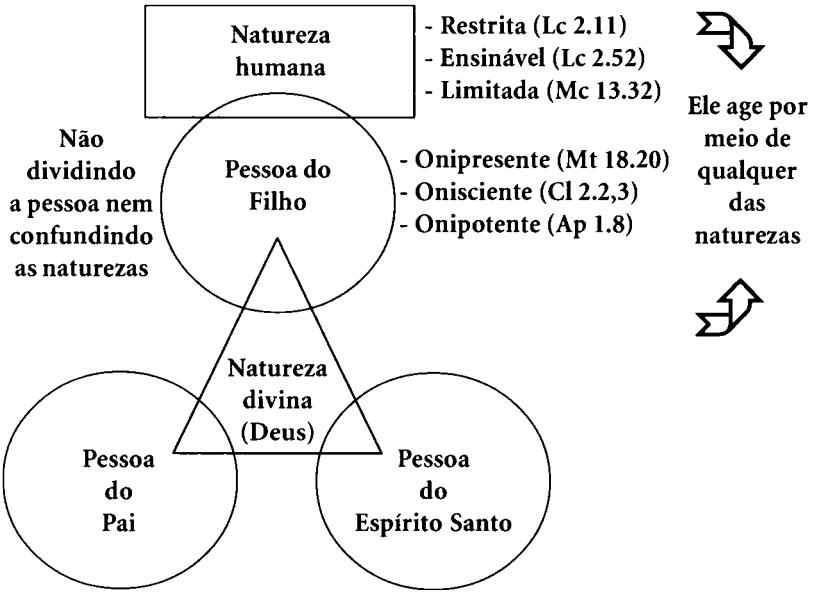
Desses artigos de fé, podemos afirmar o seguinte:

Como *Deus*, Jesus era...	Como *homem*, Jesus era...
• **Onipontente** • **Onipresente** • **Onisciente**	• **Limitado** • **Restrito** • **Ensinável**

Assim, Jesus —Deus e homem — possuía duas naturezas intactas, perfeitas e distintas. Ele era ao mesmo tempo:

- Onipotente e limitado em poder.
- Onipresente e restrito corporeamente a um único espaço.
- Onisciente e limitado no saber.

O gráfico adaptado a seguir (HOUSE, p. 1994, p. 64) dá uma dimensão da doutrina da dupla natureza de Cristo:



Este é o paradoxo da encarnação: compreender como pode haver em uma pessoa duas naturezas natural e completamente diferentes. Estamos racionalmente habituados com a *disjunção* "Deus OU homem"; mas a encarnação nos leva para a *conjunção* "Deus E homem". Diante desse paradoxo, resta-nos recorrer ao testemunho das Escrituras para ver o que elas têm a dizer sobre isso. Uma passagem reveladora é Mateus 8.23-27:

> Entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. De repente, uma violenta tempestade abateu-se sobre o mar, de forma que as ondas inundavam o barco. Jesus, porém, dormia. Os discípulos foram acordá-lo, clamando: "Senhor, salva-nos! Vamos morrer!" Ele perguntou: "Por que vocês estão com tanto medo, homens de pequena fé?" Então ele se levantou e repreendeu os ventos e o mar, e fez-se completa bonança. Os homens ficaram perplexos e perguntaram: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?"

O evangelista relata que Jesus dormia durante uma tempestade, mas Deus naturalmente não dorme. Desesperados, os discípulos o acordaram, clamando por socorro. Nesse momento, Jesus acorda, repreende o vento e o mar, e ambos se aquietam. Ora, o homem naturalmente não tem domínio sobre as forças da natureza. Segundo Salmos 65.5-7, 89.9 e 107.29, somente Deus, o Criador, tem poder sobre as forças da natureza, e Jesus revelou tal poder (Hebreus 1.3). O texto revela a humanidade e a divindade de Jesus. Ele tornou-se humano, sem deixar de ser Deus. Era Deus, assim como o Pai e o Espírito Santo, mas também era verdadeiramente homem. Duas naturezas distintas, cada qual com suas características, em uma só pessoa.

Os testemunhas de Jeová podem contra-argumentar que Moisés abriu o mar Vermelho, mas nem por isso se pode dizer que ele era Deus e homem ao mesmo tempo (Êxodo 14). Outra objeção: quando os pés dos sacerdotes tocaram as águas do rio Jordão, estas foram represadas, mas nem por isso se afirma que eles eram Deus e homem ao mesmo tempo (Josué 3). Essas objeções, contudo, não fazem sentido, pois em nenhuma parte das Escrituras se afirma que Moisés abriu o mar Vermelho. Segundo Êxodo 14, Deus mandou Moisés erguer um bastão e estendê-lo sobre o mar (v. 16), mas o versículo 21 afirma o seguinte: "[...] *e Jeová começou a fazer o mar retroceder* por meio dum forte vento oriental [...] e as águas foram partidas" (*NM*). O testemunho do autor sagrado é claríssimo: foi *o próprio Deus*, por meio de um forte vento, que fez o mar retroceder. Moisés não tinha domínio sobre as forças da natureza. Só Deus. Quanto à travessia do rio Jordão, o salmo 114 mostra poeticamente que os acontecimentos

ocorridos tanto no mar Vermelho quanto no rio Jordão foram promovidos pelo "Deus de Jacó" (v. 7), não pelos sacerdotes.

Há um fato notável: dos quatro evangelistas, Mateus é o que mais cita o Antigo Testamento. Ele procura demonstrar por meio de profusas citações que Jesus é o Messias prometido, pois ele cumpre inequivocamente as profecias do Antigo Testamento. Mateus desejava destacar esse fato em seu Evangelho. Dentre as várias profecias, destacam-se as seguintes:

1. O nascimento virginal (Mateus 1.21-23; cf. Isaías 7.14)
2. O local de nascimento (Mateus 2.6; cf. Miqueias 5.2)
3. A fuga para o Egito (Mateus 2.15; cf. Oseias 11.1)
4. O genocídio dos inocentes (Mateus 2.16-18; cf. Jeremias 31.15)
5. O ministério em Cafarnaum (Mateus 4.14-16; cf. Isaías 9.1,2)
6. O uso de parábolas (Mateus 13.35; cf. Salmos 78.2)
7. A entrada triunfal em Jerusalém, montado num jumento (Mateus 21.5; cf. Zacarias 9.9)
8. O abandono pelos discípulos (Mateus 26.31; cf. Zacarias 13.7) etc.

Ao que tudo indica, e há fortes evidências para isso, o episódio do mar revolto é mais um trecho do Antigo Testamento que o Messias cumpriu. A própria pergunta final dos discípulos os conduzia naturalmente às Escrituras e à identidade de Jesus: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (v. 27). Resposta: Ele é Deus.

> Tu nos respondes com temíveis feitos de justiça, ó Deus, nosso Salvador, esperança de todos os confins da terra e dos mais distantes mares. Tu que firmaste os montes pela tua força, pelo teu grande poder. Tu que acalmas o bramido dos mares, o bramido de suas ondas, e o tumulto das nações (Salmos 65.5-7).

> Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é semelhante a ti? És poderoso, SENHOR, envolto em tua fidelidade. Tu dominas o revolto mar; quando se agigantam as suas ondas, tu as acalmas (Salmos 89.8,9).

> Na sua aflição, clamaram ao SENHOR, e ele os tirou da tribulação em que se encontravam. Reduziu a tempestade a uma brisa e serenou as ondas. As ondas sossegaram, eles se alegraram, e Deus os guiou ao porto almejado (Salmos 107.28,29).

Mateus queria mostrar aos leitores que Jesus Cristo estava lá no Antigo Testamento, que ele era o "Eu Sou" (Êxodo 3.14), o "Deus Conosco" (Mateus 1.23). Cada gesto e cada palavra de Jesus eram um cumprimento preciso das Escrituras inspiradas por Deus. O Messias há tempo esperado havia chegado, estava entre eles e estaria com eles para sempre (Mateus 18.20; 28.20).

Apesar dessas evidências, alguém poderia objetar, afirmando que falta à passagem de Mateus 8.23-27 a indicação de cumprimento profético normalmente marcada pela expressão "está escrito" ou "assim fora dito pelo profeta" etc. Mas tal objeção parte da premissa de que para a identificação de uma profecia seja fundamental a presença de uma fórmula introdutória. Acontece, porém, que Mateus não recorre a esse expediente em todos os casos. Isso se deduz de Mateus 27.46: "Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: 'Eloí, Eloí, lama sabactâni?', que significa 'Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?' ". Embora Mateus não tenha usado nenhuma expressão que apontasse para o cumprimento de alguma profecia do Antigo Testamento, sabemos que a frase proferida por Jesus encontra-se no salmo 22, reconhecidamente uma profecia messiânica.

Assim, precisamos ler João 14.28, Marcos 13.32, João 17.1, I Coríntios 11.3 e 15.28 tendo em vista o ensinamento bíblico da dupla natureza de Cristo, lembrando sempre que não se pode dividir a pessoa de Jesus, nem confundir suas naturezas. Ele age e fala por meio de qualquer uma delas. Reconhecemos em Jesus seu estado ilimitado e limitado, todo-sábio e em processo de aprendizado etc. Por isso, nenhum dos textos-prova dos testemunhas de Jeová constitui um problema para a doutrina da Trindade ou da divindade de Jesus. Então, à luz da doutrina da encarnação, podemos interpretar corretamente os textos a seguir:

João 14.28

Jesus disse a verdade: o Pai era realmente maior do que ele, pois Jesus é "menor que o Pai segundo a humanidade" (*Credo atanasiano*). E ele não era só menor que o Pai; na condição de homem, o Senhor Jesus também era menor que os anjos (Hebreus 2.6-9), pois, em relação aos humanos, os anjos são "maiores em força e poder" (2Pedro 2.11). Sendo menor que os anjos, Jesus podia dizer sem prejuízo para sua natureza divina que o Pai era maior que ele.

No entanto, ele não disse apenas "o Pai é maior do que eu"; também afirmou: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30), pois Jesus é "igual ao Pai segundo a divindade" (*Credo atanasiano*). Ele era "menor" e "igual" ao mesmo tempo. E aqui reside algo fantástico: Jesus jamais entraria em contradição. Ele poderia afirmar as duas coisas, pois ambas eram verdadeiras: ele é realmente um com o Pai, pois é Deus; mas também é menor que o Pai, pois é homem; aliás, ele será *para sempre* "igual" ao Pai e "menor" que ele, pois Jesus ressuscitou corporeamente; ele se uniu à sua natureza humana para sempre, "para *nunca mais* se separarem" (*Os trinta e nove artigos de religião*, II). As duas naturezas foram "*inseparavelmente* unidas numa só pessoa" (*Confissão de fé de Westminster*, VIII, § 2).

Na declaração "o Pai é maior do que eu", subentende-se a posição de servo, de humilhação à qual Jesus se submeteu voluntariamente, nada tendo que ver com sua essência ou sua natureza divina (Filipenses 2.6-8; Atos 8.33; 2Coríntios 8.9).

Marcos 13.32

Jesus disse a verdade: ele realmente não sabia o dia e a hora, assim como os anjos não sabiam. Mas, se ele dissesse que sabia, também estaria falando a verdade. Afinal, ele age e fala por meio de qualquer das naturezas. Com relação à natureza divina, afirma-se que nele estão "escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Colossenses 2.3). Assim, paradoxalmente, em Cristo há todo o conhecimento (natureza divina) e o conhecimento em curso (natureza humana). Quem não tiver isso em mente, ficará perdido em vãos argumentos.

João 17.1

A Bíblia diz a verdade: Jesus orava e *precisava* orar. Ele era homem verdadeiramente. Ele não tinha apenas necessidades físicas e emocionais, mas também espirituais. Ele era um homem de oração, como atesta Hebreus 5.7: "Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão".

Geralmente, quando os antitrinitários usam João 17.1, costumam acrescentar o seguinte argumento: como Jesus orou ao Pai pedindo que fosse feita a vontade dele, não a sua (Lucas 22.42), os dois não poderiam ser *a mesma pessoa*; se Jesus fosse Deus, não oraria *a si mesmo*. Esse argumento, porém, revela desconhecimento da doutrina trinitária, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são a mesma pessoa. O *Credo atanasiano* afirma: "E a fé católica consiste em venerar um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a substância. Pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo".

A definição clássica da Trindade é: "Em Deus há três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo" (v. o cap. 4). A versão herética de que em Deus há somente uma pessoa e que "o Pai, o Filho e o Espírito" são apenas *modos* de Jesus se manifestar é defendida pelos unicistas.[10] Desse modo, não sendo a mesma "pessoa", não há impedimento para o Filho orar ao Pai.

[10] Apesar de não crerem na doutrina da Trindade, como os testemunhas de Jeová, os unicistas vão ao extremo na defesa da divindade de Jesus. Alegam que ele é o Pai, o Filho e o Espírito Santo (não há três pessoas na Divindade, mas apenas uma). Essa heresia, conhecida como *patripassianismo*, *modalismo* ou *sabelianismo*, foi rechaçada pela Igreja por volta do ano 260 d.C., sendo, porém, ressuscitada com ímpeto na reunião de um acampamento pentecostal em Arroyo Seco, próximo a Los Angeles, Califórnia, EUA, em 1913, quando R. E. McAlister pregou um sermão afirmando que os apóstolos não batizavam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas apenas em nome de Jesus. Depois de ouvir tal pregação, John G. Scheppe meditou à noite sobre essa mensagem e orou e, pela manhã, anunciou ter recebido uma "revelação" da parte de Deus sobre a verdade do batismo em nome de Jesus. A partir daí, difundiu-se que as pessoas teriam de ser batizadas em nome de Jesus e que a doutrina da Trindade era antibíblica (v. Mather; Larry Nichols, 2. ed., 2009, p. 370ss).

Na encarnação, Jesus participou de todas experiências humanas, menos a do pecado (2Pedro 2.22). Como qualquer ser humano, ele precisava de contato com o Pai (Mateus 4.4; João 4.34). Portanto, ele dialogou com o Pai sem deixar de participar da mesma natureza divina, pois ele mesmo disse: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30).

João 10.30 — um parêntese

A objeção mais comum à expressão "Eu e o Pai somos um" é que ela não significa que Jesus tenha a mesma natureza do Pai, que ambos sejam de fato um, mas que Jesus apenas frisava sua unidade de propósito e pensamento com o Pai. A base bíblica apresentada é João 17.11,21,22, em que Jesus em oração pede que todos os seus discípulos sejam um, assim como ele e o Pai são um. Para os testemunhas de Jeová, isso não significa que os discípulos serão a mesma pessoa ou possuirão a natureza divina.

Mais uma vez, frisamos: Pai e Filho não são a mesma pessoa. Quanto à ideia de unidade de propósito e pensamento, dizemos que ela está presente em ambas as passagens. Todavia, segundo o contexto de João 10.30, há muito mais em jogo do que simplesmente "unidade de propósito e pensamento". Acompanhe os raciocínios seguintes.

1. Em João 10, Jesus fala diversas vezes de suas ovelhas. Em 10.28, diz que dá a essas ovelhas a "vida eterna", e elas jamais perecerão. Pergunta-se: "Poderia uma criatura, por mais importante que fosse, conceder a outras criaturas a vida eterna e a indestrutibilidade? Não é somente Deus, o Eterno, a fonte da vida? (Salmos 36.9; Atos 17.27, 28)". Contudo, Jesus disse a respeito de si mesmo: "Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11.25). Disse mais: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14.6). Seria pedantismo um arcanjo, uma criatura, ainda que fosse "o segundo maior personagem do universo",[11] afirmar tudo isso. Não o seria, porém, para

[11] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 210.

aquele que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Portanto, pelos versículos precedentes a João 10.30, fica claro que, se o Pai e o Filho são fonte da vida, então Jesus foi além da "unidade de propósito e pensamento" ao dizer "Eu e o Pai somos um".

Vale a pena lembrar que, por mais que nos esforcemos, jamais conseguiremos ser a ressurreição, a verdade e a vida. Assim, devemos nos contentar com nossa "unidade de propósito e pensamento" para com Deus. Já Jesus Cristo, além de tudo o que temos (e num grau mais elevado e incomparável), possui "toda a plenitude da divindade"[12] (Colossenses 2.9).

2. Diante da expressão "Eu e o Pai somos um", a reação dos judeus foi imediata: acusaram Jesus de blasfêmia, pois, sendo homem, fazia-se Deus a si mesmo (João 10.33). Eles entenderam exatamente o que Jesus queria dizer com aquele "um". Não faria sentido acusá-lo de blasfêmia pelo simples fato de expressar com a palavra "um" uma "unidade de propósito e pensamento".

   A *Tradução do Novo Mundo* verte João 10.33 assim: "Nós te apedrejamos, não por uma obra excelente, mas por blasfêmia, sim, porque tu, embora sejas um homem, te fazes *um deus*". A expressão mal traduzida "te fazes um deus" tenta suavizar a força das palavras de Jesus, que evidentemente igualou-se ao Pai. Ademais, a acusação de blasfêmia só faria sentido para os judeus se Jesus se fizesse igual a Deus, o Pai, e não a "um deus", termo mais do que genérico nessa péssima tradução.

   É importante ressaltar que em outra ocasião Jesus falou aos judeus, dizendo: "Meu Pai tem estado trabalhando até agora e eu estou trabalhando" (João 5.17, *NM*). Diante disso, alguns dos judeus queriam matá-lo, e uma das razões apresentadas foi a de que ele chamava Deus de Pai, "fazendo-se igual a Deus" (João 5.18, *NM*).

[12] A *Tradução do Novo Mundo* verte Colossenses 2.9 da seguinte maneira: "Porque é nele que mora corporalmente toda a plenitude da qualidade divina".

Percebe-se, portanto, que em ambas as passagens (João 10.29-33 e 5.17,18) as declarações de Jesus sempre são entendidas como afirmações de igualdade com o Pai, ou seja, ele afirma fazer aquilo de que apenas o Ser Supremo é capaz (cf. Marcos 2.5-11). Assim, se Jesus não fosse tudo aquilo que afirmou ser, direta ou indiretamente, não passaria de um impostor, mentiroso e megalomaníaco.

1Coríntios 11.3

O apóstolo Paulo disse a verdade: o Pai é realmente o cabeça do Filho. Essa é uma condição real, imposta pela encarnação. Já vimos que Jesus será *para sempre* "igual" ao Pai e "menor" que ele, pois Jesus ressuscitou corporeamente (v. mais adiante sobre a ressurreição corpórea de Jesus); ele se uniu à sua natureza humana para sempre. Ele será *eternamente* o Deus-homem (1Timóteo 2.5).

Os testemunhas de Jeová usam essa passagem para dizer que Jesus é "inferior" ao Pai, mesmo após a ressurreição. Em primeiro lugar, não está em questão nenhuma espécie de inferioridade, muito menos a inferioridade de ser, de natureza, de essência, pois nem mesmo os testemunhas de Jeová diriam que a mulher é inferior ao homem em natureza pelo fato de Paulo dizer que o homem é o cabeça da mulher. O próprio apóstolo afirma que, em Cristo, homens e mulheres são iguais (Gálatas 3.28). A igualdade de natureza, porém, admite uma relação que pode implicar certa hierarquia funcional. Por isso, no arranjo familiar, o homem é o cabeça. A mulher assumiria a função de auxiliadora. Isso está claro no relato da Criação, quando o próprio Deus afirma: "Farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda" (Gênesis 2.18). Deus estabeleceu essa relação funcional, sem, contudo, fazer do homem um ser *por natureza* superior à mulher. Eles são iguais, mas exercem funções diferentes no arranjo familiar.

À luz da doutrina da encarnação, só podemos afirmar que Jesus é igual ao Pai na divindade e menor que o Pai na sua humanidade. Portanto, não há incoerência teológica em afirmar que o Pai é e sempre será o "cabeça" do Filho, assim como também é e sempre será verdade o que o Filho disse: "Eu e o Pai somos um" (João 10.30).

1Coríntios 15.28

O apóstolo Paulo, que acreditava na divindade absoluta de Jesus e na sua igualdade com o Pai (v. o cap. 4), disse a verdade: "[...] o próprio Filho *se sujeitará* àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos".

Uma vez que ele é igual ao Pai na divindade e menor que o Pai na humanidade, mesmo que seja no corpo glorificado e exaltado, não há inconveniência em admitir essa leitura da "subordinação" do Filho em relação ao Pai. A encarnação não foi um evento passageiro. Entretanto...

1. Essa "subordinação" não exclui o Filho da divindade e da igualdade com o Pai (João 10.30). O próprio Pai disse do Filho: "O teu trono, *ó Deus*" (Hebreus 1.8; v. o cap. 3); e: "Tu, ó Senhor [...] és o mesmo" (Hebreus 1.10,12; v. 13.8). Ele é e sempre será Deus (João 1.1; 1João 5.20).
2. Essa "subordinação" não exclui o Filho do domínio universal. Jesus, sendo Deus, não reinará por tempo determinado e limitado. A Bíblia afirma de forma clara e inequívoca que Jesus reinará para todo o sempre. O próprio Pai confirmou isso: "O teu trono, ó Deus, *subsiste para todo o sempre*" (Hebreus 1.8; v. Apocalipse 5.13; 11.15; cf. Isaías 9.6,7; Lucas 1.33).

   Os testemunhas de Jeová argumentam que Cristo reinará para sempre no sentido de que *os resultados obtidos por seu reinado perdurarão eternamente sob a administração do Pai.*[13] Tal explicação não procede, pois os textos supracitados afirmam que o próprio Cristo reinará para sempre. O que o anjo Gabriel disse a Maria ainda é válido: "Não haverá fim do seu Reino". E em Apocalipse ouvem-se todas as criaturas afirmar que o poderio de Cristo será, assim como o do Pai, "para todo o sempre" (5.13). Como disse Agostinho: "Não devemos aceitar que Cristo, ao entregar o Reino a Deus Pai, dele ficará privado" (1994, livro I, cap. 8, 16).

[13] **A Sentinela**, 15/10/2000, p. 20.

3. Essa "subordinação" não exclui o Filho de ser "tudo em todos". Mesmo que a referência "Deus será tudo em todos" seja dirigida ao Pai em ICoríntios 15.28, outras passagens bíblicas atribuem o mesmo ao Fillho: "Cristo é todas as coisas e em todos" (*NM*), o que atesta sua igualdade com o Pai. Essa ideia de domínio sobre tudo e todos é constantemente aplicada ao próprio Jesus e pode ver vista nas seguintes passagens bíblicas (*NM*).

   - João 1.3 — *Todas* as coisas foram feitas por intermédio dele.
   - Filipenses 2.10,11 — *Todo* joelho se dobrará diante dele e *toda* língua o confessará como Senhor.
   - Colossenses 1.16,17 — Nele foram criadas *todas* as coisas; *todas* as coisas foram criadas por ele e para ele; ele é antes de *todas* as coisas, e nele *tudo* subsiste.
   - Colossenses 2.3 — *Todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão escondidos nele.
   - Colossenses 2.9 — *Toda* a plenitude da divindade habita nele.
   - Hebreus 1.3 — Ele sustenta *todas* as coisas pela palavra do seu poder.
   - Hebreus 1.6 — *Todos* os anjos o adoram.

É interessante notar também que, de acordo com Filipenses 3.21, Jesus tem o poder de "colocar todas as coisas debaixo do seu domínio". Em João 17.10, ele afirma que tudo o que é dele é do Pai, e tudo o que é do Pai é dele. Isso se dá porque Pai, Filho e Espírito Santo agem juntos (embora tenhamos mais referências entre o Filho e o Pai).

Diante de tudo isso e de Hebreus 13.8, que afirma ser Jesus o mesmo ontem, hoje e para sempre, afirmamos que ele será eternamente, por ser Deus assim como o Pai e o Espírito Santo, "tudo em todos".

Alguém talvez queira levantar a seguinte questão: "Em qual parte das Escrituras se diz que o Espírito Santo será tudo em todos? A menção ao Pai e ao Filho existe, mas não há nenhuma que trate do Espírito Santo".

Para responder a isso, propomos as seguintes explicações:

1. Embora não haja referência explícita ao domínio do Espírito Santo, podemos afirmar que ele, como o Pai e o Filho, será tudo em todos, pois, afinal, o Espírito Santo é Deus (Atos 5.3,4), e só Deus pode ser "tudo em todos" (v. o cap. 6 para uma consideração da divindade do Espírito Santo).
2. Não se pode falar de Reino de Deus e deixar de lado o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O apóstolo Paulo afirma que o Reino de Deus é "justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17).
3. A falta de referência explícita a uma pessoa da Trindade não significa que a passagem não se refira a ela. Por exemplo, em Mateus 12.31,32 Jesus afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. Mas Jesus não mencionou o Pai. Ora, nem por isso alguém deve se sentir livre para blasfemar contra o Pai.

Além dessas razões que nos levam a crer que a Trindade será "tudo em todos", e não exclusivamente o Pai, apresentamos esta: "Há diferentes tipos de dons, mas *o Espírito é o mesmo*. Há diferentes tipos de ministérios, mas *o Senhor é o mesmo*. Há diferentes formas de atuação, mas *é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos*" (1Coríntios 12.4-6).

Muitos comentaristas bíblicos, quando tratam da "subordinação" do Filho, tendem a focar apenas o aspecto funcional da relação entre o Pai e o Filho, afirmando que a subordinação diz respeito somente ao ofício ou à função, não à pessoa, e que a referência é à obra de Cristo como Redentor, Mediador e como Rei no Reino de Deus (Douglas, 1994, p. 1213; Bruce, 2009, p. 1921). Entretanto, Paulo é muito específico, ao dizer: "*o próprio Filho* se sujeitará" (a referência é à "pessoa" do Filho, não ao seu ofício). Assim, para interpretar essa passagem de modo adequado, é mister levar em conta a doutrina da encarnação. A linha de raciocínio é bem simples:

1. O Filho é igual ao Pai quanto à divindade (João 1.1; João 10.30; 1João 5.20).
2. Na encarnação, ele continuou igual ao Pai quanto à divindade, mas menor que o Pai quanto à humanidade (João 10.30; João 14.28).

3. Depois da ressurreição, o Filho continuou igual ao Pai quanto à divindade e menor que o Pai quanto à humanidade, mesmo que essa humanidade fosse glorificada e exaltada; este é o estado atual e eterno do Deus-homem (1Timóteo 2.5).
4. As palavras de Paulo em 1Coríntios 15.28 são ditas na perspectiva do homem Jesus Cristo (1Timóteo 2.5).
5. Se Jesus é menor que o Pai quanto à humanidade *antes* e *depois* da ressurreição, as palavras de Paulo quanto à subordinação não atentam contra a doutrina da Trindade e da igualdade ontológica do Filho e do Pai.
6. Logo, pode-se afirmar que o Filho se sujeitará ao Pai sem que isso detraia algo de sua natureza divina, que é da mesma essência ou substância que a do Pai.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS E OS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

A palavra "ressurreição" é usada tanto por cristãos quanto pelos testemunhas de Jeová. No entanto, ambos entendem o termo de modo muito diferente. Os cristãos professam, nos dizeres do *Credo apostólico*, a "ressurreição da carne" ou do "corpo". Para os testemunhas de Jeová, contudo, a ressurreição não pode ser do corpo, pois este, entregue à morte, não pode mais retornar, uma vez que se decompôs e voltou ao solo. Dessa forma,

> [...] Deus ressuscita não o mesmo *corpo*, mas a mesma *pessoa* que morreu. Às pessoas que vão ao céu, ele fornece um novo corpo espiritual. Àquelas que são ressuscitadas para viver na terra ele fornece um novo corpo físico.[14]

> A ressurreição envolve a reativação do padrão de vida da pessoa, padrão de vida este que Deus guarda em sua memória. Segundo a vontade de Deus para com o indivíduo, a pessoa será restaurada, quer

[14] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 174.

> num corpo humano, quer num corpo espiritual, e ainda assim conservará sua identidade pessoal, tendo a mesma personalidade e memórias que tinha quando morreu.[15]

Em suma, para os testemunhas de Jeová o corpo não ressuscita. O que acontece é que Jeová guarda na memória a personalidade de cada pessoa que será ressuscitada, ou seja, recriada ou restaurada. Na ressurreição, Jeová coloca o "padrão de vida da pessoa" — sua personalidade e seus traços característicos — num novo corpo especialmente criado para essa ocasião. Para os que vão para o céu, os 144 mil, Jeová lhes dá um corpo espiritual, que é imaterial e invisível; para os que viverão aqui na terra, Jeová criará outro corpo material, idêntico em aparência ao anterior. Essa é, para os testemunhas de Jeová, a ressurreição dos mortos.

Outra particularidade da doutrina dos testemunhas de Jeová acerca da ressurreição: não será geral; nem todos ressuscitarão. Ao morrer, as pessoas terão um destes três destinos: o céu, o *hades* ou a geena.[16] Acompanhe:

1. Céu — Para onde irão apenas 144 mil pessoas. Assim que um integrante desse grupo morre, vai diretamente para o céu, já com seu corpo espiritual. (V. mais sobre os 144 mil no cap. 7.)
2. *Hades* (*sheol*) — Significa a "sepultura comum da humanidade" ou "túmulo comum terrestre da humanidade morta", para onde vão os que terão a oportunidade de ressuscitar. Caso se mostrem dignos, poderão viver para sempre na terra. Para o *hades,* vão os justos (os que serviram fielmente a Jeová) e os injustos (os que não tiveram a oportunidade de conhecer a mensagem de Jeová e praticá-la, pois morreram na ignorância).
3. Geena — Ir para a geena significa não ressuscitar ou ser destruído. Isso diz respeito aos iníquos. Entre estes, encontram-se Adão

[15] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 324.

[16] **A Sentinela**, 1º/10/1982, p. 26-27. V. tb. o verbete "ressurreição" da obra **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 3.

> e Eva, Judas Iscariotes, os fariseus e outros que se recusaram obstinadamente a abraçar Jeová e sua mensagem, principalmente os *apóstatas* — os que deixaram de ser testemunhas de Jeová e praticam outra religião ou denunciam os testemunhas de Jeová como um grupo herético. Satanás e seus demônios também serão lançados nela depois do Milênio. A geena é, portanto, símbolo de "destruição eterna". Os testemunhas de Jeová não creem na doutrina bíblica do tormento eterno, mas no aniquilacionismo. (Para mais detalhes, v. o cap. 8.)

Essa herança doutrinária deixada pelo fundador dos testemunhas de Jeová, Charles Taze Russell, está alicerçada na negação de que os humanos tenham uma alma ou espírito que sobreviva à morte do corpo físico. Assim, na morte, o corpo perde totalmente a importância. Sua ressurreição seria, portanto, desnecessária.

É fundando-se nesse raciocínio que os testemunhas de Jeová negam a ressurreição corpórea de Jesus. Quando ele morreu, a seita crê que Jesus entrou num estado de inexistência enquanto esteve no sepulcro. Sua ressurreição significou que Jeová teria transferido para um novo corpo a personalidade daquele que era Jesus Cristo, só que dessa vez era um corpo espiritual; com isso, aquele Jesus *deixou de existir*. Veja o que afirma uma de suas publicações:

> *O homem terrestre, Jesus de Nazaré, não mais existe.* Foi morto em 33 E.C. Mas, por ocasião de seu batismo, três anos e meio antes, ocorrera uma mudança. Ungido pelo espírito santo de Deus, Jesus de Nazaré tornou-se Jesus Cristo — o ungido, o prometido Messias. E, como tal, foi ressuscitado por Deus para a vida celeste no terceiro dia após sua morte. Assim, *embora o homem Jesus de Nazaré esteja morto*, Jesus Cristo está vivo. Assim, importante como seja conhecer quem Jesus de Nazaré *era*, é ainda mais importante conhecer quem Jesus Cristo *é*. — Atos 10:37-43. [17]

[17] **Despertai!**, 22/12/1984, p. 20.

A frase "o homem terrestre, Jesus de Nazaré, não mais existe" é uma negação tácita de sua ressurreição corpórea. Se ele não ressuscitou fisicamente, a única saída é afirmar que ressuscitou em espírito, ou seja, num corpo espiritual, sem relação com o anterior. Para confirmar esse raciocínio, os testemunhas de Jeová apontam para o fato de Maria Madalena, os dois discípulos de Emaús e os sete reunidos no mar de Tiberíades não identificarem Jesus prontamente (João 20.11-16; 21.1-14; Lucas 24.15-18). Além dessas passagens, os testemunhas de Jeová recorrem a 1Pedro 3.18 e 1Coríntios 15.45,50. Na primeira, afirma-se que Jesus foi morto na carne, mas "vivificado no espírito". Em 1Coríntios 15.45, o apóstolo Paulo afirma que Jesus "tornou-se espírito vivificante"; e, em 1Coríntios 15.50, ele diz que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus".

Entretanto, como a seita explica o fato de Jesus ter aparecido aos discípulos? Com que corpo ele teria se comunicado com eles? Veja a explicação:

> Mas, visto que foi possível o apóstolo Tomé pôr sua mão no orifício no lado de Jesus, não mostra isso que Jesus foi ressuscitado no mesmo corpo que foi pregado na estaca? Não, pois Jesus simplesmente *se materializou*, ou *assumiu um corpo carnal*, como os anjos haviam feito no passado. A fim de convencer Tomé de quem Ele era, *Ele usou um corpo com marcas de ferimentos*. Tinha a aparência, ou parecia ser plenamente um humano, capaz de comer e de beber, como haviam feito os anjos que Abraão certa vez recepcionou — Gênesis 18:8; Hebreus 13:2.
>
> Embora aparecesse a Tomé num corpo similar ao em que fora morto, *Ele assumiu também corpos diferentes ao aparecer a Seus seguidores*. De modo que Maria Madalena de início pensou que Jesus fosse um jardineiro. Em outras ocasiões seus discípulos não o reconheceram logo. Nesses casos o que serviu para identificá-lo não foi a sua aparência pessoal, mas foi alguma palavra ou ação que eles reconheceram. — João 20.14-16; 21:6,7; Lucas 24:30,31.[18]

[18] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 174.

Os testemunhas de Jeová querem nos levar a crer que Jesus trocou de corpo como alguém troca de roupa. (Mais adiante, refutaremos essas versões equivocadas sobre a ressurreição corpórea de Jesus.)

O TESTEMUNHO DA BÍBLIA SOBRE A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Antes de provar à luz da Bíblia a ressurreição física de Jesus, convém mostrar o erro em que os testemunhas de Jeová incorrem em sua visão acerca da ressurreição de modo geral.

O mesmo corpo é ressuscitado

Afirmamos, ao contrário dos testemunhas de Jeová, que o ser humano possui natureza imaterial (alma ou espírito), e esta sobrevive à morte do corpo. Enquanto a morte marca a separação da alma e do corpo, a ressurreição marca o reencontro. Embora seja possível falar da alma e do corpo separadamente, cada qual não é completo em si mesmo. A alma destituída do corpo é limitada; uma vez ausente dele, suas atividades limitam-se aos atos de pensar e sentir. Da mesma forma, o corpo sem a alma, sem seu princípio de vida, nada é. Mas juntos, corpo e alma, formam o ser humano completo (BEDÒYERE. NOVA ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 1969, p. 695, v. 7). (V. o cap. 8.)

A ressurreição, de acordo com a Bíblia, marca o retorno da alma ao corpo. Em Mateus 27.52, por exemplo, lê-se que, por ocasião da morte de Jesus, houve um milagre: "[...] os corpos dos santos que tinham adormecido foram levantados" (*NM*), ou seja, "ressuscitados".

Para deixar bem claro que é o mesmo corpo que será ressuscitado, basta mencionar as diversas ressurreições relatadas na Bíblia. Temos, por exemplo, a ressurreição do filho da viúva de Sarepta (1Reis 17.21,22), da filha de Jairo (Lucas 8.53-55), de Lázaro, amigo de Jesus (João 11.17-44) etc. Em todos esses casos, a ressurreição envolveu o corpo que havia sido sepultado. Não lhes foi dado outro corpo, em que se pôs seu anterior "padrão de vida". No caso de Lázaro, por exemplo, seu corpo foi desenfaixado. Não era outro; era o mesmo corpo. De todos os que estiveram mortos e voltaram a viver, diz-se que ressuscitaram, e, em todos os casos,

os mesmos corpos anteriormente sepultados estavam presentes para dar testemunho do grande fenômeno que é a ressurreição.

Convém frisar, todavia, que essas ressurreições são diferentes da ressurreição de Jesus. Em que sentido? Depois de sua ressurreição, o filho da viúva de Sarepta, a filha de Jairo e Lázaro continuavam sujeitos à morte. De acordo com C. S. Lewis, deve ter sido um bocado duro para esses três ressuscitados serem trazidos de volta à vida e ter de passar pela morte de novo (apud Stott, 1997, p. 81)! O corpo de Jesus, ao contrário, era um corpo glorificado, revestido de imortalidade. Por essa razão, ele é chamado também "o primogênito dentre os mortos" (Colossenses 1.18; Apocalipse 1.5; Atos 26.23), pois, embora não tenha sido o primeiro a ser ressuscitado, foi o primeiro no sentido de que sua ressurreição elevou-o "a um novo nível de existência, em que ele já não era mortal, mas estava 'vivo para todo o sempre' " (ibid.). Em razão disso, podemos afirmar que era o mesmo corpo num sentido e não era o mesmo em outro sentido, pois anteriormente seu corpo estava sujeito à morte, às vicissitudes da vida; era um corpo humilhado. Após a ressurreição, porém, seu corpo passou a ser incorruptível, imortal, glorificado, exaltado. Assim serão também os corpos dos que forem ressuscitados em Cristo (1Coríntios 15.35-54). O Senhor Jesus "transformará nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso" (Filipenses 3.21).

A ressurreição é geral

Essa distinção entre "injusto" (que terá segunda oportunidade) e "iníquo" (que recebeu sentença de aniquilamento) não é bíblica. A Bíblia é taxativa: todos ressuscitarão — justos e injustos (Atos 24.15; João 5.28,29). Esses "injustos" ou "iníquos" (palavra sinônimas) foram os que praticaram o mal. É o que afirma João 5.29: os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que praticaram o mal, para uma ressurreição de julgamento, ou seja, serão condenados. Isso lembra Mateus 25.31-46, em que Jesus afirma que separará as pessoas em duas classes apenas: as ovelhas (os justos), que herdarão a vida eterna (ressurreição de vida), e os bodes (os injustos), que receberão o castigo eterno (ressurreição de julgamento).

O Corpo Governante interpreta João 5.29 desta maneira: depois da batalha de Armagedom, terá início na terra o reino milenar de Cristo. No decorrer do Milênio, os sobreviventes — somente os testemunhas de Jeová — reconstruirão a terra, transformando-a num paraíso. À medida que isso acontece, ocorrerá a ressurreição dos mortos. Primeiramente, serão os justos; em seguida, os injustos. Estes aprenderão no paraíso terrestre a amar a Jeová. No final do Milênio, quando todos tiverem sido aperfeiçoados por Jesus e pelos 144 mil, serão submetidos a uma última prova: Satanás será solto e testará a humanidade levada à perfeição, nas mesmas condições em que se encontravam Adão e Eva antes do pecado. Nesse momento então João 5.29 terá cumprimento. De que modo? Os que passarem pela prova final demonstrarão que sua ressurreição foi de vida, e os desencaminhados por Satanás demonstrarão que sua ressurreição foi de julgamento, sendo depois aniquilados para sempre com o Diabo.[19]

Ora, se essa interpretação fosse válida, o texto de João 5.29 deveria ser lido com os verbos no futuro: "Os que *fizerem* boas coisas, para uma ressurreição de vida, os que *praticarem* coisas ruins, para uma ressurreição de julgamento". Mas os verbos estão no passado ("fizeram"), e a ressurreição relaciona-se com o que fizeram antes de ser ressuscitados, e não depois da ressurreição. Assim, quem fez o bem receberá a prometida vida eterna em Cristo (João 3.16,36). Os que praticaram o mal (que inclui, sobretudo, não crer naquele que foi enviado pelo Pai para a nossa salvação) serão lançados no lago de fogo e enxofre, na geena, ou seja, no inferno, bem longe de Deus, onde serão atormentados pelos séculos dos séculos (Apocalipse 20.10-15). (V. o cap. 8 para mais detalhes acerca da doutrina bíblica da condenação eterna.)

Jesus ressuscitou fisicamente

Segundo as Escrituras, a ressurreição de Jesus foi física, ou seja, ele ressuscitou com o mesmo corpo. Mesmo sendo glorificado, ainda era o

[19] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 328. V. **tb. Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 172-173, e **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 3, p. 435-436.

mesmo corpo, embora não deva ser negado, e isso é evidente, que aquele corpo tinha outras propriedades não vistas anteriormente, como veremos mais adiante.

Apresentamos as seguintes razões para confirmar a ressurreição física de Jesus:

1. O próprio Jesus falou que ressuscitaria corporeamente. Em João 2.18-22, isso fica mais que evidente. Diante dos judeus que lhe pedem um sinal para confirmar sua autoridade de expulsar os cambistas do templo, Jesus disse: "Demoli este templo, e em três dias o levantarei" (v. 19, *NM*). Seus ouvintes acharam que ele falava do templo de Jerusalém; contudo, o versículo 21 diz que ele "estava falando do templo do *seu corpo*". Assim, o corpo de Jesus, que seria demolido, também seria reerguido (ressuscitado). Sua ressurreição corpórea seria, portanto, a prova definitiva de sua autoridade divina, pois ele mesmo declarou: "Eu o levantarei". A Bíblia também apresenta a ressurreição de Jesus como obra do Pai (Atos 2.24; 1Coríntios 6.14). Se somente Deus pode ressuscitar, e se Jesus disse que ele mesmo levantaria seu corpo, fica atestada sua plena divindade, pois afirmou fazer o que somente Deus poderia realizar. E ele não poderia fazer isso se estivessse num estado de inexistência ou inconsciência, como ensinam os testemunhas de Jeová.
2. O testemunho do apóstolo Paulo: "Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o *homem* Cristo Jesus" (1Timóteo 2.5). Essa declaração de fé testemunha a crença generalizada da ressurreição corpórea de Jesus na comunidade cristã primitiva, já que esse registro ocorreu cerca de trinta anos depois que o túmulo foi encontrado vazio.
3. Nos dias de Jesus, era comum a crença (baseada nas Escrituras) de que, quando alguém morresse, seu corpo ia para a sepultura, e sua alma (ou espírito) para o *sheol* ou *hades* (sendo o primeiro termo hebraico, e o segundo, grego; ambos apontam para o "mundo" ou "habitação dos mortos"). O textos de Salmos 16.9,10,

comparados com a passagem correspondente de Atos 2.25-31, mostram que foi isso o que teria ocorrido com Jesus. Assim, quando morreu, seu corpo foi para a sepultura (sem sofrer corrupção), enquanto sua alma/espírito foi para o "mundo dos mortos".[20] Quando, porém, ao terceiro dia, seu corpo foi novamente unido à sua natureza espiritual, ele ressuscitou. Que se tratava do mesmo corpo, fica evidente pelo relato de seu encontro com os discípulos. Jesus lhes disse: "Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lucas 24.38,39). Naquela ocasião, alguém estava ausente: Tomé. Quando soube do ocorrido, duvidou. Jesus então lhe apareceu e o incentivou a tocar suas feridas (João 20.27). Comprovando tratar-se realmente do Mestre, ele creu.

Os testemunhas de Jeová, como já vimos, afirmam que Jesus se materializou a fim de convencer seus discípulos de que ele havia realmente ressuscitado, do mesmo modo que anjos haviam se materializado (Gênesis 19.1-3). Ora, se aceitarmos tal raciocínio, seremos conduzidos inevitavelmente a uma conclusão indevida: a de que Jesus, ao materializar-se, cometeu um engodo, pois não só produziu um corpo físico, mas, a fim de convencer seus discípulos, forjou ferimentos que nunca existiram naquele corpo. Acreditar e ensinar isso acerca de Jesus é, sem dúvida, grande afronta àquele que disse: "Eu sou a verdade" (João 14.6).

De nada adiantará os testemunhas de Jeová contra-argumentarem afirmando que a simples materialização não fez dos anjos seres mentirosos, pois o contexto é radicalmente distinto. Nenhum daqueles anjos havia

[20] Há aqueles para quem se trata aqui do "inferno" de tormento, pois defendem a hipótese de que a ida de Jesus ao inferno objetivou proclamar sua vitória sobre os domínios infernais. Outros entendem que Jesus foi "pregar aos espíritos" em prisão (entendendo-se por "pregar" a proclamação do evangelho), conforme 1Pedro 3.18-20; estes seriam os que estavam no lado bom do *hades*, ou então os espíritos dos que não deram ouvidos à pregação de Noé.

morrido, nem estaria tentando agora provar sua ressurreição física dentre os mortos. Assumiram um corpo, porque são incorpóreos. Jesus, ao contrário, "tornou-se carne e viveu entre nós" (João 14.6); nasceu de uma virgem (Mateus 1.23); era verdadeiramente humano (2João 7). Os anjos não passaram por esse processo.

Na real condição de humano, o Senhor Jesus foi até a cruz e, voluntariamente, entregou-se por nós. Sofreu no corpo e na alma, ou seja, integralmente. Mas a morte não foi capaz de detê-lo. Ele ressuscitou. E, a fim de provar que era ele mesmo, mostrou suas feridas, espalhadas pelo corpo. Se aquelas feridas eram chagas forjadas, fabricadas, então aquele que disse "Eu sou a verdade" estava mentindo deliberadamente. O único modo de evitar cair nessa heresia é acreditar no que Jesus disse: "Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lucas 24.39).

O corpo glorificado

Embora a Bíblia não fale muito sobre a natureza do corpo ressurreto de Jesus, deduz-se que tinha propriedades que o anterior não apresentara, como não estar sujeito às leis naturais (Jesus entrava em lugares totalmente fechados — João 20.19,26); o corpo ressurreto pode alimentar-se, se assim desejar (como Jesus fez com os discípulos — Lucas 24.41-43; Atos 10.41), embora não necessite do alimento físico para se manter etc. Em suma, o corpo ressurreto é capaz de fazer tudo o que o corpo físico pode realizar (ainda que lhe seja facultativo). Outras diferenças: o corpo físico é corruptível, nasce em desonra (que pode se referir ao pecado), é fraco (limitado), ao passo que o corpo ressurreto é incorruptível, glorioso e poderoso (1Coríntios 15.40-43).

Por que Jesus não foi reconhecido por seus discípulos

"Mas", perguntam alguns, "se Jesus ressuscitou fisicamente, por que Maria Madalena, os discípulos de Emaús e outros não o reconheceram tão prontamente?". Para resolver essa questão, seguem-se as seguintes considerações:

Maria Madalena (João 20.11-18)

É preciso que sejam levados em conta quatro fatores que dificultaram o reconhecimento imediato de Jesus por Maria, mesmo que ele estivesse próximo a ela.

1. *Geográfico.* Jesus foi sepultado num jardim (João 19.41), e, segundo uma publicação dos testemunhas de Jeová (e a informação é verídica), "os jardins mencionados na Bíblia eram bastante diferentes dos costumeiros jardins no Ocidente. Muitos deles eram mais da natureza de um parque, com diversas espécies de árvores".[21]
2. *Tempo.* O texto de João 20.1 narra que Maria foi ao túmulo "bem cedo" ou de madrugada, "enquanto ainda estava escuro" (*NM*).
3. *Incredulidade.* Ao ver que o túmulo estava vazio, a primeira coisa que Maria pensou foi que houvessem roubado o corpo de Jesus (João 20.2,13,15), não que ele houvesse ressuscitado. Isso evidencia que nem ela nem os discípulos criam na ressurreição do Mestre, pois, segundo João 20.9, ainda "não discerniam a escritura, de que ele tinha de ser levantado dentre os mortos" (*NM*).
4. *Emocional.* Maria estava chorando; ela estava abalada emocionalmente (João 20.11,12,15).

Unindo, portanto, esses fatores, não espanta o fato de Maria olhar para Jesus e não o reconhecer imediatamente, além de o confundir com um "jardineiro" (João 20.15); afinal, num jardim, ainda de madrugada, descrente na ressurreição e emocionalmente abalada, quem ela imaginaria que estivesse naquele jardim-cemitério? O problema não estava no corpo de Jesus, mas nas circunstâncias que dificultaram o reconhecimento do corpo.

Outra observação importante no diálogo entre Jesus e Maria: tem-se a impressão de que ela conversava com ele face a face. Contudo, uma leitura atenta aos pormenores da narrativa revelará que Maria não o encarava.

[21] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, p. 473.

Maria olhava fixamente, sim, para dentro do túmulo, quando, de repente, observou dois anjos (João 20.11,12). Após dizer aos anjos que chorava, pois não sabia onde haviam posto Jesus, o relato diz: "Nisso ela se voltou e viu Jesus ali, em pé, mas não o reconheceu" (João 20.14). Daí o texto exibe uma conversa entabulada entre os dois, mas Maria não olhava para Jesus. Seu primeiro olhar foi apenas de relance; então ela volta novamente a olhar o túmulo. Na sequência, Jesus exclama "Maria!"; então, segundo o versículo 16 (*NM*), ela dá "meia-volta", dirigindo-se a Jesus e chamando-o Mestre. Ela então pode ver que era ele mesmo em carne e osso.

Os discípulos de Emaús (Lucas 24.13-35)

Esse caso é diferente do anterior, pois nenhum daqueles fatores estava em jogo, com exceção da incredulidade. No entanto, essa não foi a razão que dificultou o reconhecimento de Jesus por parte dos discípulos de Emaús. O apóstolo João deixa claro que o problema não estava no *corpo* de Jesus ou na sua aparência, mas nos *olhos* dos discípulos de Emaús. Diz a narrativa que "os *olhos* deles foram impedidos de reconhecê-lo" (Lucas 24.16), e logo depois "os *olhos* foram abertos e o reconheceram" (24.31). Por que Deus fez isso? Não é possível ter certeza, mas talvez a passagem de 2Reis 6.8-18 lance luz sobre essa questão.

O texto narra que um rei assírio enviou tropas para prender o profeta Eliseu. Quando seu ajudante viu que as tropas haviam cercado a cidade, ficou amedrontado. Eliseu disse ao pupilo que não temesse: "[...] aqueles que estão conosco são mais numerosos do que eles" (2Reis 6.16). Então, o profeta ora pedindo a Deus que abra os olhos do ajudante para que veja. O relato prossegue: "Jeová abriu imediatamente os olhos do ajudante de modo que viu; e eis que a região montanhosa estava cheia de cavalos e de carros de guerra, de fogo, em torno de Eliseu" (v. 17, *NM*). Assim, segundo a ocasião e sua vontade soberana (mesmo que não entendamos o porquê), Deus pode fazer que alguém veja ou deixe de ver. De modo que, no caso do ajudante do profeta, Deus fez que ele visse o que não podia ver e, no caso dos discípulos de Emaús, fez que não vissem o que poderiam naturalmente ter visto.

Os discípulos no mar de Tiberíades (João 21.1-14)

Essa foi a terceira aparição de Jesus aos discípulos (v. 14). Não temos aqui os mesmos elementos diretos de elucidação encontrados nos casos anteriores. Não obstante, pelos precedentes, conclui-se que o problema nunca esteve com a aparência de Jesus ou seu corpo. Existem, porém, alguns detalhes no texto que precisam ser examinados:

1. Os discípulos tentaram pescar por toda a noite, mas nada apanharam (v. 3) — o que mostra seu desgaste físico.
2. Jesus lhes apareceu "ao clarear da madrugada" ou "quando estava amanhecendo" (v. 4, *NM*).
3. À primeira vista, o relato parece indicar que Jesus e os discípulos estavam próximos (v. 5,6), a ponto de entabular uma conversa. No entanto, o versículo 8 diz que a distância entre eles era de quase 100 metros, o que, aliado aos fatos expostos nos itens 1 e 2, dificultaria a identificação imediata de Jesus por aqueles discípulos.

Há, porém, um problema de solução. Ao estarem face a face com Jesus, diz o relato que "nenhum dos discípulos tinha coragem de lhe perguntar: 'Quem és tu?' Sabiam que era o Senhor" (21.12). Segundo os testemunhas de Jeová, isso evidencia que Jesus foi reconhecido por algo que fez (a pesca miraculosa), e não porque se tratava do mesmo corpo — do contrário, como entender o receio dos discípulos em perguntar "Quem és tu?".

Existe uma passagem bíblica que pode elucidar essa questão. Marcos 6.48-50 relata que Jesus, vendo que os discípulos estavam em dificuldades no mar por causa de um vendaval, foi ao encontro deles "andando sobre o mar". Diante desse acontecimento fantástico, eles "pensaram que fosse um fantasma" ("uma aparição", *NM*). "Então gritaram", pois nunca tinham visto alguém andar sobre o mar. Isso aconteceu *antes* da ressurreição; logo, não se poderia esperar que o corpo de Jesus estivesse diferente. Era o mesmo, sim; contudo, o que fez os discípulos pensarem não se tratar de Jesus foi o estado de perplexidade, de admiração em que se encontravam.

O relato da aparição de Jesus em Lucas 24.36-41 também elucida o caso. Segundo Lucas, os discípulos ficaram "assustados e com medo", pois "pensavam que estavam vendo um espírito". Diante disso, Jesus lhes exibe as mãos e os pés, pedindo a eles que o apalpassem, pois um espírito não teria nem carne nem ossos, como era visível que ele tinha. O versículo 41 registra algo interessante: "E, por não crerem ainda, *tão cheios estavam de alegria e de espanto*, ele lhes perguntou: 'Vocês têm aqui algo para comer?' ". Assim, deve-se entender João 21.12 levando-se em conta o estado de alegria e admiração ao qual os discípulos foram submetidos, pois não é todo dia que alguém anda sobre as águas ou ressuscita dentre os mortos.

É possível, porém, que alguém queira citar Marcos 16.12, que diz que Jesus, depois de se manifestar a Maria Madalena, *apareceu noutra forma* aos discípulos que rumavam para a cidade de Emaús. Ora, em primeiro lugar, a expressão "noutra forma" certamente não significa em outro corpo real, material e físico (Geisler; Howe, 1999, p. 386), levando-se em conta os argumentos precedentes. Em segundo lugar, há uma séria questão sobre a autenticidade da passagem de Marcos 16.9-20, pois ela não é encontrada nos manuscritos ou códices melhores e mais antigos: o *sinaítico* (ℵ) e o *vaticano* (B). Consequentemente, não seria prudente fundamentar um pronunciamento doutrinário significativo sobre um texto controverso (ibid.), embora não se deva negar evidentemente sua aceitação pelos cristãos dos primeiros séculos.[22]

[22] Esse acréscimo explica-se pelo fato de Marcos 16.8 terminar de forma brusca e pessimista, como se o texto não tivesse sido concluído. "Donde a suposição de que o final primitivo desapareceu por alguma causa por nós desconhecida e de que o atual fecho foi escrito para preencher a lacuna. Apresenta-se como um breve resumo das aparições do Cristo ressuscitado, cuja redação é sensivelmente diversa da que Marcos habitualmente usa, concreta e pitoresca. Contudo, o final que hoje possuímos era conhecido, já no séc. II por Taciano e santo Irineu, e teve guarida na imensa maioria dos [manuscritos] gregos e outros. Se não se pode provar ter sido [Marcos] o seu autor, permanece o fato de que ele constitui, nas palavras de Swete, 'uma autêntica relíquia da primeira geração cristã' " (*BJ*, nota de rodapé *f*). Assim, segundo a mesma nota, esse texto "faz parte das Escrituras inspiradas; é tido como canônico".

REFUTAÇÃO DE OUTROS TEXTOS MAL INTERPRETADOS

A resistência dos testemunhas de Jeová em relação à ressurreição corpórea de Jesus também está relacionada a três textos bíblicos: 1Pedro 3.18, 1Coríntios 15.45 e 15.50. O primeiro afirmaria, de acordo com os testemunhas de Jeová, que Jesus foi morto na carne e "ressuscitado em espírito"; o segundo confirmaria 1Pedro 3.18, ao dizer que Jesus se tornou "espírito vivificante"; e o terceiro diz que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus". Dessa forma, nem Jesus nem qualquer outro que ressuscitasse dentre os mortos poderia ressuscitar corporeamente.

À luz de tudo o que já vimos, a interpretação dessas passagens bíblicas não pode levar à conclusão proposta pelos testemunhas de Jeová quanto à ressurreição de Jesus. Ele ressuscitou, sim, naquele mesmo corpo que fora conduzido ao sepulcro. Não podemos nos apartar deste princípio: as Escrituras não se contradizem. Muitas passagens bíblicas, como já analisamos, são claríssimas ao ensinar a ressurreição física de Jesus. Assim, não devemos deduzir que 1Pedro 3.18 e 1Coríntios 15.45,50 estejam ensinando o contrário do que o restante das Escrituras ensina inteligivelmente.

Vejamos, então, como interpretar os textos em questão à luz da ressurreição física de Jesus.

1Pedro 3.18 (*ARA*) — vivificado no espírito

> Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas *vivificado no espírito.*

Nem todos os pensadores cristãos estão de acordo com o significado da expressão "vivificado no espírito". Contudo, são unânimes no seguinte ponto: Jesus ressuscitou corporeamente, segundo as Escrituras. A expressão "vivificado no espírito" (ou "em espírito") não estaria apresentando nenhuma dificuldade para a crença na ressurreição física, mas somente para o significado da própria expressão "vivificado no espírito".

As seguintes explicações têm sido dadas para tentar entender o significado dessa expressão:

1. A expressão deveria ou poderia ser substituída por "vivificado *pelo Espírito*", como verte a *Nova Versão Internacional* e a *Almeida Revista e Corrigida*. Nesse caso, Deus, o Pai, teria ressuscitado Jesus por meio do Espírito Santo, pois, assim como o Pai e o Espírito Santo atuaram na encarnação do Filho, também estariam agindo no momento da ressurreição dele (v. Romanos 1.4; 8.11). (Ênio Mueller, p. 205-207; v. tb. *NBC*, nota de rodapé n. 18, p. 2003).
2. Para outros, "espírito" designa a alma humana de Jesus, com a qual ele desceu ao *hades*, ao mundo dos mortos, a fim de pregar aos espíritos em prisão (1Pedro 3.19). Nesse caso, estando Jesus no sepulcro, mesmo morto na carne, continuava vivo, ou seja, em espírito, em sua natureza espiritual. "Vivificado" nesse caso não é sinônimo de "ressurreto", pois o espírito de Jesus aguardaria o momento exato para unir-se novamente ao corpo, ocorrendo assim a ressurreição dentre os mortos (Champlin, 1995, v. 6, p. 147).
3. Trata-se de uma formulação primitiva para exprimir que Jesus, ao morrer, abandonou de vez sua condição mortal para passar, com a ressurreição, a viver no seu estado glorioso e imortal. Assim, *carne* (e não "corpo") designa o estado mortal (vida terrena), e *espírito*, o imortal (vida celestial). (Geisler; Rhodes, 2000, p. 482. V. tb. Reinecker; Rogers, 1985, p. 563.)

Seja qual for a interpretação correta (algo difícil de ser apurado), o que não se pode aceitar é que o texto de 1Pedro 3.18 seja usado para negar a ressurreição física de Jesus. Certamente, há nas Escrituras passagens de difícil interpretação. Devemos reconhecer com humildade algumas dificuldades em achar uma saída única para resolver a questão em pauta. Entretanto, o que não podemos fazer é sacrificar a doutrina bíblica da ressurreição corpórea de Cristo em detrimento dessas dificuldades.

As três explicações propostas são plausíveis, pois refletem a verdade, de um modo ou de outro, de que a morte de Jesus pôs fim à sua condição mortal; que, ao morrer, seu espírito separou-se do corpo, aguardando o momento da ressurreição; que o Espírito Santo participou da ressurreição de Jesus,

assim como de sua encarnação. O único elemento que deve ser descartado é a ideia de que Jesus não ressuscitou fisicamente.

1Coríntios 15.45 — espírito vivificante

> Assim está escrito: "O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente"; o último Adão, espírito vivificante.

Paulo estabelece um paralelo entre o primeiro homem, Adão, e Jesus, o segundo Adão. O primeiro tornou-se "ser vivente", e o segundo, "espírito vivificante". O que Paulo quis dizer com essa comparação? Por que contrastar "ser vivente" e "espírito vivificante"?

O tema principal de Paulo nesse capítulo é a ressurreição. Sua intenção é responder à pergunta "Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo virão?" (15.35). Para responder a essa pergunta, Paulo apresenta então duas imagens, uma presente e uma futura: "Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial" (15.49). Antes e depois dessas palavras, o apóstolo mostra o que é ter a imagem do homem terreno, Adão, e o que significará ter a imagem do homem celestial, Jesus. Assim, a expressão "ser vivente" tem o sentido de "homem terreno", e "espírito vivificante", de "homem celestial". As diferenças entre ambos são as seguintes:

1. Ser vivente — O termo refere-se à sua origem, isto é, "era do pó da terra" (15.47), e mostra também todas as características próprias que marcaram o primeiro Adão após o pecado: corrupção, desonra e fraqueza. Era terreno, feito do pó, e ao pó voltou. Ao pecar, legou aos descendentes tudo o que lhe era próprio; por isso, como diz o apóstolo, carregamos em nosso corpo a imagem do primeiro Adão (15.49), com todas as suas fraquezas e vicissitudes.
2. Espírito vivificante — A expressão refere-se à origem do segundo Adão — veio do céu (15.47) —, mas também designa suas características pós-ressurreição: incorrupto, glorioso e poderoso (15.42, 43). Há também uma grande diferença: o primeiro Adão foi feito

> alma vivente (ser que vive); o segundo não só vive, mas concede vida, pois ele é espírito (ser celestial) "vivificante", ou seja, dá vida. É assim que verte o texto da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*: "[...] o último Adão, Jesus Cristo, é o Espírito que dá vida". O primeiro, ao contrário, morreu e trouxe a morte com ele para os seus.

Com isso em mente, o argumento de Paulo serve para afirmar que o que carrega a imagem do terreno será transformado na imagem do celestial. Assim, a corrupção dará lugar à incorrupção; a desonra, à glória; a fraqueza, à força, ao poder. Fomos semeados em corpo corruptível, mortal (à semelhança do primeiro Adão após a Queda), e seremos transformados à semelhança do segundo Adão, após a sua ressurreição. Ou seja: nosso corpo será incorruptível, imortal, sem mais aquelas características degradantes do terreno, mas com as características do celestial ou espiritual (1Coríntios 15.51-54).

À pergunta "Com que espécie de corpo os mortos em Cristo hão de vir?", a resposta é: num corpo físico incorruptível, pois, diz o apóstolo, "aquilo que é mortal, se revista de imortalidade" (15.53). Assim, os termos "mortal" e "espírito" não estão apontando para a *natureza* do corpo, ou seja, para o fato de o corpo ser feito de carne e sangue, visível e material, em contraste com um corpo ser feito de "espírito", invisível e imaterial. "Mortal" e "espírito" na verdade são termos que apontam para o que caracteriza e caracterizará nosso corpo.

Em Filipenses 3.21, Paulo diz que Jesus "transformará nossos corpos humilhados para ser semelhantes a seu corpo glorioso". Apenas nesse sentido é que o corpo de Jesus ressurreto pode ser chamado "espírito". Não se trata de uma oposição entre matéria e não matéria, mas do que é fraco, desonroso, corruptível, mortal, contra o que é poderoso, honroso, incorruptível e imortal. É esse tipo de corpo que compartilharemos com Jesus. Ele próprio nos concederá esse tipo de vida. Ele é o que seremos: superiores aos anjos, com corpo glorificado, espiritual, mantendo semelhanças com o corpo anterior, mas sendo infinitamente superior.

Como destacam GEISLER e HOWE (1999, p. 472-473):

Um corpo "espiritual" é um corpo imortal, não um corpo imaterial. [...] Assim, "corpo espiritual" não significa corpo imaterial e invisível, mas imortal e imperecível.

Além disso, quando Paulo falou sobre um "homem espiritual" (1Co 2:15), obviamente não estava se referindo a alguém que fosse invisível, imaterial, que não tivesse um corpo físico, mas sim a um homem de carne e osso cuja vida era vivida pelo poder sobrenatural de Deus e dirigida pelo Espírito. O homem espiritual é aquele que é ensinado pelo Espírito e que recebe as coisas que provêm do Espírito de Deus (1Co 2:13-14).

O corpo ressurreto pode ser chamado de "corpo espiritual", no mesmo sentido em que chamamos a Bíblia de "livro espiritual". A despeito de sua origem e poder espirituais, tanto o corpo ressurreto como a Bíblia são feitos de matéria.

1Coríntios 15.50 — carne e sangue não herdam o Reino

Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível.

A expressão "carne e sangue" deve ser interpretada à luz do contexto que acabamos de elucidar. "Carne e sangue", ou seja, o indivíduo em seu estado corruptível, desonroso, fraco, mortal, não pode realmente herdar o Reino de Deus, a menos que seja transformado, ou seja, que a corrupção dê lugar à incorrupção; a desonra, à glória; a fraqueza, à força; a mortalidade, à imortalidade. É preciso que sejamos semelhantes ao segundo Adão, Jesus Cristo.

A VOLTA DE JESUS

Mateus 24 relata que os discípulos de Jesus, próximos do templo de Jerusalém, lhe fizeram duas perguntas. Queriam saber...

1. Quando se cumpririam as palavras proféticas de Jesus sobre o templo: "Não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas".
2. Qual seria o sinal que marcaria a sua vinda e o fim dos tempos.

A segunda pergunta dos discípulos é vertida da seguinte maneira na *Tradução do Novo Mundo*: "Quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da tua *presença* e da terminação do sistema de coisas?".

Indo de encontro à história do cristianismo, que sempre pregou a volta visível de Cristo, os testemunhas de Jeová ousaram inovar, e ensinam que Jesus já "voltou", ou melhor, "está presente" desde 1914. Tentam fundamentar isso com cálculos que não resistem a uma pesquisa séria (Silva, 1993, v. 2, cap. 3 e 6). A *Tradução do Novo Mundo* não usa o termo "vinda", mas "presença". Isso também está relacionado com sua descrença na ressurreição física de Jesus. Se ele não ressuscitou corporeamente, não pode ser mais visto. Mas como entender Mateus 24.30, que afirma que as nações da terra "*verão* o Filho do homem vir nas nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24.30). Como ver aquele que é invisível? Assim, num esforço de salvaguardar sua heresia acerca da ressurreição de Cristo, ou seja, de que ele ressuscitou espiritual mas não fisicamente, passou-se a ensinar que o "vir com as nuvens" implica invisibilidade, e, portanto, o "ver o Filho do homem" também seria em sentido figurado. Significaria vê-lo com os "olhos do coração" (Efésios 1.18), isto é, do entendimento, do discernimento.

Tal explicação, porém, não subsiste a uma análise criteriosa do texto bíblico. Nem é preciso ir ao texto grego para explicar que o termo *parousía* deveria ser corretamente traduzido por "vinda". Basta um pouco de exercício mental com o próprio texto bíblico.

Eis as razões pelas quais devemos acreditar que Jesus falou de vinda visível, e não de uma "presença invisível":

1. Em Mateus 24.5, Jesus fala dos pseudocristos. Ele retoma esse tema em 24.23,26: "Se, então, alguém lhes disser: 'Vejam, aqui está o Cristo!', ou: 'Ali está ele!', não acreditem. [...] Assim, se alguém lhes disser: 'Ele está lá, no deserto!', não saiam; ou: 'Ali está ele, dentro da casa!', não acreditem". Então, Jesus arremata (24.27): "Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e *se mostra* no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem". Deduzimos então que não

seria preciso nenhum agente iluminado para apontar seu retorno, pois ele seria visível a todos. Note que Jesus comparou seu aparecimento ao de um relâmpago, que é bem visível. Ninguém vê um relâmpago com os "olhos do coração"; vê, sim, com os olhos físicos.

2. Em Mateus 24.32,33, Jesus lança mão de outro fenômeno da natureza: "Aprendam a lição da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo. Assim também, quando virem todas estas coisas, saibam que ele está próximo, às portas". Ora, é pela observação dos sinais que percebemos a proximidade do verão; o mesmo se dá com a vinda de Jesus. Ademais, ninguém percebe os sinais da proximidade do verão com os "olhos do coração", mas com os olhos físicos.
3. A partir de 24.37, Jesus começa a comparar sua vinda com a vinda visível de outras coisas que também foram aguardadas, como o Dilúvio dos dias de Noé. As pessoas ouviam a pregação de Noé, mas não se importavam nem um pouco com a mensagem de um cataclismo pluvial, até o dia em que viram a água cair. Mas já era tarde. A visão dos primeiros pingos já apontava para a realidade do que havia sido pregado por Noé. Se os contemporâneos de Noé, no entanto, tivessem visto o Dilúvio com os "olhos do coração", certamente não se teriam afogado. "Assim acontecerá na vinda do Filho do homem". Veja o que Jesus disse, e como as histórias se assemelham: "Então *aparecerá* no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se baterão então em lamento, e *verão* o Filho do homem nas nuvens do céu, com poder e grande glória" (24.30). Mas, como ocorreu nos dias de Noé, será tarde demais.
4. Em 24.43, Jesus compara sua vinda à de um ladrão, na calada da noite, sorrateiramente. Mas os ladrões não são invisíveis. Por isso, é preciso estar atento aos sinais que marcam sua proximidade, sua vinda. Nenhum ladrão pode ser preso se alguém disser que o viu roubando com os "olhos do coração".
5. Para concluir, afirmamos que Jesus não poderia ter se referido a uma futura "presença invisível", pois prometeu aos discípulos que

> sempre estaria com eles: "E eis que estou convosco todos os dias, até a terminação do sistema de coisas" (Mateus 28.20, *NM*). Também declarou: "Pois, onde há dois ou três ajuntados em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mateus 18.20, *NM*). Assim, fica evidente nos textos que Jesus prometeu sua presença constante junto aos seus discípulos, de maneira que não faria nenhum sentido prometer-lhes uma futura "presença" invisível.

Então, diante de todas essas razões, fica evidente que Jesus voltará visivelmente, pois disse que "verão o Filho do homem vir nas nuvens". O apóstolo João também disse: "Eis que ele vem com as nuvens e todo olho *o verá*" (Apocalipse 1.7). Nessas passagens bíblicas, nuvem não é sinal de invisibilidade. Jesus não disse que viria oculto sob as nuvens, mas "nas nuvens" e "com as nuvens", e seria visto por todos.

Que dizer, no entanto, dos "olhos do coração", mencionados pelo apóstolo Paulo? Bem, segundo Efésios 1.18,19, somente os cristãos detêm essa visão especial. Antes, porém, estávamos nas trevas, servindo aos poderes do mal; mas Deus, na sua graça e misericórdia, iluminou nosso coração, para que penetrasse a luz do evangelho, que resplandece na face de Cristo (2Coríntios 4.6). Assim, tendo os olhos de nosso coração abertos por Deus, poderíamos enxergar nossa vocação celestial, nossa condição de herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo (Romanos 8.14-17), bem como enxergar que Deus age em nós, seus eleitos, de forma eficaz e poderosa.

Conclusão

Ao escrever aos coríntios, o apóstolo Paulo disse:

> O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo. Pois, se alguém lhes vem pregando um Jesus que não é aquele que pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente do que acolheram ou um evangelho diferente do que aceitaram, vocês o toleram com facilidade (2Coríntios 11.3,4).

O apóstolo receia e lamenta pelo fato de aqueles crentes tolerarem pessoas que pregam "um Jesus que não é aquele que pregamos", ou seja, "um Jesus diferente". Por que isso é tão importante? Paulo lembra a mentira do paraíso. Eva deu ouvidos à mentira que a serpente contou sobre Deus e sobre o fruto do conhecimento do bem e do mal, e o resultado disso foi o pecado com suas tristes consequências. Pois bem, a "serpente" continua ensinando mentiras e levando outros a crer num "Jesus diferente". E, pelo que foi visto neste capítulo, o "Jesus" crido pelos testemunhas de Jeová é certamente um Jesus diferente, um outro Jesus, completamente estranho àquele revelado nas Escrituras Sagradas e crido pela Igreja ao longo dos séculos. O "Jesus" dos testemunhas de Jeová...

- É um anjo, o primeiro criado por Deus.
- É um deus, assim como Satanás é um deus.
- É alguém que já voltou e ninguém viu.
- É um enganador, pois forjou um corpo com ferimentos para convencer Tomé de que ele havia ressuscitado, quando, na verdade, ele havia sido recriado.

Esse "Jesus" certamente não pode salvar. Relembrando as palavras iniciais deste capítulo: "Quando alguém crê num Jesus errado, embarca numa salvação errada e desembarca num céu errado".

Esperamos que os testemunhas de Jeová se libertem desse falso "Jesus" e conheçam o verdadeiro, aquele que é Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, o Caminho, a Verdade e a Vida, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém!

6

Despersonalizando o Espírito Santo

> Cremos que o espírito santo é a força ativa de Jeová; uma força impessoal que está em todos os lugares ao mesmo tempo, razão pela qual não pode ser uma pessoa, mas a poderosa energia que Jeová faz emanar de si mesmo para realizar sua santa vontade.

O Espírito Santo e os testemunhas de Jeová

As Escrituras afirmam que o Espírito Santo está em toda parte, o que significa que ele é onipresente. Em vez de reconhecer essa verdade, os testemunhas de Jeová defendem uma estranha pneumatologia (doutrina do Espírito Santo): o Espírito não pode ser uma pessoa, mas uma "força ativa", pois uma pessoa só pode estar num único lugar ao mesmo tempo. Desse modo, eles negam ao Espírito Santo sua pessoalidade e divindade. A relação entre Jeová Deus e o Espírito Santo é ilustrada da seguinte forma: Jeová é como uma usina elétrica, que está em determinado lugar; porém, desse centro de força emana uma poderosa energia (o Espírito Santo) que o Soberano Universal pode enviar para qualquer parte a fim de cumprir sua vontade.[1]

[1] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 37.

A fim de demonstrar sua posição acerca do Espírito Santo como uma "coisa", e não uma pessoa, os testemunhas de Jeová grafam *Espírito Santo* com letras minúsculas: "espírito santo".

Contudo, essa negação da personalidade e divindade do Espírito Santo não é coisa nova; é uma ressurreição do macedonismo, nome dado a essa heresia em referência a Macedônio (século IV), bispo de Constantinopla, dirigente de um grupo que negava a divindade do Espírito Santo, afirmando que o termo "espírito" designava os dons da graça derramados sobre os homens (CALVINO, 1985, v. 1, cap. XIII, xvi). Macedônio baseava-se parcialmente em dois ou três textos bíblicos, bem como na ausência de referências à divindade do Espírito Santo no Concílio de Niceia (325 d.C.), no qual foram ressaltadas a divindade de Cristo e sua igualdade de essência com o Pai. Sobre o Espírito, o credo original dizia apenas: "Cremos no Espírito Santo", sem mais explicações (CHADWICK, 1969, p. 157).

Tornando-se acirrada a questão, o I Concílio de Constantinopla, reunido em 381, expressou-se da seguinte forma: "Cremos também no Espírito Santo, que é Senhor e dá a vida, que procede do Pai; que com o Pai e com o Filho deve ser adorado e glorificado e que falou por meio dos profetas" (apud PADOVESE, 1999, p. 75). Essa é a cláusula que encontramos na atual redação do *Credo niceno*, também chamado *Niceno-constantinopolitano*, em razão da inclusão dessas frases, que ensinam a consubstancialidade do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho, na unidade da Trindade, em oposição ao pensamento dos pneumatômacos ou "combatentes contra o Espírito", como também eram conhecidos os macedonianos (CHADWICK, 1969, p. 157).

Embora a seita dos testemunhas de Jeová tenha um conceito diferente do defendido pelos macedonianos acerca do Espírito Santo, ela também pode ser classificada de pneumatômaca, pois, a exemplo dos macedonianos, nega-lhe a divindade e a personalidade.

REFUTAÇÃO DA PNEUMATOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Veremos, à luz da Bíblia, que os atuais pneumatômacos erram quando se referem ao Espírito Santo como *força ativa*.

O Espírito Santo é onipresente e é Deus

> Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás (Salmos 139.7,8).

Não há dúvida de que o Espírito Santo é onipresente. O salmo supracitado deixa isso muito claro. Ele está em toda parte. Nem por isso, ele deixa de ser Deus. Como vimos no capítulo 4, não é cabível o argumento segundo o qual Deus, sendo uma "pessoa", não possa estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Estamos falando de Deus, e, para Deus, tudo é possível (Lucas 18.27; Gênesis 18.14; Jó 42.2). Assim, fica sem sentido afirmar que o Espírito Santo não é uma pessoa, pois, sendo Deus da mesma forma que o Pai e o Filho, tem todo o poder, podendo estar onde quiser, quando lhe aprouver. Estar em todos os lugares ao mesmo tempo não subtrai sua personalidade e demonstra o seu imenso e infinito poder.

A personalidade e a divindade do Espírito Santo

A Bíblia tem muito a dizer sobre a personalidade e a divindade do Espírito Santo. Se pusermos alguns versículos um ao lado do outro, teremos um quadro revelador a esse respeito. Comecemos por...

ATOS 5.3	ATOS 5.4
Então perguntou Pedro: "Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, a ponto de você **mentir ao Espírito Santo** e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade?	Ela não lhe pertencia? E, depois de vendida, o dinheiro não estava em seu poder? O que o levou a pensar em fazer tal coisa? **Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus**".

A estrutura dos versículos é muito interessante. Em ambos, encontramos os seguintes elementos:

1. Um delito — *a mentira.*
2. Um delinquente — *Ananias.*
3. Uma provável "vítima" — *o Espírito Santo.*

No versículo 3, Pedro foi claro ao dizer que Ananias mentiu ao Espírito Santo. Já no versículo 4, ele chama o Espírito Santo de *Deus*, ficando desse modo comprovada sua divindade. Sua personalidade também é definitivamente confirmada, visto que uma "força ativa" não poderia discernir entre verdade e mentira; isso é próprio de seres racionais. Por falar em racional, seria irracionalidade da parte de Ananias tentar enganar uma força semelhante à eletricidade. Ele só poderia tentar enganar *alguém*, não *algo*.

ISAÍAS 6.8-10

Então ouvi **a voz do Senhor** [Jeová] conclamando: "Quem enviarei? Quem irá por nós?" E eu respondi: Eis-me aqui. Envia-me! **Ele** [Jeová] **disse**: "Vá, e diga a este povo: Estejam sempre ouvindo, mas nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam. Torne insensível o coração deste povo; torne surdos os seus ouvidos e feche os seus olhos. Que eles não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam e sejam curados".

ATOS 28.25-27

Discordaram entre si mesmos e começaram a ir embora, depois de Paulo ter feito esta declaração final: "Bem que **o Espírito Santo falou** aos seus antepassados, **por meio do profeta Isaías**: 'Vá a este povo e diga: Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria' ".

Em ambos os textos, encontramos os seguintes elementos:

1. Alguém anunciando uma mensagem de advertência — *Deus, o Senhor.*
2. Um povo advertido — *o povo infiel de Israel.*
3. Um mensageiro que levaria a mensagem ao povo — *Isaías.*

Comparando-se as passagens bíblicas, vemos que Atos 28.25-27 é uma citação direta de Isaías 6.8-10. O apóstolo Paulo estava falando para israelitas (o povo advertido), muitos dos quais permaneciam incrédulos diante da exposição de que Jesus é o Messias, predito pela Lei de Moisés e pelos profetas (Atos 28.23,24,28). Paulo citou aos incrédulos a mesma mensagem que Isaías recebera para transmitir aos infiéis de sua época. E quem falou para Isaías aquelas palavras de advertência? A declaração paulina é mais do que clara: o Espírito Santo. Mas, no original hebraico, Isaías disse ter ouvido a voz de יהוה (Jeová). Por conseguinte, encontramos um caso claríssimo em que um autor sagrado do Novo Testamento aplicou ao Espírito Santo o tetragrama sagrado, reconhecendo desse modo sua divindade e igualdade com o Pai. Para um judeu piedoso como o apóstolo Paulo, isso é uma proclamação de fé, de que o Espírito Santo é Deus, o grande יהוה.

SALMOS 78.17,40

Mas contra ele continuaram a pecar, **revoltando-se no deserto contra o Altíssimo.** [...] Quantas vezes mostraram-se rebeldes contra ele no deserto e o **entristeceram** na terra solitária!

ISAÍAS 63.10

Apesar disso, **eles se revoltaram e entristeceram o seu Espírito Santo.** Por isso ele se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles.

Em ambos os textos, os elementos presentes são:

1. Um povo rebelde — *os israelitas.*
2. Aquele contra quem se rebelaram — *o Altíssimo.*
3. A consequência da rebeldia — *entristeceram o Altíssimo.*

No salmo 78, o salmista relembra em versos as grandes obras de Deus em benefício de seu povo. Sua intenção é que as novas gerações não se apartem de Deus, como acontecera com seus antepassados (78.8). Apesar de todos os portentos em favor do povo, ele constantemente rebelava-se contra o Altíssimo, entristecendo-o. Resultado: o Altíssimo começou a guerrear contra o povo infiel e rebelde (78.59-62).

Em Isaías 63, o profeta também relembra a infidelidade do povo para com o Altíssimo. Há um encontro de ideias entre Isaías 63 e o salmo 78. Mas, ao passo que o salmo 78 diz que o *Altíssimo* foi entristecido, Isaías 63.10 afirma que o povo entristeceu o *Espírito Santo.* A identificação do Espírito Santo com o Altíssimo é clara. Ademais, se somente uma pessoa pode ser entristecida ou magoada, então o Espírito Santo é uma pessoa.

Deve-se ressaltar também o seguinte: no discurso de Estêvão aos judeus incrédulos, ele também faz uma longa retrospectiva da infidelidade do povo de Israel para com o Altíssimo, dizendo-lhe em seguida: "Povo rebelde, obstinado de coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: sempre *resistem ao Espírito Santo!*" (Atos 7.51). Ora, o elo histórico é inconfundível. Aquele que foi magoado pelos antepassados dos israelitas era o Altíssimo. Portanto, não há dúvida: o Espírito Santo é *Deus*, o Altíssimo, assim como o Pai e o Filho. Como declara o *Credo atanasiano*:

> Qual o Pai, tal o Filho, tal também o Espírito Santo.
>
> Da mesma forma, o Pai é Onipotente, o Filho é Onipotente, o Espírito Santo é Onipotente; contudo, não há três Onipotentes, mas um só Onipotente.
>
> Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; e todavia não há três Deuses, porém um único Deus.
>
> Como o Pai é Senhor, assim o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor; entretanto, não são três Senhores, porém um só Senhor.

Resistir a uma das pessoas da Trindade bendita é resistir a todas, pois as três são o único e mesmo Deus.

Todas essas evidências, mais as alistadas a seguir, levam forçosamente a admitir que o Espírito Santo é uma pessoa e é Deus, pois ele...

1. Guia, fala, declara e ouve (João 16.13).
2. Ama (Romanos 15.30).
3. Clama (Gálatas 4.6).
4. Toma decisões, administra (1Coríntios 12.11).
5. Sabe e atinge as profundezas de Deus (1Coríntios 2.10,11; cf. Mateus 11.27 e Lucas 10.22, pois o mesmo se diz a respeito de Jesus).
6. Pode ser contristado (Efésios 4.30; cp. com Isaías 63.10).
7. Implora e intercede (Romanos 8.26,27; cf. v. 34, no qual a mesma atribuição é dada a Jesus).
8. Ensina (Lucas 12.12; cp. com 21.14,15; v. João 14.26).
9. Fala (Atos 10.19; v. 13.2; 10.19,20; 21.11; Mateus 10.18-20).
10. É resistido (Atos 7.51; cp. com Isaías 63.10; Salmos 78.17-19).
11. Proíbe, põe obstáculo (Atos 16.6, 7; cp. com o v. 7, com Romanos 8.9 e com Filipenses 1.19).
12. Ordena, dirige e dá testemunho (Atos 8.29,39 e 20.23).
13. Designa, comissiona (Atos 20.28; v. tb. 1Co. 12.7-11; cp. com 12.28 e Efésios 4.10,11).
14. É mencionado entre outras pessoas (Atos 15.28).

Apesar de tantas provas bíblicas a favor da personalidade e divindade do Espírito Santo, os testemunhas de Jeová sustentam o seguinte:

> É verdade que Jesus falou do espírito santo como "ajudador" e falou de tal ajudador como "ensinando", "dando testemunho", "dando evidência", "guiando", "falando", "ouvindo" e "recebendo". Ao fazer isso, o grego original mostra que Jesus, às vezes, aplicava o pronome pessoal masculino a este "ajudador" (paracleto). [...] No entanto, não é incomum, nas Escrituras, que aquilo que realmente não é pessoa seja personalizado ou personificado.

> A sabedoria é personificada no livro de Provérbios (1:20-33; :1-36); e formas pronominais femininas são usadas para ela no original hebraico, como também em muitas traduções. A sabedoria é também personificada em Mateus 11:19 e em Lucas 7:35, onde é apresentada como tendo tanto "obras" como "filhos". O apóstolo Paulo personalizou o pecado e a morte, e também a benignidade imerecida, como "reinando". (Ro 5:14, 17, 21; 6.12) Fala do pecado como "recebendo induzimento", "produzindo cobiça", "seduzindo" e "matando". (Ro 7.8-11) Todavia, é óbvio que Paulo não queria dizer que o pecado era realmente uma pessoa.[2]

Os testemunhas de Jeová estão certos ao afirmar que a Bíblia personifica a sabedoria, o pecado e a morte, pois tais coisas não são pessoas, mas erram ao afirmar a mesma coisa sobre o Espírito Santo. Como já vimos nas passagens bíblicas citadas, ele é uma pessoa e é Deus, e não uma "força ativa" personificada. O que podemos dizer, à luz das Escrituras, é que, à semelhança do Pai e do Filho, o Espírito Santo é representado de diversos modos; são os chamados símbolos do Espírito Santo, assim como temos os símbolos do Pai e do Filho. Acompanhe:

Pai	Fogo (Deuteronômio 4.24); sol (Salmos 84.11) etc.
Filho	Leão (Apocalipse 5.5); videira (João 15.1) etc.
Espírito Santo	Pomba (Lucas 3.22); selo (Efésios 1.13) etc.

Ademais, nunca se disse a respeito da sabedoria, do pecado ou da morte que sejam *Deus* (Atos 5.3,4). Nenhum escritor do Novo Testamento aplicou textos do Antigo Testamento que se dirigem ao Pai a uma dessas coisas abstratas. Jesus jamais diria sobre a sabedoria, o pecado e a morte o que disse acerca do Espírito Santo. É preciso saber separar personificação de

[2] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, p. 33.

mero simbolismo. Tudo o que se diz a respeito do Espírito Santo aponta para um ser pessoal, para alguém que, assim como o Pai e o Filho, é adorado e glorificado como Deus pelos séculos sem fim.

Outra evidência a favor da divindade do Espírito Santo

David Reed (1990, p. 89-90), ex-testemunha de Jeová, apresenta um argumento muito interessante a favor da personalidade do Espírito:

> Ao lado do templo do verdadeiro Deus na antiga Jerusalém, as Escrituras mencionam muitos outros templos — por exemplo: o templo de Dagom (I Sam. 5:2), o templo de Júpiter (Atos 14:13), o templo de Diana (Atos 19:35), e assim por diante. Cada um era o templo de alguém, ou do Deus verdadeiro ou de um deus falso. Mas a Bíblia também mostra que o corpo físico de cada cristão individualmente se torna um templo. Templo de quem? Um "templo do Espírito Santo" (I Cor. 6:19).

Outro ponto deve ser frisado. O apóstolo Paulo estabelece uma relação direta entre *Deus* e o *Espírito Santo*. Veja:

1CORÍNTIOS 3.16,17	1CORÍNTIOS 6.19	2CORÍNTIOS 6.16
Vocês não sabem que são **santuário de Deus** e que **o Espírito de Deus habita em vocês**? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois **o santuário de Deus**, que são vocês, é sagrado.	Acaso não sabem que o corpo de vocês é **santuário do Espírito Santo** que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?	Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois **somos santuário do Deus vivo**. Como disse Deus: "Habitarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo".

Os textos estão estruturados de tal modo que não admitem dúvidas: o Espírito Santo é Deus. Veja:

1. Há um santuário — *os cristãos.*
2. Há alguém que habita nesse santuário — *Deus Espírito Santo* ("Disse Deus: 'Habitarei com eles [...]'").

Evidência mais clara que essa de que o Espírito Santo é Deus, impossível! Paulo escreve ora que somos *templo de Deus*, ora, na mesma acepção, que somos *templo do Espírito Santo* (CALVINO, 1985, v. 1, p. 155).

O Espírito Santo na comunidade trinitária

Já vimos no capítulo 4 a interação que há entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Vamos ampliar aqui um pouco essa interação. Queremos abordar, sobretudo, a similaridade dos papéis desempenhados pelo Filho e pelo Espírito Santo. Veremos também como essa relação entre as três pessoas divinas tem mais a nos revelar acerca da personalidade e divindade do Espírito Santo.

O Espírito Santo é de ambos: do Pai e do Filho

Em Romanos 8.9, ele é chamado "Espírito de Deus" e "Espírito de Cristo". Em Mateus 10.20, é chamado "Espírito do Pai". Eles se pertencem mutuamente. É uma comunidade perfeita.

O Espírito Santo glorifica a Cristo

O Espírito Santo faz para o Filho o mesmo que o Filho faz para o Pai. Por exemplo, o Filho glorifica o Pai (João 17.1,5); por sua vez, o Espírito Santo glorifica o Filho (João 16.14). E o Pai, assim como o Espírito Santo, também glorifica o Filho (João 8.54; 17.4).

O Espírito Santo revela o senhorio de Cristo

"Ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor', a não ser pelo Espírito Santo" (1Coríntios 12.3).

O Espírito Santo conhece o Pai da mesma maneira que o Filho o conhece

Jesus afirma em Mateus 11.27 e em Lucas 10.22 que ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e que ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho. No entanto, 1Coríntios 2.10,11 afirma que o Espírito Santo conhece "até mesmo as coisas mais profundas de Deus", e "ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus". Só Deus conhece a si mesmo na vida íntima da Santíssima Trindade.

O Espírito Santo ama da mesma forma que o Pai e o Filho

É o que afirma Romanos 15.30, ao falar do amor do Espírito, da mesma forma que fala do amor do Pai e do amor do Filho (2Coríntios 13.13 [v. 14 na *NM*]; Romanos 8.35; 2Coríntios 5.14; Efésios 3.19).

O Espírito, como Cristo, é nosso Ajudador

Jesus afirmou que o Espírito Santo seria nosso "Ajudador" ou "Consolador" (João 14.16,26; 16.7). A mesma expressão grega — παράκλητος (*parácletos*) — também é aplicada a Jesus em 1João 2.1.

O Espírito Santo, como Cristo, é nosso Intercessor

Romanos 8.26,27 afirma que o Espírito Santo "intercede por nós". O mesmo se atribui a Jesus em Romanos 8.34 e em Hebreus 7.25.

O Espírito Santo, como Cristo, é a Verdade

Jesus afirmou ser a Verdade (João 14.6). O mesmo se diz do Espírito Santo em 1João 5.6: "o Espírito é a verdade".

O Espírito Santo, assim como Cristo, designa homens para cuidar da Igreja de Deus

Em Atos 20.28, Paulo afirma aos presbíteros de Éfeso que foi o Espírito Santo quem os designou para o presbiterato ou bispado, a fim de que cuidassem da Igreja de Deus. O mesmo apóstolo também afirma que essa mesma função é exercida pelo próprio Jesus (Efésios 4.7-11).

O Espírito Santo participou, com o Pai, da encarnação de Cristo

É o que afirmou Gabriel, o arcanjo, à jovem Maria (Mateus 1.18,20; Lucas 1.30-35).

Os textos anteriormente citados, em conjunto, somados àqueles citados no capítulo 4, mostram a estreita relação mantida entre as três pessoas da Santíssima Trindade. Como alguém afirmou acertadamente (BOFF, 1985, p. 15):

> Pai, Filho e Espírito Santo não emergem como separados ou justapostos, mas sempre mutuamente implicados e relacionados. Onde reside a unidade dos três? Reside na comunhão entre os divinos Três. Comunhão significa comu-união (communio). Somente entre pessoas pode haver união, porque elas intrinsecamente se abrem umas às outras, existem com as outras e são umas pelas outras. Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão. A comunhão é expressão do amor e da vida. Vida e amor, por sua própria natureza, são dinâmicos e transbordantes. Sob o nome de Deus devemos entender, portanto, sempre a Tri-unidade, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em outras palavras: a união trinitária é a própria Trindade.

REFUTAÇÃO AOS TEXTOS MAL APLICADOS CONTRA A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

É comum os testemunhas de Jeová citarem os textos a seguir, geralmente fora de contexto, para se aventurar a provar a impersonalidade do Espírito Santo. Acompanhe os argumentos da seita, seguidos das respectivas refutações.

Mateus 3.11

> Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo.

Neste texto, João Batista é citado dizendo que Jesus batizaria com o Espírito Santo, assim como ele batizava em água. Os testemunhas de Jeová então raciocinam: assim como a água não é pessoa, tampouco seria o Espírito Santo, pois ninguém poderia ser batizado com uma pessoa.

Esse paralelismo entre *água/Espírito* não afeta em nada a personalidade do Espírito Santo, pois em Romanos 6.3 encontramos o paralelismo *batizados em Cristo/batizados em sua morte*, e em Gálatas 3.27 fala-se no *batismo em Cristo* e em ser *revestido de Cristo*. Nem por isso Jesus perdeu sua identidade pessoal. Trata-se tão somente de um caso de analogia, ou seja, estabelece-se relações entre seres de naturezas distintas. O mesmo encontramos a respeito de Moisés, em 1Coríntios 10.2. Fala-se ali de ser batizado em Moisés, mostrando assim que é possível alguém ser batizado numa pessoa, sem que ela perca sua identidade pessoal.

2Coríntios 6.6

> [...] em pureza, conhecimento, paciência e bondade; no Espírito Santo e no amor sincero [...].

O fato de o Espírito ser mencionado entre várias qualidades levou os testemunhas de Jeová a entender que ele não é uma pessoa. Entre outros textos apresentados, estão Efésios 5.18, Atos 6.3, 11.24 e 13.52.

Ora, se isso fosse verdade, então Jesus também perderia sua personalidade, pois em Gálatas 3.27 insiste-se com as pessoas para que se revistam de Cristo, da mesma maneira que se instam outros, em Colossenses 3.12, a se revestirem de qualidades como humildade, compaixão, bondade, mansidão e paciência. Se nada disso faz de Cristo uma "força ativa", o mesmo se dá com o Espírito Santo. Ser mencionado entre coisas impessoais não faz dele algo impessoal.

Ademais, se ser associado a coisas impessoais faz do Espírito Santo algo impessoal, como afirmam erroneamente os testemunhas de Jeová, então, na mesma linha de raciocínio, eles teriam de admitir obrigatoriamente que, ao ser citado em associação com outras pessoas, isso faria do Espírito Santo uma pessoa. Veja:

1. Em Mateus 28.19, o Senhor Jesus ordena: "Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai [uma pessoa] e do Filho [outra pessoa] e do Espírito Santo [também uma pessoa]". (V. tb. o cap. 4, no tópico "A Trindade no Novo Testamento").
2. Atos 13.1,2 afirma que na igreja de Antioquia "havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo [todos seres pessoais]. Enquanto adoravam ao Senhor [o Ser pessoal adorado] e jejuavam, disse o Espírito Santo [outra pessoa]: "Separem-me Barnabé e Saulo [pessoas] para a obra a que os tenho chamado [falando na primeira pessoa do singular]".
3. Após a disputa acerca da imposição da circuncisão aos cristãos, os apóstolos e presbíteros de Jerusalém enviaram a seguinte carta para os irmãos de Antioquia, Síria e Cilícia: "Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram transtornando suas mentes com o que disseram. Assim, concordamos todos em escolher alguns homens e enviá-los a vocês com nossos amados irmãos Paulo e Barnabé [pessoas], homens que têm arriscado a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo [Ser pessoal]. Portanto, estamos enviando Judas e Silas [pessoas] para confirmarem verbalmente o que estamos escrevendo. Pareceu bem ao Espírito Santo [Ser pessoal] e a nós [seres pessoais] não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Abster-se de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem".

Não é preciso muito esforço para saber que a *pureza*, o *conhecimento*, a *paciência*, a *bondade* e o *amor sincero* não poderiam substituir o Espírito Santo nos textos mencionados anteriormente (faça o teste). Ele aparece entre pessoas por ser um ente pessoal, pois age como pessoa, mas também pode ser mencionado entre coisas, sem deixar de ser pessoa.

Atos 2.4

> Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Este é, sem dúvida, o texto mais utilizado pelos testemunhas de Jeová. Eles argumentam que no Pentecoste 120 discípulos ficaram cheios de uma "força ativa", não de uma pessoa, pois uma pessoa não pode habitar 120 outras pessoas simultaneamente. O erro dos testemunhas de Jeová já começa quando tomam o termo "pessoa" à luz das próprias limitações do ser mortal. Ora, Deus é aquele que "preenche todas as coisas", de acordo com Efésios 1.23. Ele tudo pode. Nada há que ele não possa fazer. Então, se naquele acontecimento do Pentecoste lhe aprouve encher 120 pessoas, quem somos nós para pôr em dúvida sua ação soberana? Nos dizeres do *Credo atanasiano:* "Imenso é o Pai, Imenso o Filho, Imenso o Espírito Santo".

Romanos 8.11 diz que o Espírito Santo mora ou reside em nós. Efésios 3.17 diz que Cristo reside em nosso coração. Da mesma forma, João 14.23 fala da habitação em nós tanto do Pai quanto do Filho. Nada disso faz que o Pai e o Filho deixem de ser pessoas.

Atos 13.2

> Enquanto adoravam ao Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: "Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado".

Os testemunhas de Jeová, mesmo diante da evidência de que o Espírito Santo fala e se comunica, usam esse texto para protestar contra a personalidade do Espírito Santo, afirmando que o fato de a Bíblia dizer que o Espírito Santo fala não provaria sua personalidade, pois outros textos mostram que isso era feito por meio de seres humanos ou de anjos, sem que ele tivesse voz própria (Atos 21.4; 28.25).

O argumento dos testemunhas de Jeová é inócuo pelos seguintes motivos:

1. Se os testemunhas de Jeová insistirem nesse argumento, terão de admitir que o Pai tampouco é uma pessoa, pois também lemos que ele falou por meio de outros. Veja esta comparação:

ATOS 3.21	ATOS 1.16	ATOS 28.25
[...] até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas, **como falou há muito tempo, por meio dos seus santos profetas.**	[...] "Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura que o **Espírito Santo predisse por boca de Davi** [...].	Bem que o **Espírito Santo falou** aos seus antepassados, **por meio do profeta Isaías.**

Agora, compare os textos anteriores com estes:

MATEUS 10.19,20	LUCAS 21.14,15	JEREMIAS 1.7-9
Mas quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizê-lo. Naquela hora lhes será dado o que dizer, pois não serão vocês que estarão falando, mas o **Espírito do Pai de vocês falará por intermédio** de vocês.	Mas convençam-se de uma vez de que não devem preocupar-se com o que dirão para se defender. Pois **eu lhes darei palavras e sabedoria** a que nenhum dos seus adversários será capaz de resistir ou contradizer.	O SENHOR, porém, me disse: "[...] A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o **que eu lhe ordenar.** [...] O SENHOR estendeu a mão, tocou a minha boca e disse-me: "Agora **ponho em sua boca as minhas palavras**".

Em Mateus 10.19,20, quem fala é o Espírito Santo; em Lucas 21.14,15, quem fala é o Filho; e, em Jeremias 1.7-9, quem fala é o Pai. E todos eles falam *por meio de* alguém, e ainda assim continuam seres pessoais. O Espírito fala assim como o Pai e o Filho. Logo, ele é um ser pessoal.

2. Não importa se o Espírito Santo falou diretamente ou por meio de alguém, de anjos ou de homens. O que está claro é que foi ele, o próprio Espírito Santo, quem falou. O profeta por meio de quem ele falou era apenas um canal, um instrumento, mas as palavras eram dele, do Espírito Santo.

Atos 7.55,56

> Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus de pé, à direita de Deus, e disse: "Vejo o céu aberto e o Filho do homem de pé à direita de Deus".

Os testemunhas de Jeová argumentam que, se Deus fosse uma Trindade, Estêvão, ao fitar os olhos no céu, deveria ter visto o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Contudo, afirmou ter visto apenas o Pai e o Filho; nada disse sobre o Espírito Santo.

Estêvão não precisava ter visto o Espírito Santo para que a doutrina da Trindade fosse verdadeira (e ainda que Estêvão tivesse dito que o viu, os testemunhas de Jeová em sua incredulidade certamente negariam tal fato mediante algum argumento falacioso como o anteriormente citado). Na verdade, os testemunhas de Jeová precisam prestar mais atenção ao texto. A Trindade é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e Estêvão só pôde ver o Pai e o Filho porque ele estava "cheio do *Espírito Santo*". Pronto, eis a Trindade!

A falta de identificação pessoal

Outra objeção apresentada pelos testemunhas de Jeová a fim de, inutilmente, comprovar a impersonalidade do Espírito Santo, é o fato de o Espírito Santo *não ter identificação pessoal.* Esse argumento é apresentado na obra *Estudo perspicaz das Escrituras*, que diz:

> Visto que o próprio Deus é Espírito e é santo, e visto que todos os seus fiéis filhos angélicos são espíritos e são santos, é evidente que, se o "espírito santo" fosse pessoa, as Escrituras deveriam razoavelmente fornecer alguns meios para diferenciar e identificar tal *pessoa* espiritual dentre todos esses outros "espíritos santos". Seria de esperar que, pelo menos, se usasse o artigo definido para ele em todos os casos onde não é chamado de "espírito santo de Deus", ou não é modificado por alguma expressão similar. Isto pelo menos o distinguiria como O Espírito Santo. Mas, ao contrário, em grande número de casos, a expressão "espírito santo" aparece no grego original sem o artigo, indicando ausência de personalidade.[3]

Ora, se os testemunhas de Jeová têm dificuldade em diferenciar o Espírito Santo de Deus do próprio Pai ou dos anjos, é sinal de que existe alguma coisa errada em sua teologia de modo geral. Seu argumento não revela erudição, mas deficiência e desconhecimento.

Ao designar a terceira pessoa da Trindade por "Espírito Santo", as Escrituras já o diferenciam dos demais espíritos que são santos, como no caso dos anjos, embora nenhum dos anjos nunca seja designado diretamente pela expressão "espírito santo". Quando lemos "o *Espírito Santo* disse" (Atos 13.2), ou "mentiram ao *Espírito Santo*" (Atos 5.3), ou ainda "todos os que são guiados pelo *Espírito de Deus* são filhos de Deus" (Romanos 8.14), não nos vem à mente o Pai, o Filho ou os anjos, mas a pessoa divina que conhecemos pelo nome "Espírito Santo".

Embora as expressões "espírito" e "santo" sejam atributos comuns às pessoas da Trindade, bem como aos anjos, cabe afirmar que, em relação à terceira pessoa da Trindade, os termos aparecem juntos, designando "a Pessoa inefável do Espírito Santo, sem equívoco possível com os outros empregos dos termos *espírito* e *santo*" (CATECISMO, 1993, p. 172, § 691).

Assim, quando empregados juntamente, os termos "espírito" e "santo" formam o nome daquele que, com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado,

[3] V. 2, p. 33.

o Espírito Santo. A ordem bíblica de batizar "em nome do Espírito Santo" já torna isso plausível (Mateus 28.19).

Os testemunhas de Jeová objetam afirmando que a palavra grega ὄνομα (*ónoma*), traduzida por "nome", pode significar algo diferente de um nome pessoal, como quando se diz *em nome da lei* ou *em nome do bom senso*. "Nome", nesses casos, indicaria o que tais coisas representam. Para corroborar sua linha de argumentação, elas citam a obra *Word Pictures in the New Testament* [Quadros verbais do Novo Testamento], de uma grande autoridade no idioma grego, o dr. Archibald Thomas Robertson: "O uso do nome (*ónoma*) que se faz aqui [em Mateus 28.19] é comum na *Septuaginta* e nos papiros para simbolizar poder ou autoridade". Desse modo, os testemunhas de Jeová argumentam: "Portanto, o batismo 'em nome do espírito santo' subentende o reconhecimento deste espírito como tendo por fonte a Deus e como exercendo sua função segundo a vontade divina".[4]

A conclusão extraída das palavras do dr. Robertson não é válida pela seguinte razão: Robertson cria na doutrina bíblica da Trindade, e não estaria ensinando o contrário disso em sua obra. De fato, comentando Mateus 28.19, ele afirma que o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo é o batismo "em nome da Trindade" (1988, p. 254). Quando ele afirmou que "o uso do nome (*ónoma*) que se faz aqui é comum na *LXX* [*Septuaginta*] e nos papiros para simbolizar poder ou autoridade", estava, na realidade, argumentando contra a espécie de batismo efetuado pela Igreja ortodoxa grega, que pratica a tríplice imersão: o batismo em nome do Pai, em seguida em nome do Filho e depois em nome do Espírito Santo. A disputa gira em torno da preposição εἰς (*eis*), que para a Igreja ortodoxa grega significa "para dentro"; enquanto Robertson explica que aqui, em Mateus 28.19, significa simplesmente "em nome", e não "para dentro". Daí, então, sua conclusão (extraída indevidamente do contexto na literatura dos testemunhas de Jeová): "O uso do nome (*ónoma*) que se faz aqui é comum na *LXX* [*Septuaginta*] e nos papiros para simbolizar poder

[4] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, p. 155.

ou autoridade" (ibid.). A sua conclusão é óbvia: não está em questão o tríplice batismo, mas batizar *em nome* ou *no poder/autoridade* do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Assim, ao contrário de concordar com a conclusão dos testemunhas de Jeová — como eles indevidamente fazem parecer —, Robertson associa *poder* ou *autoridade* à Trindade: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, em cujo nome os cristãos são batizados. Dessa forma, o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm o mesmo poder ou autoridade, pois são o mesmo Deus. Uma "força ativa" não tem "poder" e "autoridade", nem mesmo figuradamente, pois em nenhum lugar das Escrituras tal coisa é ensinada.

Quanto ao uso do artigo definido, os testemunhas de Jeová afirmam que a expressão "Espírito Santo", "em grande número de casos [...] aparece no grego original sem o artigo, indicando ausência de personalidade".

Respondemos, em primeiro lugar, que os testemunhas de Jeová tomaram o cuidado de dizer *em grande número de casos*, pois, se dissessem *em todos os casos*, seriam rapidamente desmascarados, pois o termo "Espírito Santo" também é acompanhado de artigo definido em muitos outros lugares. Nesse caso, o argumento dos testemunhas de Jeová se desfaz pelo seu contrário, pois se "Espírito Santo", sem artigo, indica ausência de personalidade, então o uso do artigo definido indicaria a personalidade do Espírito Santo. E é justamente o que acontece.

Contudo, recorrer à ausência ou ao uso do artigo definido para provar ou deixar de provar a personalidade de alguém não é correto à luz das particularidades do idioma grego. O grego do Novo Testamento conta com três gêneros: masculino, feminino e neutro (em português, só há os dois primeiros). A palavra grega traduzida por "espírito", πνεῦμα (*pneuma*), é neutra, que exige o artigo neutro, quando o autor julgar necessário. O artigo pode ser usado ou não, sem que isso detraia a personalidade do Espírito Santo. As Escrituras designam a terceira pessoa da Trindade de diversas formas:

1. *Espírito* (sem artigo: João 3.5 etc.) ou *o Espírito* (com artigo: Marcos 1.10, 12; Atos 2.4 etc.).

2. *Espírito Santo* (sem artigo: Lucas 4.1; 11.13 etc.) ou *o Espírito Santo* (com artigo: Mateus 28.19; 2Coríntios 13.13 [v. 14 na *NM*] etc.).
3. *O Espírito, o Santo* (ambos com o artigo: Atos 1.16; 5.3; 28.25 etc.).

Vê-se que não há uniformidade nas Escrituras em relação ao uso do artigo neutro toda vez que se fala do Espírito Santo. Há casos em que o artigo é usado, como há casos em que não é. Isso não deve constituir nenhum obstáculo para a personalidade do Espírito Santo. Sobre essa questão, convém citar o comentário de William Carey Taylor (1986, p. 594, § 539) acerca do uso do artigo na língua grega:

> Quando se emprega o artigo, o substantivo é definido; quando não se emprega, o substantivo pode ser definido ou indefinido. [...] É essencial esforçarmo-nos para alcançar o ponto de vista grego. Nunca devemos falar de "omissão do artigo". O grego não *omitiu* o que é diferente no nosso idioma, mas escreveu segundo a sua própria índole. Se não há artigo, é porque não lhe era natural usá-lo.

Assim, a ausência do artigo não indica necessariamente falta de personalidade. O argumento dos testemunhas de Jeová, portanto, carece de base sólida, e não subsiste ao grego do Novo Testamento.

CONCLUSÃO

Os heresiarcas dos testemunhas de Jeová correm o sério risco de, ao defender com unhas e dentes enunciados doutrinais desprovidos de piedade e base bíblica, pecar contra o Espírito Santo. E contra esse pecado Jesus foi categórico: "Quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na era que há de vir" (Mateus 12.32). Que Deus se apiede dos tais, abrindo-lhes a mente antes que seja muito tarde.

A fé no Espírito Santo como Ser pessoal e Deus verdadeiro, assim como o Pai e o Filho, é uma convicção que ultrapassa um simples enunciado doutrinal. Como afirmou Luigi PADOVESE (1999, p. 84), "Trata-se de uma profissão de esperança e de confiança no Deus trinitário".

Para finalizar, queremos voltar à introdução deste capítulo, na qual vimos uma das razões pelas quais Macedônio, bispo de Constantinopla, negava a divindade e a personalidade do Espírito Santo: a ausência de quaisquer referências à divindade do Espírito Santo no Concílio de Niceia (325 d.C.), no qual foi ressaltada a divindade de Cristo e sua igualdade de essência com o Pai. A fé trinitária parecia, para o bispo apóstata, muito tardia (o mesmo argumento é empregado pelos testemunhas de Jeová). Sobre o Espírito Santo, o *Credo niceno* originariamente dizia: "Cremos no Espírito Santo", sem explicações adicionais. Mas é na pena de Gregório de Nazianzo (330-390), "O Teólogo", que encontramos o porquê de o Espírito Santo ser o último na revelação das pessoas da Santíssima Trindade. Trata-se do que ele chamou de "pedagogia progressiva da condescendência divina" (apud CATECISMO, 1993, p. 170, § 684):

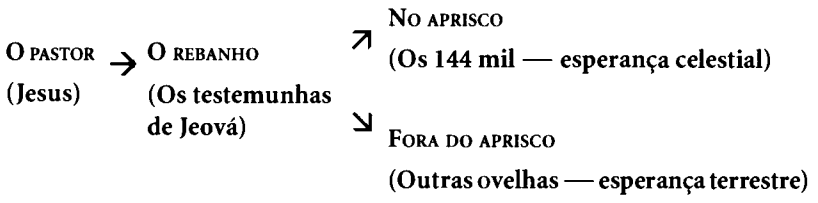
> O Antigo Testamento proclamava manifestamente o Pai, mas obscuramente o Filho. O Novo manifestou o Filho, fez entrever a divindade do Espírito. Agora o Espírito tem direito de cidadania entre nós e nos concede uma visão mais clara de si mesmo. Com efeito, não era prudente, quando ainda não se confessava a divindade do Pai, proclamar abertamente o Filho e, quando a divindade do Filho ainda não era admitida, acrescentar o Espírito Santo como um peso suplementar, para usarmos uma expressão um tanto ousada. [...] É através de avanços e de progressões "de glória em glória", que a luz da Trindade resplandecerá em claridades mais brilhantes.

7

As castas de Jeová: os 144 mil e as "outras ovelhas"

Cremos em uma só salvação com duas esperanças: uma celestial, para 144 mil pessoas, e outra terrena, para as "outras ovelhas" que viverão para sempre no paraíso na terra.

Quem pensa que é apenas no hinduísmo que existe uma separação de castas entre os fiéis da mesma religião está equivocado. Na seita Testemunhas de Jeová, também existe análogo. Os adeptos estão divididos em dois grupos: os 144 mil, com esperança celestial, e as "outras ovelhas", com esperança terrestre. Essa divisão está baseada na interpretação de João 10.16: "E tenho *outras ovelhas*, que não são deste aprisco; a estas também tenho de trazer, e elas escutarão a minha voz e se tornarão um só rebanho, um só pastor" (*NM*). O diagrama a seguir mostra como esse texto é aplicado:



Segundo os testemunhas de Jeová, o "aprisco" de João 10.16 refere-se aos 144 mil (chamados "ungidos" e "pequeno rebanho"), que começou a ser reunido em 33 d.C., no Pentecoste. Houve depois uma interrupção nessa eleição em razão da apostasia da Igreja depois do ano 100 (v. o cap. 2), sendo retomada em 1870 por meio de Charles Russell, o fundador da seita, e continua até os dias atuais. Já as "outras ovelhas" são os que viverão para sempre no paraíso terrestre. Isso inclui os fiéis do Antigo Testamento e os que morreram antes do ano 33 d.C.; todos serão ressuscitados para viver no paraíso terrestre.

O juiz Rutherford, sucessor de Russell, decretou o fim da chamada celestial em 1935. Até aquele ano, cria-se que dois grupos iriam para o céu: a "Noiva", os 144 mil que reinariam com Cristo, e a "grande multidão" (Apocalipse 7.9), cujos membros seriam a "dama de companhia" da "Noiva". Mas, em 1935, Rutherford eliminou a chamada celestial; a "grande multidão" tornou-se parte das "outras ovelhas", cuja esperança era terrena. Assim, de 1935 para cá, começou o ajuntamento da "grande multidão", que espera sobreviver à "grande tribulação", restaurar a terra e transformá-la num paraíso, e se juntar aos justos do Antigo Testamento, que serão ressuscitados. Juntos, formarão definitivamente as "outras ovelhas". Mas, em 2007, a seita abandonou a data de 1935 e passou a ensinar que a chamada celestial continua aberta.[1]

Os testemunhas de Jeová possuem mais de 7 milhões de adeptos. Destes, apenas quase 10 mil afirmam possuir esperança celestial.[2] O restante,

[1] V. **A verdade que conduz à vida eterna**,1968, p. 77; **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, 1982, p. 125, 201 e cap. 21; **Unidos na adoração do único Deus verdadeiro**, p. 80-81; **Testemunhas de Jeová:** proclamadores do reino de Deus, cap. 12; **"Seja Deus verdadeiro"**, 2. ed., p. 224-225; **A Sentinela** 15/2/1971, p. 126; 15/9/1979, p. 32; 1º/8/1995, p. 13; 15/2/1995, p. 19-20; 1º/2/1999, p. 19; 15/1/2000; 15/5/2001, p. 15; 1º/5/2007, p. 30-31; 15/8/2007, p. 19.

[2] Disponível em <www.watchtower.org./e/statistics/worldwide_report.htm>. Acesso em: 28/9/2009. Em 2001, esse número era de 8.600 (**A Sentinela**, 1º/1/2001, p. 21). Como o número só vinha crescendo, a chamada celestial foi reaberta em 2007. Para mais detalhes, v. o Apêndice 1, pergunta n. 10.

quase 99,9%, espera ganhar vida eterna na terra. Este é o número que compõe atualmente a "grande multidão" das "outras ovelhas", que espera sobreviver a uma iminente "grande tribulação". Embora se afirme fazer parte de um só rebanho (a organização religiosa), há notáveis diferenças entre o grupo dos 144 mil e o das "outras ovelhas". Veja o quadro a seguir:

OS 144 MIL UNGIDOS	AS "OUTRAS OVELHAS"
Irão para o céu	Viverão para sempre na terra
Reis e sacerdotes do Reino de Deus	Súditos do Reino de Deus
Verão Deus	Não verão Deus
Filhos de Jeová	Netos de Jeová
Irmãos de Jesus	Filhos de Jesus
Noiva de Cristo	Amigos do Noivo
Nascem de novo	Não nascem de novo
Templo do Espírito Santo	Não são templo do Espírito Santo
Corpo de Cristo	Não são Corpo de Cristo
Participam do pão e do vinho na Comemoração da Morte de Cristo	Não participam dos emblemas; são apenas observadores
Congregação (Igreja) de Deus	Associados da Congregação
Israel de Deus	Estrangeiros (gentios)
Justificados para a vida	Justificados para serem amigos de Deus
Receberão imortalidade	Receberão vida eterna
Jesus é seu Mediador	Os 144 mil são seus mediadores
Terão o poder de perdoar pecados e purificar as "outras ovelhas"	Terão seus pecados perdoados por Jesus e pelos 144 mil

REFUTAÇÃO DO SISTEMA DE CASTAS DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Essas interpretações acerca dos 144 mil, da "grande multidão" e das "outras ovelhas" estão associadas às distorções hermenêuticas dos seguintes textos bíblicos: Apocalipse (Revelação) 7.4, 14.1,3-5 (que apresentam o número 144 mil), 7.9 (que menciona uma grande multidão) e, como já vimos, João 10.16 (no qual são mencionadas as "outras ovelhas"). Os textos-prova de que as "outras ovelhas" viverão na terra são Mateus 5.5 e Salmos 37.29, que dizem, respectivamente: "Felizes os de temperamento brando, porque herdarão a terra" e "os próprios justos possuirão a terra e residirão sobre ela para todo o sempre" (*NM*).

Veremos a seguir que essas interpretações não subsistem a uma análise criteriosa desses textos bíblicos, o que põe fim ao sistema de castas da seita Testemunhas de Jeová (v. o Apêndice 1, pergunta n. 10).

As "outras ovelhas"

Para a correta identificação das "outras ovelhas", precisamos ter em mente que a pregação de Jesus dirigia-se em primeiro lugar aos judeus. Jesus é chamado o "Salvador de Israel" e "Reis dos judeus" (Mateus 1.21; 2.2). Ao comissionar os 12 discípulos, Jesus disse: "Não vos desvieis para a estrada das nações [ou gentios], e não entreis em cidade samaritana; mas, ide antes continuamente às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 10.5,6, *NM*). Portanto, quando Jesus disse que tinha "outras ovelhas" que não eram "deste aprisco", este na realidade refere-se ao aprisco judaico ou às "ovelhas perdidas da casa de Israel". De modo que as "outras ovelhas" não são da "casa de Israel"; são gentios.

Que Jesus ajuntaria primeiramente o aprisco judaico, torna-se evidente na conversa travada entre ele e uma mulher siro-fenícia (cananeia). Ela implorava a ele que curasse sua filha endemoninhada. Jesus então lhe disse: "Não fui enviado a ninguém senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 15.21-26, *NM*). Apesar de ter dito isso, Jesus curou a filha da mulher em razão da grande fé demonstrada por ela.

Essas palavras de Jesus fazem alguns pensar que ele estaria excluindo os gentios de ouvir sua mensagem salvífica. Não é bem assim. Uma leitura

atenta dos Evangelhos revela que a mensagem salvadora de Jesus seria realizada em dois estágios: primeiramente, aos judeus, e depois, ao mundo pagão, aos gentios ou não judeus. Mas por que os judeus em primeiro lugar? Romanos 3.1,2 fornece a resposta: "Qual é então a superioridade do judeu, ou qual é o proveito da circuncisão? Grande, de todo modo. Primeiramente, porque foram incumbidos das proclamações sagradas de Deus" (*NM*). Ora, os judeus aguardavam a realização das profecias do Antigo Testamento. Eles, e mais ninguém, conheciam as predições acerca do Messias, o "Salvador de Israel". Sobre eles, Jeová disse: "E vós mesmos vos tornareis para mim um Reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êxodo 19.6, *NM*). Eram, portanto, um povo separado por Deus para um propósito especial: o Messias ou Cristo sairia do seu meio.

Os gentios, de modo geral, não conheciam o verdadeiro Deus, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mas adoravam e serviam outros deuses. Além do mais, tinham a vida devotada aos prazeres carnais (Romanos 1.18-32). De modo que seria improvável que aceitassem tão prontamente um salvador e, muito menos, um único Deus. Em razão disso, a mensagem de Jesus destinava-se em primeiro lugar aos judeus.

Com tudo isso em mente, leiamos as palavras de Jesus em João 10.16: "E tenho outras ovelhas [os gentios] que não são deste aprisco [judaico]; a estas também tenho de trazer, e elas escutarão a minha voz e se tornarão um só rebanho [a Igreja], um só pastor" (*NM*). Não seria apenas Israel que seria salvo. Haveria "outras ovelhas" que, com o aprisco judaico, seriam, como rebanho, conduzidas por Jesus à vida eterna. Assim, judeus e gentios formariam "um só rebanho" (leia também Efésios 2).

Não há dúvida, portanto, sobre a identidade das "outras ovelhas": são os cristãos gentios (leia Atos 13.46; 18.6; 1.8; 10.1-35; Isaías 49.6).

A "grande multidão"

A leitura de Apocalipse 7.9-15 dá a certeza de que a "grande multidão" está no céu, não na terra, pois João afirma que viu a grande multidão em pé diante do trono de Deus e diante do Cordeiro, isto é, no céu. Isto, por si só, já anula essa divisão classista dos testemunhas de Jeová. Não há

margem para a interpretação particular de que João a viu na terra. No entanto, apesar dessa clara evidência, os testemunhas de Jeová argumentam:

> A descrição deles como "estando em pé diante do trono e diante do Cordeiro" indica, não necessariamente, um local, mas uma condição aprovada. [...] A expressão "diante do trono" (em grego, *e.nó.pi.on tou thró.nou*; literalmente, "à vista do trono") não requer que estejam no céu. Sua posição é simplesmente "à vista de Deus", que nos diz que no céu ele observa os filhos dos homens.[3]

Essa interpretação faria sentido se não fosse um detalhe: a mesma expressão "em pé diante do trono" também é aplicada aos anjos em Apocalipse 7.11: "todos os anjos [...] prostraram-se sobre os seus rostos *diante do trono* e adoraram a Deus" (*NM*). Essa expressão, portanto, requer que os anjos estejam no céu; sua posição não é simplesmente à vista de Deus, pois eles vivem no céu. Além do mais, a mesma expressão é empregada para indicar o local em que se encontram os 144 mil: "E eu vi, e eis o Cordeiro em pé no monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil [...]. E estão cantando como que um novo cântico *diante do trono* e diante das quatro criaturas viventes e dos anciãos" (Apocalipse 14.1,3, *NM*). Ora, se os anjos e os 144 mil estão *diante do trono*, e isso indica que estão no céu, por que o caso deveria ser diferente para a grande multidão?

Adicionalmente, Apocalipse 7.13,14 fornece outra pista do local onde deve estar a grande multidão (é o diálogo entre João e um dos anciãos):

> E, em resposta, um dos anciãos me disse: "Quem são estes que trajam compridas vestes brancas e donde vieram?" Eu lhe disse assim imediatamente: "Meu senhor, és tu quem sabes." E ele me disse: "Estes são os que saem da grande tribulação e lavaram as suas vestes compridas e as embranqueceram no sangue do Cordeiro" (*NM*).

[3] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 85.

O interlocutor de João usou o pronome demonstrativo "estes" (do grego οὗτοι, *houtoi*) ao falar da grande multidão. Emprega-se "estes" para indicar o que está próximo ou junto da primeira pessoa, aquela que fala. Isso quer dizer que, se a grande multidão estivesse na terra, "à vista do trono", não se poderia usar o pronome "estes", mas "aqueles", pois "aquele" indica pessoa ou objeto igualmente distante da pessoa que fala (no caso, o ancião, que está no céu) e da pessoa com quem se fala (o apóstolo João).

Objeta-se a isso, afirmando que, embora o ancião esteja no céu, o apóstolo João estava aqui na terra, na ilha de Patmos. Respondemos que, naquele momento, a situação não era exatamente essa. Vejamos Apocalipse 4.1: "Depois destas coisas vi, e eis uma porta aberta no céu, e a primeira voz que ouvi era como a duma trombeta, falando comigo [e] dizendo: '*Sobe para cá* e eu te mostrarei as coisas que têm de ocorrer' ". Portanto, João estava em transe; por outras palavras, fora arrebatado em espírito (v. 2), de forma que escreve como se estivesse pessoalmente no céu; daí a conversa tão íntima com seu interlocutor. O uso então do pronome demonstrativo "este", e não "aquele", indica que a grande multidão está no mesmo lugar que o ancião, isto é, o céu.

Outro ponto importante é Apocalipse 7.15, que informa que a grande multidão serve a Deus "dia e noite no seu templo". Portanto, se o templo de Deus está no céu, quem o serve "dia e noite" tem de estar no mesmo lugar.

Resta-nos agora identificar a grande multidão. Há uma grande possibilidade de que sejam mártires do cristianismo, pois o texto revela que saíram de uma "grande tribulação". Isso certamente confortaria os leitores de João, que estavam vivendo um período de perseguição religiosa (o próprio apóstolo, autor de Apocalipse, estava preso pelo mesmo motivo).

Os 144 mil — quem são?

Por se tratar de uma das figuras de Apocalipse, livro de mil e uma interpretações, torna-se difícil identificar com precisão os 144 mil. Há quem defenda que se trata de um número literal, interpretando os 144 mil como judeus carnais. Outros, porém, optam por uma interpretação

simbólica, vendo nos 144 mil uma representação numérica de todo o povo de Deus, tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos. Seja como for, afirmamos que, quer literal, quer simbólico, o que importa neste livro é afirmar que, independentemente da interpretação adotada, o testemunho da Bíblia é que os 144 mil não serão os únicos que irão para o céu, como demonstramos no subtópico "A grande multidão".

Além disso, a interpretação dos testemunhas de Jeová acerca dos 144 mil mostra-se por demais incoerente. Segundo a seita, o número 144 mil tem de ser obrigatoriamente literal:

> É o número 144.000 meramente simbólico? A resposta é indicada pelo fato de que, após a menção do número definido de 144.000, Revelação 7:9 faz referência a "uma grande multidão, que nenhum homem podia contar". Se o número 144.000 não fosse literal, não teria sentido contrastá-lo com a "grande multidão".[4]

Embora haja lógica na conclusão anterior, os testemunhas de Jeová, todavia, não mantém essa coerência, pois deixam de seguir a linha de raciocínio que deveria conduzi-la para a conclusão de que os 144 mil só poderiam ser judeus carnais. Isso porque João, além de contrastar o fator numérico, contrasta a nacionalidade de ambos os grupos: enquanto os 144 mil são "selados de toda tribo dos filhos de Israel", a "grande multidão", por sua vez, vem "de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas". Há, portanto, um contraste entre uma "grande multidão de todas as nações" com os 144 mil das tribos dos "filhos de Israel". Nesse caso, os 144 mil seriam exclusivamente judeus naturais. No entanto, entre os testemunhas de Jeová há "ungidos" americanos, brasileiros etc. Essa é a razão pela qual não podem admitir a nacionalidade judaica para os 144 mil.

Outra incoerência salta à vista. Para os testemunhas de Jeová, 144 mil é um número literal, mas, segundo Apocalipse 7.5-8, os 144 mil estão divididos em grupos de 12 mil de cada tribo dos filhos de Israel. Para

[4] **Raciocínios à base das Escrituras**, p. 85.

manter a coerência interpretativa, seria preciso reconhecer que a divisão também é literal. Todavia, contrariando sua linha interpretativa, os testemunhas de Jeová dizem que essa divisão é simbólica. O absurdo está justamente nessa afirmação. Com isso, os testemunhas de Jeová afirmam que a soma final da divisão simbólica resulta num número literal. Veja:

Judá	12.000 (simbólico) +
Rúben	12.000 (simbólico) +
Gade	12.000 (simbólico) +
Aser	12.000 (simbólico) +
Naftali	12.000 (simbólico) +
Manassés	12.000 (simbólico) +
Simeão	12.000 (simbólico) +
Levi	12.000 (simbólico) +
Issacar	12.000 (simbólico) +
Zebulom	12.000 (simbólico) +
José	12.000 (simbólico) +
Benjamim	12.000 (simbólico) +
Total	= 144.000 (literal?)

A pergunta é: Como na contabilidade dos testemunhas de Jeová a soma final de números simbólicos resulta em um número literal? Não há como sustentar isso, definitivamente. Se a divisão é simbólica, o resultado será simbólico; se a divisão é literal, então o resultado também será literal.

Mais um pouco de ponderação sobre os 144 mil. Os testemunhas de Jeová afirmam que os 144 mil serão reis e sacerdotes, citando Apocalipse 5.9,10. O apóstolo João relata que as quatro criaturas viventes e mais os 24 anciãos cantam um novo cântico, dizendo (dirigindo-se ao Cordeiro): "Digno és de tomar o rolo e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste pessoas para Deus, dentre toda tribo, e língua, e povo, e nação, e fizeste deles um reino e sacerdotes para o nosso Deus, e hão de reinar sobre a terra" (*NM*). De acordo com o que dissemos, se o número 144 mil for literal, a sua divisão em 12 tribos também o será,

bem como sua nacionalidade. Nesse caso, os 144 mil não seriam reis e sacerdotes, pois o texto diz que estes foram comprados dentre "toda tribo, e língua, e povo, e nação". Isso se encaixa mais com a grande multidão que procede de toda tribo, língua, povo e nação (v. Apocalipse 7.9). Portanto, os reis e sacerdotes sairiam da grande multidão, e não dos 144 mil. Apocalipse também diz que os 144 mil são "virgens". Mas para os testemunhas de Jeová trata-se de virgindade simbólica, espiritual, pois muitos "ungidos" são casados. Temos assim o quadro completo da incoerência da seita acerca dos 144 mil: o número é literal, mas sua nacionalidade, sua divisão em 12 tribos e sua castidade são simbólicas.

Para terminar, queremos destacar o seguinte: se apenas 144 mil vão para o céu, esse número já teria sido completado lá no século I. Os dados bíblicos da expansão do cristianismo primitivo revelam um crescimento espantoso. Os convertidos com toda a certeza ultrapassaram a casa dos 144 mil. Deduzimos isso de Atos dos Apóstolos. No Pentecoste, 120 discípulos receberam o Espírito Santo, e ainda "naquele dia acrescentaram-se cerca de *três mil almas*" (Atos 2.41, *NM*). Mas o crescimento não parou por aí. Após um sermão de Pedro, "muitos dos que tinham escutado o discurso creram, e o número dos homens chegou a cerca de *cinco mil*" (Atos 4.4, *NM*). Lucas ainda diz: "Mais do que isso, os crentes no Senhor continuavam a ser acrescidos, *multidões* deles, tanto de homens como de mulheres" (Atos 5.14, *NM*). E mais: "Consequentemente, a palavra de Deus crescia e o número dos discípulos *multiplicava-se grandemente* em Jerusalém; e uma *grande multidão* de sacerdotes começou a ser obediente à fé" (Atos 6.7, *NM*).

"Cento e vinte discípulos", "três mil", "cinco mil", "multidões deles", "o número dos discípulos multiplicava-se grandemente", "uma grande multidão de sacerdotes". Ora, faz sentido acreditar que por mil e novecentos anos o número dos 144 mil ainda não foi completado? Se, num só dia, 3 mil se converteram, por que não acreditar que até o final do ano 100 o número 144 mil já tivesse sido ultrapassado? Se o número de cristãos crescesse em torno de 3 mil *ao ano*, em apenas sessenta e sete anos (de 33 a 100) já teria alcançado 201 mil discípulos, ultrapassando em muito a casa dos 144 mil!

Jesus Cristo e os 144 mil

Os testemunhas de Jeová acreditam que os 144 mil serão reis e sacerdotes. Que papel desempenharão como sacerdotes? Eis a resposta da seita: "Eles terão um poder que até agora tem faltado a todos os governos humanos: *o poder de purificar as pessoas do pecado e da imperfeição*".[5] Mesmo que os testemunhas de Jeová afirmem que os 144 mil detêm esse poder mediante o sacrifício resgatador de Jesus, essa declaração é um atentado à singularidade de Jesus. Ele não precisa de 144 mil sacerdotes para cumprir sua missão de "purificar as pessoas do pecado e da imperfeição", como atestam as seguintes passagens bíblicas:

Romanos 5.9

> Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus!

Efésios 1.7

> Nele [em Jesus Cristo] temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus.

Colossenses 1.14

> [...] em [Jesus] temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados.

Hebreus 9.14

> [...] quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!

1Pedro 1.18,19

> Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver,

[5] **A verdade que conduz à vida eterna**, 1968, p. 106.

transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito.

1João 1.7

> Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

Apocalipse 1.5,6

> [...] e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel e verdadeira, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra. Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue, e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai. A ele seja glória e poder para todo o sempre! Amém.

O povo de Deus é sacerdote não porque recebeu poder para purificar as pessoas do pecado e da imperfeição, mas para tão somente servir a Deus. O papel de purificar as pessoas cabe inteiramente a Jesus.

Apocalipse 7.14

> Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

FELICIDADE ETERNA NO CÉU, NÃO NA TERRA

Em sua pregação de casa em casa, os testemunhas de Jeová procuram ensinar às pessoas que elas têm a esperança de viver para sempre em um lindo paraíso terrestre, igual ao que fora perdido por Adão e Eva. Procuram mostrar em seus livros ou revistas alguma ilustração de como será o paraíso. A mensagem inteira é voltada para a vida no paraíso terrestre, mas nunca para a verdadeira esperança que a Bíblia oferece: o céu.

Examinaremos a seguir os principais textos bíblicos que parecem indicar que muitos viverão aqui na terra para sempre. Trata-se, na maioria, de textos isolados da Bíblia, retirados de seus respectivos contextos.

Salmos 37.29 (NM)

> Os próprios justos possuirão a terra e residirão sobre ela para todo o sempre.

Os salmos são certamente um grande presente de Deus para todos nós. Os próprios testemunhas de Jeová reconhecem esse fato:

> Esses salmos são cânticos de louvor a Jeová, e, não só isso, contêm também orações de pedido de misericórdia e de ajuda, bem como expressão de fé e confiança. São repletos de agradecimentos, exultações e exclamações de grande, sim, superlativa, alegria. [...] Encerram muita instrução proveitosa e edificante, escrita em linguagem elevada e figurada, fazendo vibrar o coração do leitor.[6]

Sim, os salmos estão repletos de "expressões de fé e confiança" e "encerram muita instrução proveitosa e edificante". No entanto, nem todos os salmos são proféticos. Este é o caso do salmo 37. Não é profético. Não está predizendo que, num futuro próximo, Deus estabelecerá um paraíso para os justos viverem. Aliás, note-se que não se faz menção de nenhum paraíso terrestre. Esse salmo, na verdade, está dando excelentes conselhos a pessoas tementes a Deus que vivem entre malfeitores. De fato, pela leitura desse salmo, deduzimos que Davi o compôs na intenção de mostrar aos de sua época que, apesar de o ímpio prosperar materialmente, esse quadro não durará de modo indefinido. Ele terá de pagar por seus atos iníquos. Davi adverte: "Não invejes os que fazem injustiça" (v. 1).

Uma leitura cuidadosa revela que Davi está falando de fatos ocorridos durante a sua vida (REED,1990, p. 33). Isso é comprovado pela leitura do versículo 25, que diz: "Eu era moço, também fiquei velho, e no entanto, não vi nenhum justo completamente abandonado, nem a sua descendência procurando pão". Leia o salmo 37 e verá que as ações são ou passadas ou presentes, mas nunca futuras. Quando os verbos indicarem ação futura,

[6] **Toda Escritura é inspirada por Deus e proveitosa**, ed. rev., p. 101; antiga ed., p. 97.

essas expressões devem ser entendidas dentro da mensagem que Davi quer transmitir a seus irmãos. Confira: "não te acalores", "não invejes", "confia em Jeová", "fazei o bem", "reside na terra", "age com fidelidade", "deleita-te", "rola teu caminho", "fica quieto", "espera ansiosamente", "larga a ira", "abandona o furor", "o iníquo está tramando", "range os dentes", "os iníquos desembainharam", "o iníquo toma emprestado e não paga de volta", "o justo está mostrando favor", "está dando presentes", "eu era moço", "fiquei velho", "não vi", "a boca profere sabedoria", "sua língua fala de modo justo", "a lei de Deus está no seu coração", "seus passos não vacilam", "o iníquo está viajando", "está procurando", "espera em Jeová", "guarda seu caminho", "eu vi o iníquo ser tirano", "e ainda assim foi passando", "eis que não era mais", "estive procurando", "ele não foi achado", "vigia o inculpe", "mantém a vista no homem reto".

Evidentemente, esse não é um salmo profético no sentido estrito da palavra. Na verdade, as ações futuras que Davi emprega são dirigidas sempre a Deus, que recompensará os justos por sua fidelidade, mesmo nos dias do próprio Davi (e não séculos à frente). Mas, da mesma forma que Deus recompensa, ele também castiga as impiedades praticadas pelo ímpio: "Eu vi o iníquo ser tirano e espalhar-se como uma árvore frondosa em solo nativo. E ainda assim foi passando, e eis que não era mais; e eu o estive procurando, e ele não foi achado" (v. 35,36). Note que Davi não disse que o iníquo *passará*, mas que foi *passando*; que não *seria* mais, mas que "não *era* mais" etc.

No entanto, apesar de ter sido escrito aos súditos do rei Davi, isso não significa que ele não nos sirva hoje. Pelo contrário: "Toda Escritura é inspirada por Deus e *proveitosa para ensinar*, para repreender, para endireitar as coisas, para disciplinar em justiça" (2Timóteo 3.16, *NM*). Portanto, o salmo 37 ensina que Deus recompensa e também recompensará a boa conduta do justo, do que o teme. Em contrapartida, não adianta ser iníquo, pois perder o favor de Deus é cair na condenação eterna (Mateus 25.41,46; Hebreus 10.31). De fato, o salmo 37 dá excelentes conselhos a pessoas tementes a Deus que vivem entre malfeitores. Nada mais que isso.

Além disso, o termo "terra" é usado na Bíblia em diversos sentidos:

1. O globo terrestre (Gênesis 1.2; Salmos 33.14).
2. Terra natal (Gênesis 12.1; Salmos 81.5).
3. Um pedaço de terra; terreno (Gênesis 47.19; Salmos 63.1).
4. A terra da promessa (Gênesis 12.7; 15.18; 26.3; Josué 1.2-6 etc.).

Qual desses foi empregado pelo salmista? Pode ser o último, pois "terra da promessa" remete a esperança a um lugar sem impiedade, com fartura (no qual mana leite e mel) e justiça etc. (Êxodo 3.17; Salmos 72). É a terra na qual as expectativas messiânicas serão finalmente alcançadas. No cristianismo, a transposição é imediata: a "terra" mencionada em Salmos 37.29 é o céu por analogia. É lá a nossa pátria, na qual esperamos encontrar ansiosamente o Senhor Jesus (Filipenses 3.20).

Salmos 115.16 (NM)

> Quanto aos céus, os céus pertencem a Jeová, mas a terra ele deu aos filhos dos homens.

Assim como o anterior, esse salmo não é profético, escatológico. Ao mesmo tempo que o salmista diz que Deus deu a terra aos filhos dos homens, também afirma: "Nada nos pertence, ó Jeová, nada nos pertence" (v. 1, *NM*). Portanto, a terra não é nossa; é de Deus: "A Jeová pertence a terra e o que a enche, o solo produtivo e os que moram nele" (24.1, *NM*). Ela foi "arrendada" aos homens; apenas nesse sentido ela foi "dada".

Além disso, a vida na terra estava sujeita a um pacto. O primeiro pacto entre Deus e o homem foi o das obras. A vida eterna seria outorgada ao homem e à sua posteridade se ele mantivesse perfeita obediência. Entretanto, Adão e Eva quebraram o pacto com Deus, desobedecendo-o. Em decorrência disso, o que deveria ser bênção virou maldição: o solo produtivo foi amaldiçoado, a mulher teria as dores de parto aumentadas, o homem teria de trabalhar arduamente na terra para tirar dela sua subsistência (Gênesis 3). Portanto, com a incapacidade de ter vida por meio

desse pacto, Deus estabeleceu outra aliança com o homem, o que chama de "pacto da graça". O Senhor prometeu enviar um Salvador para desfazer o mal causado no Éden (Gênesis 3.15; 1João 3.8). Por meio de Cristo, a paz e a comunhão com Deus seriam restauradas, e os chamados e eleitos de Deus iriam para o "paraíso de Deus" (Apocalipse 2.7, *NM*). Trata-se evidentemente do céu, pois este era a esperança prometida a todos os fiéis (João 14.1-3; Filipenses 3.20; 1Pedro 1.3, 4); é lá onde se verá Deus, como o próprio Jesus prometeu (Mateus 5.8; v. tb. Mateus 5.5 mais adiante). Com Jesus, o paraíso é recuperado.

Provérbios 2.21,22 (NM)

> Pois os restos são os que residirão na terra e os inculpes são os que renascerão nela. Quanto aos iníquos, serão decepados da própria terra; e quanto aos traiçoeiros, serão arrancados dela.

O livro de Provérbios jamais tencionou ser escatológico. Essas máximas foram escritas com um objetivo: "Os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, para se conhecer sabedoria e disciplina, para se discernirem as declarações de entendimento, para se receber a disciplina que dá perspicácia, justiça e juízo, e retidão, para se dar argúcia aos inexperientes, conhecimento e raciocínio ao moço" (1.1-4, *NM*).

Deve-se evitar o erro de querer fazer do sábio um profeta. Na verdade, em todo o capítulo 2, o sábio dá instruções sobre a conduta correta e sua recompensa. Exalta a sabedoria e o raciocínio, e diz que o objetivo de suas palavras "é que andes no caminho de gente boa e que guardes as veredas dos justos". Note a semelhança desse provérbio com o salmo 37. Não se pode arbitrar e atribuir ao sábio aquilo que ele não disse.

Isaías 45.18 (NM)

> Pois assim disse Jeová, o Criador dos céus, ele, o [verdadeiro] Deus, o Formador da terra e aquele que a fez, aquele que a estabeleceu firmemente, que não a criou simplesmente para nada, que a formou mesmo para ser habitada: "Eu sou Jeová, e não há outro".

Por meio desse texto bíblico, os testemunhas de Jeová garantem que o céu não é o destino de todos os cristãos, pois, para que as palavras de Jeová se cumpram, será preciso que a terra seja habitada por humanos.

Ora, o texto não diz que, para que o propósito de Deus seja cumprido, a terra deverá ser habitada por humanos; o texto não especifica os habitantes. Aliás, antes de Deus criar a humanidade, a terra já era habitada por animais (Gênesis 1.20-25). Isso já seria o suficiente para que as palavras de Deus registradas em Isaías tivessem seu cumprimento.

Ademais, e isso é mera especulação teológica, se teremos um corpo glorificado capaz de viver em dimensões opostas (espiritual e terrena), nada impediria essa nova humanidade glorificada de habitar a terra ou outros mundos. É esperar para ver.

Mateus 5.5 (NM; v. 4, em algumas versões)

> Felizes os de temperamento brando porque herdarão a terra.

Nas Bem-aventuranças, Jesus parece usar o termo "terra" para lembrar a seus ouvintes a *terra prometida*, para em seguida falar que os bem-aventurados "verão a Deus" e que sua recompensa está reservada no céu. Por diversas vezes, Jesus prometeu o céu, não a terra (Mateus 5.3,8,12; João 14.2,3). Portanto, Jesus não fez nenhuma separação de pessoas e não lhes destinou moradas diferentes, como fazem os testemunhas de Jeová. Os ouvintes de Jesus eram judeus, os quais esperavam a restauração do reino de Israel, imponente, dominando sobre os inimigos e livres do jugo romano (v. Atos 1.6). Ansiavam pelo Messias, que lhes devolveria a terra da promessa, a terra que mana "leite e mel" (Êxodo 3.8; Números 13.27; Deuteronômio 27.3). Essa promessa de Deus seguiu-se logo após a libertação dos hebreus do jugo egípcio. Mas a libertação que Jesus estava oferecendo era muito maior; era a libertação da escravidão do pecado e da morte. A grande novidade é que o céu seria a nova "terra prometida", onde as expectativas messiânicas finalmente seriam cumpridas.

Os cristãos viram na "terra da promessa" um tipo perfeito e adequado do novo paraíso, ou seja, o próprio céu (com direito à árvore da vida e

tudo mais): "Àquele que vencer concederei comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus" (Apocalipse 2.7, *NM*). Assim, a árvore da vida, que antes estava na terra, agora se encontra no céu. O mesmo se deu com o paraíso, com o templo de Deus e com a cidade de Jerusalém, que são apresentados pela Bíblia no céu (Apocalipse 14.17; 21.2).

Todavia, se é o globo terrestre que está em questão, ainda assim a interpretação dos testemunhas de Jeová perde força pela seguinte razão: Hebreus 1.3 diz que Jesus é o "herdeiro de todas as coisas", o que inclui a terra. Ora, apesar de herdá-la, isso não implica dizer que viverá nela. O mesmo se aplica aos cristãos, pois o apóstolo Paulo diz que, por sermos filhos de Deus, somos também seus herdeiros: "Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo" (Romanos 8.17, *NM*). Sendo herdeiros de Cristo, herdaremos o que Cristo herdou, incluindo a terra, mas, como no caso dele, não quer dizer que teremos de viver nela para sempre. Isso pode ser ilustrado da seguinte maneira: se alguém herdar uma propriedade, não significa necessariamente que terá de habitar nela; mas fica a garantia de que se trata de um bem seu. Aliás, as publicações dos testemunhas de Jeová confirmam essa interpretação, pois afirmam que as palavras de Mateus 5.5 também são aplicadas a Jesus e aos "ungidos", aos 144 mil com esperança celestial; estes também "herdam a terra". Veja:

> Diz-se que os membros ungidos da congregação cristã têm uma herança celestial, compartilhando a herança de Jesus como seus "irmãos". (Ef 1:14; Col 1:12; IPe 1:4, 5) *Isto inclui a terra.* — Mt 5:5.[7]

> Jesus declarou felizes os de temperamento brando porque estes herdarão a Terra. Na qualidade de Filho de Deus de temperamento brando perfeito, *Jesus é o Herdeiro Principal da Terra.* (Salmo 2:8; Mateus 11:29; Hebreus 1:1, 2; 2:5-9) Mas, qual messiânico "filho de homem", ele teria governantes associados no seu Reino celestial. (Daniel 7:13, 14, 22, 27)

[7] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 2, p. 316.

> Quais "co-herdeiros" de Cristo, *tais ungidos*, de temperamento brando, *partilharão de Sua herança da Terra.* (Romanos 8:17).[8]

2Pedro 3.13 (NM)

> Mas, há novos céus e uma nova terra que aguardamos segundo a sua promessa, e nestes há de morar a justiça.

Os testemunhas de Jeová afirmam que os "novos céus" representam o governo de mil anos de Jeová, que será exercido por Jesus Cristo, auxiliado pelos 144 mil. E a "nova terra" refere-se à nova e justa sociedade humana, que viverá segundo a vontade de Jeová.

Essa é uma interpretação distante das Escrituras. A expressão "novos céus e uma nova terra" não é exclusividade do apóstolo Pedro. No início do capítulo 3, ele diz que o objetivo de sua carta é lembrar aos leitores as declarações anteriormente feitas pelos santos profetas. Entre estes, está Isaías, que usou esta expressão: "Pois eis que criou *novos céus e uma nova terra*; e não haverá recordação das coisas anteriores, nem subirão ao coração" (65.17, *NM*). Também em 66.22 (*NM*): " 'Pois assim como *os novos céus e a nova terra* que eu faço estão postos diante de mim', é a pronunciação de Jeová, 'assim ficarão postas a vossa descendência e o vosso nome' ". Nesses capítulos, o santo profeta está falando da restauração de Sião (Jerusalém). Algumas passagens exprimem esperanças messiânicas, que, na linguagem do povo de Deus, representaria um novo paraíso, um lugar de deleite e felicidade eternos (v. 65.13,14,21-25).

Depois de mencionar os "novos céus e uma nova terra" (65.17), Jeová diz: "Mas exultai e jubilai para todo o sempre naquilo que estou criando. Pois eis que crio Jerusalém como causa para júbilo e seu povo como causa para exultação" (65.18, *NM*). Portanto, essa expressão, de acordo com o contexto, revela "restauração completa"; ela não deve ser tomada literalmente, nem do modo que é interpretada pelos testemunhas de Jeová.

[8] **A Sentinela** 15/10/1991, p. 10.

O desejo de restauração estava profundamente enraizado no coração dos amantes de Sião. Jeová disse a seu povo:

> Alegrai-vos com Jerusalém e jubilai com ela, todos os que a amais. Exultai grandemente com ela, todos os que estais pranteando com ela, visto que mamareis e certamente vos fartareis do peito de plena consolação por ela, visto que sorvereis e tereis deleite com a mama de sua glória. Pois assim disse Jeová: "Eis que lhe estendo a paz como um rio e a glória de nações como torrente inundante, e vós haveis de mamar. Sobre o lado sereis carregados e sobre os joelhos sereis afagados. Como a um homem a quem a sua própria mãe está consolando, assim eu mesmo continuarei a consolar-vos; e no caso de Jerusalém, sereis consolados. E certamente vereis, e vosso coração forçosamente exultará, e os vossos próprios ossos florescerão como a tenra relva. E a mão de Jeová há de ser dada a conhecer aos seus servos, mas ele verberará realmente os seus inimigos".

Ademais, há várias passagens que usam a expressão "céus e terra" como símbolo de totalidade (Gênesis 1.1; 14.19; Deuteronômio 4.26; 30.19; 31.28; 32.1; Salmos 50.4; 102.25; 136.5,6; Isaías 42.5). Nesses textos, o grupo "céus e terra" indica algo completo, o todo. Assim, a frase "Deus criou os céus e a terra" (Gênesis 1.1) indica a *totalidade* da criação. No caso de Deuteronômio 30.19, o Senhor, com o intuito de ressaltar suas palavras e seus preceitos, declarou que "os céus e a terra" seriam suas testemunhas. É claro que o sentido é metafórico. Com isso, ele quis dizer que o conjunto da criação seria testemunha daquilo que ele proferiu.

Diante disso, podemos afirmar que Pedro e Isaías se referiam a um período de renovação ou de restauração com a expressão "um novo céu e uma nova terra". E é essa a mensagem da Bíblia acerca do Reino messiânico. O Reino do Messias é um Reino que "restaura", que renova o céu e a terra, ou seja, toda a criação de Deus. Nada escapará às profundas transformações que Deus realizará no Universo (leia Mateus 19.28; Atos 3.21; Romanos 8.19-21; 1Coríntios 15.24-28; Efésios 1.8-12). E é claro que

isso pode incluir a renovação do próprio planeta Terra, e que este pode vir a ser um local para os salvos com corpo glorificado desfrutarem.

É verdade que falar sobre o tempo vindouro não é nada fácil. Sabemos, porém, o suficiente para afirmar que os "novos céus" não representam o reinado milenar de Cristo com os 144 mil e que a "nova terra" não diz respeito aos testemunhas de Jeová, que aguardam sobreviver à batalha de Armagedom e formar a "sociedade do novo Mundo".

Apocalipse 21.3,4 (NM)

> Com isso ouvi uma voz alta do trono dizer: "Eis que a tenda de Deus está com a humanidade, e ele residirá com eles e eles serão os seus povos. E o próprio Deus estará com eles. E enxugará dos seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem clamor, nem dor. As coisas anteriores já passaram".

Essa passagem de Apocalipse está diretamente ligada ao que dissemos sobre 2Pedro 3.13. Os versículos 1 e 2 (*NM*) dizem: "E eu vi um novo céu e uma nova terra; pois o céu anterior e a terra anterior tinham passado, e o mar já não é. Vi também a cidade santa, Nova Jerusalém, descendo do céu, da parte de Deus, e preparada como noiva adornada para seu marido". Apocalipse 21.1 nos reporta a Isaías 65.17 e 66.22, em que a expressão "novos céus e nova terra" é símbolo da renovação ou restauração. A intimidade de Deus com o seu povo é mostrada em 21.3. Aliás, essa intimidade é característica da aliança de Deus com o antigo Israel. Por meio dessa aliança, Deus estaria presente com o seu povo. A arca da aliança era símbolo da presença de Deus, e a tenda (tabernáculo) era a habitação dele. Essa intimidade e presença de Deus estendem-se a todos os cristãos, uma vez que estes são "templo do Deus vivo": "Pois nós somos templo dum Deus vivente; assim como Deus disse: "Residirei entre eles e andarei entre eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (2Coríntios 6.16, *NM*; v. tb. 1Coríntios 3.16; 6.19).

Embora a esperança dos cristãos seja a vida eterna no céu, "o paraíso de Deus" (Apocalipse 2.7), isso não exclui a possibilidade de a terra ser

um lugar de deleite para aqueles que desfrutarão de um corpo glorificado. Mas esse assunto não é objeto deste livro, até porque as Escrituras não versam muito sobre essa questão. O mais importante é que estaremos com o Senhor onde quer que ele esteja: "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, *para que vocês estejam onde eu estiver*" (João 14.2,3).

OS FIÉIS DO ANTIGO TESTAMENTO

Os testemunhas de Jeová creem que os servos fiéis de Jeová do Antigo Testamento, como Abraão, Daniel, Davi, Isaque, Jacó, Jó e muitos outros citados em Hebreus 11, serão ressuscitados para viver para sempre no paraíso terrestre, já que morreram antes que a chamada celestial fosse iniciada, no ano 33 d.C., em Jerusalém. Estão incluídos na lista João Batista e o pai adotivo de Jesus, José. Nenhum deles terá acesso ao céu.

Trataremos dessa questão em duas etapas. Primeiramente, vamos mostrar à luz da Bíblia que o destino e a esperança dos fiéis servos de Deus do Antigo Testamento era o céu. Para lá iriam a fim de encontrar seu Deus. Em seguida, vamos analisar alguns textos mal interpretados pelos testemunhas de Jeová a fim de provar que nem todos os servos de Deus vão para o céu, como João Batista e o rei Davi, além do ladrão que morreu ao lado de Jesus.

Hebreus 11 — a esperança dos heróis da fé

Que os fiéis do Antigo Testamento foram agraciados por Deus com a chamada celestial, evidencia-se pela leitura de Hebreus 11 e 12. No capítulo 11, o autor apresenta o que se chama de "galeria dos heróis da fé", uma lista de fiéis do Antigo Testamento, que inclui Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e outros profetas, além de personagens desconhecidas ou não citadas nominalmente. Sobre eles, é dito: "Todos estes morreram em fé, embora não recebessem o [cumprimento das] promessas, mas

viram-nas de longe e acolheram-nas, e declararam publicamente que eram estranhos e residentes temporários no país" (11.13, *NM*).

Preste atenção em 11.16: "Mas agora procuram alcançar um lugar melhor, isto é, *um pertencente ao céu*. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado seu Deus, porque aprontou para eles uma cidade". Ora, "um lugar pertencente ao céu" — como verte a *NM* — é um *lugar celestial*, que, com toda a certeza, deve ser melhor do que a terra onde habitavam. O texto deixa bem claro que a esperança desses fiéis da Antiguidade era morar no céu, "um lugar melhor". O texto ainda diz que Deus "aprontou para eles uma cidade". Que cidade é essa? Seria algum lugar aqui na terra? No capítulo 12, o autor responde: "Mas, vós vos chegastes a um monte Sião e a uma cidade do Deus vivente, *a Jerusalém celestial*, e a miríades de anjos" (v. 22, *NM*).

Portanto, a cidade em que os fiéis do Antigo Testamento habitariam seria uma cidade celestial, a cidade do Deus vivente, a nova Jerusalém. Hebreus 11.10 (*NM*) registra que Abraão "aguardava a cidade que tem verdadeiros alicerces, cujo construtor e fazedor é Deus". Essa cidade é a mesma descrita em Apocalipse 21.2 (*NM*): "Vi também a cidade santa, Nova Jerusalém, descendo do céu, da parte de Deus". E na lista dos que habitariam a cidade santa, a nova Jerusalém, que Deus aprontou para os seus fiéis, está o rei Davi (Hebreus 11.32), aquele que, segundo os testemunhas de Jeová, não poderia viver no céu.

O testemunho das Escrituras é claro: todos os que foram eleitos e chamados por Deus por fim estarão com ele e o verão face a face. Isso não é prerrogativa de apenas 144 mil pessoas.

Esclarecendo textos mal interpretados

Mateus 11.11 (NM) — João Batista

> Entre os nascidos de mulheres não se levantou ninguém maior do que João Batista; mas aquele que é menor no Reino dos céus é maior do que ele.

Baseando-se nesse texto, os testemunhas de Jeová afirmam que João, o Batista, não poderia ir para o céu. O raciocínio é o seguinte: se João tivesse

morrido e ido para o céu, certamente não seria menor que o menor desse Reino. Esse raciocínio pressupõe que João havia morrido, mas que não havia ido para o céu, pois, se tivesse ido, o menor no Reino dos céus não poderia ser maior do que ele. Ora, tal conclusão é descabida, pois, quando Jesus proferiu essas palavras, João estava vivo, não morto; levando-se isso em consideração, o argumento dos testemunhas de Jeová fica sem sentido. Então, o que queria Jesus dizer com a frase "o menor no Reino dos céus é maior do que João"?

Em primeiro lugar, a expressão "menor" não deve ser tomada como comparação entre indivíduos, mas entre situações (LACUEVA, 1984). Exemplo disso está em Hebreus 2.9. Essa passagem diz que Jesus foi feito "menor" que os anjos. É evidente que a referência diz respeito ao tempo em que Jesus, sendo rico, fez-se pobre (1Coríntios 8.9), tomando a forma de servo, humilhando-se até a morte de cruz (Filipenses 2.5-8). Da perspectiva da encarnação, Jesus foi feito menor que os anjos. Agora resta-nos saber a qual situação Jesus estaria se referindo, para que o menor no Reino dos céus fosse maior que o Batista.

As palavras de Jesus em 11.13 indicam que com João dá-se o fim de uma época e o início de outra: "Pois todos, os Profetas e a Lei, profetizaram até João". Profetizaram o quê? A vinda do Messias e do Reino dos céus. Essa era a mensagem do Batista: "Arrependei-vos, pois o Reino dos céus tem se aproximado" (Mateus 3.1,2). No tempo em que pregou isso, João tinha seus discípulos, os quais se tornariam discípulos de Jesus, quando este fosse manifestado. João disse: "Eu não sou o Cristo, mas, fui enviado na frente deste. Quem tem a noiva é o noivo. No entanto, o amigo do noivo, estando em pé e ouvindo-o, tem muita alegria por causa da voz do noivo. Esta alegria minha, por isso, ficou completa. Este tem de estar aumentando, mas eu tenho de estar diminuindo" (João 3.28b-30, *NM*).

Assim, com a vinda de Cristo, João, o precursor, sairia de cena, abrindo espaço para o Rei do Reino dos céus. Temos, portanto, a época dos anunciadores do Reino (os Profetas, a Lei e João Batista) e a do próprio Reino, inaugurada com a manifestação pública de Jesus. João, além de diminuir, pois seus discípulos deveriam seguir Jesus, viria a morrer em

breve, sem ver e acompanhar o Messias cumprindo a obra para a qual fora destinado pelo Pai. Apesar de ser um profeta, o maior entre os nascidos de mulher, João não participou ativamente no processo de crescimento do Reino. Assim, o menor nesse Reino seria maior do que João, pois este foi apenas seu precursor, seu anunciador, ao passo que aquele andaria com Cristo, veria seus milagres e prodígios, seria ensinado diretamente por ele, veria sua ressurreição, marcando seu triunfo sobre a morte, e a glória do Reino.

Como se vê, Jesus não ensinou que João Batista não iria para o céu.

Atos 2.29,34a (NM) — *Davi*

> Homens, irmãos, é permissível falar-vos com franqueza a respeito do chefe de família Davi, que ele tanto faleceu como foi enterrado, e o seu túmulo está entre nós até o dia de hoje. [...] Realmente, Davi não ascendeu aos céus.

Como Davi está na lista daquelas fiéis testemunhas de Deus de Hebreus 11 (que já analisamos), fica evidente que a chamada de Davi era celestial, e não para viver para sempre no paraíso na terra. Então, como entender a frase "Davi não ascendeu aos céus"?

As palavras de Pedro foram dirigidas aos judeus, que conheciam bem a história de Davi. Sua linha de raciocínio, pelo contexto, conduzia seus ouvintes a perceber que Jesus, a quem mataram, crucificando-o, na realidade era o Senhor, o Messias, de quem os profetas haviam falado. Ele teria de morrer, mas seria ressuscitado dentre os mortos. E Davi foi um dos profetas que falou sobre a ressurreição do Messias no salmo 16. Esse salmo, porém, está na primeira pessoa, como se Davi estivesse falando de si mesmo. Pedro, contudo, diz que Davi falava de Jesus (v. 25). Davi, portanto, não falou de sua ressurreição, mas da ressurreição de outro, do Messias. Ambos morreram, mas Davi não ressuscitou, não foi enaltecido à direita de Deus, como frisou Pedro (v. 29). O ponto que Pedro procura estabelecer em seu discurso é que Jesus é o "Senhor e Cristo" (2.36), que nem mesmo a morte foi capaz de detê-lo (v. 24), e que, por sua ressurreição,

ascendeu aos céus e assentou-se à direita do Pai, tendo os inimigos como escabelo para os pés (v. 32,33). Assim, a sentença "não ascendeu aos céus" deve ser entendida como "Davi não ressuscitou".

João 3.13 (NM) — *ninguém ascendeu ao céu*

> Ademais, nenhum homem ascendeu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem.

A seita usa esse texto para mostrar que não havia esperança celestial antes da morte de Cristo. Todavia, aqui não está em questão a esperança celestial. Nesse texto especificamente, a expressão "ascendeu ao céu" deve ser entendida de outro modo, pois Jesus declara que somente ele "ascendeu" ao céu. Todavia, ele ainda não havia morrido quando disse isso. Como então poderia ter subido? Alguns intérpretes creem que João estava se referindo à ascensão de Jesus. Contudo, não parece ser o caso, pois João põe a frase "ninguém ascendeu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu" numa conversa que Jesus entabulou com Nicodemos; ele está reportando-se àquela ocasião. Ao que parece, não era intenção de Jesus falar a Nicodemos de sua ascensão, mas mostrar-lhe que ele tinha autoridade para falar de coisas celestiais. É o que o contexto esclarece. Vejamos.

Nicodemos se espantou quando Jesus lhe disse que ele deveria "nascer de novo" (v. 3). Ele não entendeu o que Jesus disse; achou que se tratava de voltar ao ventre materno (v. 4), e indagou a Jesus como alguém poderia nascer de novo (v. 9). Em resposta, Jesus revela estar falando daquilo que sabe e daquilo que viu (v. 11). Suas palavras tratam de coisas celestiais (v. 12). Assim, por ter descido de lá, ele tem autoridade para falar daquilo que concerne ao céu, ou seja, para "ir até lá". Nenhum outro poderia falar daquilo que não viu. De modo que só pode entender e falar das coisas celestiais ("ascender ao céu") aquele que de lá veio. Assim, em vez de ensinar que não havia esperança celestial antes de sua vinda, Jesus está dizendo que somente ele tem autoridade para falar das coisas do céu (v. 32,33). E, para o próprio bem, Nicodemos deveria aceitar seu testemunho: "Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês nasçam de novo" (v. 7).

Lucas 23.43 (NM) — *o ladrão arrependido*

> E ele prosseguiu a dizer: "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino. E ele lhe disse: Deveras, eu te digo hoje: Estarás comigo no Paraíso".

A pontuação dessa passagem na *Tradução do Novo Mundo* dá a entender que Jesus *não* prometera o céu para o ladrão arrependido. Assim, em vez de dizer: "Digo-te que *hoje estarás* comigo no paraíso", Jesus teria dito: "Eu te *digo hoje*: Estarás comigo no paraíso". O argumento principal dos testemunhas de Jeová é que a Bíblia não concorda com o conceito de que Jesus e o malfeitor tenham ido para o céu no dia em que Jesus morreu, porque Jesus disse para Maria Madalena que não ascendera para o Pai (João 20.17); isso ocorreria apenas quarenta dias após sua ressurreição. Assim, o ladrão será ressuscitado no paraíso terrestre a fim de aprender a vontade de Deus e praticá-la, uma vez que não teve oportunidade para isso.

Há duas respostas que, apesar de conflitantes entre si, rebatem a posição dos testemunhas de Jeová.

1. *O paraíso referido por Jesus não era o céu.* Consequentemente, ambos não foram para lá naquele mesmo dia, mas para uma região de bem-aventurança. Essa posição é baseada em Lucas 16.19-31, o relato do rico e Lázaro. Deduz-se do texto que se trata de uma mesma região, conhecida como *hades* ou *sheol*, o local da habitação das almas dos mortos, tanto bons quanto maus (Salmos 9.17; Gênesis 37.35). Chegando lá, cada um é destinado a um ambiente diferente. Alguns seguem para uma ala de tormento, e outros, para o "seio de Abraão", que seria o "paraíso" prometido por Jesus ao ladrão (v. o cap. 8). Para lá foram todos os fiéis do Antigo Testamento. Ao descer ao *hades* com o ladrão, Jesus visitou aqueles demais espíritos, anunciando aos habitantes do paraíso as boas-novas de salvação e, aos que estavam no *hades*, palavras de julgamento. Após sua ascensão, Jesus teria conduzido os que estavam cativos no paraíso para o céu (Efésios 4.8-10; 1Pedro 3.18-20).

2. *Jesus e o ladrão arrependido foram para o céu.* Deduz-se essa ideia de Apocalipse 2.7, que menciona o céu como o "paraíso de Deus". Isso em nada invalidaria o que Jesus disse a Maria Madalena, pois a ascensão não se dera de fato, uma vez que ele não ascendera corporeamente. Ele ascenderia ao céu ressurreto, e, como a ressurreição implica união de corpo e alma, essa ascensão ainda haveria de acontecer. Os bem-aventurados esperariam a ressurreição no próprio céu, não em algum lugar intermediário (2Coríntios 5.8; João 14.3). É o que ensinam todas as confissões de fé reformada.

Ambas as exposições refutam o ponto de vista antibíblico dos testemunhas de Jeová sobre o destino do ladrão arrependido. Acrescentamos também as seguintes razões que descartam a visão da seita:

1. A palavra "hoje" deve ser entendida em relação ao tempo do cumprimento da promessa de Jesus, e não para marcar o dia em que a promessa fora feita. A razão disso está no fato de que quem diz algo está dizendo naquele exato momento. Portanto, seria extremamente redundante Jesus dizer: "Eu te digo hoje". A frase "Eu te digo" já resolveria a questão. O ladrão não pensaria que ele teria dito ontem ou que diria amanhã. Assim, a presença da palavra "hoje" encaixa-se melhor com a tradução: "Digo-te que hoje mesmo estarás comigo no paraíso".
2. Os testemunhas afirmam que o ladrão deveria ser ressuscitado para ser posto à prova, uma vez que Jesus não poderia saber se ele teria sido criminoso caso tivesse conhecido a vontade de Deus.[9] Ora, os testemunhas de Jeová estão subestimando aquele de quem se falou: "Agora sabemos que sabes todas as coisas" (João 16.30; 21.17, *NM*); e que disse de si mesmo: "[...] as

[9] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 171, § 15.

congregações [igrejas] saberão que sou eu quem pesquisa os rins e os corações, e eu vos darei individualmente segundo as vossas ações" (Apocalipse 2.23, *NM*). A explicação dos testemunhas pressupõe a salvação pelas obras. Como o ladrão não teve tempo de provar pelas obras que merecia a salvação, deverá ser ressuscitado no paraíso terrestre a fim de se provar digno da promessa que Jesus lhe fizera. Essa explicação está em desacordo com a Bíblia, que enfatiza a salvação pela fé, não pelas obras (Efésios 2.8-10). Portanto, o ladrão arrependido demonstrou a fé exigida para a salvação, como se depreende dos argumentos a seguir (v. Romanos 10.9-11).

a) O outro ladrão questionou Jesus; o arrependido, porém, repreendeu-o por isso, dizendo: "Não temes absolutamente a Deus?". Vê-se claramente que ele demonstrou conhecimento e temor de Deus.
b) Quando disse "Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino", ele fez uma profissão de fé na messianidade de Jesus, reconhecendo tratar-se de um rei.
c) Demonstra crença na ressurreição de Jesus, e na sua própria, pois como Jesus poderia lembrar-se dele em seu Reino se ele não ressuscitasse? Não faria sentido o pedido do ladrão arrependido se ele não acreditasse na ressurreição de Jesus.

CONCLUSÃO

Com o *Credo apostólico*, afirmamos: "Creio na vida eterna". Essa vida será usufruída no céu, pois é lá que aguardamos ansiosamente nosso Salvador Jesus Cristo, que transformará nosso corpo de humilhação para ser conforme o dele (Filipenses 3.20,21). Viver no céu é estar e viver com Cristo (João 14.3; Filipenses 1.23; I Tessalonicenses 4.17). "O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva" (CATECISMO, p. 246, n. 1024). Como declarou J. I. Packer (1998, p. 243):

Os corações na terra dizem no curso de uma jubilosa experiência: "Quero que isto nunca termine". Mas, invariavelmente, termina. Os corações dos que estão no céu dizem: "Quero que isto dure para sempre". E durará. Não pode haver melhor notícia que esta.

8

Aniquilando a alma e apagando as chamas do inferno

> Cremos que o ser humano é uma alma; não possui alma imortal que sobreviva à morte do corpo; ao morrer, o ser humano entra em estado de inexistência; não existe consciência após a morte. Os que se recusarem a servir a Jeová serão destruídos eternamente. O inferno como lugar de tormento eterno não existe.

A antropologia dos testemunhas de Jeová

O discurso antropológico dos testemunhas de Jeová, aliado ao escatológico (que diz respeito às últimas coisas), tem uma forma própria de responder às perguntas *Quem sou?* e *Para onde vou?* O homem *é* uma alma (Gênesis 2.7). Adão não *tinha* alma. Ele *era* uma alma, resultado da combinação dos elementos básicos do solo mais o "fôlego de vida", ou espírito, que seria a centelha de vida que Jeová colocou no corpo sem vida de Adão.[1] O conceito de imortalidade da alma é visto como antibíblico e baseado na concepção platônico-socrática da natureza humana. Ao

[1] **Conhecimento que conduz à vida eterna**, 1995, p. 81.

afirmar que "a alma que pecar, essa é que morrerá" (Ezequiel 18.4, *NM*), a Bíblia estaria testemunhando contra a doutrina da imortalidade da alma. "A alma morre quando o corpo morre", dizem os testemunhas de Jeová.[2] Ao morrer, a alma entra em estado de inexistência. Quando o "fôlego de vida" é retirado, ou seja, quando alguém morre, o indivíduo pode ter um dos três destinos (já mencionados no cap. 5):

1. O *céu*, destinado a 144 mil eleitos, escolhidos desde 33 d.C. Assim que alguém desse grupo morre, recebe imediatamente um corpo espiritual, passando a residir no céu. (Há mais informações sobre os 144 mil no cap. 7.)
2. O *hades* ou *sheol*, sepultura comum terrestre da humanidade morta. Ir para o *hades* significa garantia de ressurreição no paraíso terrestre; para lá vão os justos (os que serviram fielmente a Jeová) e os injustos (os que não tiveram a oportunidade de conhecer a mensagem de Jeová e praticá-la, pois morreram na ignorância).
3. A *geena*. Ir para a geena significa que o indivíduo não será ressuscitado. Isso diz respeito aos iníquos. Entre estes, encontram-se Adão e Eva, Judas Iscariotes, os fariseus e outros que se recusaram obstinadamente a abraçar Jeová e sua mensagem, principalmente os *apóstatas*, ou seja, os que deixaram de ser testemunhas de Jeová e praticam outra religião ou denunciam os testemunhas de Jeová como um grupo herético. Para a geena, também irão Satanás e seus demônios. A geena é, portanto, símbolo de "destruição eterna".[3] Essa concepção é denominada *aniquilacionismo*.

Ao defender tais posições, os testemunhas de Jeová mantêm-se fiéis ao modo de ver de seu fundador, Charles Russell, que afirmou: "Um Deus que usasse seu poder para criar seres humanos que de antemão sabia seriam atormentados eternamente, e que os predestinasse a isso, não

[2] **Estudo perspicaz das Escrituras**, v. 3, p. 436.
[3] **A Sentinela**, 1º/10/1982, p. 26-27.

poderia ser sábio, nem justo, tampouco amoroso. Seu padrão seria mais baixo do que o de muitos homens". Essas foram as palavras proferidas por Russell para pôr em dúvida a doutrina bíblica da predestinação e do tormento eterno. Russell sentia-se confuso em relação a esses ensinos e decidiu declará-los antibíblicos.[4] Por essa razão, os testemunhas de Jeová afirmam ser mentira difundida pelo Diabo que as almas dos iníquos sejam atormentadas num inferno de fogo. Não poderia existir esse lugar de tormento, porque isso é contrário ao coração de Deus, pois seria injusto atormentar alguém eternamente por ter feito algum mal na terra por uns poucos anos.

REFUTAÇÃO DA ANTROPOLOGIA DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Vamos analisar tudo isso à luz do que as Escrituras dizem acerca das duas perguntas fundamentais: *Quem somos?* e *Para onde vamos?*

Quem somos

Existe algo em nós que sobrevive à morte física? Se somos apenas seres físicos, como ensinam os testemunhas de Jeová, então nada sobrevive à morte física; se a alma existe, então o homem não é um ser apenas físico, mas também espiritual. Neste caso, torna-se possível a crença numa parte imaterial da constituição humana que sobrevive à morte física e preserva suas faculdades intelectuais e morais.

O conceito de "alma" na Bíblia

O que é "alma" de acordo com as Escrituras? Essa questão poderá ser mais bem respondida se, em primeiro lugar, compreendermos de modo adequado como a palavra "alma" foi sendo usada à medida que a Bíblia era escrita. Trata-se do chamado "progresso da revelação". Sobre isso, Roy ZUCK (1994, p. 85, 314), professor de Exposição Bíblica pelo Seminário Teológico de Dallas, nos Estados Unidos, afirma:

[4] **O homem em busca de Deus**, 1990, p. 350-353.

> [...] Isso não significa que a revelação bíblica evoluiu. O que pretende dizer é que nas últimas passagens Deus fez acréscimos ao que revelara nas primeiras. Não estamos insinuando que o que ficou registrado nos trechos mais antigos da Bíblia seja imperfeito, sendo as revelações posteriores perfeitas; tampouco que os primeiros registros contenham erros e que os trechos mais novos sejam fidedignos. O que se quer dizer é que uma informação que pode ter sido parcial foi acrescentada posteriormente, de sorte que a revelação ficou mais completa. [...] O que o Antigo Testamento fala sobre morte é lapidado no Novo. A Trindade do Antigo Testamento é apresentada de forma mais completa no Novo. [...] À medida que os livros da Bíblia eram escritos, Deus revelava progressivamente mais verdades sobre muitos temas. Isso não quer dizer que as revelações anteriores estavam erradas; pode ser que estivessem incompletas. O que antes era parcial recebia um complemento. [...]
>
> A vida após a morte é apresentada no Antigo Testamento como uma existência vaga, onde o homem tem pouca consciência do que se passa. Já o Novo Testamento revela mais fatos a respeito desse tema [...].

Com isso em mente, devemos afirmar que o conceito de "alma" do Antigo Testamento foi completado no Novo. O conceito antigo permaneceu, mas recebeu mais verdades sobre o tema.

A alma no Antigo Testamento

Na Bíblia, a palavra portuguesa "alma" traduz o hebraico *nefesh*. Esse termo também pode ser traduzido por "vida" (a *vida* do indivíduo, o "eu", que experimenta desejos e tem tais anseios satisfeitos, que ama, que odeia, alegra-se e entristece-se etc.), "criatura", "pessoa" (a pessoa na sua totalidade), "apetite", "mente" etc. Em diversos trechos, como em Gênesis 12.13, 19.20 e Isaías 55.3, *nefesh* poderia ser substituído pelo pronome pessoal. Quando ocorre como sujeito do verbo, *nefesh* em geral é traduzido por "alma" (ou seja, "desejos", "tendências" etc.); como objeto do verbo, é, com frequência, traduzido por "vida", isto é, o estado de existência pessoal em oposição à morte (HARRIS [Org.], 1998, p. 981, n. 1395a).

O Antigo Testamento emprega *nefesh* tanto para humanos (Gênesis 2.7; 12.5 etc.) como para animais (Gênesis 1.20,21,24,30 etc.) e, em alguns casos, para Deus (1Samuel 2.35; Salmos 11.5; Jeremias 6.8 etc.).

Estamos diante então de uma palavra de vasta carga semântica e de diversas aplicações. Assim, toda vez que um tradutor deparar com *nefesh*, deverá apurar, à luz do contexto, qual o melhor significado de *nefesh* no texto. Por exemplo: Gênesis 2.7 afirma que o "homem foi feito *nefesh* vivente". O termo *nefesh*, nesse caso, pode ser corretamente traduzido por "pessoa", "ser", mas não cabe aqui a palavra "vida", "apetite" ou "mente". À luz disso, deduz-se corretamente que o homem *é* uma alma. Gênesis 2.7, portanto, não tenciona provar que o homem *tem* uma alma, mas que ele é uma alma. Assim, "não se deve interpretar o substantivo no sentido metafísico-teológico que tendemos dar à palavra 'alma' hoje em dia" (ibid., p. 986; cf. tb. DAVIDSON, 1963, v. 1, p. 84).

Não quer dizer, contudo, que não haja um vislumbre da dupla natureza humana no Antigo Testamento. O próprio texto de Gênesis 2.7 aponta, veladamente, para esse caminho. Há dois elementos constitutivos do homem: o material (o corpo) e o espiritual (o "sopro" ou "hálito" de Deus), que faz daquela criatura "alma vivente", ser vivente. Embora não seja ainda o nosso conceito metafísico-teológico de "alma", o princípio da dupla natureza se faz presente no texto.

No caso dos animais, Gênesis 1.20 e outros relatam que Deus fez surgir *nefesh* nas águas e no campo. Nesses versículos, *nefesh* deve ser traduzido por "ser", "criatura", mas nunca por "pessoa".

A alma no Novo Testamento

No Novo Testamento (escrito em grego), a palavra vertida por "alma" é *psyché*, que tem praticamente o mesmo significado do seu equivalente hebraico *nefesh*. Os tradutores da *Septuaginta*, a primeira tradução do Antigo Testamento para o idioma grego, verteram *nefesh* por *psyché* aproximadamente 600 vezes das mais de 750 ocorrências (HARRIS [Org.], op. cit., p. 986). O mesmo fizeram os autores do Novo Testamento ao citar trechos do Antigo (cf. Gênesis 2.7 com 1Coríntios 15.45).

Contudo, existem coisas que o Novo Testamento fala sobre a *psyché* que ampliam e completam o que foi dado no Antigo Testamento. É aqui que se encaixa o princípio do "progresso da revelação divina". Passo a passo, Deus foi revelando sua vontade e coisas novas a seus servos (1Coríntios 13.12; 1João 3.2). De modo que o conceito de "alma" no Antigo Testamento foi completado no Novo. O conceito antigo permaneceu, mas recebeu mais verdades sobre o tema. De fato, o Novo Testamento vai além do Antigo ao falar da *alma*. À luz do Novo Testamento, é correto afirmar que o homem não apenas *é* uma alma, mas também *tem* uma alma. *Ser* uma alma e *ter* uma alma não são ideias mutuamente excludentes, mas complementares.

Os testemunhas de Jeová, em parte, estão certos em afirmar que o homem *é* uma alma; por outro lado, enganam-se ao negar que existe algo no ser humano que sobreviva à morte física, mantendo consciência após a morte. Esse "algo" também pode ser chamado *alma*. Recorramos então a algumas passagens neotestamentárias que mostram existir algo no ser humano que sobrevive à morte física e continua a existir em outro nível de existência. Trata-se de outra aplicação da palavra *psyché*.

Apocalipse 6.9-11 (*NM*)

> E quando abriu o quinto selo, vi por baixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa da obra de testemunho que costumavam ter. E gritaram com voz alta, dizendo: "Até quando, Soberano Senhor, santo e verdadeiro, abster-te-ás de julgar e vingar o nosso sangue dos que moram na terra?" [...] E foi-lhes dito que descansassem mais um pouco, até que se completasse também o número dos seus coescravos e dos seus irmãos, que estavam para ser mortos assim como eles também tinham sido.

Apesar da natureza apocalíptica da passagem, alguns elementos do texto são esclarecedores:

1. João faz menção de certos mártires cristãos no céu. E fala claramente que viu as "almas" (*psychás*) daqueles mártires que foram

mortos. Assim, algo daqueles mártires sobreviveu à morte pela qual passaram. Sendo isso verdade, afirma-se peremptoriamente a dupla natureza humana: a material e a imaterial.

2. Essas *almas*, que puderam ser vistas, não estavam inconscientes; ao contrário, bradavam a Deus solicitando que fossem vingadas, que os assassinos fossem julgados e condenados pelos crimes cometidos. Esse trecho revela que essas almas estavam em pleno uso de suas faculdades mentais e emocionais. Lembravam-se do que lhes havia acontecido.
3. Afirma-se que estão "descansando", mas, mesmo assim, são apresentadas falando, ouvindo, sentindo e lembrando.

Se fosse verdade que na morte "dormimos" ou entramos num estado de inexistência ou de inconsciência, não faria sentido esse relato, pois ele estaria ensinando justamente o oposto dessa suposta "verdade".

Mateus 10.28 (*NM*; v. tb. Lucas 12.4,5)

> E não fiqueis temerosos dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma; antes, temei aquele que pode destruir na Geena tanto a alma como o corpo.

Essa passagem encaixa-se perfeitamente com a anterior. Aqueles mártires foram mortos. Tal como Jesus falou, conseguiram matar o corpo, mas não a alma. Jesus nunca se equivoca. Mataram o indivíduo por inteiro, claro. Mas suas partes constitutivas, a material (o corpo) e a espiritual (a alma), foram separadas. Mas, frisou Jesus, essa espécie de morte não deve ser temida, pois pior é alguém ser lançado inteiramente (corpo e alma = o ser integral) na geena ou no inferno (v. mais sobre geena adiante).

Contudo, a palavra "destruir" não implica *aniquilamento*? Não. O termo grego *apolésai* (ἀπολέσαι), vertido por "destruir" na *Tradução do Novo Mundo*, não tem o sentido de aniquilação, mas de ruína (LACUEVA, 1984, 2.ª nota de rodapé). *A Bíblia de Jerusalém* (versão católica romana) também verte *apolésai* por "destruir", mas a Igreja católica romana não é

aniquilacionista; ao contrário, também crê no ensino bíblico do tormento eterno. O verbo grego pode significar também "perecer", "fazer sofrer", "matar" (cf. Mateus 2.13; 16.25; Atos 5.37; Romanos 2.12 etc.).[5] Além do mais, como erroneamente ensinam os testemunhas de Jeová, o termo "destruir" não implica aniquilamento. Por exemplo, alguém pode destruir um vaso que, mesmo em pedaços, ainda assim não estará aniquilado. É isso o que também está envolvido no termo *apolésai.*

Lucas 16.19-31 — Lázaro e o homem rico

Essa passagem também prova que a alma sobrevive à morte física. Os testemunhas de Jeová afirmam que esse relato é uma parábola ou ilustração, na qual o rico representaria os fariseus, já que eram amantes do dinheiro (Lucas 16.14). Lázaro simbolizaria os pobres desprezados pelos fariseus. A morte de ambos é símbolo de "mudança de condição" de vida; o tormento do rico é representado quando os pobres receberam o favor de Deus e passaram a denunciar as injustiças cometidas pelos fariseus.

Entre os teólogos, há séria controvérsia a respeito dessa passagem, quanto a ser ou não uma parábola (v. CHAMPLIM, v. 2, p. 161-165; MIRANDA, 1984, p. 214-216; LOCKYER, 1999, p. 337-342). Os que argumentam tratar-se de um caso real, apresentam as seguintes argumentações:

1. O próprio Jesus não disse que se tratava de parábola.
2. Em nenhuma das parábolas de Jesus, aparecem nomes próprios, como Lázaro, Abraão e Moisés. Por exemplo, qual o nome do filho pródigo? Como se chamam seu pai e seu irmão? Não há um único caso nas Escrituras em que Jesus tenha dado nome às suas personagens, a menos, é claro, que o relato fosse real. No caso do filho pródigo, há evidências de que se tratava de parábola, pois Lucas 15.1-3 mostra os fariseus queixando-se pelo fato de Jesus

[5] Para mais ocorrências de ἀπολέσειν, v. J. R. KOHLENBERGER III, E. W. GOODRICK e J. A. SWANSON, **The Exhaustive Concordance to the Greek New Testament**, Grand Rapids, Zondervan, 1995, p. 103-104, n. 660.

acolher pecadores. O versículo 3 diz que ele usou "a seguinte ilustração", indicando tratar-se de uma parábola; aliás, ele contou três, sendo a última a do filho pródigo, para mostrar que Deus acolhe pecadores quando estes se arrependem.

3. A parábola que Jesus aplica aos fariseus pelo fato de eles serem amantes do dinheiro e ricos não é a história real do rico e Lázaro, como erroneamente interpretam os testemunhas de Jeová, mas a parábola de Lucas 16.1-14.

Os que admitem tratar-se de uma parábola demonstram que ainda assim isso não invalidaria a ideia da sobrevivência da alma após a morte, mas que o relato aponta essa realidade. A linha de raciocínio é esta: todas as parábolas de Jesus apontavam para fatos da vida real. Os ouvintes estavam familiarizados com tudo o que Jesus ensinava. Sabiam, por exemplo, que era comum alguém pedir parte de sua herança e gastar tudo com farras; era comum que homens, em viagem, deixassem seus escravos cuidar de sua casa; era normal que um bom pastor buscasse a ovelha que se desgarrou do rebanho. Eles conheciam a semente de mostarda, que Jesus disse ser a menor de todas. Tudo o que Jesus falou foi baseado em fatos reais. Como escreveu David REED (1990, p. 61): "Jesus usou a familiaridade de seus ouvintes com essas coisas para ilustrar coisas espirituais".

Partindo da validade e da veracidade do argumento de Reed e aplicando-o à narrativa lucana, temos os seguintes elementos, pelos quais o texto fala por si mesmo:

1. Jesus centrou seu foco em duas pessoas (Lázaro e o rico), mas citou outras pessoas históricas (Abraão e Moisés).
2. Afirmou que ambos morreram. Após sua morte, cada um deles foi conduzido para uma região diferente, onde mantinham suas faculdades psíquicas.
3. O rico estava num lugar de tormento. Tinha plena consciência de seus atos passados, bem como se recordava de seus familiares, e nutria desejo de que os seus não passassem pela mesma desgraça.

4. Lázaro estava num lugar de bem-aventurança. Assim como o rico, não estava inconsciente. Lázaro estava descansando. — (V. outros detalhes mais adiante, no tópico sobre o inferno.)

1Samuel 28 — Saul e a consulta aos mortos

Embora o Antigo Testamento não traga uma formulação explícita acerca da crença na sobrevivência da alma à morte física, o relato de 1Samuel 28 traz a ideia de que havia a crença de que nem tudo terminava com a morte física. Se era generalizada, o Antigo Testamento não explicita, mas o fato de Deus proibir a consulta aos mortos pode apontar para essa direção, ou seja, o povo cria nessa possibilidade (Levítico 19.31; 20.27; Deuteronômio 18.11 etc.). Não lhes fora dado saber naquela época que tentar manter contato com o espírito dos mortos era na verdade uma armadilha do mundo dos espíritos malignos. A demonologia estava em processo de revelação, motivo pelo qual a proibição era categórica e intimidativa. Deus sabia o porquê. O povo só tinha de obedecer.

O mesmo pode ser dito de algumas outras admoestações, como aquela segundo a qual, após tocar em cadáver, o indivíduo deveria lavar as mãos e roupas (Números 19.11-22); outro preceito era enterrar os excrementos bem longe do arraial ou acampamento (Números 19.11-22; Deuteronômio 23.13). Ainda há o mandamento da circuncisão, com a seguinte particularidade: deve ser no *oitavo* dia de vida (Gênesis 17.12; Levítico 12.2,3). Não cabia ao povo perguntar: Por que tenho de lavar as mãos? Por que tenho de cobrir com terra os excrementos? Por que não posso circuncidar no sétimo ou no nono dia? Por que tem de ser no oitavo? Nenhuma explicação lhes foi dada. Hoje sabemos as razões: a infecção do morto poderia ser transmitida; o simples gesto de lavar as mãos seria profilático. No caso dos excrementos, deixá-los expostos às moscas poderia levar doenças para toda a comunidade, já que as moscas são vetores de certas doenças. E, no caso da circuncisão, a pesquisa médica revelou que a vitamina K, que desempenha um papel preponderante na coagulação do sangue, só sobe a nível apropriado nessa ocasião, bem como a protrombina, outro fator coagulante (MCMILLEN, 1963, p. 23, in: SOCIEDADE, 1985, p. 206).

Assim, a despeito da falta de ciência do povo, se quisesse viver bem, deveria tão somente ouvir a Deus, mesmo que não soubesse a razão dessa ou daquela proibição.

Por que não se comunicar com os mortos? Eles não sabiam, mas nós sabemos pela revelação posterior: a comunicação não é possível (Lucas 16.19-31). A tentativa pode colocar a pessoa em contato com os demônios (2Coríntios 11.14; 1Coríntios 10.20,21).

Antes de prosseguir, quero deixar bem claro que não acredito que Samuel tenha aparecido naquela sessão mediúnica (embora muitos teólogos evangélicos conservadores advoguem isso). Minha preocupação não é identificar quem falou com Saul, mas afirmar que o texto transmite a antiga crença de que, mesmo morrendo, o indivíduo continua a existir em outra esfera de vida. Do contrário, por que Saul desejaria arriscar-se tanto a fim de consultar "Samuel", se fosse crença generalizada que os mortos entram num estado de inconsciência e inexistência?

A menção do *sheol* no Antigo Testamento é um testemunho, mesmo que com certas reservas, de que havia a crença na sobrevivência do "eu" daquele que passou pela morte física. Por essa razão, Jacó desejou ir para o *sheol*, a fim de encontrar-se com seu filho José, que, segundo relato dos seus filhos, havia sido morto por uma fera (Gênesis 37.35). Mas é no Novo Testamento que temos a explicitação daquilo que no Antigo está encoberto, incluindo a doutrina da imortalidade da alma.

A imortalidade da alma

Já vimos, à luz das Escrituras, que a palavra grega *psyché* pode indicar tanto o ser humano integral como a parte espiritual de sua constituição. Mas duas perguntas exigem pronta resposta:

1. A "alma" é inerentemente imortal?
2. Pode-se falar corretamente em imortalidade da alma?

Antes de tudo, a principal questão a ser resolvida é: O que queremos dizer com a expressão "imortalidade"?

Louis BERKHOF (1994, p. 678-679), célebre teólogo reformado, apresenta alguns sentidos do termo "imortalidade":

1. No sentido mais absoluto da palavra, só se atribui imortalidade a Deus, pois em 1Timóteo 6.16 afirma-se que ele é "o único que é imortal". Essa imortalidade é "como uma qualidade original, eterna e necessária". Sua imortalidade não é derivada. A imortalidade é intrínseca à sua natureza.
2. Imortalidade no sentido de existência continuada e sem fim, isto é, mesmo com a dissolução do corpo, a alma continua a reter sua identidade de ser individual (como em Apocalipse 6.9-11 etc.).
3. O termo também é usado para designar "o estado do homem no qual ele está inteiramente livre das sementes da decadência e da morte" (1Coríntios 15.53: "aquilo que é corruptível, se revista de incorruptibilidade").
4. Por imortalidade também se designa "o estado do homem no qual ele é impérvio [impenetrável] à morte e não tem a mínima possibilidade de se tornar sua presa" (1Coríntios 15.54,55).

Respondendo à pergunta sobre a imortalidade da alma, afirmamos, de acordo com o item 1, que a alma não é imortal, pois sua imortalidade é derivada. Antes de ser alma, éramos nada, e do nada fomos feitos. Somos, portanto, dependentes de um Ser que nos conferiu a vida e a imortalidade dele oriunda. A dele é perfeita; a nossa é um misto de ser e nada.

Em sentido estrito, a Bíblia não usa o termo "imortalidade" em relação à alma. Tal conclusão é pressuposta à luz dos textos referidos, bem como à luz da doutrina do juízo final, que afirma que todos serão julgados nesse dia: justos e injustos. Os que fizeram o bem viverão em bem-aventurança para sempre no céu; os que praticaram o mal receberão como castigo o tormento eterno, designado nas Escrituras pelos termos "geena", "lago de fogo", "fogo eterno", ou seja, o inferno (Mateus 11.22-24; 25.31-46; Lucas 20.47; Romanos 2.1-11; 14.10,12; 2Coríntios 5.10; Apocalipse 20.11-15). Assim, se a bem-aventurança e o tormento são eternos, só poderá

usufruí-los um ser eterno e imortal (na segunda acepção do termo anteriormente referido) em sua constituição.

A Bíblia, porém, não declara em algumas versões que "a alma que pecar, essa é que morrerá" (Ezequiel 18.4, *ARA*)? Sim, é verdade. Mas, em Ezequiel 18.4, o termo *nefesh* deve ser traduzido por "pessoa" ou "indivíduo"; assim, "aquele que pecar é que morrerá". Não há nenhuma contradição com a doutrina da imortalidade da alma. Convém frisar que, dependendo do contexto, pode-se afirmar tanto a mortalidade quanto a imortalidade da alma (tudo depende de como traduzimos *nefesh* ou *psyché*).

Esclarecimento: A superestimação da influência grega

Os testemunhas de Jeová ufanam-se de não ter nada com a filosofia grega e afirmam que o mal que se abateu sobre o cristianismo foi fiar-se nos gregos, esquecendo-se da Bíblia. Esse equívoco exige considerações.

1. Ao passo que os comentaristas de filosofia afirmam que "não é fácil determinar o que Platão entende com essa palavra [alma]"; "que não se deve acreditar, *a priori*, que ele afirme, sempre e com clareza, a imortalidade da alma"; e que "ele elabora um discurso múltiplo sobre a alma sem nunca ser explícito sobre o que ela é" (JEANNIÈRE, 1995, p. 110; v. tb. REALE, 1995, p. 216-219), os testemunhas de Jeová parecem que já encontraram a resposta definitiva. Pelo visto, entendem de filosofia melhor que os próprios filósofos.
2. Em virtude dos vários conceitos de "alma" encontrados nas obras platônicas, não é de espantar que encontremos semelhanças de ideias com variadas correntes religiosas atuais, incluindo o cristianismo, o espiritismo e até mesmo a seita Testemunhas de Jeová. Sim, ao contrário do que afirmam, os testemunhas de Jeová estão mais próximos de Platão do que imaginam. A seguinte exposição de Abel JEANNIÈRE nos conduz a tal conclusão (op. cit., p. 110):

> No *Alcibíades*, Platão adota a posição dos órficos. Sem dúvida, o homem é composto "de um corpo e de uma alma", mas "como não é

nem o corpo nem o composto dos dois que é o homem, conclui-se, acredito, que o homem não é nada, ou então, se ele é alguma coisa, que o homem não é nada mais do que uma alma".

Assim, "a tua pessoa, é a tua alma?", pergunta Sócrates a Alcibíades, que responde: "Mas é claro!" [*Alcibíades* 130c].

Essa é a posição, nítida e radical, que se atribui muitas vezes a Platão, e pode-se encontrar mais de um texto para confirmá-la.

Assim, dependendo do texto adotado, é possível dizer sobre muitos grupos que foram influenciados pela filosofia platônica. Em *Estudo perspicaz das Escrituras* (v. 1, p. 90), dos testemunhas de Jeová, cita-se um trecho do diálogo *Fédon*, de Platão, no qual ele afirma que a alma é imortal e que, ao deixar o corpo, parte para o mundo invisível, divino, imortal e sábio. Esse trecho teria influenciado o cristianismo, que, em vez de recorrer às Escrituras, deu ouvidos a Platão. Ora, o conceito de Platão não é uniforme em seus diálogos; em um deles, pelo menos, podemos afirmar que há concordância com o pensamento dos testemunhas de Jeová: "O homem não é nada mais do que uma alma" ou "a alma é a própria pessoa". Os testemunhas de Jeová podem objetar afirmando que não dependem de Platão, mas de Gênesis 2.7 e 1Coríntios 15.45, pois o conceito de que o homem *é* uma alma já estava lá. Ao que respondemos: contudo, o conceito de que o homem também possui alma humana e de que esta é imortal também está nas Escrituras: Lucas 16.19-31, Apocalipse 6.9-11, Mateus 10.28 etc. A Revelação é a autoridade primeira, não os filósofos gregos.

3. Ademais, o encontro de algumas ideias não pressupõe aceitação de todos os pormenores em relação a tais ideias. Embora o cristianismo tenha tomado por empréstimo alguns conceitos da filosofia grega, há nítidos contrastes entre a concepção platônica da alma e a esboçada pelo cristianismo. Aliás, acredito que os testemunhas de Jeová não leram *Fédon* (PLATÃO, 1955, 80d a 82a), pois a concepção ali apresentada não é partilhada pelo cristianismo. Vejamos.

Sócrates analisa o destino da alma que se separa do corpo. Para onde irá a alma? Seu destino estará sujeito às coisas pelas quais ela se apegou enquanto viveu no corpo. A alma pura, que se ocupou da filosofia e se exercitou para a morte e nada levou consigo do corpo, pois seu contato com ele em vida não foi voluntário, que se concentrou em e sobre si mesma, ao deixar o corpo vai se dirigir para o que é invisível, divino, imortal e sábio.

Contudo, se essa alma tivesse sido poluída, e não purificada, ou seja, se ela se apegou ao corpo, amando-o, deixando-se enfeitiçar por seus desejos e prazeres, considerando real apenas o corpóreo, quando deixasse o corpo ela ficaria totalmente desorientada e não poderia tomar consciência de si mesma. Sua ligação ao corpo a prenderia aos monumentos funerários e às sepulturas, transformando-a em espectro. Mas, mesmo liberta do corpo, é visível, graças à sua participação com o corpo. Essas são as almas dos homens maus, que só pararão de vaguear nas sombras quando encontrarem outro corpo que possua os mesmos atributos que as distinguiram em sua vida. As almas que não praticaram a sobriedade entrarão em corpos de asnos ou de animais semelhantes. Para os que se deleitavam na injustiça, na tirania, na rapinagem, os corpos de lobos, falcões e milhafres lhes cairão como uma luva.

Vê-se que essas ideias não têm relação com o cristianismo, que recusa e sempre recusou a teoria da *metempsicose* ou transmigração da alma.

4. Outro desacordo é que a definição platônica de imortalidade da alma não é aceita pelo cristianismo. No diálogo *Fedro*, afirma-se que "a alma é simultaneamente incriada e imortal" (PLATÃO, 1994, p. 246). No cristianismo, isso só pode ser dito a respeito de Deus, mas não da alma.

Embora a filosofia tenha contribuído, e muito, para a exposição e o desenvolvimento da teologia cristã, a fonte primeira ainda é a Revelação. É dela que partimos para falar da natureza e imortalidade da alma.

O conceito de "espírito" na Bíblia

Até aqui, falamos sobre alma. Mas e o espírito? As palavras traduzidas na Bíblia por "espírito" são *rûaḥ* (hebraico) e *pneuma* (grego). Assim como acontece com *nefesh* e *psyché*, *rûaḥ* e *pneuma* possuem um leque de significados. Ambas são traduzidas literalmente por "vento", "hálito", "sopro", "espírito" etc., mas seu emprego vai muito além, pois podem se relacionar com seres pessoais. Veja alguns exemplos:

1. Deus (João 4.24). Jesus afirmou nessa passagem que Deus é "espírito". Nem de longe se deve pensar que Jesus estivesse negando a personalidade de Deus, nem dizendo que Deus é um "vento" ou uma força impessoal. Trata-se de uma descrição da natureza divina. Muita coisa pode estar envolvida nesse termo: Deus não é corpóreo, não é material. Por exemplo, em Isaías 31.3, lemos: "Pois os egípcios são homens, e não Deus; seus cavalos são carne, e não espírito". Em Lucas 24.29, Jesus diz que um "espírito não tem carne e ossos". Nesses versículos, o termo "espírito" mostra que a natureza de Deus é espiritual, nada tendo que ver com a matéria.
2. Anjos (Salmos 104.4; Hebreus 1.14). Os anjos, que são seres pessoais, também são chamados "espíritos ministradores enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação".
3. Demônios (Mateus 10.1; Lucas 9.39 etc.). Os demônios também são designados na Bíblia pelo termo "espírito"; em muitos casos, são chamados de "espírito imundo" ou "maligno" (Marcos 1.23; 7.25 etc.).

Esses exemplos bastam-nos para associar ao termo "espírito" o fator "personalidade".

Há, todavia, outros empregos. Em Eclesiastes 3.21, por exemplo, afirma-se a respeito dos animais que possuem "espírito" (*NM*). Trata-se de outro uso do termo "espírito", que, neste caso, pode referir-se ao princípio vital ou à energia que sustenta o animal. Retirado tal princípio vital, ele morre. Algumas traduções vertem *rûaḥ* nesse texto por "alento" (*BJ*), "fôlego de vida" (*ARA*), "sopro" (*TE*) ou "sopro de vida" (*NTLH*).

Nesse sentido, pode-se afirmar que tanto homens quanto animais têm *espírito* (Eclesiastes 3.19). Apesar disso, Eclesiastes mostra a diferença entre o *rûaḥ* do homem e o dos animais: o destes desce para a terra, ou seja, para o pó da terra; o daquele sobe para Deus, que o deu (12.7). Essa expressão traz--nos consolação, pois é confortador saber que nem tudo para o homem termina com a morte física. O mesmo Deus que lhe deu o "fôlego, alento", poderá concedê-lo novamente, mediante a ressurreição dos mortos.

No entanto, o que nos interessa no momento é verificar na Bíblia o emprego de "espírito" como sinônimo de "alma", apontando para a natureza espiritual do homem, aquela parte constitutiva do homem que sobrevive à morte física e aguardará o momento determinado por Deus para unir-se novamente ao seu corpo na ressurreição. Feita essa associação, tudo o que dissemos anteriormente sobre a alma aplica-se também ao espírito.

Esclarecimento: dicotomia x tricotomia

Antes de prosseguir, faz-se necessário o seguinte esclarecimento. Há duas escolas teológicas que versam sobre a composição da natureza humana: a dicotomista e a tricotomista. A primeira diz que o ser humano é composto de corpo e alma (ou espírito). Nessa escola, não há distinção entre alma e espírito; seriam termos intercambiáveis. Na segunda, advoga-se que o ser humano é composto de corpo, alma e espírito; não sendo estes últimos, portanto, termos intercambiáveis.

Apesar da diferença marcante, há algo que une dicotomistas e tricotomistas em oposição aos testemunhas de Jeová: o ser humano possui natureza *material* e *imaterial*, e essa parte imaterial sobrevive à morte física, mantendo consciência após a morte, aguardando a ressurreição, a fim de voltar a ser um ser integral.

O autor é dicotomista, mas compreende e respeita o posição dos tricotomistas. O ponto de convergência apresentado no parágrafo anterior deve nos levar a conviver com essas divergências teológicas. Vale ressaltar que Jesus é o Senhor dos dicotomistas e dos tricotomistas.

Os partidários do dicotomismo reconhecem que textos como 1Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 podem levar a essa distinção artificial entre os

termos "alma" e "espírito". Pode parecer que, às vezes, um seja distinto do outro semanticamente. Mas esse aparente desencontro semântico não é necessário e absoluto, pois muitas vezes, seguindo o caminho oposto, "alma" e "espírito" são usados como termos intercambiáveis. Assim, quando a diferença estiver em questão, deve-se levar em conta o amplo espectro de significados dessas palavras nos contextos em que se apresentam (v. mais adiante a interpretação dicotomista para I Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12).

Wayne GRUDEM (1999, p. 389-393), da escola dicotômica, apresenta alguns dos seguintes argumentos em prol de *alma* e *espírito* serem uma e a mesma coisa aos nos referirmos à natureza imaterial do homem:

1. *As Escrituras usam "alma" e "espírito" indistintamente.* Isso pode ser depreendido comparando-se João 12.27 com 13.21. Na primeira passagem, Jesus afirma: "Minha alma [*psyché*] está agora conturbada" (*BJ*), mas, na segunda, usando fraseologia similar, diz: "Jesus perturbou-se em espírito [*pneuma*]". Outra passagem interessante é Lucas 1.46,47, na qual a bem-aventurada Maria diz: "Minha alma [*psyché*] engrandece ao Senhor e o meu espírito [*pneuma*] se alegra em Deus, meu Salvador". "Esse parece um exemplo bem evidente", afirma Grudem, "de paralelismo hebraico, o artifício poético em que a mesma ideia é repetida com o uso de palavras diferentes, mas sinônimas". Outra comparação importante é feita entre Hebreus 12.23 e Apocalipse 6.9. Ambas tratam de pessoas que morreram e foram para o céu; na primeira, essas pessoas são chamadas "espíritos dos justos aperfeiçoados", na segunda, "almas".
2. *Na morte, as Escrituras dizem que tanto a "alma" parte quanto o "espírito" parte.* Sobre a morte de Raquel, lemos (Gênesis 35.18): "Já a ponto de sair-lhe a vida [*nefesh*], quando estava morrendo". Em outro texto, pede-se que a "alma" de alguém que saiu retorne ao corpo (I Reis 17.21). O profeta Isaías prediz (Isaías 53.12) que Jesus, o Servo Sofredor, derramaria "a sua vida [*nefesh*] até a morte", o que confirma João 19.30, que afirma que Jesus "entregou o espírito

[*pneuma*]"; o mesmo se diz de Estêvão (Atos 7.59). Em todos os casos, usa-se ora "alma", ora "espírito", para o que sai no momento da morte.

3. *O homem é tido tanto como "corpo e alma" quanto como "corpo e espírito".* O primeiro binômio é encontrado em Mateus 10.28: "Não tenham medo dos que matam o corpo [*soma*], mas não podem matar a alma [*psyché*]. Antes, tenham medo daquele que pode destruir tanto a alma [*psyché*] como o corpo [*soma*] no inferno". "Por outro lado", afirma Grudem, "o homem é às vezes tido como 'corpo e espírito' ". Paulo quer que a igreja coríntia entregue um irmão transgressor a Satanás, "para que o corpo [*soma*] seja destruído, e o seu espírito [*pneuma*] seja salvo no dia do Senhor" (1Coríntios 5.5). Não que Paulo tenha esquecido também da alma do homem; ele simplesmente recorre à palavra "espírito" em referência a toda a existência imaterial da pessoa. Do mesmo modo, Tiago diz que "o corpo [*soma*] sem espírito [*pneuma*] está morto" (Tiago 2.26), mas nada diz sobre uma alma distinta. Além do mais, quando Paulo fala do crescimento na santidade, aprova a mulher que se preocupa em "ser santa no corpo [*soma*] e no espírito [*pneuma*]" (1Coríntios 7.34), sugerindo que isso abarca toda a vida da pessoa.
4. *Tudo o que se diz que a alma faz, diz-se que o espírito também faz; e tudo o que se diz que o espírito faz, diz-se que a alma também faz.* Esse argumento é apresentado em razão de os tricotomistas afirmarem que a *alma* atua na esfera humana, por meio do intelecto, das emoções e da vontade; ao passo que o *espírito* é a parte de nós que diretamente se relaciona com Deus em adoração e oração. Os seguintes versículos são apresentados a favor dessa não distinção. Atos 17.16: "Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu *espírito* se revoltava [...]" (*ARA*); Marcos 2.8: "Jesus percebeu logo em seu *espírito*"; João 13.21: "Jesus perturbou-se em *espírito*"; 1Coríntios 2.11: "Pois quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o *espírito* do homem que nele está?". "O objetivo desses versículos", assevera Grudem, "não é dizer que é o espírito e não a alma que

sente e pensa, mas que 'alma' e 'espírito' são termos usados indistintamente para significar a parte imaterial das pessoas, e é difícil enxergar qualquer distinção real no uso dessas duas palavras".

Entretanto, que dizer de 1Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, que parecem apresentar a *alma* como algo distinto do *espírito*? Deixemos a resposta por conta de outro dicotomista, Louis Berkhof (1994, p. 194-195):

1. A simples menção dos termos "espírito" e "alma", um ao lado do outro, não prova que são duas substâncias distintas, como também Mateus 22.37 não prova que Jesus considerava o coração, a alma e o entendimento como três substâncias distintas.
2. Em 1Tessalonicenses 5.23, o apóstolo deseja simplesmente fortalecer a afirmação "o próprio Deus da paz os santifique inteiramente" com uma declaração epizegética (figura de retórica pela qual há repetição de palavras ou de sinônimos para maior veemência ou proeminência), na qual se resumem os diferentes aspectos da existência do homem, e na qual o apóstolo se sente perfeitamente livre para mencionar os termos "alma" e "espírito", um ao lado do outro, porque a Bíblia não faz distinção entre ambos.
3. Não se deve entender Hebreus 4.12 no sentido de que a Palavra de Deus ao penetrar no íntimo do homem faz separação entre a sua alma e o seu espírito, o que naturalmente implicaria duas substâncias diferentes; mas se trata simplesmente de uma declaração de que ela produz separação entre os pensamentos e as intenções do coração.

Convém destacar também que, assim como acontece em Lucas 1.46,47, temos em ambas as passagens um paralelismo hebraico em que a mesma ideia é expressa mediante o uso de termos distintos, porém sinônimos: alma/espírito, juntas/medulas e pensamentos/intenções do coração. Pode ser intenção do autor transmitir a ideia de que a Palavra de Deus nos atinge integralmente.

Para onde vamos

Já analisamos quem somos à luz das Escrituras. Somos seres constituídos de corpo e alma (ou espírito). Ao morrermos, ocorre um fenômeno interessante: nossa alma separa-se do corpo e passa a habitar em outra esfera de vida, a esfera espiritual, na qual mantêm-se plenamente as atividades intelectivas e emocionais (Lucas 16.19-31).

Nessa nova esfera de vida, todas as almas aguardarão a ressurreição geral, tanto de justos quanto de injustos. Todos ressuscitarão, sem exceção (João 5.29). Alguns, como lembra o apóstolo Paulo, não morrerão. São os que estiverem vivos quando Jesus voltar — serão transformados (1Coríntios 15.51,52). Os mortos, por sua vez, serão ressuscitados (1Coríntios 15.52). Será então instaurado o juízo final. Haverá imediatamente o julgamento dos vivos e dos mortos, como afirma o *Credo apostólico.*

Esse período do qual falamos, que compreende o espaço de tempo entre a morte e a ressurreição, antes do juízo final, é designado "estado intermediário". As almas dos que morreram aguardarão num local determinado por Deus o grande dia do juízo, no qual receberão sua recompensa: a vida eterna no céu ou a condenação eterna no inferno (Mateus 25.31-46).

Entretanto, por que não são julgados e recompensados imediatamente? As coisas devem seguir o curso estabelecido por Deus. Jesus falou da ressurreição dos mortos (João 5.28,29). E já vimos que o ser humano não pode ser um corpo sem alma ou uma alma sem corpo; ele é constituído de corpo e alma. Essa é a pessoa integral. Somos uma alma, uma pessoa. Então, será este ser integral que será julgado. Daí a necessidade de esperar o momento estabelecido por Deus para isso (Atos 17.31; Marcos 13.32).

Contudo, mesmo antes do juízo final, no estado intermediário, as almas já sabem o que receberão, e vivem, em menor grau de intensidade, o que receberão definitivamente quando se juntarem a seus respectivos corpos. O relato do "rico e Lázaro" mostra que, para os justos, há consolação, e para os ímpios, tormento (Lucas 16.19-31).

Quanto ao céu como morada final e definitiva dos justos, já vimos algo a esse respeito no capítulo 7. A seguir, desenvolvemos melhor o que a Bíblia tem a dizer sobre o inferno ou o tormento eterno.

O inferno

A palavra "inferno", que designa o estado final dos réprobos, nós a recebemos do latim *infernus*, ou seja, "inferior", "subterrâneo". Trata-se de tradução dos seguintes vocábulos bíblicos: *sheol*, *hades*, *tártaros* e *géenna*. As diversas versões da Bíblia, protestantes e católicas romanas, não mantêm uniformidade na tradução de tais termos por causa da riqueza semântica de cada um deles (o que, às vezes, pode dificultar a compreensão de determinadas passagens bíblicas), como veremos a seguir.

Sheol

Essa palavra ocorre no Antigo Testamento e é equivalente ao grego *hades*. Tem sido traduzida por "abismo", "morte", "mundo", "região ou mansão dos mortos", "abismo", "cova", "sepultura", "sepulcro", "túmulo", "inferno" etc. Com tantas possibilidades, qual a melhor palavra para traduzir *sheol*? O contexto deve determinar a melhor palavra. Veja alguns exemplos:

Jó 14.13 (NM)

> Quem dera que me escondesses no *Seol* [...].

Nesse texto, não seria conveniente traduzir *sheol* por "inferno", pois certamente Jó, que já estava sofrendo, não desejaria ainda mais tormentos. Diante de tanto sofrimento, certamente a morte era desejável para Jó; dessa forma, as seguintes traduções seriam mais aceitáveis: "região, mansão ou mundo dos mortos" (*MM*, *NBC*, *NTLH*) ou "reino da morte" (*DHH*). Outras versões trazem "sepultura" (*ARA*, *ARC*, *NVI*), "sepulcro" (*RV*) e "túmulo" (*EP*). Algumas versões simplesmente transliteram a palavra, mantendo o termo *sheol* ou *seol* (*A21*, *AVR*, *RVR*, *TB*, *TE*, *NM*) ou ainda *Xeol* (*BJ*).

Apesar de anelar o *sheol*, Jó demonstrou sua fé numa vida futura, longe do *sheol*, ao pedir que Deus o deixasse lá por pouco tempo e então se lembrasse dele. "Quando um homem morre, acaso tornará a viver?" O próprio Jó responde: "Chamarás, e eu te responderei; terás anelo pela criatura que as tuas mãos fizeram. Por certo contarás então os meus passos, mas não tomarás conhecimento do meu pecado" (Jó 14.14-16).

Outra passagem significativa: "Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus. Eu o verei com os meus próprios olhos; eu mesmo, e não outro! Como anseia no meu peito o coração!" (Jó 19.25-27).

Gênesis 37.35 (NM)

Pois descerei pranteando para meu filho ao *Seol*!

Seria grosseiro traduzir *sheol*, nesse texto, por "inferno", no sentido teológico do termo (felizmente, nenhuma tradução faz isso). Algumas versões vertem *sheol* aqui como "sepultura" (*ARA, ARC, NBC, NVI, RV*) ou "túmulo" (*A21, EP*). Contudo, alguns argumentam que "sepultura" não se mantém fiel ao sentido do texto, pois Jacó soube que seu filho predileto supostamente morrera. Enganado por seus filhos ciumentos, achou que um animal havia devorado seu filho (v. 33). Seu desejo era estar no mesmo lugar que ele; contudo, supondo que um animal devorara seu filho, seu desejo não era ir para uma simples sepultura, pois José não fora sepultado (SILVA, 1995, p. 290). Aquele pai desesperado queria reencontrar seu filho no *sheol, seol* (*TB, AVR, RVR*) ou *Xeol* (*BJ*), no "mundo dos mortos" (*NTLH, MM*), "entre os mortos" (*DHH*), na "morada dos mortos" (*TE*). Se esse for o caso, Jacó estaria revelando sua crença na continuação da vida após a morte, em outro nível de existência, no qual pudesse reencontrar José.

Há, contudo, quem veja nisso simples referência à sepultura, ao túmulo. Jacó queria apenas morrer (HARRIS [Org.], op. cit., p. 1503). Todavia, mesmo que esse texto não esteja ensinando nada sobre a vida no além ou sobre a crença na ressurreição, há muitas outras passagens no Antigo Testamento que fazem isso (Salmos 16.9,10; Isaías 26.19; Daniel 12.2).

Isaías 14.15 (NM)

Todavia, no *Seol* serás precipitado, nas partes mais remotas do poço.

Embora se aplique inicialmente a um rei da Babilônia, esse trecho tem sido aplicado também a Satanás. Isso leva alguns a traduzirem *sheol* por

"abismo" (*NBC*), que recorda Apocalipse 20.1-3, ou mesmo "inferno" (*ARC, VL*), ou faz-se a simples transliteração (*A21, BJ, IBB, NVI, RVR, TB, TE*). Contudo, os testemunhas de Jeová, apesar de manter o termo transliterado, erram ao associar o *sheol* à sepultura comum da humanidade, pois o Diabo, certamente, não seria precipitado na *sepultura comum da humanidade*, ao domínio terrestre (e eles também aplicam esse texto ao Diabo).

Se essa interpretação for sustentada (e não é tão simples mantê-la), ou seja, aplicando-se o texto a Satanás, então as traduções "sepulcro" (*RV*), "mansão dos mortos" (*EP*), "reino dos mortos" (*ARA*), "morada dos mortos" (*MM*), "reino da morte" (*DHH*), "mundo dos mortos" (*NTLH*) perderiam a força. Mas, se deixássemos de lado a segunda aplicação e nos mantivéssemos fiéis à literalidade do texto, todas as demais traduções estariam em perfeito acordo com o termo *sheol*, usado aqui em Isaías 14.15 (com exceção de "sepultura"). Isso poria fim ao modo de ver dos testemunhas de Jeová, que nega a consciência no *sheol*, pois o texto revela que no *sheol*, para onde iria o rei da Babilônia, haveria atividade consciente, pois Deus afirma ao rei de Babilônia o seguinte (v. 9-11, *NM*):

> "Até mesmo o Seol, embaixo, ficou agitado por tua causa, para encontrar-se contigo ao entrares. Por ti tem despertado os impotentes na morte, todos os líderes caprinos da terra. Fez que todos os reis das nações se levantassem dos seus tronos. Todos eles respondem e te dizem: 'Foste tu mesmo também debilitado igual a nós? É a nós que te tornaste comparável? Ao Seol se fez descer o teu orgulho, a barulhada dos teus instrumentos de cordas. Abaixo de ti, os gusanos estão estendidos como leito; e vermes são a tua cobertura' ".

O orgulhoso rei haveria de encontrar seus inimigos no *sheol*, aqueles que, assim como ele, desceram ao *mundo dos mortos*. Mesmo que tais palavras sejam uma "sátira" (*MM*, Isaías 14.4), um "motejo" (*ARA*) ou uma "expressão proverbial" (*NM*), foram formuladas com base na crença de que no *sheol* há vida consciente, pois foram proferidas pelo próprio

Deus, que conhece como ninguém o fim de cada um.

Ainda sobre a palavra *sheol*, Laird R. HARRIS (Org., op. cit., p. 1502), professor de Antigo Testamento, informa o seguinte:

> A etimologia é incerta. [...] A palavra obviamente se refere de alguma maneira ao lugar dos mortos.
>
> Há grande divergência de opinião acerca do significado do termo, o que é em parte causado por diferentes maneiras de entender o ensino do AT sobre a vida futura.

Apesar das parcas referências à vida pós-morte e à vida futura no Antigo Testamento, os textos supracitados mostram que para o *sheol* iam os mortos (à luz do Novo Testamento, afirmamos que iam as "almas" dos mortos), tanto bons (Gênesis 37.35) quanto maus (Isaías 14.15; Números 16.30); que desse lugar é possível sair por meio da ressurreição (Salmos 16.9,10; Isaías 26 19; Daniel 12.2); mas que, uma vez havendo permanência nele, a consciência no *sheol* é mantida (Isaías 14.15).

Hades

Essa palavra grega é equivalente ao hebraico *sheol* (cf. Gênesis 2.7 com ICoríntios 15.45). É empregada apenas dez vezes no Novo Testamento (KOHLENBERGER III; GOODRICK; SWANSON, 1995, p. 22, n. 87). Assim como acontece com *sheol*, *hades* também é dotada de profuso sentido semântico (v. na página seguinte como *hades* é geralmente traduzida nas dez ocorrências em diversas versões em português). Muito do que foi citado sobre o *sheol* na seção anterior também se pode dizer sobre o *hades*. Mas outras considerações são importantes acerca do *hades*, e estas lançarão luz também sobre o conceito de *sheol* no Antigo Testamento. Analisaremos especialmente duas passagens: Lucas 16.23 e Apocalipse 20.13,14.

Lucas 16.19-31 — O rico e Lázaro

Já vimos que o Antigo Testamento usa o termo *sheol* com o significado de "mundo dos mortos", bons ou maus (Salmos 9.17 e Gênesis

VERSÕES	MATEUS 11.23	MATEUS 16.18	LUCAS 10.15	LUCAS 16.23	ATOS 2.27,31	APOCALIPSE 1.18	APOCALIPSE 6.8	APOCALIPSE 21.13,14
A21	Inferno	Inferno	Inferno	Inferno	Túmulo/ túmulo	Inferno	Inferno	Além/ inferno
ARA	Inferno	Inferno	Inferno	Inferno	Morte	Inferno	Inferno	Além/ Inferno
ARC	Inferno	Inferno	Inferno	Hades	Hades	Inferno	Inferno	Inferno
BJ		Inferno	Inferno	Mansão dos mortos	Hades	Hades	Hades	Hades
BMD	Inferno	Forças diabólicas	Inferno	Inferno	Mansão dos mortos	Região dos mortos	Região dos mortos	Mundo dos mortos/ Abismo
CNBB	Inferno	Morte	Inferno	Região dos mortos	Reino da morte	Morada dos mortos	Morada dos mortos	Morada dos mortos
EP	Inferno	Morte	Inferno	Inferno	Região dos mortos	Morada dos mortos	Mundo dos mortos	Morada dos mortos
AVR	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades
LR	Inferno	Inferno	Inferno	Inferno	Mansão e habitação dos mortos	Mansão dos mortos	Mansão dos mortos	Inferno
MH	Inferno	Inferno	Inferno	Inferno	Região dos mortos	Inferno	Inferno	Inferno
MM	Inferno	Inferno	Inferno	Inferno	Região dos mortos	Região dos mortos	Região dos mortos	Morada subterrânea
NCB	Abismo	Abismo	Inferno	Morada dos mortos	Habitação dos mortos	Abismo	Abismo	Abismo
NTLH	Mundo dos mortos	Morte	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos
TB	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades
TE	Morada dos mortos	Morte	Morada dos mortos	Morada dos mortos	Morada e mansão dos mortos	Hades	Hades	Hades
NM	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades	Hades
VF	Lugar dos mortos	Poderes da morte	Lugar dos mortos	Hades	Mundo e Lugar dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos	Mundo dos mortos

37.35). Mas seria razoável acreditar que tanto justos quanto injustos não poderiam compartilhar do mesmíssimo destino. Assim, à luz de Lucas 16.19-31, na história do rico e Lázaro, vemos que, até o tempo de Cristo, o *hades/sheol* era constituído de duas seções, que, de acordo com o relato do rico e Lázaro, eram separados por um grande abismo ou precipício (v. 26). Havia um lado bom para os justos, onde estava Abraão, e para onde fora Lázaro, a fim de ser consolado. É aqui que o Antigo e o Novo Testamentos se encontram acerca do *sheol/hades.*

Alguns afirmam que o lado aprazível era conhecido por "seio de Abraão", para onde as almas, ou espíritos, dos fiéis eram conduzidas pelos anjos de Deus (v. 22). Mas no texto de Lucas não aparece a designação desse lado bom. Assim, chamá-lo de "seio de Abraão" é ir além do próprio texto. A expressão apenas indica que Lázaro foi levado para perto de Abraão (cf. João 13.23) (DAVIDSON, 1963, v. 2, p. 1047). O termo "paraíso", embora não esteja no texto, é corroborado pela literatura judaica apocalíptica do período intertestamentário (compreendido entre os dois Testamentos), que chamava o lado ruim do *hades* de "tártaro" (v. a seguir) e o lado bom, "paraíso" (CHAMPLIN; BENTES, v. 3, p. 323). Aliado a isso, está o fato de Jesus ter prometido, no mesmo dia de sua morte, estar com o ladrão no "paraíso" (Lucas 23.43), referência ao lado de bem-aventurança do *hades* (v. mais detalhes no cap. 7).

Quanto ao lado ruim, além de ser denominado "tártaro" nos escritos apocalípticos judaicos, era denominado *hades.* Mas *hades* não é a denominação dos dois lados? Também. Temos aí uma figura de linguagem: a sinédoque, em que a parte é nomeada pelo todo. Esse lado não é uma região benquista, pois é um lugar de tormento: o rico estava "em tormentos", sentindo-se angustiado pelo "fogo intenso" (v. 23,24). A descrição é vívida.

Entretanto, como já dissemos, esse *hades*, mesmo sendo lugar de punição, de tormento, não seria o inferno propriamente dito, pois, de acordo com Apocalipse 20.13-15 (v. mais adiante), o *hades* será lançado no "lago de fogo", outra expressão usada para designar o inferno de fato (v. geena, adiante). A conclusão é esperada: o *hades*, mencionado no texto lucano, é um lugar intermediário (ou condição) entre a morte e a ressur-

reição dos mortos. É para lá que são enviadas as almas dos ímpios.

Quanto aos justos, o "paraíso" teria sido seu estado intermediário até a ascensão de Cristo, quando então ele teria conduzido seus habitantes para o céu, num espaço também chamado "paraíso", o "paraíso de Deus" (1Pedro 3.18-22; Efésios 4.8-10; Apocalipse 2.7). Desde esse momento, quando um fiel morre, sua alma/espírito segue diretamente para o céu, aguardando a ressurreição do corpo (2Coríntios 5.6-8; Filipenses 1.21-23; Hebreus 12.22, 23; Apocalipse 6.9).

Os testemunhas de Jeová negam tudo isso e apregoam a não consciência após a morte (v. mais adiante o subtítulo "Textos mal interpretados sobre a consciência após a morte"). Trata-se, dizem eles, de uma parábola, cujo conteúdo não deve ser tomado literalmente (esse argumento já foi refutado neste capítulo). Cabem também aqui outras considerações. Tomando-se por certo que as parábolas de Jesus apontavam para fatos da vida real, podemos fazer as seguintes perguntas ao texto:

1. Jesus disse que o rico morreu e foi enterrado? Sim (v. 22).
2. Para onde o rico foi? Para o *hades* (v. 23).
3. No *hades*, o rico estava consciente ou inconsciente? Consciente, pois mantinha seu sentido da visão, além de reconhecer seu estado de penúria (v. 23,24).
4. Jesus disse que no *hades* havia tormento? Sim (v. 23). Ora, se Jesus confirmou que no *hades*, onde estava o rico, havia tormento, é porque ele sabia o que estava dizendo, pois, se não houvesse, suas palavras não fariam sentido. Mesmo numa parábola, ele não poderia dizer algo que realmente não existiria, pois incorreria na falta de ensinar doutrina errônea a seus ouvintes. Logo, se Jesus disse que no *hades* há tormento, por que contradizê-lo? É o que fazem os testemunhas de Jeová: "Em todos os lugares em que Seol ocorre na Bíblia, este *nunca é associado com* vida, atividade ou *tormento*. [...]

[6] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 83, § 7.

O Seol e o Hades não se referem a um lugar de tormento".[6] Em outra publicação, afirma-se: "Essas palavras, intrinsecamente, não contêm nenhuma ideia ou sugestão de prazer ou de dor".[7]

Apesar dessas evidências escriturísticas, os testemunhas de Jeová não se dão por vencidos e costumam fazer certas perguntas tentando provar o caráter puramente fictício da passagem.[8] Respondamos a cada pergunta:

1. *Será que a distância que separa o inferno do céu está ao alcance da voz, de modo que se possa realmente manter uma conversação?* (v. 23,24). Só podemos falar do que está no texto: o rico "viu Abraão de longe" (v. 23); havia um "grande precipício" ou abismo que os separava (v. 26), mas este não impedia que uma conversa entre o rico e Abraão fosse entabulada. Ademais, levando-se em conta o que foi mencionado no início da exposição de Lucas 16.19-31, não está em questão "a distância que separa o inferno do céu", mas a que separa o "paraíso" do lado ruim do *hades*.
2. *Além disso, se o rico estivesse num lago ardente literal, como poderia Abraão mandar Lázaro para lhe refrescar a língua com apenas uma gota de água na ponta do dedo* (v. 24)? Respondemos, perguntando: "Em que parte do texto se diz que Abraão mandou ou mandaria Lázaro até o rico?". Ao contrário, o próprio Abraão respondera ao rico que havia um grande precipício entre eles, de modo que "os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem" (v. 26). Ademais, o rico sofria de tal maneira que naquele "fogo intenso", em devaneios, achava que uma simples gota d'água aliviaria de algum modo seu tormento. É provável que ele não se desse conta do estado em que se encontrava. Além da realidade do tormento, o texto deixa claro que há plena

[7] **Tradução do Novo Mundo**: com referências, ap. 4B, p. 1514.
[8] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 88, § 17.

consciência das faculdades mentais após a morte física.

Apocalipse 20.13,14

> E o mar entregou os mortos nele, e a morte e o *Hades* entregaram os mortos neles, e foram julgados individualmente segundo suas ações. E a morte e o *Hades* foram lançados no lago de fogo. Este significa a segunda morte, o lago de fogo.

Já vimos no comentário anterior sobre Lucas 16.19-31 que o *hades* é um estado intermediário para os ímpios entre a morte e a ressurreição. Mas algumas traduções não ajudam muito nesse particular; em Apocalipse 20.13,14, por exemplo, traduzem *hades* por "inferno", o que causa muita confusão, pois ensinaria o seguinte: *E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo*. Ora, como o inferno poderia ser lançado no "lago de fogo"? Significa dizer que há algo pior que o inferno? Isso não faz sentido.

Já falamos que a expressão "lago de fogo" corresponde melhor ao que as Escrituras têm a dizer sobre o inferno. Nele será lançado o Diabo, onde "será atormentado dia e noite, para todo o sempre" (Apocalipse 20.10). O "lago de fogo" identifica-se com "o fogo eterno preparado para o Diabo e seus anjos", do qual Jesus falou em Mateus 25.41. Aceitando-se essa interpretação, o "lago de fogo" seria o banimento eterno, a condenação final (v. geena mais adiante). Assim, ao ser lançado no "lago de fogo", o derradeiro destino dos réprobos no juízo final, o *hades* desaparece como estado intermediário. E esse "fogo que nunca se apaga" manterá os pecadores impenitentes em eterna prisão.

Tártaro

Essa palavra ocorre uma única vez na Bíblia, em 2Pedro 2.4, em que lemos: "Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno [tártaro], prendendo-os em abismos tenebrosos a fim de serem reservados para o juízo". A *NVI* segue a esmagadora maioria das versões ao verter o grego *tártaros* por "inferno" (*A21, ARA, ARC, NTLH, DHH, AVR, LR, NBC, RV, RVR, TB, VL*). Outras apenas transliteram (*BJ, TE, NM*);

ao passo que outras ainda adotam traduções alternativas, como "lugar de castigo" (*CNBB*) e "abismos de escuridão" (*VF*).

No entanto, a identidade do tártaro ainda é um assunto polêmico, e as opiniões são conflitantes entre si. Tanto a literatura grega quanto os escritos apocalípticos judaicos do período intertestamentário associam o tártaro ao *hades* (CHAMPLIN; BENTES, op. cit., v. 3 p. 323). Às vezes, são vistos como termos intercambiáveis (DAVIDSON, op. cit., v. 2, p. 1047). Nos escritos judaicos mencionados, o tártaro seria a designação do lado ruim do *hades*. Para os gregos, segundo a *Ilíada*, de Homero, o tártaro era a prisão dos deuses e titãs (semideuses) vencidos, que haviam ofendido o grande Zeus, o pai dos deuses, localizando-se nas partes inferiores do *hades*.

Que conclusão podemos extrair de 2Pedro 2.4? É possível associar o tártaro ao *hades*? Há autores para quem o texto de 2Pedro não estaria querendo distinguir entre o *hades* e o tártaro; o que ocorre é tão somente uma menção à porção má do *hades* (CHAMPLIN; BENTES, op. cit., v. 3, p. 323).

Proponho algumas considerações a respeito:

1. Fala-se de um julgamento pelo qual esses anjos passarão. Por conseguinte, seria inadmissível crer que já estivessem no "inferno" propriamente dito, pois este ainda não recebeu o Diabo e seus anjos (Mateus 25.41), já que o inferno ou "lago de fogo" é o destino final de todos os desobedientes, tanto humanos quanto seres espirituais rebelados (Apocalipse 20.10-15). Portanto, esse "tártaro" parece indicar um estado intermediário (diferentemente da geena), onde os anjos rebeldes citados no texto ficarão até o julgamento final.
2. Embora a literatura grega e os escritos judaicos apocalípticos associem o tártaro ao *hades*, esse não parece ter sido o caminho seguido por Pedro. Já expusemos aqui que há um estado intermediário para as almas dos justos (o paraíso de Deus) e dos injustos (o *hades*). Muitos desses injustos são mencionados em 2Pedro 2.5-8: os desobedientes da época de Noé e os impudicos de Sodoma e Gomorra. Pedro alista-os juntos, incluindo os anjos, para mostrar que, se Deus não poupou nenhum desses, humanos e sobre-

> -humanos, também não poupará os falsos mestres, que fomentam heresias destruidoras. Todos são mantidos em castigo para o dia do juízo final (v. 9). Mas não há no texto nenhum indício direto de que os ímpios humanos tenham ido para o tártaro. A referência é aos anjos rebelados, não aos humanos rebeldes. Estes, assim como o rico, mencionado em Lucas 16.19-31, foram para o *hades*, onde também são atormentados.

Ao que tudo indica, Pedro utilizou o termo "tártaro" como sinônimo de "prisão", pois é esse o sentido básico do termo na mitologia grega.

Geena

Esse termo aparece 12 vezes no Novo Testamento: Mateus 5.22,28,30; 10.28; 18.9; 23.15,33; Marcos 9.43,45,47; Lucas 12.5; Tiago 3.6 (CONCORDÂNCIA, p. 119, n. 1067). Essa é a melhor palavra para descrever o inferno. Usamos a palavra latina porque esta se firmou por meio da *Vulgata*, de Jerônimo. "Geena" é o verdadeiro inferno de fogo, o estado derradeiro dos ímpios; por isso, a maioria das versões traduz o grego *géenna* por "inferno" (*A21,ARA, ARC, NTLH, CNBB, AVR, MH, RV, VF*); outras apenas transliteram (*BJ, TB, TE, NM*) ou usam as duas formas (*BMD, EP, LH, MM, NBC*).

Esse termo já era conhecido pelos ouvintes de Jesus. *Géenna* é a forma grega do hebraico *gehinnom* ("vale de Hinom"). Esse vale encontrava-se a oeste e ao sul da antiga Jerusalém (Josué 15.8; 18.16; Jeremias 19.2,6). Muitos reis de Judá sucumbiram à idolatria, adorando o deus Moloque no vale de Hinom. Nesse período idolátrico, muitos israelitas apóstatas chegaram a queimar seus filhos vivos em sacrifício a Moloque (2Crônicas 28.3; 33.6; Jeremias 7.31,32; 32.35). Na reforma religiosa que efetuou, o rei Josias pôs fim a essa sandice (2Reis 23.10). Com o tempo, o vale de Hinom foi transformado no depósito e incinerador de lixo de Jerusalém, onde até mesmo cadáveres de criminosos executados eram ali jogados.

Sendo um permanente depósito de lixo, sempre aceso por força do enxofre, a geena passou a designar no Novo Testamento, levando-se em

conta as palavras de Jesus, "a morada final dos destinados ao castigo eterno no juízo final" (PACKER, 1998, p. 238) (Mateus 25.41-46; Apocalipse 20.11-15). Com o termo "geena", Jesus indicou a realidade do castigo eterno (Mateus 5.22; 13.42-50; 22.13; Apocalipse 20.10; 21.8). Não está em questão, como querem os testemunhas de Jeová, o aniquilamento, a eterna e completa destruição do indivíduo, pois nos textos citados percebe-se que os que vão para a geena, assim como os habitantes do *hades*, mantêm suas plenas faculdades mentais.

A Bíblia também apresenta o tormento eterno com outros termos, como: "fogo eterno" (Judas 7), "escuridão das trevas" (2Pedro 2.17), "densas trevas" (Judas 13; "negrume da escuridão", *NM*). Por isso, podemos afirmar que o conceito neotestamentário de geena enquadra-se perfeitamente na descrição do "lago de fogo" presente em Apocalipse (20.13-15), indicando, portanto, o que conhecemos comumente por inferno.

Millard J. ERICKSON (1997, p. 492) cita o teólogo luterano Joachim Jeremias, que explica a diferença entre geena e *hades*:

> O Novo Testamento faz distinção entre o Geena e o Hades. O Hades recebe os ímpios no período entre a morte e a ressurreição, enquanto o Geena é o lugar de punição designado permanentemente no julgamento final. O tormento do Geena é eterno (Marcos 9.43,48). Além disso, as almas dos ímpios ficam fora do [corpo no] Hades, enquanto no Geena, ambos, corpo e alma, reunidos na ressurreição, são destruídos pelo fogo eterno (Marcos 9.43-48; Mateus 10.28).[9]

Essa posição responde coerentemente, à luz das Escrituras, aos problemas levantados sobre a condição dos seres humanos ímpios entre a morte e a ressurreição, quando serão finalmente recompensados de acordo com o que fizeram (João 5.28,29), sem que haja injustiça da parte de Deus.

[9] O conteúdo entre colchetes faz parte da obra original, em inglês, de Erickson, *Christian Theology*, p. 1183; por algum descuido qualquer, foi omitido na edição brasileira.

Inferno: não há injustiça da parte de Deus

Os testemunhas de Jeová objetam à doutrina do castigo eterno alegando o seguinte:

> É contrário ao coração de Deus, pois quando os israelitas começaram a queimar seus filhos, Jeová disse: "Construíram os altos de Tofete, que está no vale do filho de Hinom, para queimarem no fogo a seus filhos e suas filhas, coisa que não havia ordenado e que não me havia subido ao coração" (Jr 7:31).[10]

> Seria injusto atormentar alguém *eternamente* porque fez algum mal na terra por *uns poucos anos*.[11]

A propósito disso, respondemos:

1. Jesus disse que o "fogo eterno" foi preparado para o Diabo e seus anjos (Mateus 25.41). Ele também falou sobre os "filhos do Diabo" (João 8.44). Todos esses estão em pecado e por ele perecerão. Não há nenhuma injustiça da parte de Deus. Quanto ao texto de Jeremias 7.31, não pode ser aplicado ao Diabo, seus anjos e seus filhos, pois a ira de Deus se acendeu pelo fato de as crianças serem sacrificadas por seus pais ao falso deus Moloque, e isso, certamente, nunca subira ao coração de Deus, e ele mandou dar o basta a isso. Em outras ocasiões, porém, o próprio Deus puniu com fogo certas pessoas, como os habitantes de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19.24) e Nadabe e Abiú (Levítico 10.1-8). Vale lembrar também que, para certos crimes cometidos contra a Lei mosaica, havia a prescrição divina de que os transgressores fossem queimados, conforme Levítico 20.14 e 21.9.

[10] **Poderá viver para sempre no paraíso na terra**, p. 81, § 2.
[11] Ibid., p. 89, § 20.
[12] Ibid., cap. 2.

2. Embora tente revelar certo senso de justiça, os testemunhas de Jeová, na verdade, mostram-se totalmente incoerentes pela seguinte razão: alegam que há mais de seis mil anos o Diabo está ativo, levando os homens a praticar todo tipo de atrocidade.[12] Portanto, seguindo sua concepção de justiça, Satanás deveria pagar por seus crimes por pelo menos seis mil anos. Contudo, alegam que em breve, quando o Armagedom tiver terminado, o Diabo será encarcerado por mil anos, em estado de inatividade, mas sem sofrer castigo algum. Depois dos mil anos, será solto, "por um pouco de tempo", quando finalmente será destruído para todo o sempre. Onde está a justiça exigida pelos testemunhas de Jeová? Satã faz e desfaz e, no fim de tudo, simplesmente entra num estado de inexistência e é destruído para sempre? Será que ele não merece pagar por seus crimes? Por que os testemunhas de Jeová são tão condescendentes com Satanás? Onde foi parar seu senso de justiça?

Ora, tudo aquilo que Deus faz é sem injustiça, como atesta Deuteronômio 32.4,5: "Ele é a Rocha, as suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é. Seus filhos têm agido corruptamente para com ele, e não como filhos; que vergonha! São geração pervertida e transviada". Assim, se alguém se encaminhar para a condenação eterna, vai não porque ele seja injusto, mas porque sua justiça foi posta em prática. Deus não lança ninguém no "negrume da escuridão"; os homens lançam-se lá por seus próprios delitos e pecados contra o Deus santo. Ele apenas sentencia o culpado segundo seu reto e justo julgamento. Quanto a nós, não nos cabe questioná-lo, mas reconhecer que Deus não é injusto quando dá vazão a seu furor contra o pecado (Romanos 3.5,6), pois se trata de uma ação santa contra o erro e a injustiça.

Um parque de diversões para Satanás?

Há quem acredite que o inferno seja um centro de diversões do Diabo,

onde Satanás e seus asseclas se divertirão com as pobres almas condenadas ao suplício infernal. Nada está tão longe da verdade. A Bíblia afirma que o "fogo eterno" — como o inferno é descrito em Mateus 25.41 — foi preparado para o Diabo e seus anjos, e estes serão "atormentados para todo o sempre" (Apocalipse 20.10).

TEXTOS MAL INTERPRETADOS SOBRE A CONSCIÊNCIA APÓS A MORTE

Segundo os testemunhas de Jeová, os textos a seguir indicam que os mortos não podem fazer nada e não podem sentir nada. Não têm pensamento algum, pois sem o espírito, o "fôlego de vida", o indivíduo deixa de existir, entrando num estado de inconsciência total.

Após a citação de cada texto, demonstraremos a fragilidade da argumentação proposta pelos testemunhas de Jeová. Acompanhe.

Eclesiastes 9.5,10 (NM)

> Pois os viventes estão cônscios de que morrerão; os mortos, porém, não estão cônscios de absolutamente nada, nem têm mais salário, porque a recordação deles foi esquecida. [...] Tudo o que a tua mão achar para fazer, faze-o com o próprio poder que tens, pois não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria no Seol, o lugar para onde vais.

Existe uma expressão no livro de Eclesiastes que é a chave do correto entendimento dessa questão, a saber, "debaixo do sol", utilizada 27 vezes (1.3,9,13,14; 2.11,18-20,22; 3.16; 4.1,3,7,15; 5.13,18; 6.1,12; 8.9,15,17; 9.3,6,9,11,13 e 10.5). Essa expressão é utilizada pelo autor sagrado para falar do seu mundo presente, ou seja, de tudo o que ele viu e via "debaixo do sol". Em 9.5-10, ele contrasta a realidade de dois mundos: aquele que está "debaixo do sol" e aquele além desta vida, o mundo dos mortos, o *sheol*. Assim, ao dizer que "os mortos não estão cônscios de nada", ele está dizendo que não estão cônscios de nada do que se faz "debaixo do sol". Por isso, o seu conselho: "Tudo o que a tua mão achar para fazer, faze-o com o próprio poder que tens, pois não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria no Seol, o lugar para onde vais".

Ora, ao morrer, o indivíduo deixa tudo para trás, pois entra em outro nível de existência. Nesse sentido, não há mais nenhuma participação nas atividades dos viventes "debaixo do sol". Concluímos então que Eclesiastes 9.5 não está ensinando a inconsciência após a morte, mas o rompimento dos vínculos com qualquer atividade que se faça "debaixo do sol". O autor talvez não tivesse consciência do que de fato acontecia no *sheol*, mas revelou saber o suficiente: é uma realidade totalmente distinta da presente. E é isso o que nos basta nesse texto bíblico.

Salmos 146.4 (NM)

> Sai-lhe o espírito, ele volta ao seu solo; neste dia perecem deveras os seus pensamentos.

Quais os "pensamentos" que perecem quando sai o espírito do homem terreno? Será que o autor sagrado está falando da capacidade de pensar? Dificilmente! O contexto revela que a expressão "pensamentos" deve ser entendida por "planos", "desígnios". O raciocínio é o seguinte: o salmista diz que Jeová será "rei por tempo indefinido [...] por geração após geração" (v. 10). Portanto, é nele que se deve confiar, não nos nobres, nem no filho do homem terreno, que, ao contrário de Jeová, são mortais, passageiros. Somente Jeová, por ser eterno, pode "executar o julgamento para os defraudados", dar "pão aos famintos", libertar os "presos" (v. 7) etc. Os homens, não. Os nobres fazem planos, mas morrem sem levar a cabo o que foi planejado; por isso, quando morrem, "perecem os seus pensamentos", ou seja, os seus desígnios, planos e tudo o mais.

CONCLUSÃO

O excessivo sentimentalismo de Charles Russell, aliado ao seu ceticismo, o levou a negar a doutrina bíblica do inferno como lugar ou estado de tormento eterno, em decorrência também de negar a existência da alma e sua imortalidade. Muitos cristãos, infelizmente, também têm procurado negar, em vão, a doutrina do tormento eterno. Outros não a negam, mas a ignoram, e não se atrevem a falar sobre o assunto. Mas há

algo de nobre na doutrina do inferno, por mais que isso nos repulse (PACKER, 1998, p. 240):

> O propósito do ensino bíblico sobre o inferno é levar-nos a apreciar, acolher com gratidão e preferir racionalmente a graça de Cristo, que nos livra dele (Mateus 5.29,30; 13.48-50). É realmente uma compaixão pela humanidade o fato de Deus ser tão explícito na Bíblia acerca do inferno. Não podemos dizer que não fomos alertados.

O grande escritor português Manoel Bernardes também disse algo muito importante sobre o inferno (NUNES [Org.], 1966, p. 24, n. 37):

> Ó alma minha, sabe que o mal da pena não é absoluta e simplesmente mal; o da culpa sim, porque não podendo Deus fazer mal simplesmente, fez o inferno e não fez o pecado. O pecado, só tu o fizeste; o inferno, Deus e mais tu o fizeram; ele como justo, tu como condenado; ele quando fabricou a terra, tu quando fabricaste a maldade. Se não pecaras, não houvera para ti inferno. De sorte que todo o mal da pena lá o tens refundido no da tua culpa, e pela gravidade daquela conhecerás a desta.

Apêndice 1

Tira-dúvidas

1. Por que os testemunhas de Jeová fogem quando são convidados para orar?

Não se trata de fugir, como se os testemunhas de Jeová tivessem medo de oração. Ao contrário, eles oram regularmente. Essa é a má impressão que fica para algumas pessoas. No entanto, os testemunhas de Jeová simplesmente se recusam a participar da oração com alguém que, segundo eles, não serve ao Soberano Senhor Jeová. No livro *Raciocínios à base das Escrituras* (p. 270), os testemunhas de Jeová são incentivados, caso alguém lhes diga "Ore junto comigo primeiro, depois fale sobre o assunto que gostaria de falar", a responder o seguinte: "Sei que representantes de alguns grupos religiosos fazem isso. Mas as testemunhas de Jeová não, porque Jesus instruiu seus discípulos a fazerem sua obra de pregação de outra forma". Daí, os testemunhas de Jeová deverão dizer que a instrução de Jesus é de, ao entrar numa casa, falar sobre o Reino de Deus, não fazer uma oração.

Ademais, nem todos os testemunhas de Jeová encaram isso como regra a ser seguida ao pé da letra. Há os testemunhas de Jeová que aceitam, sim, o convite para participar de uma oração, desde que, é claro, seja feita por eles. Outros, porém, podem aceitar participar da oração simplesmente para, em seguida, apresentar sua mensagem. Detalhe: normalmente, quando os testemunhas de Jeová participam de uma oração dirigida por uma

pessoa de outra religião, eles não fecham os olhos e, se o fazem, não dizem "amém", indicando que não concordaram com a oração.

Lembro-me de certa ocasião, ao trabalhar de casa em casa, em que um grupo de evangélicos me convidou para orar. Sabendo de antemão o que lhes fora ensinado — que os testemunhas de Jeová fogem quando convidados a orar —, de imediato aceitei, pois sabia que quem lhes ensinara tal coisa passaria por mentiroso. De fato, as pessoas ficaram espantadas. E o espanto aumentou quando me propus a fazer a oração. Assim, não espalhe esse boato de que os testemunhas de Jeová não oram.

Outro ponto: se um testemunha de Jeová depara com um cristão pentecostal, cuja oração pode ser acompanhada de línguas estranhas, nesse caso o testemunha de Jeová se recusará a participar, pois crê que a língua estranha seja manifestação de algum espírito iníquo, quer dizer, um demônio. Você deixaria alguém orar em seu favor, se julgasse que tal pessoa está possuída por um demônio? Pois é, nem o testemunha de Jeová.

2. Os testemunhas de Jeová oram em nome de Jesus ou de Jeová?

Toda oração dos testemunhas de Jeová é dirigida a Jeová e em nome de Jesus. Nenhuma oração é feita sem a frase "em nome de Jesus" ou algo semelhante. Evidentemente, não é o mesmo Jesus da Bíblia, pois o Jesus dos testemunhas de Jeová é uma criatura, um arcanjo. Eles têm uma visão própria a respeito de Jesus e o prezam a seu próprio modo. Eles o encaram como o maior homem que já viveu, a segunda maior personagem do Universo. O que um testemunha de Jeová jamais faria, nesse caso, é dirigir sua oração a Jesus.

Cabe lembrar que não se deve usar a frase "em nome de Jesus" como se fosse mágica, sem a qual a oração não seria ouvida por Deus. O sentido de orar "em nome de Jesus" é reconhecer que sem ele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14.6), esse privilégio não seria possível. Assim, se algum contato com Deus é possível, só o é porque Jesus abriu o caminho de acesso a Deus. E, sendo Deus, da mesma forma que o Pai e o Espírito Santo, as orações também podem ser dirigidas a ele, como fez o mártir

Estêvão (Atos 7.59). Na *Tradução do Novo Mundo*, está escrito que Estêvão "fazia apelo" a Jesus. O interessante é que a expressão traduzida por "fazer apelo" ou invocar (do grego *epikaloúmenon*) também é traduzida por "orar". Isso é reconhecido pela *Tradução do Novo Mundo: com referências* (uma espécie de Bíblia de estudo). O próprio Jesus certa vez disse: "O que for que pedirdes em meu nome [isto é, a mim], eu farei isso" (João 13.13, *NM*, colchetes nossos). Foi exatamente o que fez Estêvão. Ele pediu a Jesus, ou seja, em "seu nome", que recebesse seu espírito, e ele certamente o atendeu.

3. Por que os testemunhas de Jeová não votam?

Não é bem assim. Todo testemunha de Jeová tem seu título eleitoral (menos os que tiveram seus direitos políticos cassados por não prestarem o serviço militar [v. a pergunta seguinte]), e devem cumprir com suas obrigações eleitorais. Mas, além de obrigações, todo cidadão tem seus direitos, e um deles é o de votar em branco ou anular seu voto. E é exatamente isso o que todo testemunha de Jeová fiel à organização deveria fazer: anular seu voto. Por quê? Eles creem que todo o sistema político governamental é a besta ou fera de Apocalipse. Dessa forma, votar em algum político é uma forma de receber a marca da besta.

Os testemunhas de Jeová creem que o mundo de Satanás é composto de várias partes interligadas: o sistema político governamental, a religião falsa e o comércio. E, para provar que o sistema político pertence ao Diabo, citam a passagem bíblica em que Satanás tentou o Senhor Jesus oferecendo-lhe todos os reinos do mundo. Para firmar de vez essa ideia, lembram que o próprio Satanás afirmou que os reinos do mundo lhe foram entregues, e que ele os daria a quem quisesse (Lucas 4.5,6). Ademais, citam o texto de 1João 5.19, que diz: "O mundo inteiro jaz no poder do iníquo" (*NM*), e 2Coríntios 4.4, que chama Satanás de "deus desta era" ou, como verte a *Tradução do Novo Mundo*, "deus deste sistema de coisas".

O erro dos testemunhas de Jeová é dar a Satanás a autoridade que certamente ele não tem e, pior ainda, acreditar nas palavras daquele que é o "pai da mentira" (João 8.44). O Diabo mentiu ao dizer a Eva que ela não

morreria (Gênesis 3.4); mentiu para si mesmo quando disse que se assentaria no trono de Deus e seria semelhante ao Altíssimo (Isaías 14.12-14); mentiu igualmente quando disse que o homem só serve a Deus por interesse (Jó 1). Assim, por que acreditar em Satanás quando disse que todos os reinos do mundo lhe pertenciam? Não seria mais um delírio desse anjo caído e megalomaníaco? Assim, em vez de dar crédito ao Diabo, melhor será dar crédito ao apóstolo Paulo, que disse: "Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas" (Romanos 13.1ss).

E o que dizer quando a Bíblia afirma que Satanás é o "deus desta era", ou que "o mundo todo está sob o poder do Maligno"? Por "era" ou "mundo", devemos entender uma sociedade anti-Deus, que prefere as trevas a aceitar a luz divina.

4. Por que os jovens testemunhas de Jeová não servem às Forças Armadas?

No Brasil, o serviço militar é obrigatório. Mas, a cada ano, dezenas de jovens testemunhas de Jeová solicitam sua exoneração. A revista *Veja*, de 10 de fevereiro de 1988 (p. 45), noticiou que, em janeiro desse ano, o então presidente da República José Sarney cassou os direitos políticos de "99 jovens, que, por imperativos de consciência, se recusaram a prestar o serviço militar". Eram na maioria testemunhas de Jeová. Os jovens testemunhas de Jeová não apenas são incentivados a pedir exoneração do serviço militar, mas também a recusar o serviço alternativo, que livra o indivíduo de pegar em armas, porém lhe confere outras tarefas, como trabalhar na cozinha, enfermaria etc. Isso porque, nesse caso, os testemunhas de Jeová alegam que estariam apoiando a guerra. Não só isso. Seria também uma maneira de receber a marca da fera, ou seja, da besta de Apocalipse, que, para os testemunhas de Jeová, simboliza o poder político com seu sistema militar. Em consequência disso, esses jovens têm seus direitos políticos cassados.

A principal base bíblica para essa recusa é o texto de Isaías 2.4 (*NM*), que diz: "E ele certamente fará julgamento entre as nações e resolverá as

questões com respeito a muitos povos. E terão de forjar das suas espadas relhas de arado, e das suas lanças, podadeiras. Não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra". Para os testemunhas de Jeová, esse texto tem aplicação em sua organização, que, coerente com a profecia de Isaías, não aprende mais o ofício da guerra.

Contudo, o próprio Isaías disse no início de seu livro estar escrevendo com respeito a "Judá e Jerusalém" (1.1). Isso é atestado por 2.1 (*NM*): "A coisa que Isaías, filho de Amoz, visionou concernente a Judá e Jerusalém". Situados num contexto de guerra, em que era preciso manter a sobrevivência diante do ataque de superpotências, Deus promete aos "homens da casa de Jacó" (2.5) que, em algum tempo, as guerras haveriam de cessar, e suas armas seriam transformadas em instrumentos de trabalho agrícola. O que temos aqui, portanto, é a promessa da cessação das guerras, não a proibição do serviço militar, pois, para manter a própria sobrevivência, a nação de Israel tinha seu exército. O próprio Jeová é chamado "pessoa varonil de guerra" (Êxodo 15.3, *NM*). Em Josué 10.14 (*NM*), lemos que "o próprio Jeová lutava por Israel".

Segundo o que concluímos pela leitura das Escrituras, não há nenhuma proibição quanto à prática do serviço militar. A principal passagem bíblica que elucida essa questão encontra-se em Lucas 3, num episódio envolvendo João Batista. Foi profetizado sobre João que ele seria "profeta do Altíssimo" e cumpriria o propósito de Deus de conduzir seu povo "no caminho da paz" (Lucas 1.76,79). Portanto, João Batista jamais incentivaria práticas contrárias à vontade do Altíssimo. Ao pregar a necessidade do arrependimento, o relato de Lucas 3 revela que muitos, querendo saber o que deveriam fazer a fim de escapar do julgamento divino, achegaram-se a João. Veja como João Batista aconselhou cada grupo:

1. *As multidões.* "E as multidões perguntavam-lhe: 'Que devemos fazer, então?'. Em resposta, ele lhes dizia: 'Aquele que tiver duas peças de roupa interior partilhe com aquele que não tiver nenhuma, e aquele que tiver coisas para comer, faça o mesmo' " (v. 10,11, *NM*). Para esse grupo, João aconselhou a prática da beneficência, da fraternidade.

2. *Cobradores de impostos (publicanos).* "Vinham, porém, até mesmo cobradores de impostos para ser batizados, e disseram-lhe: 'Instrutor, que devemos fazer?' Ele lhes disse: 'Não reclameis mais do que a taxa do imposto' " (v. 12,13, *NM*). Ora, João não pediu que os publicanos deixassem sua profissão, mas que fossem honestos, não defraudando ninguém.
3. *Soldados.* Por fim, apareceram os em serviço militar, que lhe perguntaram: "Também nós, que devemos fazer?". Se João Batista fosse um testemunha de Jeová, teria dito certamente: "Deixem seu soldo, pois não cabe a um servo do Deus Altíssimo aprender o ofício da guerra; peçam a dispensa do serviço militar". Mas não foi assim que o "profeta do Altíssimo", que conduziria seu povo no "caminho da paz", respondeu. Ele lhes disse: "Não hostilizeis a ninguém e não acuseis a ninguém falsamente, mas contentai-vos com o vosso soldo" (v. 14, *NM*). Assim, João somente lhes pediu que não abusassem de sua autoridade, chocando qualquer testemunha de Jeová, ao dizer: "Contentai-vos com o vosso soldo".

5. Os testemunhas de Jeová batizam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo?

A resposta será "não", caso tenhamos em mente o que é praticado entre os cristãos. Os testemunhas de Jeová não usam nenhuma espécie de fórmula batismal, como é comum no cristianismo. Assim procedem para evitar qualquer associação com os que creem na Trindade. Antes do batismo, no lugar do tradicional "Fulano de tal, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", o batizando apenas é incentivado a tampar o nariz, a fim de que não entre água no ato da imersão total.

Como os testemunhas de Jeová entendem Mateus 28.19, que ordena aos cristãos batizarem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Eles explicam o seguinte: ser batizado em nome do Pai significa, antes do batismo, reconhecer que Jeová é o único Deus verdadeiro; que não existe nenhuma concepção trinitária a seu respeito na Bíblia. Ser batizado em nome do Filho significa reconhecer que Jesus Cristo foi criado por Jeová

etc. O mesmo se dá com o Espírito Santo. Ser batizado em nome do Espírito Santo é reconhecer que ele é a "força ativa" de Jeová. Então, se o estudante dos testemunhas de Jeová reconhecer tudo isso, será um dos sinais de que está pronto para o batismo.

6. Por que os testemunhas de Jeová não saúdam a bandeira nacional nem cantam o hino nacional?

Por encararem tais coisas como práticas idólatras. A bandeira e o hino nacionais seriam ídolos, que, como tais, deveriam ser evitados (1Coríntios 10.14; 1João 5.21).

O erro dos testemunhas de Jeová, nesse particular, é confundir honra com adoração. Cabe lembrar que nem toda imagem é um ídolo. Por exemplo, certa vez Deus enviou uma maldição para os israelitas resmungadores, a saber, serpentes venenosas. Ao reconhecer seu erro, o povo pediu a Moisés que intercedesse a seu favor. Deus então mandou Moisés fazer uma serpente de bronze e erguê-la a fim de que o povo de Israel pudesse olhar para ela e receber a cura física e espiritual (Números 21.4-9). O povo convivia muito bem com a imagem e com o verdadeiro Deus. Não havia nenhuma incoerência nisso. Todavia, a serpente de bronze deixou de ser uma simples imagem e converteu-se num ídolo, quando o povo passou a adorá-la, dando-lhe *status* de divindade. Quando isso aconteceu, a serpente foi destruída (2Reis 18.4).

Assim, se o governo local tem seus símbolos nacionais, nada impede que esses símbolos sejam honrados, pois representam a nação. Contudo, se o governo local dissesse que devemos amar a bandeira nacional com todo o nosso ser, alma, mente e força, numa espécie de adoração que somente deve ser prestada a Deus, então, nesse caso, a bandeira nacional se converteria num ídolo. Até onde se sabe, isso não acontece em solo brasileiro, não fazendo sentido, portanto, essa posição exagerada assumida pelos testemunhas de Jeová. É muito zelo por pouca coisa.

Que dizer, porém, da parte da letra de nosso hino nacional que chama o Brasil de "pátria amada, idolatrada" e de "terra adorada"? Não estaríamos diante de uma letra idólatra? Obrigatoriamente, não. O problema todo

parece estar no campo da linguagem. Os verbos "idolatrar" e "adorar" também detêm sentido figurado. Podem ser tomados como amor ou gosto exagerado por algo, como na sentença: "Eu adoro chocolate". Não vejo por que objetar essa expressão popular. Fala-se também em "criança adorável", ou seja, encantadora. Os poetas não se cansam de falar na mulher adorada, isto é, muito amada. Aliás, foi um poeta que compôs o hino nacional. Quem mais, senão um poeta, poderia externar seu amor pela pátria lançando mão dos termos que expressassem todo o seu sentido grandioso ao mais alto expoente? Quem se atreveria a condená-lo por isso?

Repetimos: uma coisa é adorar a pátria no sentido de "gostar muito", outra é adorá-la no sentido de lhe prestar culto como se possuísse *status* de divindade. Se a situação fosse essa, o cristão deveria dizer *não* à idolatria.

7. Os testemunhas de Jeová são obrigados a vender revista de casa em casa? É verdade que quem não vende é considerado servo inútil?

Nenhum testemunha de Jeová é obrigado a vender nada de casa em casa. Se alguém sair de casa em casa e não "passar" ou "colocar" (estes são termos usados por eles) nenhuma literatura, não será considerado servo inútil. Contudo, não se pode negar que há um forte apelo para que cada publicação da Torre de Vigia seja distribuída de casa em casa. Consequentemente, quem se esforça nesse sentido acaba tendo certo *status* entre os membros do grupo, pois, afinal de contas, tanta dedicação contribui para que muitos conheçam a mensagem da seita.

Não se pode negar que os testemunhas de Jeová dedicam muitas horas de sua vida na divulgação do que acreditam. Faça sol, faça chuva, lá estão eles de casa em casa. É bem verdade também que, com o passar do tempo, muitos trabalham somente em virtude dos relatórios mensais exigidos, nos quais constam o número de horas trabalhadas, a quantidade de revistas, brochuras, folhetos e livros vendidos, bem como o número de visitas e estudos bíblicos domiciliares realizados. No final das contas, torna-se uma vida de escravidão, pois acabam sendo explorados por uma organização que cresce financeiramente à custa deles.

Além disso tudo, o trabalho de casa em casa tem forte apelo soteriológico (salvífico), como evidencia a seguinte declaração extraída da publicação mensal *Nosso ministério do reino* (12/1984, p. 1): "Sim, trabalhamos arduamente com o fim de obter a nossa própria salvação e de ajudar outros a também serem fiéis".

Até janeiro de 2000, o sistema de publicações funcionava assim entre os testemunhas de Jeová (no Brasil): quando alguém ia trabalhar de casa em casa, dirigia-se até o balcão de revistas, por exemplo, e comprava um número de revistas *A Sentinela* e *Despertai!* O pagamento geralmente era feito no ato. Assim, a Torre de Vigia já recebia sua parte. O lucro era certo. Ao trabalhar de casa em casa, o testemunha de Jeová "colocaria" (não se usa na organização o verbo "vender") a revista pelo mesmo preço que pagou. Se não colocasse, ficaria no prejuízo financeiro; se colocasse, recuperaria o que tivesse investido. Uma breve observação: no caso dos *pioneiros* (um publicador que dedica um número definido de horas na pregação de casa em casa), eles retiravam a revista com 50% de desconto e a repassavam pelo preço normal; assim, metade ficava com o pioneiro para ajuda de custo.

A partir de janeiro de 2000, o sistema de distribuição de publicações foi alterado. Ao dirigir-se ao balcão de revistas, o mesmo testemunha de Jeová, dessa vez, não terá mais de dar um valor fixo por aquilo que adquirir. Contribuirá com o que quiser, como se fosse um simples donativo (novamente, a Torre de Vigia receberá o que investiu e um pouco mais, provavelmente; ela nunca sai perdendo). Ao realizar seu trabalho de distribuição de publicações, o testemunha de Jeová solicitará às pessoas uma contribuição voluntária, sem estipular o valor, alegando tratar-se de um donativo para colaborar com a obra mundial da sua organização. E para onde irá o dinheiro arrecadado? Para os cofres da Torre de Vigia.

8. É verdade que os testemunhas de Jeová não creem em Jesus?

O cristianismo tem ensinado à luz da Bíblia que Jesus é incriado, pois, sendo Deus, é de eternidade a eternidade. Ele é todo-poderoso, onipresente e onisciente. Por ser Deus, com o Pai e o Espírito Santo, ele é digno

de louvor e deve ser adorado por toda a criação. Como os testemunhas de Jeová não creem nisso — ao contrário, afirmam que Jesus é uma criatura, sem ser, portanto, consubstancial com o Pai, negando o que a Bíblia afirma sobre quem é Jesus —, podemos dizer que os testemunhas de Jeová não creem nele, conforme está revelado nas Escrituras. Todavia, devemos afirmar que os testemunhas de Jeová têm uma concepção própria sobre Jesus. O Jesus em quem afirmam crer é bem diferente daquele apresentado na Bíblia (v. o cap. 5: "Outro Jesus Cristo").

9. É verdade que os testemunhas de Jeová creem que somente 144 mil serão salvos?

Se por salvação entendemos exclusivamente viver para sempre com Deus no céu, então os testemunhas de Jeová creem que somente 144 mil serão salvos (v. o cap. 7: "As castas de Jeová: os 144 mil e as 'outras ovelhas' "). Contudo, não é assim que os testemunhas de Jeová conceituam salvação. Para a organização, há uma só salvação e duas esperanças. Tanto os 144 mil quanto as "outras ovelhas" serão salvos; no entanto, um grupo será salvo para ir para o céu, e o outro, para viver para sempre no paraíso terrestre.

10. Como alguém sabe que é um dos 144 mil eleitos?

A resposta dada pelos testemunhas de Jeová é a citação de Romanos 8.14-17, em que se lê, de acordo com a *Tradução do Novo Mundo*: "Porque todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus, estes são filhos de Deus. Pois não recebestes um espírito de escravidão, causando novamente temor, mas recebestes um espírito de adoção, como filhos, espírito pelo qual clamamos: '*Aba*, Pai!' O próprio espírito dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo, desde que soframos juntamente, para que também sejamos glorificados juntamente".

Assim, aquele que pertence à classe dos 144 mil saberá que é um deles em razão do testemunho do "espírito santo" com o "espírito" do testemunha de Jeová; esse testemunho é uma convicção profunda no íntimo da pessoa que a leva a ter certeza de sua vocação celestial. Esse texto de

Romanos 8.14-17 é aplicado exclusivamente aos 144 mil. Aqueles que pertencem à classe da "grande multidão" das "outras ovelhas", ou seja, os que têm a esperança de viver no paraíso terrestre, não recebem tal testemunho; portanto, o texto de Romanos 8.14-17 não serve para os tais. Então, quando alguém dos 144 mil ler Romanos 8.14-17, dirá: "Isso diz respeito a mim"; ao passo que alguém das "outras ovelhas" dirá: "Isso não diz respeito a mim, mas aos ungidos", isto é, aos 144 mil. Além disso, se um dos "ungidos" ler Salmos 37.29, que diz que os "mansos herdarão a terra", dirá: "Isso não diz respeito a mim, mas às outras ovelhas"; ao passo que alguém das "outras ovelhas", ao ler o mesmo texto, dirá: "Isso diz respeito a mim, pois tenho esperança terrestre".

No entanto, ainda fica a questão: "Como a pessoa sabe que pertence a um grupo ou ao outro?". Até 2007, a idade era um fator importante. Os testemunhas de Jeová acreditavam que a chamada celestial terminou em 1935 (v. o cap. 7). Assim, todos os que aderiram à seita de 1935 para cá aprenderam que sua esperança é terrestre.

E isso, na prática, funcionava? Geralmente, sim. A seita costuma contar uma vez ao ano o número de "ungidos". Essa contagem é feita na *Comemoração da Morte de Cristo* (a santa ceia), a reunião solene, a mais importante para os testemunhas de Jeová. Trata-se de uma data móvel, pois os testemunhas seguem o calendário lunar, à semelhança dos judeus, para determinar a data da Páscoa. Nessa ocasião, os testemunhas de Jeová reúnem-se após o pôr do sol. Todos a postos, começa a comemoração. Primeiramente, passa-se o pão, depois o vinho. De repente, se alguém comer do pão e beber do vinho, um dirigente do "salão do reino" local anotará tal acontecimento, pois quem pertence às "outras ovelhas" não pode comer do pão nem beber do vinho. Só pode participar quem afirma ter esperança celestial. Os das "outras ovelhas" são chamados tão somente *observadores* (*Poderá viver para sempre no paraíso na terra*, p. 202, § 30). Esse procedimento será repetido em todos os "salões do reino". Depois, é feita a contagem geral. Assim, na *Comemoração* de 2008, realizada no dia 22 de março, foi contabilizado que, dentre as 17.790.631 pessoas que assistiram ao evento (entre os testemunhas de Jeová e convidados),

apenas 9.996 comeram do pão e beberam do vinho. Logo, conclui-se entre os testemunhas de Jeová: há em nosso meio 9.996 "ungidos" (dados disponíveis em <http://www.watchtower.org/e/statistics/worldwide_ report.htm>. Acesso em: 28/12/2009).

Aí, porém, começou a acontecer algo inesperado: o número de "ungidos" passou a crescer de um ano para o outro (o que era um absurdo para os testemunhas de Jeová, pois o número já estava completo desde 1935, tendendo somente a diminuir). Nesse caso, as explicações propostas para esse fenômeno eras estas:

1. Alguém das "outras ovelhas" comeu e bebeu indevidamente. Uma razão para isso é o fato de a pessoa ser novata e egressa de uma igreja que ensinava que todos os batizados deveriam participar da "ceia do Senhor".
2. Alguém dos "ungidos" pode ter apostatado da fé, ficando uma vaga em aberto; nesse caso, Jeová escolheu alguém das "outras ovelhas", brindando-a com a esperança celestial. De fato, *A Sentinela*, de 15/2/1971 (p. 126) designa a "grande multidão" de "outras ovelhas" de "grande estoque de reserva", ao qual Jeová poderá recorrer, caso um dos "ungidos" perca sua esperança celestial.

O problema é que o número cresceu demais. Resultado: o Corpo Governante, a liderança máxima da seita, decidiu abolir a data de 1935 como o fim da chamada celestial. A porta do céu foi reaberta (v. o cap. 7). Tanto é que, em 2000, o número de "ungidos" era de 8.860.

Tudo isso é confuso e antibíblico. Para começar, não há na Bíblia essa divisão de classes entre "ungidos", que tudo podem, e as "outras ovelhas", que nada podem. Ao contrário, em Cristo todos são um (João 17.20, 21; Romanos 10.12; 1Coríntios 12.13; Gálatas 3.28; Colossenses 3.11). Todos tornam-se, em Cristo, filhos de Deus, e comemoram sua morte até que ele venha (1Coríntios 11.26).

Contudo, contrariando a Bíblia, os testemunhas de Jeová afirmam que somente os 144 mil são filhos de Deus (*A Sentinela*, 1º/8/1995, p. 13).

As Escrituras, em oposição a isso, afirmam: "Contudo, aos que o receberam [o Logos, a Palavra, que é Jesus], aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus" (João 1.12,13).

Ademais, ao aceitar a errônea ideia de que Romanos 8.14-17 serve apenas para um pequeno grupo, os demais são colocados numa situação terrível, pois Romanos 8 estabelece uma distinção clara entre apenas dois grupos: os que têm o "Espírito de Deus" e os que não têm o Espírito, mas vivem segundo a carne (8.1-5). Quem vive pela carne receberá a morte, mas quem anda pelo Espírito terá vida e paz (8.6-12). Ou uma coisa, ou outra. Assim, os que andam pelo Espírito Santo são guiados por ele e dele recebem o testemunho em seu espírito de que são filhos de Deus. Sendo filhos de Deus, tornamo-nos também herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (8.14-17). Portanto, essa divisão fomentada pelos testemunhas de Jeová não tem base bíblica.

11. Os testemunhas de Jeová são dizimistas?

Não. Não se exige de nenhum testemunha de Jeová que seja dizimista. O dízimo é visto como prática do Antigo Testamento, não sendo mais obrigatória para os cristãos atuais. Isso não quer dizer que não haja algum tipo de arrecadação financeira na seita. Embora não se faça coleta em suas reuniões públicas, há, contudo, caixas de contribuição espalhadas pelos locais de reunião. Contribui quem quer. Há também outro recurso muito utilizado pela seita. Em alguns números da revista *A Sentinela*, a Torre de Vigia solicita doações em dinheiro, joias, apólices de seguro de vida ou planos de previdência privada, além de testamentos que podem incluir bens móveis e imóveis, contas bancárias (corrente ou poupança) ou dinheiro etc. (V. *A Sentinela*, 1º/11/2000, p. 31).

12. Os testemunhas de Jeová guardam o domingo?

Eles não guardam nenhum dia de descanso especialmente dedicado para o culto ou atividades religiosas. Para eles, não há nenhum

mandamento acerca de guardar esse ou aquele dia específico. O descanso atual não deve estar associado a um dia literal, mas ser visto como descanso espiritual, realizado todos os dias, no qual o indivíduo deve dar-se conta de que precisa reservar tempo para as coisas espirituais.

13. Os testemunhas de Jeová acreditam na atualidade dos dons espirituais?

Normalmente, quem faz essa pergunta tem em mente dois dons específicos: o dom de curar e o de falar em línguas. Para os testemunhas de Jeová, nenhum desses dons tem validade para os dias atuais. O dom de curar limitou-se a poucos profetas israelitas, como Elias e Eliseu; a Jesus Cristo e aos apóstolos. Com a morte do último apóstolo, João, o dom teria cessado. Segundo o modo de pensar da seita, alguns desses dons foram dados simplesmente para que houvesse evidência visível entre o povo de que o cristianismo tinha o respaldo divino. Uma vez provado isso, não seria mais necessário o uso de tais dons. Como então explicar algumas curas realizadas nos dias atuais e as línguas estranhas praticadas por algumas igrejas? Segundo o livro *Raciocínios à base das Escrituras* (p. 103), esses dons seriam manifestações demoníacas, ligadas à religião falsa.

14. É verdade que os testemunhas de Jeová foram perseguidos pelo regime nazista?

Sim, é verdade. Os testemunhas de Jeová chegaram a produzir um vídeo sobre as perseguições que sofreram na Alemanha sob o regime hitlerista, chamado *As Testemunhas de Jeová resistem ao ataque nazista.*

Entretanto, algo precisa ser dito a respeito disso. Eles afirmam que tal perseguição se deu em virtude de sua "inabalável neutralidade e sua lealdade ao Reino de Deus, inaceitáveis ao governo de Hitler". Ora, nada está mais longe da verdade do que afirmar que os testemunhas de Jeová eram neutros, que não tomavam partido político em relação ao nazismo. Ao contrário, foi uma tomada de posição contra o regime que desencadeou o ataque nazista contra a organização, não sua neutralidade política. É essa imagem de uma organização neutra, politicamente falando, que precisa ser revista.

Os testemunhas perseguidos pelo regime nazista foram alvo, na verdade, das intrigas políticas fomentadas pelo então presidente da Sociedade Torre de Vigia dos EUA, Joseph Franklin Rutherford, contra o nazismo. Rutherford, de seu escritório nos EUA, atacava veementemente o regime nazista, além de se atrever a querer dar ordens ao infame ditador Adolf Hitler. Devemos lembrar que, na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha fora derrotada pelas forças da Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha e Rússia), apoiadas pelos Estados Unidos. Ao ser empossado como chanceler, em 30 de janeiro de 1933, e algumas semanas depois como chefe de Estado com poderes absolutos, fundando assim o Terceiro Reich, regime ditatorial que levou ao extremo seu nacionalismo, Hitler não toleraria nenhum discurso que contrariasse seus objetivos pangermanistas. Dessa forma, por menor expressão que tivesse na Alemanha, qualquer propaganda contra o nazismo difundida pelos testemunhas de Jeová deveria ser silenciada.

Dos Estados Unidos, Rutherford escrevia artigos e mais artigos contrariando o Terceiro Reich. Eis algumas de suas declarações, citadas pela revista *Despertai!* de 22 de agosto de 1995 (p. 6-17):

> O Nacional-Socialismo [partido fundado por Hitler] é [...] um movimento [...] diretamente a serviço do inimigo do homem, o Diabo. [...] Está emergindo o rochedo ameaçador do movimento Nacional-Socialista. Parece inacreditável que um partido político de origem tão insignificante, de diretrizes tão heterodoxas, possa, em apenas alguns anos, assumir proporções que ofuscam a estrutura de um governo nacional. No entanto, Adolf Hitler e seu partido nacional-socialista (os nazistas) conseguiram realizar essa rara proeza.

Em 9 de fevereiro de 1934, Rutherford enviou uma carta de protesto a Hitler, declarando:

> O senhor poderá ter êxito em resistir a qualquer e a todos os homens, mas não poderá ter êxito em resistir a Jeová Deus. [...] Em nome de Jeová Deus e de seu Rei ungido, Cristo Jesus, exijo que ordene a

> todas as autoridades e servidores de seu governo que as Testemunhas de Jeová na Alemanha tenham permissão de reunir-se pacificamente e adorar a Deus sem impedimento (op. cit.).

Em 2 de outubro de 1938, ele proferiu o sermão *Fascismo ou liberdade*, declarando:

> Na Alemanha, o povo em geral ama a paz. [...] O Diabo colocou seu representante, Hitler, no controle, um homem demente, cruel, maligno e implacável. [...] Ele persegue cruelmente os judeus porque eles eram outrora o povo pactuado de Jeová e levavam o nome de Jeová, e porque Cristo Jesus era judeu (op. cit.).

Em maio de 1940, numa de suas publicações, Rutherford vociferou: "Hitler é um filho tão perfeito do Diabo que esses discursos e decisões [de Hitler] fluem através dele como água através de um bem construído esgoto" (op. cit.).

Diante disso, não demorou muito para vir a resposta. Mas quem sofria as consequências eram os testemunhas de Jeová sob o regime hitlerista. Rutherford ateava fogo, mas ficava bem longe da fogueira, a salvo, nos Estados Unidos. E depois usava a imagem dos testemunhas de Jeová perseguidos para afirmar que se tratava de uma luta entre Satanás e sua organização, que Rutherford dirigia com mão de ferro.

Lamentamos profundamente pelo que Hitler fez a milhares de testemunhas de Jeová, bem como ao mal que causou a milhões de judeus, sem contar poloneses, russos, ciganos e outros. Nossa intenção nesta exposição dos artigos de Rutherford é mostrar que essa imagem de uma organização politicamente neutra, tão propalada pelos testemunhas de Jeová, está longe de corresponder aos fatos.

15. Como são os cultos nos "salões do reino"?

Para início de conversa, os testemunhas de Jeová não usam o termo "culto", mas "reunião". Cada "salão do reino" (como são conhecidos seus

locais de reunião) abriga uma ou mais congregações (grupos de testemunhas de Jeová). Cada congregação realiza cinco reuniões por semana:

1. *Reunião Pública.* Geralmente realizada aos domingos, essa reunião consiste num discurso (homilia, sermão) destinado, principalmente, aos que não fazem parte da seita. É proferido, normalmente, por um ancião (pastor) ou um servo ministerial (diácono). Por analogia, seria o equivalente, em algumas igrejas evangélicas, a um culto evangelístico.
2. *Estudo de* A Sentinela. Os números de *A Sentinela*, edição de estudo (destinados exclusivamente aos membros da seita), trazem artigos com perguntas e respostas que são estudados nessa reunião. Assim como a Reunião Pública, é realizada geralmente aos domingos.
3. *Escola do Ministério Teocrático.* Reunião destinada a treinar os testemunhas de Jeová e seus estudantes na arte da conversação. Os matriculados, que abrangem pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, proferem, de tempos em tempos, breves palestras aos presentes na reunião. Ao final da palestra/aula, o estudante é avaliado por um ancião (líder) experiente, que lhe dá conselhos sobre como melhorar cada vez mais seu desempenho. Essa avaliação é feita num formulário à parte, no qual são apresentados pontos sobre as características exigidas para oradores públicos e pregadores de casa em casa: postura, vestimenta, voz, pausa, gestos, uso de ilustrações, contato com os ouvintes etc.
4. *Reunião de Serviço.* Normalmente, essa reunião ocorre logo após a Escola do Ministério Teocrático. O esboço para tal reunião é publicado no *Nosso ministério do reino*, publicação mensal de duas ou mais páginas editada pelo Corpo Governante. Há uma seção intitulada "Notícias teocráticas", que contém informações atualizadas sobre o crescimento da organização no Brasil e em algumas partes do mundo. Nessa reunião, são apresentadas orientações práticas (geralmente com encenações) sobre como um adepto da

organização poderá apresentar sua mensagem em qualquer lugar e em qualquer ocasião.

5. *Estudo Bíblico de Congregação.* Essa reunião é semelhante ao estudo de *A Sentinela*, ou seja, por meio de perguntas e respostas de uma publicação previamente escrita pelo Corpo Governante.

Nessas reuniões, há o acompanhamento de cânticos e orações.

As duas primeiras reuniões e a última de *aulas de doutrinamento*; a terceira e quarta, *aulas de propaganda e marketing.* As reuniões nos salões do reino lembram muito mais uma escola, uma academia, do que uma igreja reunida para adorar o único Deus verdadeiro. Os testemunhas de Jeová estudam, em média, cinco horas semanais. A leitura torna-se, portanto, um hábito entre a maioria deles, o que explica sua desenvoltura e espontaneidade ao falar publicamente daquilo em que acreditam.

16. Os testemunhas de Jeová usam instrumentos musicais em suas reuniões?

Eles não são contrários ao uso de instrumentos musicais; mas geralmente, nos salões do reino, estes não são utilizados. O acompanhamento musical para seu cancioneiro padrão, *Cantemos louvores a Jeová*, é feito por intermédio de gravações fonográficas. Diferentemente também da maioria das igrejas evangélicas, os testemunhas de Jeová não contam com "grupos de louvor", apresentação de coral ou algo parecido, pois o canto é visto como competência de todos na congregação.

17. É verdade que os testemunhas de Jeová podem beber e fumar?

Beber, sim. Fumar, não. O fumo foi proibido em 1972. Mas algo precisa ser mencionado a respeito da bebida. Embora a organização *admita* o uso de qualquer bebida alcoólica, não *incentiva* o uso da bebida nem a embriaguez. Faz uso do álcool quem quer, desde que com moderação.

Geralmente, esse tipo de pergunta vem de membros de igrejas nas quais não é permitido o consumo de bebidas alcoólicas (algumas até

mesmo consideram pecado o uso de vinho na santa ceia). Mas nem todos os cristãos concordam com essa visão sobre o vinho ou qualquer outra espécie de bebida. O tema está em aberto, cabendo a cada cristão, no uso livre de sua consciência treinada, discernir o que é lícito e o que é ilícito. Como diz o apóstolo Paulo: "Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus. Portanto, deixemos de julgar uns aos outros. [...] Aquilo que é bom para vocês não se torne objeto de maledicência. Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo; aquele que assim serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens. [...] Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova" (Romanos 14.12,13a,16-18,22b).

18. Os testemunhas de Jeová aceitam ordenação feminina?

Não. Apesar disso, são as mulheres que exercem a principal atividade do grupo: a pregação de casa em casa. Todavia, pode acontecer que, numa congregação em que não haja homens batizados ou qualificados para o ensino, mulheres habilitadas exerçam a função de ensino e liderança, desde que usem um véu (já que essa não é uma atividade própria de homens), em respeito aos anjos e aos homens presentes, uma vez que as mulheres não podem exercer naturalmente chefia sobre o sexo masculino em razão de seu estado natural de submissão. Usar o véu é indicativo de que a mulher não deseja usurpar o lugar do homem. Outra ocasião em que as mulheres testemunhas de Jeová usam véu é quando estão dirigindo formalmente estudos domiciliares na presença do marido ou de um homem testemunha de Jeová batizado.

Sabe-se, baseado em 1Coríntios 11.4-6,10, que o uso do véu também é praticado em algumas igrejas evangélicas (talvez não com tantas minúcias, como as exigidas pelos testemunhas de Jeová). Há quem veja o uso do véu como norma para todos os tempos e épocas; outros, contudo, veem nas palavras do apóstolo Paulo uma situação de momento, relacionada à sua época. Entretanto, esses cristãos acreditam que as palavras do apóstolo, mesmo limitadas a um contexto definido, possuem um princípio universal, a saber: deve-se evitar qualquer coisa que venha

a causar escândalo na igreja de Cristo. Nos dias do apóstolo, segundo alguns comentaristas bíblicos, na cidade de Corinto o problema era que a falta do véu poderia levar as mulheres cristãs a serem confundidas com prostitutas. Nos dias de hoje, poderá ser qualquer coisa que traga vergonha para a igreja. Em geral, a maioria das igrejas não mais adota o uso do véu. (Para uma consideração sobre a "essência permanente e duradoura de um conceito e suas formas temporárias de expressão", v. ERICKSON, 1997, p. 27-37.)

19. Os testemunhas de Jeová desprezam a educação secular?

Não que haja desprezo pela educação secular em si mesma. A questão deve ser abordada por outro ângulo: por acreditarem na aproximação do Armagedom, da grande batalha que Jeová travará contra as forças do mal e a sociedade iníqua, muitos jovens são incentivados a buscar os interesses da organização em primeiro lugar (vistos como os interesses do Reino de Deus), em detrimento de uma carreira profissional bem-sucedida.

Além disso, dependendo do nível sociocultural do qual o testemunha de Jeová faça parte, poderá haver mais pressão quanto a essa questão. Por exemplo: numa congregação em que a maioria pertence a uma classe social menos favorecida, se algum testemunha de Jeová por acaso decidir ingressar numa carreira secular e, em consequência disso, deixar de frequentar as reuniões congregacionais semanais (deve-se assistir a todas), isso será visto como um descaso para com os interesses do Reino de Deus e da organização. Nesse caso, os que se aventuram a buscar os interesses terrenos são vistos como materialistas e antiteocráticos.

20. Por que os testemunhas de Jeová não comemoram aniversários natalícios?

Eles afirmam ser antibíblico celebrar o dia em que se nasceu. Baseiam-se principalmente nas seguintes passagens bíblicas: "Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas?" (2Coríntios 6.14) e "O bom nome é melhor do que um perfume finíssimo, e o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento" (Eclesiastes 7.1).

Alegam também que os dois únicos registros na Bíblia de celebrações de aniversários natalícios desqualificam essa comemoração como cristã, pois seus dois celebrantes eram pessoas pagãs, a saber, um dos faraós do Egito e o rei da Galileia, Herodes Antipas. Nesses dois aniversários, houve um homicídio. Gênesis 40.18-22 relata que o faraó ordenou a execução do chefe dos padeiros, enforcando-o. E o evangelho de Mateus 14.6-10 relata que foi num banquete de aniversário que João Batista foi degolado.

Segundo a brochura *A escola e as Testemunhas de Jeová* (p. 15): "As Testemunhas de Jeová não participam em festas de aniversários natalícios [na celebração, no cantar, nos presentes, e assim por diante]". Ainda na mesma página: "Os aniversários natalícios costumam dar importância excessiva à pessoa [...]".

Fazendo alusão ao texto de Eclesiastes anteriormente citado, *A Sentinela* (15/1/1981, p. 31), declara: "[...] Podemos concordar em que o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento. Portanto, não devemos concentrar-nos no dia do nascimento, mas em cada dia, imitando a Cristo e refletindo a imagem de Deus". Mas o curioso vem a seguir: "[...] Embora a Bíblia não contenha uma proibição específica da celebração de aniversários natalícios, as Testemunhas de Jeová já por muito tempo têm notado as indicações bíblicas e não têm celebrado aniversários".

Com efeito, a Bíblia não contém nem mesmo uma proibição específica ou indireta da proibição de aniversários natalícios. A seguir, veremos as razões que nos dão a certeza de que a proibição de aniversários natalícios não tem base escriturística.

1. Nem Gênesis nem Mateus declaram que fosse costumeiro assassinar pessoas por ocasião de uma festa de aniversário. A festa de Herodes lança luz sobre isso. Ao ver a filha de Herodias, Salomé, dançar, o rei Herodes, num momento de êxtase, prometeu-lhe dar qualquer coisa que pedisse, incluindo metade de seu reino. Esta, instigada por sua mãe, pediu a cabeça de João Batista. Amargurado com isso, Herodes não teve outra opção, já que fizera a promessa em público. E assim mandou matar João, o Batista. Portanto, João

foi morto não porque era aniversário de Herodes, mas por causa de uma vingança da parte de Herodias, que se sentia atormentada pelo fato de João denunciar publicamente a relação imoral dela com Herodes. Aproveitando-se da promessa precipitada deste, deu vazão à sua ira, mandando matar o profeta João (v. Marcos 6.17-29).

Quanto à morte do chefe dos padeiros do faraó, os versículos iniciais do capítulo 40 esclarecem que ele havia cometido um delito contra o seu rei, sendo posto na prisão junto com o chefe dos copeiros. Por alguma razão não revelada, o faraó perdoou o copeiro-chefe, mas mandou enforcar o padeiro-chefe. Seja como for, o padeiro-chefe foi morto pelo crime que praticara. Sua morte coincidiu com o aniversário do rei do Egito. Trata-se de algo puramente acidental.

2. O fato de Eclesiastes 7.1 afirmar que o "dia da morte é melhor do que o dia do nascimento" não desaprova, por si só, a celebração de aniversários natalícios. E mais: se tomarmos ao pé da letra algumas expressões do capítulo 7 de Eclesiastes, chegaremos a algumas conclusões absurdas. Por exemplo, no versículo 2 está escrito que "é melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa, pois a morte é o destino de todos; os vivos devem levar isso a sério!". Ora, quem dentre os testemunhas de Jeová gosta de ir a enterros e parabenizar a família do falecido só porque Eclesiastes diz que o "dia da morte é melhor do que o dia do nascimento" e que "é melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa"?

Também os versículos 3 e 4 dizem: "A tristeza é melhor do que o riso, porque o rosto triste melhora o coração. O coração do sábio está na casa onde há luto, mas o do tolo, na casa da alegria". Qual dentre os testemunhas de Jeová prefere a tristeza ao riso? Qual deles se considera estúpido pelo simples fato de estar alegre? Portanto, se não tomam os versículos 2, 3 e 4 do capítulo 7 de modo literal, por que deveriam tomar o versículo 1?

O que acontece nesse caso é que a interpretação equivocada das palavras de Eclesiastes tem causado confusão na mente de alguns. Para evitar isso, é necessário entender o seguinte: a visão

apresentada no capítulo 7 de Eclesiastes e em outros revela certo grau de pessimismo em relação ao mundo, mas, logo adiante, o escritor volta a ser mais positivo em suas ponderações. Essa estrutura de pensamento não é exclusividade do livro de Eclesiastes. Uma leitura do salmo 73 ampliará nossos horizontes sobre o assunto. Por exemplo, no versículo 2 Asafe revela que chegou a sentir inveja dos ímpios. Isso porque sempre via o justo sofrendo adversidades; o ímpio, pelo contrário, prosperava. Contudo, o sentimento de inveja durou pouco, pois, segundo o versículo 17, ele passou a discernir o futuro dos ímpios e percebeu que Deus, mais cedo ou mais tarde, os puniria. Portanto, Asafe chegou à conclusão de que a felicidade dos ímpios é efêmera. Como ele mesmo disse: "Quanto a mim, os meus pés quase tropeçaram; por pouco não escorreguei" (v. 2). Assim como o escrito de Eclesiastes, Asafe tivera sua fase pessimista, mas logo retornou à sensatez. Portanto, Eclesiastes 7.1 deve ser entendido dentro do contexto geral do livro.

Além do mais, quando nos reunimos com a família e com os amigos para a celebração de um aniversário de alguém querido, não nos passa pela mente escolher um dentre os convidados para degolar-lhe a cabeça; muito menos idolatrar o aniversariante. Nossa motivação é baseada em 1Coríntios 10.31: "Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer coisa, façam tudo para a glória de Deus".

21. Por que os testemunhas de Jeová não comemoram o Natal?

Eles não comemoram aniversários natalícios, e o Natal nada mais é que o aniversário de alguém: Jesus. Sabemos que a data de 25 de dezembro não marca realmente a data do nascimento de Jesus. Isso, entretanto, não é razão para recusar comemorar o Natal em homenagem a Jesus.

Originariamente, o Natal marcava a comemoração do nascimento do deus persa Mitra. O *Natalis Solis Invicti* [Nascimento do Sol Invencível], celebrado em 25 de dezembro, era acompanhado de orgias

sexuais e embriaguez. No entanto, a Igreja fixou essa data, entre os séculos IV e V (não se sabe o tempo exato), como a do nascimento de Jesus, pois várias datas circulavam entre os cristãos, sendo a mais comum a de 6 de janeiro (até hoje celebrada pelos cristãos armênios). A tradição, portanto, é bem antiga.

Entretanto, os testemunhas de Jeová veem nessa tradição a principal razão para questionar a validade da celebração natalina, pois julga tratar-se de conivência com as trevas, já que a origem do Natal é inegavelmente pagã. Não pretendo transformar o Natal num artigo de fé, mas desejo mostrar que a celebração por parte de um cristão não constitui pecado nem associação com o paganismo pelas razões a seguir.

Mitra, considerado pelos pagãos o *Sol invencível*, era um deus falso sob a ótica cristã. Cultuá-lo constituía idolatria. Querendo resgatar os pagãos da idolatria e conduzi-los para o Reino de Deus, a Igreja proclamou que Jesus Cristo, o Salvador enviado por Deus — e não o mitológico Mitra — é o Sol Invencível, proclamado pelo profeta Malaquias, quando profetizou a vinda do "sol da justiça" (Malaquias 4.2; nas versões católicas é 3.20). Mitra oferecia prazeres terrenos e momentâneos, ao passo que Jesus oferecia seu Reino, que, nas palavras de Paulo, "não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17). Equivale dizer que o real prazer não se prende exclusivamente ao aspecto material da festa, mas deve ser acompanhado da espiritualidade cristã (envolvendo o Espírito Santo, que glorifica Jesus [João 16.14], que, por sua vez, glorifica o Pai [João 17.1]). Assim, o cristão não viverá mais para si, para a satisfação de seus desejos egoístas, mas viverá sobretudo para Deus, aprendendo a amá-lo, a amar seu próximo, bem como a amar a si mesmo, procurando viver vida justa, pacífica e alegre.

A Igreja, portanto, cumpriu seu papel de ser "luz do mundo" (Mateus 5.14), levando a mensagem de salvação, mediante Jesus Cristo, o Sol Invencível, aos que viviam entregues ao erro da idolatria e da imoralidade desenfreada. Afirmamos, então, que a Igreja não foi paganizada, nem se contaminou ao substituir a festa mitraica pelo nascimento de Jesus. Onde havia ignorância espiritual, a Igreja levou a luz de Deus, que resplandece na face de Cristo. Para entender essa questão, veja os exemplos a seguir.

1. *No princípio era o Logos.* Muito antes de o apóstolo João escrever "No princípio era aquele que é a Palavra [do grego *logos*]. Ele estava com Deus, e era Deus" (João 1.1), já havia nos seus dias, e antes disso, uma concepção particular do que significa o termo *logos*. Um grupo muito atuante na época eram os gnósticos. Ensinava que o Deus Supremo era inatingível, ou seja, nenhuma criatura poderia manter contato com ele, mas apenas com seres intermediários conhecidos como *éons*. O *logos*, então, seria um dentre muitos *éons*. Alguns grupos apregoavam que, por ser de constituição espiritual, o *logos* não poderia assumir corpo humano, pois a matéria era inerentemente má, podendo contaminá-lo. Tudo isso se constituía em empecilho para que a mensagem da encarnação (Deus, o Filho, fez-se homem), pregada pelo apóstolo João e ratificada pelos credos *apostólico* e *niceno*, fosse aceita.

   O discurso do apóstolo João, portanto, é uma resposta cristã ao pensamento gnóstico. É importante notar que ele não negou a existência do *logos*. O apóstolo tão somente corrigiu os conceitos errados que havia sobre ele. Com sua primeira frase, "No princípio era aquele que é a Palavra", mostrou que, antes do surgimento de todas as coisas, a Palavra já existia, sendo o Criador de todo o Universo (João 1.3; v. tb. Colossenses 1.16-18). Em seguida, João afirmou que "Ele estava com Deus", o que para alguns gnósticos era impossível, visto ser a Divindade inacessível. E, para concluir, disse: "E [ele] era Deus", ou seja, tinha a natureza divina. Assim, o Pai, com quem a Palavra estava, era Deus, e a Palavra também o era. Isso é afirmado pelo *Credo niceno*: "Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, consubstancial com o Pai". Mas, para causar ainda mais espanto aos mestres gnósticos, João afirmou: "E aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós" (João 1.14). Com isso, o apóstolo desmoronou a concepção errônea acerca de Jesus Cristo, o *Logos* eterno.
2. *Ao Deus desconhecido.* A Bíblia relata que, em visita à cidade de Atenas, o apóstolo Paulo "ficou profundamente indignado ao ver

que a cidade estava cheia de ídolos". Apesar de sua indignação, não saiu pela cidade chutando ídolos, amarrando demônios ou dizendo que tudo aquilo era de Satanás. A atitude do apóstolo foi sensata e inteligente. Quando teve oportunidade, disse aos atenienses: "Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio" (Atos 17.22,23). O resultado dessa sábia investida foi a conversão de alguns atenienses. Antes adoravam um "deus desconhecido", mas, a partir de então, adorariam aquele que, com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, é adorado pelos séculos dos séculos. Como disse Paulo: "Pois Deus, que disse: 'Das trevas resplandeça a luz', ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2Coríntios 4.6).

Assim como o apóstolo Paulo usou o ídolo como ponte para transmitir a mensagem do evangelho aos pagãos e o apóstolo João usou o termo *logos*, corrigindo conceitos pagãos acerca de Deus e da natureza humana, do mesmo modo fez a Igreja séculos atrás, desviando a atenção das pessoas da adoração que se prestava a Mitra, guiando-as até Jesus, o único que é digno de receber "poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor [...] para sempre" (Apocalipse 5.12,13). O resultado disso foi positivo, pois ninguém mais associa a data de 25 de dezembro a Mitra, mas a Jesus. Mitra já foi esquecido. O Sol da Justiça nasceu numa pequena estrebaria, numa cidadezinha desconhecida, não se sabendo exatamente a data de seu nascimento, mas o mundo inteiro conhece seu nome, e em sua homenagem foi dedicada a data de 25 de dezembro. Jesus veio, venceu e dissipou as trevas da ignorância, provando que ele é verdadeiramente o Sol Invencível (Apocalipse 17.14)!

Convém lembrar que o Natal não é um artigo de fé, um dogma — embora sua importância não deva ser diminuída em razão disso.

Assim, é preciso que haja em nós um espírito de tolerância e amor para com aquelas pessoas que não pensam como nós a esse respeito (é um direito inalienável que detêm). Podemos travar batalha no campo das ideias, certamente; mas nunca devemos levar o caso para o campo pessoal, detratando nosso próximo porque diverge de nós em aspectos secundários da fé. Entretanto, é lamentável que, mesmo sinceras, essas pessoas não consigam enxergar nesse episódio histórico a vitória esmagadora do cristianismo sobre o paganismo, da adoração genuína sobre a idolatria. A única coisa que conseguem focalizar é a exploração em torno do Natal feita pelo comércio, a glutonaria, a bebedice e a figura do "Papai Noel" (que, de fato, em nada se relaciona com o genuíno Natal).

De forma alguma, negamos que haja tais distorções em torno do Natal. Contudo, se constituem um problema, por que não promover o verdadeiro espírito do Natal? Por que não levar a mensagem de Cristo, que pede de nós que amemos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos? Ele nos ensinou a partilhar tudo uns com os outros: amor, alegria, bens materiais, entre tantas outras coisas. Enfim, há muito que dizer ao mundo acerca do verdadeiro Natal, que não se resume somente a comida e bebida, mas trata-se do reconhecimento de que Deus se fez homem na pessoa de Jesus de Nazaré, a fim de nos libertar do poder do pecado e da morte, dando-nos vida e uma viva esperança, a saber, a de vivermos eternamente com ele.

Enquanto houver cristãos equilibrados e cientes desses fatos, juntar-se-ão àquele anjo, que há dois mil anos bradou para que todos ouvissem alto e bom som a Boa Notícia que seria motivo de grande alegria a todos: "Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador que é Cristo, o Senhor!" (Lucas 2.11).

22. Por que os testemunhas de Jeová recusam transfusão de sangue?

Desde 1945, a liderança máxima da seita, o Corpo Governante (v. o cap. 3), proíbe as transfusões de sangue. Baseando-se em textos bíblicos que proíbem a ingestão de sangue como fonte alimentar, os testemunhas de

Jeová creem que os mesmos princípios devem ser aplicados às transfusões, pois raciocinam que a transfusão é o mesmo que comer sangue.

Além disso, costumam fazer extensas citações de depoimentos médicos sobre os riscos que acompanham as transfusões de sangue. Ao recusar uma transfusão, o membro da seita é incentivado a solicitar tratamentos alternativos, que não se valham de sangue.

A fim de ajudar os testemunhas de Jeová a manter essa posição com respeito ao sangue, foram formadas em 1984 diversas comissões de anciãos (líderes locais) para entrevistar médicos e registrar os que respeitariam a decisão do paciente testemunha de Jeová de não aceitar transfusões de sangue. Esse sistema ganhou força em 1991, quando se realizou na cidade de São Paulo um seminário internacional de Comissões de Ligação com Hospitais (Colihs). Os membros dessas comissões começariam a fazer apresentações a médicos e a equipes médicas, esclarecendo a posição da seita sobre o uso de sangue e repassando-lhes artigos científicos sobre tratamentos sem sangue. As Colihs agem em cidades com grandes centros de tratamento médico.

Em outubro de 1992, os testemunhas de Jeová realizaram na cidade de São Paulo o XXII Congresso Internacional sobre Transfusões de Sangue. Estiveram presentes cerca de 1.300 médicos de mais de cem países. Uma hematologista, membro da seita, apresentou um pôster que alistava 65 alternativas médicas à transfusão de sangue. Nos meses seguintes, fizeram-se apresentações em 20 conselhos regionais de medicina, e vários deles recomendaram que, ocorrendo problemas relacionados ao sangue, os médicos contatassem as Colihs locais. Por meio desses seminários, os testemunhas de Jeová conseguiram a cooperação de quase 2 mil médicos dispostos a realizar operações sem uso de sangue.

Os testemunhas de Jeová costumam levar a sério essa proibição, preferindo a morte a uma transfusão sanguínea. Muitas pessoas já morreram por obedecer cegamente a essa proibição. Em 1983, em Ontário, no Canadá, os pais de Sara Cyrenne, de 12 anos, recusaram a transfusão de sangue, causando sua morte. Sua mãe declarou: "Nós o fizemos porque sabíamos que o que havíamos feito era a coisa certa e que tínhamos Jeová Deus do nosso lado" (*A Sentinela*, 15/8/1983, p. 29).

Outro caso envolvendo crianças e adolescentes foi noticiado na *Despertai!* de 22 de maio de 1994. Sob o tema "Jovens que colocaram Deus em primeiro lugar", a revista apresentou todos os que morreram como mártires por recusar transfusão de sangue. Foi o caso de Lenae Martinez (12 anos), Adrian Yeatts (15 anos) e Lisa Kosack (12 anos). Eram portadores de leucemia. Eles, com o apoio dos pais, recusaram o tratamento (programa intensivo de quimioterapia e transfusões de sangue) e morreram.

O Corpo Governante leva os testemunhas de Jeová a encarar a transfusão de sangue como "espiritualmente corrompedora" (*Nosso ministério do reino*, fevereiro de 1991, p. 3), ou seja, a transfusão poderá levar o adepto a perder o favor de Jeová, o que implica sua destruição eterna. Isso fica evidente pela seguinte declaração: "Os pais precisam estar firmemente decididos a recusar o sangue para si mesmos e para seus filhos, prezando sua relação com Jeová mais do que qualquer alegado prolongamento da vida que envolva a transgressão da lei divina. *Estão envolvidos o favor de Deus agora e a vida eterna no futuro*!" (*Nosso ministério do reino*, setembro de 1992, p. 3). Segundo o Corpo Governante, quando os pais testemunhas de Jeová escolhem um tratamento sem o recurso do sangue, isso "mantém os filhos no favor do grande Deus da Vida, Jeová Deus" (ibid., p. 5).

Por conta disso, muitos casos de pais que recusaram transfusão de sangue para seus filhos foram registrados no Brasil (em muitos, verificou-se a morte do filho). Por exemplo, em 1993, na cidade de Curitiba, o menino Kleison Sílvio Bento, de 10 meses, nasceu com uma deformação congênita do coração. Era necessário submetê-lo a uma cirurgia para corrigir a deformação. Entretanto, sua mãe, testemunha de Jeová, recusou-se a autorizar tal operação. Depois de meses de discussão, o hospital no qual Kleison estava internado conseguiu na Justiça o direito de operá-lo, mas foi tarde demais. A criança sofreu uma parada cardíaca, vindo a falecer após a operação, segundo noticiou na época o *Jornal do Brasil*, em matéria de 24 de abril de 1993.

Outro caso, dessa vez de um adulto, foi noticiado pelo jornal *Folha da Tarde* (2/6/1994, A-7). Em junho de 1994, um hospital da cidade de São Paulo precisou recorrer à Justiça para operar o comerciante José Nogueira

de Lima. Sua família, testemunha de Jeová, havia proibido a cirurgia. Felizmente, a cirurgia resultou na salvação de José Nogueira. Apesar disso, a família protestou.

A fim de se assegurar de que, em caso de acidente, não venham a ser submetidos a transfusão de sangue, os testemunhas de Jeová portam o *Documento para uso médico*: *Não aplique sangue*. O documento solicita que, em caso de acidente, não seja ministrada uma transfusão de sangue. Para facilitar a adesão de médicos, o documento isenta toda a equipe médica de quaisquer danos causados pela recusa. Eis o teor do documento:

> Eu, , determino que não me seja aplicada nenhuma transfusão de sangue, mesmo que médicos julguem isso vital para minha saúde ou minha vida. Aceito expansores de plasma não derivados de sangue (tais como Dextran, solução salina ou de Ringer, amido-hidroxietil). Tenho anos e é de minha própria iniciativa que valido este documento. Este está em conformidade com meus direitos como paciente e com minhas crenças como testemunha de Jeová. A Bíblia ordena: "Persisti em abster-vos de sangue" (Atos 15:28,29). Essa é, e tem sido, minha posição há anos. Determino que não me seja aplicada nenhuma transfusão de sangue. Aceito qualquer risco adicional que isso possa acarretar. Isento médicos, anestesistas, hospitais e a equipe médica de responsabilidade por quaisquer resultados adversos causados por minha recusa, a despeito de seus competentes cuidados. No caso de eu ficar inconsciente, autorizo qualquer das testemunhas abaixo a cuidar de que minha decisão seja sustentada.

No caso de crianças, há outro documento em que os pais se responsabilizam pelos danos causados pela recusa da transfusão.

A razão principal de um testemunha de Jeová recusar a hemoterapia está na má interpretação que seus líderes fazem de certas passagens bíblicas, como Gênesis 9.4, Levítico 17.11,12 e Atos 15.28,29. Todos esses textos bíblicos proíbem a ingestão de sangue como dieta alimentar. Não está em questão o uso do sangue como tratamento terapêutico. Neste caso,

a principal objeção dos testemunhas de Jeová seria a seguinte: transfusão é o mesmo que ingestão de sangue. O argumento é:

> Num hospital, quando um paciente não consegue alimentar-se pela boca, ele é alimentado endovenosamente. Ora, será que alguém que jamais poria sangue em sua boca, mas que aceitasse sangue por meio de transfusão, estaria realmente obedecendo à ordem de "persistir em abster-se de sangue"? (Atos 15:29). A título de comparação, considere o caso de um homem a quem o médico dissesse que precisa abster-se de álcool. Estaria ele obedecendo à ordem, se deixasse de beber álcool, mas fizesse que este lhe fosse injetado diretamente nas veias? (*Raciocínios à base das Escrituras,* 1989, p. 345).

O erro do argumento anteriormente citado está em ver o sangue como alimento, não como tratamento médico. Desfazendo-se a má interpretação, anula-se o argumento. Ademais, a comparação proposta anteriormente é totalmente descabida, pelas seguintes razões:

1. O paciente que injeta álcool pelas veias quando proibido de fazê-lo oralmente está desobedecendo a um preceito médico. Tal não é o caso das transfusões de sangue, que são, em certos casos, administradas e recomendadas por médicos.
2. O paciente da comparação lembra um viciado em álcool, que faz de tudo para manter o vício, prejudicando sua saúde. Isso nada tem que ver com a hemoterapia, ou seja, com o tratamento à base de sangue, que visa ao restabelecimento da saúde do indivíduo.

A fim de fazer que os textos bíblicos supracitados sejam aplicados às transfusões, é comum entre os testemunhas de Jeová a citação de Levítico 17.10, em que se proíbe comer "qualquer espécie de sangue" (*NM*), incluindo o sangue humano. Trata-se de um argumento sem nexo, pois o contexto revela como a expressão "qualquer espécie de sangue" deve ser entendida. Nos versículos 13 e 14 (*NM*), lemos o seguinte:

> Quanto a qualquer homem dos filhos de Israel ou algum residente forasteiro que reside no vosso meio, que caçando apanhe um animal selvático ou uma ave que se possa comer, neste caso tem de derramar seu sangue e cobri-lo com pó. [...] Não deveis comer o sangue de qualquer tipo de carne, porque a alma de todo tipo de carne é seu sangue.

Há aqui dois tipos de sangue: de um lado, o sangue de um animal selvático; de outro, o sangue de uma ave. Nem de um nem de outro se deveria comer o sangue. Assim, a expressão "qualquer espécie de sangue" deve ser, de acordo com o contexto, entendida como "qualquer espécie de sangue animal, seja selvático, seja alado". Não pode estar em questão o sangue humano, pois não havia canibais entre os israelitas.

Segundo afirmação dos testemunhas de Jeová, os primeiros cristãos entendiam que a proibição bíblica de não ingerir sangue inclui o da espécie humana. Para isso, reportam-se a uma declaração de Tertuliano (155-c.220 d.C.), um dos pais da Igreja, que disse: "O interdito do sangue, nós entenderemos como sendo (um interdito) ainda mais do sangue humano" (*Raciocínios à base das Escrituras*, 1989, p. 345).

Quando Tertuliano proferiu essas palavras em sua obra *Apologeticum* [*Apologia*], escrita por volta do fim de 197 d.C., sua intenção era solicitar aos governadores provinciais do Império Romano que concedessem liberdade religiosa aos cristãos (ALTANER, 1960, p. 169). Estes eram perseguidos por causa de certas mentiras que circulavam no império, como a de que os cristãos comiam crianças e bebiam seu sangue em banquetes de infanticídio sacramental (QUASTEN, 1953, v. 2, p. 257). Em defesa dos cristãos, Tertuliano afirmou que os cristãos não ingeriam sangue animal em suas refeições, muito menos sangue humano. O *Raciocínios à base das Escrituras* (p. 344), dos testemunhas de Jeová, confirma essa informação, ao citar o livro *Tertulian, Apologetical Works, and Minucius Felix, Octavius*, New York, 1950, p. 33.

Portanto, a declaração de Tertuliano deixa claro que nenhum cristão se atreveria a consumir sangue humano, já que as Escrituras proíbem

ingerir até mesmo sangue animal. O que não se pode afirmar, contudo, é que as palavras de Tertuliano devam ser aplicadas às transfusões de sangue. Nem Tertuliano nem os autores cristãos tinham isso em mente quando registraram a proibição divina de ingerir sangue.

Toda essa questão se resolve quando temos em mente que comer sangue e transfundir sangue são coisas totalmente diferentes.

23. Como você se envolveu com a seita Testemunhas de Jeová e o que o levou a abandoná-la?

Desde cedo, aprendi a gostar das coisas espirituais. Aos 8 anos, ganhei a obra *Meu livro de histórias bíblicas*, editado pelos Testemunhas de Jeová. As ilustrações do paraíso terrestre chamaram-me a atenção; desde aquele momento, passei a desejar a vida naquele lindo lugar! Palavras como "nova ordem" e "Jeová" causaram grande impacto em mim. Aos poucos, interessava-me por saber muito mais.

Minha mãe estudava com os testemunhas de Jeová. Meu pai, voltado para a mística esotérica, não gostava desses estudos. Quando ela decidiu parar de estudar, eu continuei. Meu contato maior com os testemunhas de Jeová sempre foi por meio da página impressa. Lia tudo. Não faltavam livros lá em casa, nem as revistas *A Sentinela* e *Despertai!*

Sempre sedento das coisas espirituais, passei a ir por conta própria às reuniões em casa de um testemunha de Jeová. O carinho e a atenção que dispensavam a mim eram cativantes. Isso foi no início de 1982. A partir daí, começaria um longo estágio na seita.

Aos poucos, fui assimilando a ideia de que aquela era a única religião verdadeira. Se Deus tinha um povo na terra, só poderia ser aquele. Passei a levar a sério o que aprendia, e também compartilhava isso com colegas da escola, principalmente em momentos de debate, quando alguns questionavam minha fé. A seita passou a fazer parte de minha vida.

Eu era tão assíduo às reuniões do "estudo de livro de congregação" que alguns achavam que eu já tinha meu estudo bíblico domiciliar. Até que alguém percebeu que eu não tinha um "instrutor". Depois de participar por dois anos daquelas reuniões, alguém foi designado para ir

uma vez por semana a minha casa. Por tudo o que já havia lido e ouvido, eu já estava bem avançado no conhecimento doutrinário. Sempre me preparava para cada estudo. A vontade de aprender mais sobre Jeová crescia a cada dia, e minha vida foi sendo moldada pelos costumes da seita. Passei a trabalhar de casa em casa, matriculei-me na escola de oratória pública e por fim me batizei na seita em 6 de julho de 1985. Minha perseverança influenciou minhas quatro irmãs e minha mãe a retornar para a seita.

Contudo, algo viria a abalar minha fé naquela que eu considerava ser a organização dirigida por Jeová. Tudo começou por volta do final de abril de 1988, com a chegada de *A Sentinela*, de 1º de junho. A seção que eu mais gostava de ler, "Perguntas dos leitores", trazia a seguinte questão: "Significam as palavras de Jesus em Mateus 11:24 que aqueles que Jeová destruiu com fogo em Sodoma e Gomorra serão ressuscitados?". Eu havia aprendido que Jeová daria uma segunda chance aos habitantes de Sodoma e Gomorra, e essa informação veio de Jeová por meio do seu "canal de comunicação", o "escravo fiel e discreto" e seu "Corpo Governante". Entretanto, *A Sentinela* informava que eles não seriam mais ressuscitados. Até aquele momento, eu confiava cegamente no Corpo Governante como o "canal de comunicação" do Altíssimo (v. o cap. 3). Mas pensei: "Se o Corpo Governante é o canal de comunicação de Jeová, como é possível que isso pudesse estar acontecendo? Será que Jeová não sabe interpretar corretamente sua Palavra? Ou será que o Corpo Governante não é de fato o seu 'canal de comunicação'?". Eu aprendera no *Poderá viver para sempre* (p. 32) que não pode haver duas verdades, quando uma não concorda com a outra. Por conseguinte, uma deveria ser necessariamente mentira. Mas poderia a organização do Soberano universal ensinar mentiras? Como, se éramos a única religião verdadeira?

E assim a dúvida assaltou-me sobremaneira. Praticamente não consegui dormir aquela noite. Era um misto de medo e descrença. Eu estava nutrindo dúvidas contra os "ungidos" de Jeová, e ele poderia castigar-me por isso no Armagedom. Decidi então aceitar a explicação de que se tratava de uma "nova luz", uma "nova verdade" que Jeová estava lançando sobre a organização (Provérbios 4.18).

Eu já estava me acostumando à "nova verdade" quando descobri que o Corpo Governante, além de contraditório, era assassino. Soube disso por meio de uma manifestação pacífica feita por alguns cristãos portando faixas e cartazes em agosto de 1988 na porta do estádio do Maracanã, num congresso promovido pela seita. Uma faixa dizia:

Haverá justiça divina para os assassinos do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová?

- Proibiram vacinas de 1931 a 1952.
- Proibiram transplantes de órgãos de 1967 a 1980.
- E ainda proíbem as transfusões de sangue desde 1945.
- Até quando?

Essa confusão não vem de Jeová — Provérbios 19.5

Acabei descobrindo que aquelas informações eram verdadeiras. Como o Corpo Governante pode ser tão irresponsável? O que dizer das vidas que foram ceifadas por acreditarem em suas declarações? Então pensei que Jeová não poderia ser o responsável por nada disso e, portanto, o Corpo Governante não poderia ser seu "canal de comunicação". Voltei à estaca zero. Lá estava eu novamente em meio ao misto de medo e descrença. Dessa vez, a coisa era séria. Entrei em depressão. Meu mundo ruíra completamente. Não sabia realmente o que fazer. Não poderia compartilhar meus temores com ninguém, pois eu poderia ser denunciado por apostasia.

Isso me levou a sair do Rio de Janeiro. Fui para São José dos Campos, SP, em janeiro de 1990. Pensei que em outro estado essa crise passaria. Não passou. O problema era interno; não adiantava fugir. Meses depois, conheci um ancião que me convenceu a voltar para o Rio de Janeiro e retomar minha vida de jovem teocrático. Voltei para o Rio em julho de 1990. Ao retornar, contei a um dos anciãos de minha congregação o que havia acontecido. Convencido de que era a mão de Jeová atrás dos acontecimentos, decidi sufocar cada foco de dúvida que se abatera sobre mim.

Quase um ano depois, ao trabalhar de casa em casa, vi uma de minhas irmãs em apuros com um pastor evangélico. Estava desafiando minha

irmã e sua companheira para um debate. Afirmou possuir provas materiais que confirmavam ser o Corpo Governante um falso profeta, pois este teria previsto a vinda do Armagedom para diversas datas: 1914, 1925, 1941 e 1975. O duelo se daria um mês depois, em abril de 1991.

Fui à casa desse pastor no dia e na hora marcados. Ele estava munido de provas documentais que confirmavam suas acusações. Somando-se todas as contradições, era impossível não deixar de concluir que o Corpo Governante era um falso profeta. Eu me recusava a reconhecer isso, porque não queria novamente mergulhar na dúvida. Decepção total! Tudo o que aquele líder havia mencionado era verdade. O texto de Deuteronômio 18.20-22, que fala dos falsos profetas, encaixava-se com perfeição no Corpo Governante. Não havia mais saída, nem desculpas.

Diante da constatação de que eu estava numa seita, decidi investigar à luz da Bíblia seu sistema doutrinário. Até então, nunca tinha lido a Bíblia sem alguma publicação do Corpo Governante como retaguarda. Estava convencido de que seria preciso ler a Bíblia sem influência alguma do Corpo Governante. Cada investigação direta no texto sagrado era uma surpresa para mim. Os resultados das primeiras pesquisas revelaram que os 144 mil não seriam os únicos a ir para o céu: eu também poderia ir; que Miguel, o arcanjo, e Jesus não eram a mesma pessoa, pois Jesus é Criador e Miguel é criatura; que o Espírito Santo não era uma força ativa, impessoal, mas um ser pessoal e, com o Pai e o Filho, um só Deus.

Tomei também conhecimento de livros publicados por ex-testemunhas de Jeová. Outros já haviam trilhado aquele caminho tortuoso, e sobreviveram. Sentia-me motivado a prosseguir em minhas investigações. Estudava horas a fio. Não queria perder um minuto. É de perder de vista a quantidade de livros que li e de horas que dediquei ao estudo da Bíblia.

O que eu mais queria entender em todo o corpo doutrinário do cristianismo era a doutrina da Trindade. Parecia-me que os argumentos dos testemunhas de Jeová eram irrefutáveis. Contudo, rebatê-los não foi tão difícil quanto parecia à primeira vista. Ao perceber em que medida a *Tradução do Novo Mundo* fora manipulada e deliberadamente adulterada para fazer desaparecer todo indício da divindade de Jesus Cristo, bem

como da personalidade e divindade do Espírito Santo, não tive mais dúvidas quanto ao assunto.

De abril a setembro de 1991, permaneci somente estudando. Coletei muitas informações (sempre muito bem guardadas de minha família). Meu interesse pela seita se desvanecera. Mas, ainda assim, era preciso permanecer entre eles, pois todos os meus amigos estavam lá. E minha família? Tinha medo de perdê-la. Assim, com receio de ver desencadeado o fim de minha família, protelei minha saída da seita.

Contudo, em setembro de 1991, senti-me compelido a pôr à prova tudo o que havia descoberto. Queria saber se poderia ser refutado por um dos anciãos mais conceituados no circuito do qual fazia parte. Somente então, eu teria a certeza da solidez de tudo o que havia, com muito esforço, estudado. Tivemos vários encontros. E pela primeira vez vi a figura que tanto admirava por seus conhecimentos "teocráticos" ficar por vezes calada, sem saber o que dizer. Em relação às atrocidades cometidas pelo Corpo Governante, ele citou o exemplo de Davi, que certa vez mandou matar o marido de uma mulher com quem adulterara. Se Jeová o havia perdoado por isso, por que não perdoaria o Corpo Governante? Em nenhum momento, ele se atreveu a questionar a autoridade dos líderes da seita.

Eu sabia que meus dias estavam contados nessa seita. Afastei-me de todas as atividades de setembro a dezembro, sem apresentar a ninguém as razões de meu afastamento. Recebi cartas, telefonemas e visitas. Ninguém acreditava no que estava acontecendo. Se eu tivesse mencionado qualquer palavra contra a organização, seria acusado de estar fomentando apostasia. Acuado, ficava calado, pois não queria ser visto como apóstata, vendo em seus olhos o desprezo e a dor. Até então, somente aquele ancião tinha conhecimento disso. Contudo, quando ele relatou o caso aos demais anciãos, fui convocado no dia 12 de dezembro de 1991 para uma reunião com a *comissão judicativa*, que lida com as questões de ordem disciplinar na congregação local. Já antevendo o que poderia acontecer, decidi escrever uma carta declarando meu desejo de não mais ser reconhecido como membro dessa organização anticristã. A carta foi escrita no dia 8 de dezembro, quatro dias antes da reunião marcada.

Na reunião, tentaram convencer-me de que o caminho que estava tomando me conduziria à destruição eterna. Fui acusado de soberba, pois segundo eles, estava querendo ser mais conhecedor da Bíblia do que a seita. Quando quis dialogar sobre algumas passagens bíblicas, recusaram-se. Além disso, disseram-me que a congregação é como um corpo, e um dos membros estava com gangrena; das duas, uma: ou saravam o membro, ou teriam de amputá-lo. Isso foi a gota d'água para mim.

Nesse instante, então, entreguei-lhes a carta anunciando minha dissociação. Foi uma autoamputação. Na carta, expus as razões por que estava rompendo com uma associação que perdurou muitos anos, consumindo minha adolescência e juventude. Não poderia continuar numa organização cuja história era repleta de falsas profecias e intermináveis contradições. Como confiar numa religião doutrinariamente inconstante? Eu não teria nenhuma garantia de que a provável "verdade" de hoje não se tornaria mentira amanhã. Uma seita assim jamais poderia ser a única religião verdadeira. Por isso, em sã consciência, não poderia continuar nessa seita.

Finalmente, saí daquela fatídica reunião sabendo que na semana seguinte anunciariam à congregação que eu me dissociara da organização, que "abandonei Jeová".

Naquela noite, fui para casa a passos lentos, tentando postergar ao máximo olhar para minha família. Não sabia como lhe diria o que estava acontecendo. Qual seria sua reação? Eu seria desprezado? Esse era meu grande temor. Ao chegar a casa, não tive coragem de dizer-lhe nada. Deixei para o dia seguinte. Foi impossível dormir aquela noite. Eu estava em frangalhos. Nunca havia chorado tanto em minha vida! "Jeová, ajude-me!", era só o que eu clamava.

No dia seguinte, reuni minha família, incluindo meu pai; convoquei também minha tia, aquela que me dera o *Meu livro de histórias bíblicas*, e uma prima. Relatei-lhes tudo o que havia acontecido. À medida que falava, via em seus olhos decepção e descrença (menos nos de papai, que parecia estar gostando da notícia; seu filho por fim estava livre daquele fanatismo religioso). Quando quis alertá-los, de imediato fui interrompido.

Disseram-me que não ouviriam nada contra a organização de Jeová; que o erro era meu; que Satanás havia conseguido capturar-me. Assim, uma a uma, saíram de minha presença, sem sequer me dar ouvidos. Uma de minhas irmãs falava bem alto a fim de abafar o som de minha voz. Não havia mais clima para qualquer tipo de conversa. Recordo-me de que naquela noite, antes de recolher-me, fui, como de costume, pedir a bênção de meus pais. Mamãe recusou-se a dá-la. Fiquei arrasado!

Na semana seguinte, quando foi dado o anúncio de minha dissociação, deparei-me com alguns testemunhas de Jeová na rua. Imediatamente, baixaram a cabeça, sem dirigir-me a palavra. Nem uma simples saudação. Não queriam ser cúmplices de um "apóstata". Na cabeça daquela gente, eu havia traído e abandonado Jeová. Alguns chegavam a dar meia-volta, a fim de não passar pelo mesmo lugar em que eu me encontrava. Era estranho ver meus ex-companheiros agindo dessa forma. Pregava-se tanto o amor, a fraternidade, a compaixão... Naquele momento, eu só via pobres almas fanáticas e amedrontadas. Seu coração estava endurecido. Não conseguia acreditar que eu mesmo havia sido um deles!

Quanto à minha família, aos poucos a poeira foi se assentando. Apesar de continuar na seita — com exceção de minha irmã mais velha, excluída do grupo em 1994 —, retomamos nossos laços de ternura. Todavia, continua a proibição de que conversem comigo coisas sobre a seita ou outro tema relacionado à Bíblia. Elas seguem isso ao pé da letra. No dia do meu casamento, por exemplo, minha mãe e duas de minhas irmãs ficaram do lado de fora da igreja. Elas estavam divididas entre o amor por mim e pela seita. Estiveram lá, em consideração a mim, mas não entraram na igreja, em obediência à seita. Ainda aguardo pacientemente a saída de minha mãe e minhas irmãs dessa seita. Não vejo a hora de partilhar com elas a alegria da salvação, que somente o verdadeiro Jesus Cristo, Deus de Deus, Luz de Luz, pode dar.

Livre, leve e solto. Foi assim que me senti, apesar de toda a dor inicial. "Mas e agora, para onde ir?", era a pergunta que me fazia. Alguém em meu lugar talvez não quisesse saber de religião nenhuma. Foi o que pensei. Mas estava sem rumo e achava que não poderia ficar sem uma

religião, pois tinha medo de sentir-me livre o bastante para fazer o que bem entendesse, sem ligar nem mesmo para Deus. Não sabia o que fazer com minha liberdade. Eu ainda achava que o cristianismo significava pertencer a um grupo religioso específico, seguindo suas crenças e costumes.

Contudo, em fevereiro de 1992, numa igreja batista que ficava duas ruas atrás do *salão do reino* em que fui membro, aprendi que o verdadeiro cristianismo é uma entrega total e incondicional ao senhorio de Jesus Cristo. Eu já tinha conhecimento intelectual sobre quem ele era, mas não sabia que poderia relacionar-me com ele, senti-lo e amá-lo profundamente. Lembro-me até hoje da forma carinhosa em que o pastor daquela igreja, Paulo Lima, tratou-me. Ele não estava nem um pouco preocupado com minhas indagações teológicas, mas com o meu relacionamento pessoal com Cristo. Passei a ver o cristianismo sob outra ótica.

Foi reconfortante saber que minha felicidade e salvação não dependeriam mais de uma organização religiosa, mas de um relacionamento íntimo com Deus.

Diante de tudo o que foi relatado aqui, fica evidente a razão pela qual não canso de, noite e dia, agradecer a Deus por minha libertação da seita Testemunhas de Jeová. Por isso, agradeço ao Pai, o qual me elegeu antes da fundação do mundo e me predestinou para ser seu filho adotivo por Jesus Cristo (Efésios 1.3-6); ao Filho, Deus de Deus, Luz de Luz, que por mim morreu na cruz, derramando seu sangue para salvar-me do poder do pecado e da morte (Efésios 1.7); e ao Espírito Santo, o Consolador, por meio do qual fui selado para sempre para o louvor da glória de Deus (Efésios 1.13,14). Creio que este é, de todos, o maior testemunho que alguém pode dar.

Desde então, Deus tem sido realmente muito bondoso comigo. Além de ter me libertado dessa seita, deu-me um ministério de evangelização, por meio do qual já vi muitos se renderem aos pés de Cristo. Ele também me presentou com uma família marvilhosa: Ana Cléia, uma fiel presbiteriana formada em teologia, e nossas heranças no Senhor: Ana Maria e Ana Luíza, que nos dão muita alegria ao se juntarem a nós na adoração do nosso "único Dono e Senhor Jesus Cristo" (Judas 4).

Apêndice 2

Os credos do cristianismo

Apresentamos a seguir as confissões de fé comuns a todos os cristãos, a despeito da imensa diversidade denominacional que caracteriza o cristianismo. São valiosíssimas, principalmente por se tratar de excelentes súmulas da fé cristã.

O leitor perceberá que não existe uma cláusula para "Creio que a Bíblia, a Palavra escrita de Deus, seja nossa fonte de autoridade e fé", pois tudo o que se acha nos credos pode ser averiguado no Livro Santo. A Bíblia é, em última instância, a base do conteúdo dos credos.

Por que tamanha importância para com os credos? Ambrósio de Milão (c. 340-397), ao falar do *credo apostólico*, fornece-nos a resposta: "Os santos apóstolos reunidos juntos fizeram um resumo da fé, a fim de que pudéssemos compreender brevemente o elenco de toda a nossa fé. A brevidade é necessária, para que ele seja sempre mantido na memória e na lembrança" (1996, p. 23).

Assim, tê-los em mente e recitá-los é um bom exercício para que jamais nos esqueçamos das doutrinas centrais da fé cristã. Os credos, certamente, não detêm poderes miraculosos (como cria Ambrósio de Milão com relação ao *apostólico* [ibid., p. 28), mas são profundamente didáticos (v. HALL, 2000).

CREDO APOSTÓLICO (SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS)

Documento datado de antes do século IV.

> Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, criador do céu e da terra.
>
> E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao Céu; e está sentado à mão direita de Deus Pai Todo-Poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
>
> Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica;[1] na Comunhão dos santos; na Remissão dos pecados; na Ressurreição do Corpo; e na Vida Eterna. Amém.[2]

CREDO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO

Formulado no Concílio de Niceia no ano 325 d.C. e revisado no Concílio de Constantinopla, no ano 381.

> Creio em um Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis;
>
> E em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma só substância com o Pai; pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne do Espírito Santo e da Virgem Maria, e tornou-se homem; e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos, e padeceu, e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras; e subiu aos céus, e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim.

[1] Palavra de origem grega que significa "universal", pois a Igreja deveria estar presente em todo o mundo (Mateus 13.24,37,38; 28.19,20; Atos 1.8).

[2] <http://www.dar.org.br/biblioteca/57-documentos/530-credo-apostolico.html>. Acesso em: 29/9/2009.

E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas.

E na Igreja una, santa, católica e apostólica; confessamos um só batismo para remissão dos pecados.[3] Esperamos a ressurreição dos mortos e da vida do mundo vindouro.[4]

CREDO ATANASIANO

Séculos IV e V, assim chamado em homenagem a Atanásio.[5]

1. Todo aquele que quiser ser salvo, é necessário, acima de tudo, que sustente a Fé Católica;
2. A qual, a menos que cada um preserve perfeita e inviolável, certamente perecerá para sempre;
3. Mas a Fé Católica é esta: que adoremos um Único Deus em Trindade e a Trindade em Unidade;
4. Não confundindo as Pessoas, nem dividindo a substância;
5. Porque a Pessoa do Pai é uma, a do Filho é outra, e a do Espírito Santo outra,
6. Mas no Pai, no Filho e no Espírito Santo há uma mesma Divindade, igual em Glória e coeterna Majestade;
7. O que o Pai é, o mesmo é o Filho, e o Espírito Santo;

[3] Essa é uma cláusula polêmica em muitas igrejas evangélicas, pois entendem a expressão "um só batismo para a remissão de pecados" como uma afronta à salvação pela graça mediante a fé (Efésios 2.8,9). Martinho Lutero não deixou de ensinar tal cláusula, lembrando, contudo, que não é a água em si que produz algum efeito salvífico, mas a obediência ao mandamento de Cristo, que afirmou que todos os que abraçassem sua mensagem deveriam ser batizados (Mateus 28.19). Há também quem prefira ver o batismo aí referido como o batismo espiritual em Cristo (Romanos 6.3,4), sendo a água tão somente símbolo desse batismo espiritual.

[4] Disponível em <http://www.dar.org.br/biblioteca/57-documentos/528-credo-niceno-constantinopolitano.html>. Acesso em: 29/9/2009.

[5] Autor da obra *Da encarnação*, que defendia a plena humanidade e a plena divindade de Jesus Cristo, Atanásio foi a grande figura que diligentemente lutou contra a heresia ariana, a qual defendia a ideia de que Jesus era uma criatura, não o Criador.

8. O Pai é não criado, o Filho é não criado, o Espírito Santo é não criado;
9. O Pai é ilimitado, o Filho é ilimitado, o Espírito Santo é ilimitado;
10. O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno;
11. Contudo não há três eternos, mas um eterno;
12. Portanto não há três (seres) não criados, nem três ilimitados, mas um não criado e um ilimitado;
13. Do mesmo modo, o Pai é Onipotente, o Filho é Onipotente, o Espírito Santo é Onipotente;
14. Contudo não há três Onipotentes, mas um só Onipotente;
15. Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus;
16. Contudo não há três Deuses, mas um só Deus;
17. Portanto o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor;
18. Contudo, não há três Senhores, mas um só Senhor;
19. Porque, assim como compelidos pela verdade cristã a confessar cada pessoa separadamente como Deus e Senhor, assim também somos proibidos pela religião Católica de dizer que há três Deuses ou Senhores.
20. O Pai não foi feito de ninguém, nem foi criado, nem gerado;
21. O Filho procede do Pai somente; nem feito, nem criado, mas gerado;
22. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho; não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente;
23. Portanto, há um só Pai, não três Pais; um Filho, não três Filhos; um Espírito Santo, e não três Espíritos Santos.
24. E nessa Trindade nenhum é primeiro ou último, nenhum é maior ou menor;
25. Mas todas as três pessoas coeternas são coiguais entre si, de modo que em tudo o que foi dito acima, tanto a Unidade em Trindade, como a Trindade em Unidade deve ser cultuada;
26. Logo, todo aquele que quiser ser salvo deve pensar desse modo em relação à Trindade;
27. Mas também é necessário, para a salvação eterna, que se creia fielmente na Encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo;
28. É, portanto, fé verdadeira que creiamos e confessemos que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é tanto Deus como homem;

29. Ele é Deus eternamente gerado da substância do Pai. Homem nascido no tempo da substância da sua mãe;
30. Perfeito Deus, perfeito homem, subsistindo de uma alma racional e carne humana;
31. Igual ao Pai com relação à sua divindade, menor do que o Pai com relação à sua humanidade;
32. O qual, embora seja Deus e homem, não é dois, mas um só Cristo;
33. Mas um, não pela conversão da sua divindade em carne, mas por sua divindade haver assumido sua humanidade;
34. Um, não, de modo algum, pela confusão de substância, mas pela unidade de pessoa;
35. Pois assim como uma alma racional e carne constituem um só homem, assim Deus e homem constituem um só Cristo;
36. O qual sofreu por nossa salvação, desceu ao Hades, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia;
37. Ascendeu ao Céu, sentou à direita de Deus, Pai Onipotente; de onde virá para julgar os vivos e os mortos;
38. Em cuja vinda, todo homem ressuscitará com seus corpos, e prestarão contas de suas obras;
39. E aqueles que houverem feito o bem irão para a vida eterna. Aqueles que houverem feito o mal, para o fogo eterno;
40. Esta é a Fé católica, a qual, a não ser que um homem creia firmemente nela, não pode ser salvo.[6]

CREDO (DEFINIÇÃO OU FÓRMULA) DE CALCEDÔNIA

Século V, formulado no ano 451 d.C., no Concílio de Calcedônia.

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo,

[6] Disponível em <http://www.dar.org.br/biblioteca/57-documentos/529-credo-atanasiano.html>. Acesso em: 29/9/2009.

perfeito quanto à divindade, perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial [*homooysios*] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus [*Theotókos*];[7]

Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, conseparáveis e indivisíveis [*En dyo physesin, asgchytôs, atréptôs, adiairétôs, achôristôs*]. A distinção das naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência [*hypóstasis*]; não dividido ou separado em duas pessoas. Mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.[8]

[7] Muitos evangélicos têm objetado ao uso do termo "mãe de Deus", como se o Concílio de Calcedônia estivesse ensinando que Maria é mãe da Trindade. Não é esse o caso. O título "mãe de Deus" (*Theotókos*, lit. "portadora de Deus") não foi dado em razão de Maria, mas em razão de Jesus. A ênfase está nele, não nela. O título quer dizer que ele é Deus. Maria portou em seu ventre aquele que, com o Pai e com o Espírito Santo, é um só Deus, agora e sempre. Ele fez-se homem sem deixar de ser Deus. O termo *Theotókos* foi inspirado nas palavras de Isabel, mãe de João Batista, dirigidas a Maria: "Mas por que sou tão agraciada, a ponto de me visitar a mãe do meu *Senhor*?" (Lucas 1.43). O termo "Senhor" aponta para a divindade de Jesus. Aquele que estava no ventre de Maria, a quem ela amamentou e de quem cuidou, era o "Deus conosco" (Mateus 1.23), verdadeiro Deus e verdadeiro homem. O termo *Theotókos* aponta para essa confissão de fé cristológica. Cabe lembrar que o termo "Deus" pode ser aplicado a cada pessoa da Santíssima Trindade. Sendo assim, se Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não há impropriedade em afirmar que Maria foi, de fato, mãe de Deus, ou seja, de Deus Filho, do Verbo encarnado. Se ficarmos só nisso, não estaremos violando nenhum preceito bíblico.

[8] Disponível em <http://www.dar.org.br/biblioteca/57-documentos/532-confissao-de-fe-de-calcedonia.html>. Acesso em: 29/9/2009.

Bibliografia e referências

Publicações sobre as Testemunhas de Jeová

Apolinário, Pedro. **As testemunhas de Jeová e sua interpretação da Bíblia**. 4. ed. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1986.

Bowman Jr., Robert M. **Por que devo crer na Trindade**. São Paulo: Candeia: 1995.

_____. **Jehovah's Witnesses, Jesus Christ, and the Gospel of John.** Grand Rapids: Baker, 1989.

Brito, Azenilto G. **O desafio da Torre de Vigia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

Buitrago, Orellano Pérez. **Y Cristo me libertó**. Miami: Unilit, 1992.

Carrera, Antonio. **Los falsos manejos de los Testigos de Jehová**. 2. ed. Bilbao, España: [s.n.], 1976.

Carro, Daniel (Org.). **Sectas y movimientos en America Latina**. Buenos Aires: Asociación Bautista Argentina de Publicaciones, 1992.

Castex, C. Bernardo. **Estudando a Bíblia com os originais hebreus e gregos**. São Paulo: [s.n.], 1965.

Christianini, Arnaldo B. **Radiografia do jeovismo**. 2. ed. refundida e ampl. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

Conner, W. T. **The Teachings of "Pastor" Russell.** Nashville: Southern Baptist Press, 1926.

DAM, C. van. **Los Testigos de Jehová desenmascarados.** 3. ed. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 2000.

DANYANS, Eugenio. **Proceso a la "biblia" de los Testigos de Jehová.** Terrassa, España: Clie, 1971.

DIAZ, Edwin. **Testigos de Jehová o testigos de Satanás?** Barcelona: Clie, 1989.

DUNCAN, Homer. **As Testemunhas de Jeová e a divindade de Cristo.** Queluz, Portugal: Centro de Publicações Cristãs, 1977.

_____. **As Testemunhas de Jeová e a divindade do Espírito Santo.** Queluz, Portugal: Centro de Publicações Cristãs, [s.d.].

_____. **As doutrinas das Testemunhas de Jeová comparadas com as Escrituras Sagradas.** São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1985.

FERNANDEZ, Domingo. **Testigos de Jehová? Una respuesta esclarecedora.** Miami, Florida: Unilit, 1997.

FRANZ, Raymond. **Crisis de conciencia.** Barcelona: Clie, 1993.

_____. **In search of Christian Freedom.** Atlanta: Commentary, 1991.

GARDINER, Ron. **I Was a Jehovah's Witness.** Santa Ana: Caris, 1979.

GIRON, Jose. **Los Testigos de Jehová y suas doctrinas.** 7. ed. Miami, Florida: Vida, 1981.

GRIESHABER, E.; GRIESHABER, J. **Respuestas preparadas para refutar la doctrina de los Testigos de Jehová.** Wichita: Grieshaber Ministries, 1992.

HOEKEMA, Antonio. **Testigos de Jehová.** Grand Rapids, Michigan: Subcomision de Literatura Cristiana, 1978.

JUCKSCH, Alcides. **Quem são as testemunhas de Jeová.** São Leopoldo: Sinodal, 1979.

LINGLE, Wilbur. **Acercándose a los testigos de Jehová con amor.** Santafé de Bogotá, Colombia: Centro de Literatura Cristiana, 1998.

LISBOA, Abdênego. **"Seja Deus verdadeiro" e Rutherford mentiroso.** Belo Horizonte: Canaã, 1964.

_____. **Cuidado com as testemunhas de Jeová.** Belo Horizonte: Canaã, 1970.

MANZANARES, César V. **Pai, onde estão os teus filhos? Deerfield: Vida, 1987.**

_____. **As seitas perante a Bíblia.** Lisboa: São Paulo, 1994.

MARTIN, Walter. **O império das seitas**. Belo Horizonte: Betânia, 1992. v. 1.

MATHER, George A.; NICHOLS, Larry. **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo**. São Paulo: Vida, 2000.

MENEZES, Aldo. **Merecem crédito as Testemunhas de Jeová?** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Religiosas, 1995.

MIRANDA, Cid de Farias; GADELHA, William do Vale. **A verdade sobre as Testemunhas de Jeová**. [S.l.], 2004. (Edição dos autores).

NASSAR, Jamil. **Os que os "testemunhas de Jeová" precisam saber**. São Paulo: Cruzada Mundial de Literatura, 1984.

OLIVEIRA, Antenor Santos de. **Testemunhas de Jeová**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.

PAPE, Günther. **Eu fui testemunha de Jeová**. São Paulo: Paulinas, 1977.

REED, David A. **As Testemunhas de Jeová refutadas versículo por versículo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

_____. **Answering Jehovah's Witnesses: Subject by Subject**. Grand Rapids: Baker, 1996.

REIS, Aníbal Pereira. **Aos "cristãos" que não creem na divindade de Cristo**. São Paulo: Caminho de Damasco, 1971.

RHODES, Ron. **Reasoning from the Scriptures with the Jehovah's Witnesses**. Eugene: Harvest, 1993.

ROMEIRO, Paulo R.; RINALDI, Natanael. **Desmascarando as seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

SAADEH, Ya'cub H.; MADROS, Peter H. **Fé e Escritura: desafios e respostas**. São Paulo: Loyola, 1991.

SCHNELL, William J. **Trinta anos escravizado à Torre de Vigia**. Lisboa: Centro de Documental Bíblico, 1961.

_____. **À luz do cristianismo**. Lisboa: Centro de Documental Bíblico, s/d.

SILVA, Esequias Soares da. **Testemunhas de Jeová**. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995. v. 1.

_____. **Testemunhas de Jeová: comentário exegético e explicativo**. São Paulo: Candeia, 1993. v. 2.

_____. **Provas documentais**. São Paulo: Candeia, 1996.

SITES SOBRE OS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

http://indicetj.com
http://www.vigiatorre.cjb.net
http://osarsif.blogspot.com (Observatório da Watchtower)
http://www.ex-testemunhadejeova.com.br
http://observandoomundo.org
http://www.mentesbereanas.org
http://elderspov.tripod.com (A Torre sob Escrutínio)
http://www.testemunha.com.br (ex-anciãos)

BIBLIOGRAFIA TEOLÓGICA COMPLEMENTAR

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Patrística.)

APPÉRÉ, Guy. **O mistério de Cristo**. Inglaterra: Peregrino, 1990.

AULÉN, Gustaf. **A fé cristã**. São Paulo: Aste, 1965.

BEDÒYERE, Quentin. O pensamento doutrinário da Igreja. **Nova enciclopédia católica**. Rio de Janeiro: Renes, 1969. v. 7.

BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões reformadas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 3. ed. Campinas: Luz Para o Caminho, 1994.

BERKOUWER, G. C. **A pessoa de Cristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 1983.

BOETTNER, L; WARFIELD, L. **A doutrina da Trindade**. São Paulo: Vida Nova, [s.d.].

BOFF, Leonardo. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1962.

CALVINO, João. **As institutas ou tratado da religião cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 1995. 6 v.

_____; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHARPENTIER, Etienne. **Cristo ressuscitou**. São Paulo: Paulinas, 1983. (Cadernos bíblicos, 17.)

DAGG, John L. **Manual de teologia**. São José dos Campos: Fiel, 1989.

DANA, H. E.; MANTEY, Julius R. **A Manual Grammar of the Greek New Testament**. New York: The Macmillan Company, 1963.

Dicionário teológico do Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1988.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FORTE, Bruno. **A Trindade como história**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Jesus de Nazaré — História de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história**. São Paulo: Paulinas, 1985.

FRANKS, Robert S. **The Doctrine of the Trinity**. London: Gerald Duckworth and Co., 1953.

GEISLER, Norman; RHODES, Ron. **Resposta às seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

_____; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GUILLET, Jacques. **Jesus Cristo no Evangelho de João**. São Paulo: Paulinas, 1985.

HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000.

HOUSE, H. Wayne. **Teologia cristã em quadros**. São Paulo: Vida, 1999.

JOÃO PAULO II. **Jesus Cristo, verdadeiro homem**. Petrópolis: Centro de Estudos Culturais, 1993.

JOLIVET, Régis. **Curso de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

KEELEY, R. (Org.). **Fundamentos da teologia cristã**. São Paulo: Vida, 2000.

KELLY, J. N. D. **Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

KNUTSON, Kent. **Quem é Jesus Cristo?** São Leopoldo: Sinodal, 1974.

LANDUCCI, P. C. **Cem problemas de fé**. São Paulo: Paulinas, 1969.

LARSEN, Dale; LARSEN, Sandy. **Sete mitos sobre o cristianismo. São Paulo: Vida, 2000.**

LITTLE, P. E. **Saiba o que você crê**. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

MANSON, T. W. **O ensino de Jesus**. 2. ed. reimp. São Paulo: Aste, 1951.

MARMION, Dom Columba. **Jesus Cristo nos seus mistérios:** conferências espirituais. 2. ed. Porto: Ora & Labora, 1951.

MCDOWELL, Josh. **Mais que um carpinteiro**. 4. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1985.

_____; LARSON, Bart. **Jesus:** uma defesa bíblica de sua divindade. São Paulo: Candeia, 1994.

_____; STEWART, Don. **Respostas àquelas perguntas:** o que os céticos perguntam sobre a fé cristã. 2. ed. São Paulo: Candeia, 1992.

_____; WILSON, Bill. **Ele andou entre nós:** evidências do Jesus histórico. São Paulo: Candeia, 1998.

MESTERS, Carlos. **A pessoa de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MICHAELS, J. Ramsey. **João. Novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Vida Nova. 1994.

MUELLER, Ênio R. **I Pedro:** introdução e comentário. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

MUELLER, John Theodore. **Dogmática cristã**. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1957. v. 1 e 2.

PACKER, J. I. **Teologia concisa:** síntese dos fundamentos históricos da fé cristã. Campinas: Luz Para o Caminho, 1998.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à teologia patrística**. São Paulo: Loyola, 1999.

PAPROCKI, Henryk. **A promessa do Pai:** a experiência do Espírito Santo na Igreja ortodoxa.São Paulo: Paulinas, 1993.

PATFOORT, A. **O mistério do Deus vivo**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1983.

PIKE, James A.; PITTENGER, W. Norman. **A fé que professamos**. Porto Alegre: Metrópole, 1960.

RAMALHO, Jefferson. **Jesus é Deus?** São Paulo: Reflexão, 2009.

REINECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

RICHARDSON, Cyril C. **The Doctrine of the Trinity:** a Clarification of What it Attempts to Express. New York: Abingdon, [s.d.].

Romeiro, Paulo. **Supercrentes**. 8. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

Rosenthal, Stanley. **A tri-unidade de Deus no Velho Testamento**. São José dos Campos: Fiel, [s.d.].

Roxo, Mons. dr. Roberto M. **Teologia de Cristo.** Verbo Encarnado e Redentor. São Paulo: Faculdade de Teologia N. S. da Assunção; Ave Maria, 1962.

Ryle, J. C. **Fé genuína**. São José dos Campos: Fiel, 1997.

Shelton Jr., L. R. **A divindade de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, [s.d.].

Sproul, R. C. **Razão para crer:** uma resposta às objeções comuns ao cristianismo. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

Stott, **John. A cruz de Cristo. São Paulo: Vida, 2006.**

_____. **Ouça o Espírito, ouça o mundo:** como ser um cristão contemporâneo. São Paulo: ABU, 1997.

_____. **O que Cristo pensa da igreja**. Campinas: United, 1998.

Taylor, William Carey. **Introdução ao estudo do Novo Testamento grego**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001.

Tomás de Aquino. **O ente e a essência**, ed. bilíngue. Petrópolis: Vozes, 1995. V.

Turner, Donald D. **A doutrina de Deus**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, [s.d.].

Viertel, Weldon E. **A natureza e destino do homem**. Rio de Janeiro: Juerp, 1977.

Literatura da Torre de Vigia

Achegue-se a Jeová, 2002.

Adore o único Deus verdadeiro, 2002.

Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976.

As Testemunhas de Jeová unidas em fazer mundialmente a vontade de Deus (brochura), 1986.

A verdade que conduz à vida eterna, 1968.

Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático, 2001

Conhecimento que conduz à vida eterna, 1995.

Despertai! (diversos números).

Deve-se crer na Trindade? (brochura), 1989.
Espírito Santo — a força por detrás da vindoura nova ordem!, 1976.
Estudo perspicaz das Escrituras. Três volumes, 1990.
Exposição histórica da obra das Testemunhas de Jeová no Brasil, 1997.
Milhões que agora vivem jamais morrerão, 1923.
"Novos céus e uma nova terra", 1957.
O homem em busca de Deus, 1990.
O nome divino que durará para sempre (brochura), 1984.
O que a Bíblia realmente ensina?, 2005
Podeis sobreviver ao Armagedom para o novo mundo de Deus, 1959.
Poderá viver para sempre no paraíso na terra, edições de 1983 e 1989.
Qualificados para ser ministros, 1959.
Raciocínios à base das Escrituras, 1989.
Revelação: seu grandioso clímax está próximo, 1988.
Segurança mundial sob o Príncipe da Paz, 1986.
Sentinela, A (diversos números).
"Seja Deus verdadeiro", 2. ed., 1955.
Testemunhas de Jeová: proclamadores do reino de Deus, 1993.
"Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa", 1966.
Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas: com referências, 1986.
Venha ser meu seguidor, 2007
Vida eterna na liberdade dos filhos de Deus, 1966.
Unidos na adoração do único Deus verdadeiro, 1983.
Watchtower Library 1997 (CD-ROM)

Índice de textos mal interpretados

Gênesis
1.2 *240*
1.26,27 *127-128*
2.7 *257, 261-262, 271, 283*
9.4 *340*
37.35 *253, 268, 281, 283-284*
40.18-22 *323*

Êxodo
3.14 *87-88*

Levítico
17.10 *341*

Deuteronômio
6.4 *123, 127-129, 135*

IReis
8.43 *117*

Jó
14.13 *280*

Salmos
37.9 *238*
37.11 *238*
37.29 *229, 241, 307*
115.16 *241*
139.7,8 *203*
146.3,4 *295*

Provérbios
2.20-22 *242*
8.22 *143-145*

Eclesiastes
7.1 *325-326*
9.5,10 *294*

Isaías
2.4 *333*
9.6 *65, 92, 97, 103, 126, 142, 153-155, 162*
14.15 *281-283*
43.10 *53, 92, 100, 123, 132, 135, 153*
45.18 *116, 243*
60.22 *70*

Jeremias
7.31 *292*

Ezequiel
18.4 *257, 269*

Daniel
10.13 *147*

Joel
2.32 *106-108*

Mateus
3.11 *213*
5.5 *229, 242-243*
10.28 *263, 271, 276, 292*
11.11 *249*
14.6-10 *323*
17.1 *134*
22.32 *134*
24.3,4 *195*
24.30 *154, 196*
24.45-47 *53, 77, 80-81*
28.19,20 *61, 70*

Marcos
1.1 *160*
13.32 *163, 167-168, 279*
16.12 *189*

LUCAS
16.19-31 *253, 264, 267, 271, 278-279, 274, 285, 287-288, 290*
23.26 *86*
23.43 *253, 285*
24.13-35 *187*
24.15-18 *180*

JOÃO
1.1 *86, 92, 97, 148, 153, 157, 328*
8.58 *87, 93, 159*
3.13 *252*
10.16 *225-226, 228, 230*
10.30 *97, 106, 125, 130, 153, 159, 165, 169, 170, 172*
10.33 *170*
14.28 *163, 165, 167*
16.13 *207*
17.1 *106, 163, 168, 328*
17.3 *92*
17.20,21 *309*
20.11-18 *186*
20.24-29 *180*
20.28 *126*
21.1-14 *188*

ATOS
1.8 *70*
2.4 *215, 220*
2.25-31 *184*
2.29,34a *251*
2.42-47 *68*
5.3, 4 *169, 203, 209*
7.55,56 *217*
8.27-38 *81*
13.1,2 *216*
15.22,28,29 *82*
15.28,29 *340*

ROMANOS
10.13 *106-107, 126*
14.7,8 *109*

1CORINTIOS
1.10 *73*
1.24 *143*
11.3 *171*
15.25-28; 15.44 *117*
15.50 *180, 191, 195*

2CORÍNTIOS
6.6 *213-214*
6.14 *36*
13.13 *211, 220*

EFÉSIOS
1.18 *196*
4.11,12 *207, 212*

FILIPENSES
2.6,7 *165*
2.11 *93, 103*

COLOSSENSES
1.15 *157*
1.16,17 *95, 98, 128, 145, 160*
2.9 *93, 170, 175*

1TIMÓTEO
2.5 *172, 184*
4.1 *67*

2TIMÓTEO
3.15-17 *79*

1TESSALONICENSES
4.16 *146, 147*

2TESSALONICENSES
2.3-17 *66, 68*

TITO
2.13 *73, 98-101, 126*

HEBREUS
1.6 *93, 102-103, 175*
1.8 93, *103-105*
1.10-12 *105*
11 *226, 248, 251*

1PEDRO
3.18 *180, 190-192, 254, 286*

2PEDRO
2.1 *67*
3.13 *244, 247*

1JOÃO
5.7,8 *110-111*
5.20 *92, 155, 169*

2JOÃO
7, 8 *185*

JUDAS
17-25 *67-68*

APOCALIPSE
1.7, 8 *154, 198*
3.14 *160*
7.4 *228*
7.9 *226, 235, 320*
14.1-3 *228, 231*
20.13-15 *286, 291*
21.3,4 *247*

Ministério Edificar

Palestras que instruem e edificam

Além de escritor, Aldo Menezes também é professor e conferencista. Por isso, sinta-se à vontade para convidá-lo a realizar palestras dinâmicas e didáticas em sua instituição de ensino ou igreja. O objetivo dessas conferências é difundir a apologética cristã aliada ao ensino teológico e filosófico. A ênfase é a interdisciplinaridade destas quatro áreas temáticas: Apologética cristã, Religiões e crenças, Teologia sistemática e Evangelismo, tendo em vista a edificação do corpo de Cristo e o preparo para a obra do ministério diante dos desafios da pós-modernidade e do clima cultural de nossos dias (Efésios 4.11-16).

Eis algumas sugestões de temas:

- O pluralismo religioso e seus desafios para a ortodoxia cristã
- O valor da apologética cristã para o bem-estar espiritual da Igreja
- A indestrutibilidade e a firmeza da Igreja de Cristo em tempos de apostasia religiosa
- Cristianismo: a melhor resposta às grandes questões da humanidade
- "Ai de mim se não pregar o evangelho" — A importância de manter o foco na Grande Comissão
- Testemunhas de Jeová: exposição e refutação de suas doutrinas heterodoxas

Para mais informações, entre em contato pelo *email*:

aldomenezes@gmail.com

SE JESUS É IGUAL A DEUS, COMO PÔDE DIZER QUE O PAI É MAIOR QUE ELE?
SE DEUS É JUSTO, COMO PODERIA MANTER ALGUÉM ETERNAMENTE NO INFERNO?
POR QUE DESEJAR IR PARA O CÉU SE JESUS DISSE QUE "OS MANSOS HERDARÃO A TERRA"?

Diariamente, centenas de testemunhas de Jeová batem à porta de muitos lares com perguntas capciosas, apresentando uma mensagem contrária à fé cristã. Nessa investida, fazem contato com cristãos muitas vezes sem conhecimento suficiente para contestar seus argumentos.

Este livro foi escrito por um ex-adepto que fazia essas e muitas outras perguntas aos cristãos ao ir de casa em casa. Esta obra expõe sistematicamente as crenças básicas dessa seita, refutando-as à luz da Bíblia e da razão.

Numa geração bombardeada por conceitos antibíblicos e carente de discernimento espiritual, a leitura deste livro ajudará muitos cristãos a reafirmar sua fé na autoridade das Escrituras, na doutrina da Trindade, na ressurreição do corpo, na esperança celestial e na indestrutibilidade da Igreja. Esta obra é um convite para conhecer mais profundamente a fé cristã e lutar por ela.

Aldo Menezes é formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor de Religiões e Crenças em instituições teológicas de ensino e ministro ordenado da Igreja Anglicana do Cone Sul da América. Desde 1992, é pesquisador e palestrante no campo da religião. É autor de verbetes do *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo* e de artigos da *Bíblia Evangelismo em Ação* (publicados pela Editora Vida). Casado com Ana Cléia, tem duas filhas, Ana Maria e Ana Luíza; a família vive em João Pessoa, PB.

ISBN: 978-85-383-0142-4
9 788538 301424

Vida
www.editoravida.com.br

Categoria: EDIFICAR: ÁREA HISTÓRICO-SISTEMÁTICA:
Religiões e Seitas